

JOE GOLEM
E A
CIDADE
SUBMERSA

MIKE MIGNOLA
&
CHRISTOPHER GOLDEN

◆ UM ROMANCE ILUSTRADO ◆



**Mike Mignola
& Christopher Golden**

Joe Golem e a Cidade Submersa

Um romance ilustrado




GUTENBERG

Copyright © 2012 by Mike Mignola e Christopher Golden.

Todos os direitos reservados.

Copyright © 2013 Editora Gutenberg

Título original: *Joe Golem and the Drowning City*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

Alessandra J. Gelman Ruiz

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Mike Mignola

Dave Stewart

TRADUÇÃO

Eric Novello

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Conrado Esteves

PREPARAÇÃO

Rodrigo Seabra

REVISÃO

Cecília Martins

Eduardo Soares

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Mignola, Mike

Joe Golem e a Cidade Submersa / Mike Mignola, Christopher Golden ; tradução Eric Novello.
— Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013.

Título original: Joe Golem and the Drowning City.

ISBN 978-85-8235-024-9

1. Ficção norte-americana I. Golden, Christopher. II. Título.

13-00356

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br



Publicações de Mike Mignola

Baltimore e o Vampiro
(com Christopher Golden)

O Incrível Cabeça de Parafuso e Outros
Objetos Curiosos (graphic novel)

A série de HQs Hellboy

A série de HQs B.P.R.D.

Witchfinder: In the Service of Angels (graphic novel)

Lobster Johnson Volume 1:
Iron Prometheus (graphic novel)

Abe Sapien: The Drowning
(graphic novel)

Jenny Finn (graphic novel)

Zombieworld: Champion of the Worms
(graphic novel)

Publicações de Christopher Golden

Baltimore e o Vampiro
(com Mike Mignola)

The New Dead (editor)

The Myth Hunters

The Borderkind

The Lost Ones

The Monster's Corner: Stories
Through Inhuman Eyes (editor)

Wildwood Road

The Boys Are Back in Town

Of Saints and Shadows

Angel Souls and Devil Hearts

Of Masques and Martyrs

The Gathering Dark

Waking Nightmares

The Ocean Dark (como Jack Rogan)

The Collective (como Jack Rogan)



“Para o meu pai – que era, às vezes, meio golem. Mas eu sei que ele tinha boas intenções.”

– Mike Mignola

“Para meu filho, Nicholas, já na faculdade. ‘Depressa voam os anos’, e eu os odeio por isso.”

– Christopher Golden

Sumário

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro



Capítulo um

Orlov, o Conjurador, sonha que é um fantasma. Ele flutua no canto de uma sala estranhamente ornamentada, uma pequena catedral com arcos mouriscos e janelas com vidro de aquário, para além das quais só há plantas marinhas, cracas e muitos peixes de espécies variadas, todos distraídos e indiferentes aos gritos e às perversões sanguinolentas que ocorrem naquela peculiar câmara de horrores.

O fantasmagórico Orlov chora lágrimas de angústia e impotência por não poder fazer nada para ajudar a mulher esparramada de modo grotesco no altar de mármore amarelo, a superfície talhada com sulcos para recolher seu sangue e outros fluidos. Eles escorrem por um par de calhas nos degraus mais baixos do altar e descem por um pequeno buraco na escuridão. De alguma forma, o Conjurador sabe que o sangue, os restos e o líquido amniótico escorrem para dentro do chão para alimentar algo faminto.

A mulher tem os pulsos e os tornozelos acorrentados com metal enferrujado, que contrasta com o limpo mármore numídico. As correntes estão presas a anéis de ferro fixados no chão ao redor do altar. Como espectro impotente, Orlov pode somente assistir enquanto o corpo dela trai a si mesmo, se contorcendo e sacudindo. As correntes a prendem não para impedi-la de escapar, mas para evitar que as erupções que ocorrem em sua carne a derrubem do altar. Sua barriga distendida ondula com movimentos vindos de dentro, enquanto três figuras com mantos carmesins pairam ao seu redor, cutucando e espetando sua pele e seus orifícios com interesse clínico. Eles cobriram sua pele com tinta ocre, inscrevendo nela símbolos cujos significados Orlov não consegue decifrar. Conforme ela se dobra contra o altar, a pintura ocre começa a queimar devagar e de forma ácida, imprimindo profundamente os símbolos em sua pele.

Orlov os odeia. Ele cerra seus punhos de fantasma enquanto a fúria o preenche, mas é uma fúria inútil e sem esperança. Aqui, neste sonho, ele não

é nada. Menos do que nada. Ele não pode se mover para ajudá-la nem amaldiçoar os torturadores.

Também não pode amaldiçoar o louco saltitante que orchestra tudo aquilo. O cabelo imundo do ocultista está preso para trás com um anel metálico enferrujado, e dois outros prendem as tranças idênticas de sua barba. Enquanto seus servos trabalham na carne da mulher com tranquila indiferença, seus pulos entusiasmados são uma mistura de satisfação infantil com uma excitação quase sexual. Conforme circula o altar, ele se lança entre as três figuras cobertas com o manto rubro para entoar uma série de cânticos guturais, enquanto passa um estranho objeto por sobre a mulher, centímetros acima de sua carne.

De alguma maneira, Orlov conhece esse objeto. Ele se pergunta se está sonhando o sonho do louco ou se o está meramente assombrando – um fantasma no recinto da mente inconsciente do lunático ocultista. De qualquer forma, o artefato lhe é familiar.

Trata-se do Pentajulum de Lector, um emaranhado de tubos e pequenas câmaras que lembra um coração humano, mas feito de uma substância colorida e desconhecida com propriedades similares às do âmbar e do vidro marinho. O Pentajulum é aparentemente inerte, mas qualquer pequena mudança de posição parece alterar seus contornos – um jogo de luz ou uma ilusão de ótica, ou alguma geometria estranha que a mente humana não consegue discernir.

O ocultista encara o Pentajulum como se ele fosse sua única esperança de vida, e Orlov entende que é exatamente isso. A esposa do ocultista está morta, se esfarelando em pó em sua tumba, e o louco acredita que o Pentajulum será capaz de ressuscitá-la, de permitir que eles vivam centenas de vidas juntos, se ele conseguir fazê-lo funcionar. A ciência arcana do Pentajulum precisa de algo para acioná-la. O ocultista acredita que a morte é a chave, que a agonia, a dor e a submissão de quando a chama da vida humana se apaga podem ser canalizadas para o Pentajulum por meio dos símbolos marcados na carne da mulher.

Lutando contra as correntes, a mulher grita. O ocultista sorri com expectativa. Seu momento chegou. Ele segura o Pentajulum sobre o centro do peito dela. Mas então suas sobrancelhas se fecham e ele sacode a cabeça.

Teimoso, ele se recusa a desistir, mas Orlov pode ver que seu plano perdeu o rumo.

Nos cantos sombrios da sala, algo se movimenta. Um observador oculto se juntou à mulher e seus torturadores. Não um fantasma dos sonhos, não um visitante como Orlov. Os outros na sala não o percebem. Mesmo o ocultista parece não notar a presença daquela entidade, e Orlov não consegue entender como o enorme peso de sua atenção passa despercebido. Mas o foco do ocultista permanece na mulher grávida, e sua expressão passa a ser de pânico conforme seus esforços vão por água abaixo.

A barriga dela se abre. Orlov, o Conjurador, olha para aquilo com um terror tão profundo que chega a desejar a ignorância abissal e a escuridão da eternidade. A carne distendida da mulher não foi rasgada nem forçada por algum ser monstruoso. Orlov somente pensa em flores se abrindo enquanto o abdômen dela se desdobra em pétalas de carne estriada cheia de veias púrpura.

O ocultista grita enfurecido, sua angústia ecoando no teto abobadado, capturada nos arcos, ignorada pelos peixes que nadam por trás das janelas.

O corpo da mulher continua a desabrochar, se abrindo até que quase não haja nada reconhecível como humano. Então, assim como a flor se abriu, ela agora começa a murchar e escurecer. Deteriorando-se, a mulher chora com fraqueza. Tocado, o fantasma de Orlov, o Conjurador, grita por ela, mas não produz som algum.

Orlov tem certeza de que sente o cheiro de algo queimando.

E então ele acorda...





Rígido e dolorido, Felix Orlov se moveu em sua cama e rolou para o lado. Abriu os olhos um pouquinho e mirou a penumbra empoeirada de sua sala, odiando o peso de seu corpo combalido pela idade e a insistente pressão em sua bexiga. Em qualquer outra manhã, ele teria procurado uma posição mais confortável e tentado convencer sua bexiga a lhe dar mais uma hora de sono, mas hoje seria impossível dormir. Seus sonhos não eram mais uma escapatória do tédio mundano e arrastado que sua vida havia se tornado.

Não aqueles sonhos.

Perturbado, ele permaneceu deitado, esperando que as imagens horríveis se desintegrassem e escoassem de sua mente, como se espera que os sonhos façam nos momentos após o despertar. Seus olhos se abriram um pouco mais, e um estranho pânico começou a se instaurar. Felix não queria essas coisas em sua cabeça. Elas deveriam durar pouco, como teias de aranha que seriam então varridas para longe conforme a manhã avançasse, mas, enquanto ele permanecia deitado, elas se tornavam ainda mais vívidas.

– Saíam da minha cabeça – sussurrou Felix, batendo na testa com os dedos inchados pela artrite, como se pudesse, de alguma forma, reiniciar seu interruptor mental.

Com uma risada seca e sem graça, ele afastou as cobertas e balançou suas pernas para a beira, se sentando. Pressionou as mãos contra o contorno das costas e girou sua cabeça, alongando o pescoço. Os estalos o lembraram de machucados antigos e dos efeitos da idade. Ele se levantou e foi em direção à porta do banheiro.

Felix nunca parava para notar os detalhes de seu quarto. Ele havia decidido não deixar seu olhar repousar sobre as cortinas escarlates caídas, vindas da Tailândia, ou sobre os cartazes pendurados nas paredes em suas molduras quebradas – cartazes que ostentavam impressionantes proezas de magia de Orlov, o Conjurador, bem como as performances surpreendentes daqueles que o tinham inspirado quando menino, como Thurston e Fezzini, Blackstone e Houdini. Embora Felix não gostasse mais de ver os pôsteres nem as muitas lembranças espalhadas pela sala, ele ainda podia enxergá-los em sua mente. Sabia que, depois de todo esse tempo, eles estavam envoltos

por um véu de poeira, tão obscurecidos quanto suas memórias daqueles tempos distantes, quando o público o aplaudia, as mulheres lhe pagavam bebidas e ele podia ir de sua cama para o banheiro sem dor.

Esta manhã, entretanto, o único desejo de Felix era por um véu diáfano de poeira que obscurecesse a vividez do sonho que ainda persistia em sua cabeça. Como ele poderia saber as motivações do homem que ele chamara de “o ocultista”? O sonho dava a sensação de ser uma memória, mas ele sabia que não era a sua memória. Nem um pouco.

Sonhos ou memórias. A distinção não era realmente importante. Felix tinha alguma facilidade de espiar os cantos obscuros da mente humana, além de certa sensibilidade espiritual, mas nada desse tipo tinha acontecido com ele antes. Ele se sentiu como se estivesse andando como um sonâmbulo pela mente de outro homem.

Com um suspiro, Felix ficou de frente para o vaso e fez o que tinha de fazer, massageando a lombar e odiando o modo como seus olhos estavam pesados e arenosos. Quando jovem, tinha adquirido o hábito de consertar relógios quase como um hobby. Isso mantinha seus dedos ágeis, uma necessidade imperiosa para um mágico de palco. Quantas vezes ele havia desmontado um relógio, limpado e lubrificado as peças e o reconstruído para que funcionasse com perfeição, de modo que suas entranhas se encaixassem devidamente, de um jeito preciso e correto?

Felix daria qualquer coisa para ser um relógio que algum jovem empreendedor de dedos ágeis pudesse desmontar, lubrificar, reconstruir e deixar como novo.

– Droga – ele suspirou, tomando cuidado para não cair ao se abaixar e dar a descarga na privada.



Normalmente, Felix evitava o espelho. Vinha fazendo isso havia anos. Esta manhã, ele sacudiu a cabeça como se pudesse se livrar dos seus sonhos ruins e se inclinou sobre a pia, jogando água no rosto. E então olhou para o seu reflexo.

Para sua surpresa, ele não ficou completamente horrorizado. Seu nariz tinha crescido e as bochechas estavam mais afundadas, mas ainda havia tufo de cabelo branco na cabeça e os cantos de sua boca estavam curvados para cima em uma lamentável expressão de prazer.

Não sou um cadáver, afinal, pensou. E com certeza não sou um fantasma.

Alongando-se de novo, Felix se sentiu um pouco melhor e conseguiu voltar para o quarto sem se arrastar. Oitenta e dois anos neste mundo e ele ainda era mais ou menos capaz de cuidar de si mesmo. Isso o deixara resoluto e orgulhoso, mas não tão orgulhoso a ponto de não admitir que também tinha se tornado solitário... se alguém estivesse lá para ouvi-lo e dar a mínima.

– *Tem a Molly*, lembrou-se. Mas Molly era uma criança, e ele não iria despejar suas aflições de velho em cima dela.

Felix pegou as calças cinzentas usadas no pé da cama, onde as havia pendurado após tirá-las na noite anterior, e as aproximou do nariz, inalando profundamente. Nada mau. O mais estranho de se viver nessa cidade submersa era que as roupas limpas tendiam a carregar mais o cheiro de mofo do que as peças que você já tinha usado uma ou duas vezes.

Felix se vestiu rapidamente, colocando as calças cinza e uma camisa engomada, branca como um osso, que pegou no armário. Seus dedos ainda eram ágeis o suficiente para abotoar sem dificuldade. Ele arrematou com um casaco cinza que combinava com as calças e uma gravata-borboleta de um vermelho profundo.

Não era mais o homem elegante que o observava dos velhos pôsteres teatrais, mas Felix se esforçava para parecer arrumado. Suas roupas podiam ser de segunda mão, puídas e esfarrapadas, mas ele cuidava delas e tinha conseguido saudar cada dia com um mínimo de dignidade. Em um lugar mergulhado na pobreza e abandonado por aqueles que tinham mais bom senso e menos teimosia do que Felix, a dignidade era uma presença rara e duramente conquistada. Se suas roupas balançavam meio soltas em seu

corpo magro, isso não importava. Ele duvidava de que lhe restassem muitos anos para vesti-las.

Conforme Felix calçava os sapatos, mais uma vez empoleirado à beira da cama, os sonhos finalmente começaram a se apagar um pouco. Isso era bom. Ele temia que tais pesadelos pudessem interferir em sua concentração, e ele precisaria ser capaz de se concentrar logo mais. Embora a pequena notoriedade que tinha ganhado como Orlov, o Conjurador, tivesse sido como mágico, ele não começara no palco daquela forma. Felix tinha sido um espiritualista, um médium capaz de ler a mente de membros do seu público e de se comunicar com seus entes queridos já mortos.



Seus dons eram reais. Quando criança, sofreu um terrível acidente que tirou a vida de sua mãe e o deixou meses em um processo doloroso de cura, dando a ele também um dom indesejado. Os mortos sussurravam para ele. Às vezes, eles se agrupavam em volta dele em bandos; mas esses eventos eram raros. Na maioria das vezes, era apenas um sussurro ocasional, uma súplica do além, uma mensagem a ser passada a alguém ainda vivo. E, a cada vez que ele fazia contato, em cada apresentação no palco ou sessão privada, ele sentia a dor da perda de sua mãe de um modo ainda mais intenso – o que para ele era a mais cruel das ironias, pois ela parecia ser o único fantasma com quem ele nunca poderia se comunicar. Em seus piores momentos, Felix se perguntava se ela podia ouvi-lo, mas se recusava a responder. Ele preferia pensar que ela tinha passado tão plenamente para a próxima vida que estava fora do alcance de sua voz. Mas, em algumas noites, a dúvida ainda o assombrava.

Para bem ou para mal, Orlov, o Conjurador, nunca tinha sido realmente famoso. Ele sempre tivera dificuldades e, quando começou a viajar, descobriu que adoecia sempre que ficava fora de Nova York por mais que

alguns dias. Sem a capacidade de se apresentar nos grandes teatros de Chicago e da Filadélfia, ou naqueles ainda mais longínquos, em lugares que não tinham sido tão devastados pela subida das águas do início do século XX, ele nunca tivera de fato qualquer chance de fama. Tinha se estabelecido nas ruínas do Teatro Crown na Rua Vinte e Nove, em uma Nova York afogada e submersa, como se fosse só mais um adereço esquecido nos bastidores, pegando mais poeira a cada dia que passava. Era como viver no fantasma de suas ambições de outrora.

Nos anos que antecederam a devastação, o foco do teatro de Nova York tinha se mudado aos poucos para o norte, da luta de classes do Teatro Astor Place, em 1849, para a Union Square nos anos 1870, e dali para a Madison Square na virada do século. Os teatros da Broadway traziam de tudo, de Shakespeare ao burlesco, e sempre havia mágicos, ilusionistas e médiuns. À na época em que se deu o cataclismo, em 1925, os teatros haviam se proliferado pela Times Square, e as cortinas desciam de forma permanente nos palcos do Baixo Manhattan. E então vieram os terremotos e as inundações, e não havia mais aquela coisa de luta de classes nessa parte da cidade.

No começo do século XX, Nova York tinha começado a se transformar em um ponto de encontro do mundo, um centro incomparável de negócios, finanças e entretenimento. A peste e a superstição tinham lançado uma cortina negra sobre todo o continente europeu, encerrando a Primeira Guerra Mundial antes de a América sacrificar muitos de seus próprios jovens. Nova York parecia destinada a se tornar a joia da coroa recém-forjada da nação. Durante alguns anos, a cidade havia se tornado um sonho de prosperidade.

Os primeiros tremores vieram no verão de 1922, mas aqueles eram meros flertes com a catástrofe, quebrando vidros e levantando poeira. Os verdadeiros terremotos não aconteceram até que a cidade começasse a sair do frio do inverno no início de 1925. A neve derreteu, vieram as chuvas e os rios começaram a subir, cobrindo suas margens. Anos depois, o Almirante Benjamin Wheeler e sua expedição polar descobririam mudanças na crosta de gelo da Antártida que levariam a muitas especulações sobre a elevação do mar; mas, em 1925, o povo de Nova York se via como vítima da ira de Deus. Falaram de Sodoma e Gomorra, dos sofrimentos de Jó e de como os edifícios tinham caído e a água, invadido tudo.



Nova York ficou dividida entre a rica e próspera Uptown e os pobres que lutavam para sobreviver na submersa Downtown, sem ter para onde ir. Em vez de abandonar suas casas, eles se adaptaram, isolando os andares inferiores alagados das estruturas que eram de alguma forma ainda habitáveis e iniciando uma sociedade estranha que subsistia de sobras. A maioria das pessoas deixadas para trás deu um jeito de se virar, mas havia lojas, restaurantes e bares improvisados, locais onde aqueles determinados a permanecer – ou incapazes de partir – podiam fingir que ainda viviam na América. Como se ainda conhecessem algo da civilização.

Os anos se passaram, e a parte submersa da ilha de Manhattan evoluiu. As pessoas de Downtown tendiam a ignorar a visão do norte, assim como as de Uptown preferiam fingir que Downtown não estava logo ali. Uptown continuava a prosperar e a florescer com novos negócios e uma arquitetura moderna e reluzente, enquanto o Baixo Manhattan se canibalizava, se remendando em uma comunidade de canais e pontes, de sombras perigosas e mentes rebeldes. “Cidade Submersa”, era como alguns de seus velhos habitantes a chamavam. Para Felix, ela ainda era Nova York, ainda era um lar.

Ainda existia teatro no Baixo Manhattan, mas de um tipo bruto e improvisado, realizado diante de um público que desejava se distrair da magreza de suas vidas e que muitas vezes não entendia o significado do que via. Felix não se apresentava em um palco – não era realmente Orlov, o Conjurador – havia mais de quarenta anos, e dizia a si mesmo que não sentia falta.

Agora, ele pôs seus óculos e pegou o relógio de bolso na escrivaninha, clicando para abri-lo. Quinze para as nove. Ele tinha dormido até mais tarde do que de costume, capturado por seu sonho tenebroso, mas ainda tinha tempo para um lanche antes do seu compromisso da manhã.

Perguntando-se sobre como estaria o clima, ele foi até a janela e afastou as cortinas vermelhas, deixando entrar um feixe de luz cinzenta. Uma tempestade de partículas de poeira rodopiou diante de Felix enquanto ele se inclinava para olhar para fora. Uma chuva leve pontilhava o vidro, mas as ondas na Rua Vinte e Nove eram apenas uma suave perturbação na superfície. Um táxi a vapor fazia um barulho alto enquanto transportava seus passageiros pelos canais da Cidade Submersa. Gondoleiros chineses navegavam com frequência pelas águas no bairro, mas Felix não via nenhum deles hoje.

Ele olhou na direção contrária, se inclinando mais para ver além da ruína da marquise que antes anunciava seu prédio como Teatro Crown, em um neon glorioso. Claro que agora o teatro em si estava apodrecido sob quase dez metros de água do oceano, o sal erodia o palco, os cenários, as poltronas e descascava o papel das paredes. Quarenta anos atrás, Murray Feinberg havia fechado as escadas que levavam ao teatro, bloqueando-as com concreto, o que impediu o mofo e os catadores de adentrar suas ruínas. Mas o cheiro de mofo permaneceu nas paredes da maioria dos edifícios antigos da Cidade Submersa. Na maior parte dos dias, abrir as janelas não ajudava muito. A brisa do oceano geralmente estava contaminada pela fumaça gordurosa de óleo e carvão liberada pelos motores que moviam os barcos, geravam a eletricidade da Cidade Submersa e abasteciam as fábricas que empregavam tantos dos pais e avós que tinham se recusado a abandoná-la anos atrás.

– Nova-iorquinos – o pensamento fez Felix sorrir.

Abaixo, ele viu o táxi arrotando fumaça negra e se movendo com seu motor ruidoso rumo à fachada do teatro. A corda do sino estava lá pendurada. Se Felix recebesse visitas desejadas, poderia girar uma manivela e baixar a escada de ferro que levava até uma bem construída passarela de madeira, que por sua vez dava no espaço estreito entre o teatro e seu vizinho mais próximo, onde uma escada de incêndio de um século de idade ainda se mantinha forte. Felix nunca se preocupava com catadores vindo daquele

lado. Qualquer que tenha sido aquele prédio, havia apenas três andares de pé, e nesta parte da cidade isso era o suficiente para ele ter desaparecido quase por completo debaixo da água. Na maré baixa, ele podia ver o telhado coberto de cracas, metade desabado, e as coisas longas e prateadas que nadavam lá no escuro.

Felix olhou mais uma vez ao longo da Rua Vinte e Nove, para as escadas e passarelas frágeis que atravessavam seu campo de visão, para as placas que cobriam telhados e para as pontes de madeira, ferro, cordas e cabos construídas de qualquer jeito – os únicos caminhos que as pessoas do Baixo Manhattan conheciam há quase meio século. Outros lugares tinham sido reconstruídos depois da devastação de 1925, quando uma catástrofe após a outra arrasara cidades com terremotos, erupções vulcânicas e tsunamis. Em Uptown, Nova York não mudou muito, com sua riqueza moderna e reverberante. Mas no Baixo Manhattan e na maior parte do Brooklyn as pessoas vinham se recuperando durante todos aqueles anos, criando uma nova e impiedosa sociedade. “Pro inferno com a Uptown!” era um bordão popular quando Felix era jovem. Mas, mesmo naquela época, ele sabia que era uma piada. A Cidade Submersa é que era o inferno. O truque era descobrir como viver por lá.



Uma batida urgente na porta o tirou abruptamente de seu devaneio. Ele tinha perdido de vista o barulhento táxi aquático sob a passarela em frente ao prédio, abaixo do antigo letreiro, mas sabia o seu destino.

Felix alisou o casaco surrado e saiu para o corredor. Havia dois andares de quartos acima do teatro bloqueado e inundado, com um lance de escadas e uma porta entre eles. Ele vivia no andar mais acima. Uma vez, alugou o piso abaixo, mas não aceitava mais o dinheiro do inquilino que morava lá.

A pancada rápida soou novamente, suave, mas urgente.

– Estou indo – disse com um suspiro.

Ele destrancou a porta e a abriu. Na soleira, Molly McHugh, quatorze anos de idade, sorriu para ele, cheia de sardas, ruiva e com o vigor da juventude que sempre o fazia se sentir mais vivo.

– Felix... – ela começou.

– Chega de bater – disse ele. – Quando você vai se tocar de que eu estou velho demais para andar tão rápido quanto você gostaria?

– Alguém tem que fazer você se mexer! – disse Molly, inclinando o quadril como se fosse a responsável por mantê-lo na linha. E, na maioria das vezes, ela conseguia. – Só queria dizer que o seu café da manhã está pronto, mas aí eu vi um táxi lá fora. Parece que o cliente das nove e meia chegou mais cedo.

Felix fez que sim com a cabeça, vagarosamente. Molly se orgulhava tanto de seu papel de assistente – ela trabalhava para ele em troca de casa e comida, ocupava o piso abaixo dele e fazia o café todas as manhãs – que ele não a deixou saber que também tinha notado o táxi chegando.

– Não posso fazer nada a esse respeito, imagino – disse ele. – O café terá de esperar.

Antes que Molly pudesse responder, o sino começou a tocar pelo prédio. Alguém tinha puxado a corda no nível da água. O compromisso de Felix havia chegado.

Ele já podia praticamente ouvir os fantasmas sussurrando pelos cantos.

Capítulo dois

Molly não gostou da aparência de Felix. Ela o vira cansado e distraído antes, mas dessa vez era diferente. Seu olhar parecia distante, e os vincos em seu rosto, já profundamente marcados, estavam mais grossos. Ele percebeu que ela o analisava e fingiu um sorriso que um estranho poderia deixar passar, mas que ela, como sua amiga, se recusou a retribuir.

– O que houve, Felix?

O velho mágico franziu a testa. Ele tentou dar de ombros, mas o gesto saiu triste e evasivo.

– Pesadelos, querida – disse ele, tanto uma confissão quanto outra tentativa simulada de desviá-la do assunto. Felix Orlov havia ensinado Molly a duelar verbalmente, então ela sabia quando ele estava na defensiva. – Vou ficar bem.

Ela o conhecia bem demais para ser persuadida.

Eles se conheceram na escuridão de um canal de TriBeCa dois anos antes. Molly estava morando na ruína carbonizada dos andares superiores de um prédio que outrora tinha abrigado o Peixe Defumado do Ray, um bufê de frutos do mar fritos e gordurosos antes de o fogo destruí-lo. Ela não conheceu o pai e lamentava ter conhecido a mãe, que mal notou quando Molly fugiu do prédio cheio de prostitutas e craqueiros, onde as duas moraram durante um inverno demasiadamente longo. Molly não gostava de pensar naqueles meses, fingia que eles tinham sido só um pesadelo. O tempo que passou se virando sozinha, em meio aos destroços queimados do Peixe Defumado do Ray, fora um alívio em comparação com aquela época. Ali, ela estava segura, porque nem mesmo os craqueiros eram estúpidos o suficiente para arriscar a vida em um prédio que poderia desmoronar nos canais a qualquer momento. Aquele foi o primeiro lugar que ela considerou como lar. Nada de mãe. Nada

de drogados. Ninguém tentava tocá-la ou convencê-la a fumar. Ninguém a encarava como um semelhante condenado a morrer entorpecido em um prédio imundo.

Ela preferia se afogar.

Molly ficava empoleirada atrás do letreiro do *pub* Sharkey's e comia o que ganhava de esmola da velha garçonete coreana que sempre fazia pausas para fumar no terraço de metal na parte de trás do edifício. Risos, música e fumaça transbordavam do *pub* quatro andares acima do nível da água; eram as tribos abandonadas do Baixo Manhattan ganhando a vida nas ruínas alagadas. Um copo se quebrou, e Molly se encolheu – ela ainda conseguia se lembrar nitidamente daquele som, de como ela se revirara porque o vidro se quebrando parecia tão próximo. Mas era apenas a acústica estranha do lugar, o som vindo pelos dutos de ar do telhado.

Então, ela ouviu o estalido da madeira e um rangido ecoar nas paredes abaixo, os cânions da cidade criando câmaras de eco que amplificavam pequenos ruídos. Ela se empoleirou na borda do telhado sob as mandíbulas do tubarão do letreiro do Sharkey's e assistiu àquela gôndola esquisita abrir caminho pelo canal estreito, os dois gondoleiros batiam longas varas dos lados dos edifícios para impulsionar o pequeno barco sem vela ou motor. Eles tinham um passageiro, um homem velho, sentado no banco de trás com as mãos juntas à frente e o queixo levantado, como se estivesse posando para um retrato.

Aquela foi a primeira vez em que Molly McHugh viu Felix Orlov.

Alguns minutos depois, enquanto cruzava uma pontezinha decrépita de cordas e tábuas a meio quarteirão da carcaça queimada do Peixe Defumado do Ray, ela ouviu gritos furiosos e uma risada abafada. Um estalo alto de madeira se quebrando ecoou dos edifícios vizinhos como um tiro. Ela escalou pela ponte, passou abaixada por uma janela arqueada sem vidros no edifício da Editora Oracle, correu por escritórios repletos de livros, onde missionários de Uptown tinham estabelecido um centro para os meninos e meninas perdidos do Centro e do Baixo Manhattan, e pulou para fora pela saída de incêndio no outro lado do edifício. Abaixo dela, a gôndola estava sendo atacada pelos Ratos D'Água. Os quatro bandidos – adolescentes ou com seus vinte anos – já haviam matado um dos gondoleiros quando Molly deslizou silenciosamente para a grade de metal acima deles. Enquanto ela os

observava, um Rato acertou uma das varas da gôndola no velho encolhido na traseira do pequeno barco. O segundo gondoleiro mergulhou na água e nadou, abandonando o barco e o passageiro. Dois dos Ratos D'Água o perseguiram, deixando os outros dois para atormentar o velho.

Que talvez não fosse tão velho.

Ele se levantou, os cabelos brancos brilhando como um farol na escuridão, e enfrentou os Ratos balançando a cabeça de um lado para outro, quase como uma espécie de cobra. Ele falou com eles, mas manteve a voz tão baixa e calma que ela não conseguiu compreender as palavras. E balançava a mão esquerda para frente e para trás à sua frente tão devagar que Molly achou que ele estivesse bêbado.

Então, Felix deu um único passo à frente e forçou a palma da mão contra o Rato D'Água mais próximo, atingindo-o no esterno com tamanha força que o homem caiu para fora do barco e bateu com a cabeça na lateral do prédio antes de deslizar para dentro da água negra como a noite.

O último Rato puxou uma faca.

Molly soltou um grito quase involuntário, ao mesmo tempo com medo pelo velho e torcendo por sua coragem. Por instinto, ela correu para o corrimão da escada de incêndio e puxou a alavanca, liberando a escada, que deslizou para baixo fazendo tanto barulho que o Rato que segurava a faca parou para olhar para cima. Ele balbuciou algum palavrão quando Felix agarrou a escada e, trêmulo, começou a subir.

Ele nunca conseguiria. Molly sabia disso. O Rato D'Água era jovem e forte, o alcançaria em questão de segundos e o esfaquearia pelas costas ou cortaria sua garganta, então esvaziaria seus bolsos e deixaria o corpo cair na água. Ela já tinha visto os Ratos fazerem isso antes.

Ela se esgueirou de volta para dentro do prédio, viu uma caixa cheia de livros de capa dura com encadernação em couro e a arrastou para a saída de incêndio. Um dos missionários, um homem bonito com pele cor de café e um sotaque francês, saiu e começou a perguntar o que ela estava fazendo, mas Molly o ignorou.

Felix escalava. O Rato D'Água vinha atrás dele com alguma dificuldade, tapado demais para guardar a faca enquanto o perseguia.

Molly gritou para o velho tomar cuidado com a cabeça. Felix pressionou o corpo contra a escada, sua figura magra ocupando quase nenhum espaço. O Rato fez o oposto, se inclinando para trás, olhando com desdém para ela, imaginando o que ela iria fazer.

O primeiro livro quebrou o nariz dele. Ele se desequilibrou na escada, gritou de dor e começou a se arrastar mais rápido para o alto, mas ainda não foi esperto o suficiente para tentar ficar mais perto dos degraus de ferro. O segundo livro passou longe, e Molly estremeceu de nervoso. No momento em que o Rato alcançava a perna de Felix, ela soltou mais um par de livros pesados. Eles bateram na lateral do rosto do Rato e ele perdeu o equilíbrio, mal conseguindo se segurar com uma das mãos enquanto seus pés tentavam achar um ponto de apoio.

Molly soltou um grunhido ao arrastar a caixa com os livros restantes sobre a grade e a deixou cair. Ela passou raspando pelas costas de Felix, pressionando-o com força contra a escada, e depois acertou o Rato com uma força incrível, arrancando seus dedos do corrimão e forçando a cabeça dele para trás em um ângulo tenebroso.

Ele caiu na água e não voltou mais.

Quando os outros Ratos voltaram, havia missionários por todos os lados da saída de incêndio, lançando luzes na água negra. Molly não confiava neles, nem mesmo quando insistiram para ela e Felix passarem a noite em sua missão com as crianças perdidas da Cidade Submersa. Por mais que Felix a intrigasse, ela fugiu antes do amanhecer e voltou para as ruínas queimadas do Peixe Defumado do Ray.

Felix levou dois dias para conseguir rastreá-la – ele queria agradecer. Disse a ela que ele precisava de uma assistente, alguém com quem pudesse contar, que pudesse ajudar a cuidar de sua casa e receber seus clientes.

Ninguém nunca tinha precisado dela antes.



– Você não está bem coisa nenhuma – ela falou para ele.

O sino tocou novamente, e mais uma vez Felix tentou se safar com um sorriso amarelo, tentando passar por ela e pela porta que levava à escada.

– Felix! – Molly disse ríspida.

Ele respirou profundamente e deixou de lado todo o fingimento. Desde a primeira vez em que o tinha visto, Molly pensou em Felix como um velho, mas ela tinha doze anos na época. Para ela, todo mundo com cabelo branco era velho. Agora, enquanto deixava escapar um longo suspiro, Felix parecia realmente um ancião.

– Sinto como se eu estivesse desaparecendo – disse ele.

Molly segurou a mão dele. Felix era o mais próximo que ela tinha de uma família, e ela odiava vê-lo doente.

– Você deveria cancelar a sessão. Eu darei uma desculpa por você e os mandarei embora.

Felix estalou a língua.

– Você não vai fazer isso. Não sobraram muitos clientes. Se quiser continuar a comprar nas mercearias, eu não posso afastar aqueles que ainda vêm até mim.

Molly apertou os dedos dele entre os dela. Seu cabelo ruivo tinha caído sobre os olhos, mas ela não deixou que isso a distraísse, totalmente concentrada nele.

– Eu tenho de ser sua assistente, lembra? Isso significa que eu sou responsável por você – disse ela, com uma pontada de nervoso no peito. – Você precisa de descanso.

– Amanhã – disse Felix, seus olhos leves e seu sorriso, finalmente, genuíno –, eu vou até o Brooklyn e então me sentirei melhor. Sempre me sinto.

– Você promete?

– E eu tenho escolha?

Molly soltou os dedos dele e cruzou os braços de um jeito sério.

– Não, não tem.

– *Voilà!* Então vai ser assim: Brooklyn amanhã. E hoje faremos um pouco de mágica. Vejamos o que os espíritos têm a dizer.

Molly soltou um suspiro, sua mente um pouco aliviada. Ela assentiu, satisfeita por enquanto, mas ainda preocupada com o velho.

– Muito bem então, mocinha – disse Felix, apontando para a porta que dava para as escadas. – Você primeiro.



Algo saiu errado.

Molly assistia à sessão de um canto escuro da sala e não gostou de ver o rosto de Felix se contorcendo. Ele parecia estar preso em algum sonho triste e medonho do qual não conseguia acordar. Os Mendehlsons estavam sentados cada um de um lado dele, os três de mãos dadas sobre a mesa como pontos de uma pirâmide oculta. A Sra. Mendehlson – Sarah – mantinha os olhos fechados conforme Felix instruía, uma expressão de esperança e expectativa em seu rosto. Felix tinha conseguido fazer contato muitas vezes com o espírito de David, filho dela, que morrera no desabamento de um dos edifícios submersos decadentes nas fronteiras de Downtown. Lá onde os tolos e os viciados em adrenalina gostavam de mergulhar, no interior das ruínas de estruturas completamente submersas.

Uma vez, Felix também encontrou o fantasma do pai de Sarah Mendehlson, que havia morrido de câncer em seu apartamento na Rua Vinte e Cinco Leste, após se recusar a deixar a Cidade Submersa e ir para um hospital em Uptown. Não que eles fossem curá-lo, mas talvez pudessem dar a ele alguns anos de vida ou pelo menos deixá-lo confortável. O pai da Sra. Mendehlson garantiu a ela, por intermédio de Felix, que estava satisfeito com a decisão que havia tomado.

O Sr. Mendehlson não compartilhava da fé de sua esposa em Felix. Não importava quantas vezes o mágico tivesse dado à mulher informações que apenas seus entes queridos mortos poderiam saber, ele nunca se daria por convencido.

Quando foi viver e trabalhar lá, Molly também tinha as suas dúvidas. Mais do que dúvidas, na verdade. Ela tinha certeza de que Felix era pouco mais do que um velho vigarista com um talento para separar os idiotas de seu dinheiro. Ela conhecera muitos golpistas durante os anos que passara nas ruas. Entretanto, com o tempo, viu que não tinha escolha senão aceitar o

dom de Felix como verdadeiro, não só pelo que já tinha visto, mas também por causa de sua crescente confiança e de seu amor pelo homem.

Agora que tinha passado um tempo e ela já vira Felix trabalhar tantas vezes, a crença de Molly naquele homem tinha se tornado inabalável. Toda a autenticidade do que ele fazia vinha de sua total entrega aos espíritos que se comunicavam por seu intermédio. Talvez o Sr. Mendeelson não pudesse aceitar a verdade por Felix ter sido um mágico de palco no passado; seu trabalho envolvia truques de ilusionismo. Ou talvez porque machucaria demais reconhecer que o espírito de seu filho se mantinha no éter em torno da Cidade Submersa, sem estar pronto para seguir adiante.

A princípio, quando Molly aceitou a verdade – que Felix podia mesmo falar com os espíritos dos mortos –, ela ficou incomodada em pensar que fantasmas poderiam estar ao redor dela sem que ela jamais percebesse. Mas não demorou a entender que não eram os espíritos que ela deveria temer. Se os fantasmas existiam lado a lado com os vivos, se as almas permaneciam ali após a morte, então ela tinha de admitir para si mesma a probabilidade de que outras coisas existiam também. Coisas sombrias.

Somente frestas das janelas estavam abertas, e uma leve brisa rodopiou pelo quarto, perturbando as cortinas. Os olhos pintados de dezenas de estátuas e quadros de santos e virgens assistiam aos acontecimentos – a única parte do trabalho de Felix que era de fato uma farsa. Quando Molly começou a entender o que Felix fazia, ela insistiu que o imaginário religioso daria aos clientes ainda mais fé em seus dons e os deixaria mais abertos aos espíritos que queriam contatar. Para Felix, seu dom era totalmente comum, e uma sessão espírita poderia ser realizada em qualquer lugar. Mas Molly conseguiu convencê-lo de que os outros não viam o contato com os espíritos como algo tão corriqueiro, e os clientes precisavam acreditar que o que ele fazia era extraordinário.

Agora, de pé no canto direito da sala, Molly olhava ao redor e admirava seu próprio trabalho na sala de sessões. A luz da manhã chegava em quantidade suficiente para lançar um brilho quente e agradável, mas, em torno da mesa, as sombras pareciam mudar e bruxulear como a brisa ou como as correntes na rua abaixo.

O teatro inteiro rangia e gemia como as madeiras de um velho barco a velas. Isso acontecia graças à água que fluía para dentro e para fora dos

andares mais baixos, dando a impressão de que todo o edifício inspirava e expirava ao redor deles. Normalmente, Molly achava isso relaxante, mas dessa vez ela teve a sensação de que algo estava errado desde o momento em que a sessão começou.

Ela poderia ter se manifestado, mas Felix sempre deixara claro que o papel dela era de apoio e que ela nunca deveria interromper uma sessão em andamento. Sua presença ali no canto servia como uma garantia extra para os clientes de que Felix não usava qualquer tipo de ardil. Se ela se sentasse à mesa, eles poderiam suspeitar de que ela o estava ajudando a criar algum tipo de ilusão. Mas, parada ali onde pudessem vê-la, ficava claro que estava lá exatamente pela razão que Felix tinha dito: ajudá-lo caso ele se esforçasse demais e precisasse de ar fresco, água ou alguém para ir buscar um médico.

Desde que Molly fora morar com ele, nada do tipo tinha acontecido, embora Felix se sentisse mal com frequência. Agora, porém, observando-o de perto, ela ficou preocupada com o quão pálido e tenso ele parecia e com a maneira com que ele se enrijeceu na cadeira.

Felix franziu a testa com gravidade, seus lábios caídos de tristeza por um momento, antes de os músculos de seu rosto se contorcerem em uma careta, como se ele tivesse inalado um cheiro repulsivo. Sua respiração mudou, vindo em goles curtos, quase como se estivesse soluçando.

A Sra. Mendehlson acabou sentindo a perturbação. Sua expressão ficou preocupada, mas ela tinha tanta confiança em Felix que manteve os olhos fechados com firmeza, suas rugas contando uma longa história de luto e sofrimento.

– O que houve, Sr. Orlov? – ela perguntou. – Tem algo errado com o David?

Molly quis parar a sessão naquele momento. Felix não tinha feito contato com o espírito de David, pelo menos não ainda.

Embora Felix sempre lhe garantisse que não havia nada a temer, cada vez que Molly o assistia conduzindo uma sessão, ela ficava preocupada. E, exatamente como ele previa, cada vez que fazia contato com o mundo espiritual, ele saía sem sequelas preocupantes, exceto pela tristeza persistente que tantas vezes acompanhava suas conversas com as almas penadas.

Agora, no entanto, ela estudava sua expressão perturbada, e um alarme silencioso começou a soar dentro dela. Felix parecia desconfortável quando entrou em transe. Molly o tinha imaginado, como sempre fazia, examinando um quarto escuro com apenas suas mãos para guiar o caminho, ouvindo os sussurros de quem esperava por lá. Hoje, era quase como se ele estivesse surpreso com os contornos do quarto, como se toda a experiência lhe fosse desconhecida.

– Felix? – ela falou hesitante, em voz baixa, uma vez que ele não tinha respondido à Sra. Mendehilson. Mesmo em transe, inquieto como estava, ele certamente devia ser capaz de ouvi-la.

Molly sentiu um arrepio de gelar os ossos descer pelas costas, como os dedos de algo que não deveria estar lá. Ela tinha acabado de quebrar duas das regras básicas do seu empregador: não apenas ela nunca deveria interromper uma sessão, como também jamais poderia chamar Felix pelo primeiro nome na frente dos clientes. Ele deveria pelo menos ter mostrado irritação, mas onde quer que Felix Orlov estivesse naquele momento, ele não podia ouvi-la.

– Sim, tem algo errado com o David – disse o Sr. Mendehilson, seu nariz como um bico enrugado de desgosto. – Ele está morto.

Doída com as palavras, a Sra. Mendehilson estremeceu e abriu os olhos, lançando um olhar aflito de coração partido para o marido.

– Alan, seu desgraçado – ela sussurrou. – Eu sei que ele está morto. Mas isso não significa que ele se foi. Não significa que eu não possa continuar a amar o meu filho!

Molly mal a ouviu. Na luz dourada que atravessava a sala, com partículas de poeira rodopiando, ela piscou e tentou se concentrar em Felix. Algo tinha saído errado, sem dúvida, mas o que quer que fosse ainda não havia terminado. Embora a concentração da sessão tivesse sido quebrada, Felix permanecia desconectado do mundo, ainda segurando firmemente a mão dos Mendehlsons. O rosto do velho mágico ficou assustadoramente pálido, e o suor gotejava de sua testa e das bochechas.

Será que ele tinha tocado em algo além de um espírito perdido do outro lado? Feito contato com algum ser... maléfico?

– Felix? – Molly perguntou. – Por favor, abra os olhos.

A mesa estremeceu, seus pés arranhando o piso. A Sra. Mendehlson soltou um ganido e seu marido cuspiu um xingamento. Molly deu um passo adiante, querendo ir até Felix sem quebrar suas regras, sua confiança.

Já tinha ocorrido a ela mais de uma vez que, quando ele se abria para os espíritos, algo mais poderia encontrar o caminho até ele. Ao vê-lo começar a tremer, esse medo retornou. Ele tinha sido invadido? Possuído? Se ele abrisse os olhos agora, seria Felix Orlov olhando para ela ou alguma outra coisa em seu corpo?

Seu coração acelerou como as asas de um pássaro capturado, e ela prendeu a respiração quando deu mais dois passos em direção a ele e se inclinou para olhar debaixo da mesa. A mesa balançou de novo e a quina atingiu Molly na testa. Ela gemeu de dor e piscou para clarear a visão. Embaixo da mesa, Molly viu as pernas de Felix sacudirem em espasmos outra vez.

– O que é isso? – perguntou a Sra. Mendehlson com medo.

– Não é um maldito fantasma, disso eu tenho certeza – o marido zombou. – É tudo fingimento. Esse homem é um charlatão.

– Cale a boca, seu estúpido! – Molly gritou, voltando-se para ele, lágrimas começando a brotar dos cantos de seus olhos. – Não está vendo que ele precisa de ajuda?

Felix começou a engasgar um som úmido e glotal que se transformou em palavras, mas não eram palavras de um idioma que Molly tivesse ouvido antes. Ele parecia tossi-las de duas a três por vez em um tom áspero e rascante que se tornou um arrepiante cântico.

Os Mendehlsons se afastaram do mágico, como se aquilo que o transformara pudesse ser contagioso. Espíritos falavam por intermédio de Felix de vez em quando, e Molly se perguntou



se era isso o que acontecia agora, algo falando através dele. Mas, se fosse, seria um espírito humano ou algo diferente, algo demoníaco?

Mais uma vez, ela gritou seu nome e o sacudiu. Bateu no rosto dele de leve e não obteve resposta. Os olhos dele, antes fechados, se abriram, e ela viu que eles estavam virados para cima, mostrando a parte branca tingida de vermelho. Felix sorriu levemente, mas não era o seu sorriso. O que quer que o mágico tivesse deixado entrar – ou o que quer que tivesse forçado o seu caminho para dentro dele – deu uma risada úmida e viscosa.

Molly virou a mão para trás, pronta para acertar Felix novamente, só que muito mais forte desta vez, mas ele começou a tremer mais do que antes, todo o seu corpo trepidando na cadeira. Enquanto ela o observava, a pele dele começou a chiar e tufo branco brotaram de sua carne.

Seria ectoplasma? Ela já tinha ouvido falar disso, é claro – a substância estranha e diáfana que diziam ser secretada pela pele e pelos orifícios de alguns médiuns, na qual espíritos invisíveis podiam se esconder no intuito de se manifestarem para os vivos. Felix tinha visto uma vez a pele de outro médium secretá-lo, mas disse a ela que isso nunca tinha acontecido com ele antes.

Os tufo branco ficaram mais escuros, e Molly sentiu o cheiro de algo queimando. Ela entendeu que aquilo não era ectoplasma, e sim fumaça, como se o sangue de Felix estivesse pegando fogo.

A Sra. Mendehilson gritou e deu um pulo, derrubando sua cadeira.

O marido dela levantou e começou a reclamar.

– O que é isso? O que diabos é isso?

Felix se virou e olhou para Molly, olhando bem nos olhos dela. Ela sentiu que ele sabia quem ela era, que era Felix ali, e não uma força externa, e ela viu o terror nos olhos dele. Ele começou a sacudir a cabeça, tentando dizer alguma coisa a ela. Cambaleante, ele se levantou, batendo contra a mesa e se segurando na borda, mal conseguindo ficar de pé. Sua pele tinha ido de um tom pálido a um verde suave e doentio. Debaixo de sua camisa, seu tronco parecia se transformar.

Tremendo, Molly se afastou dele e colidiu com uma prateleira de livros e bugigangas que ela havia pendurado na parede. Uma escultura de cerâmica

da Virgem Maria caiu e se quebrou, espalhando pedaços pelo piso de tábuas de madeira.

Felix fechou os olhos, e Molly assistiu enquanto ele se rendia ao desespero.

O suave eco de cristal trincando se transformou em um som alto de vidro se quebrando. Molly se virou a tempo de ver uma segunda janela explodir, cacos cortando as cortinas. Latas metálicas atingiram o chão e rolaram em estranhos arcos, deixando como rastros nuvens sibilantes de gás amarelo que se espalharam rapidamente, enchendo a sala de fumaça.

Molly tentou chamar Felix, mas o gás começou a sufocá-la. Lágrimas rolaram em seu rosto e, quando tentou respirar, tudo o que conseguiu foi tossir sem parar. Olhou ao redor através do gás rodopiante, desesperadamente em busca de seu amigo.

Os Mendehlsons gritavam, tropeçando enquanto se afastavam da mesa e corriam para a porta, que se abriu para revelar uma gigantesca silhueta na soleira. As lentes multifacetadas de sua máscara de gás preta brilhavam com a luz refletida. Por um momento, Molly pôde ouvi-lo respirar pelos tubos de ar, mesmo sob o silvo das latas de gás.

Outros dois homens com aquelas máscaras de gás que pareciam cabeças de insetos irromperam pelas janelas quebradas, aterrissando no chão com um baque úmido. Menores que o primeiro, do tamanho de um homem comum, vestiam longos casacos sobre roupas de mergulho pretas e brilhantes coladas aos seus corpos, e ela podia sentir neles o cheiro do oceano. Outros entraram correndo pela porta por trás do gigante ofegante, que agarrou a cabeça da Sra. Mendehlson com ambas as mãos e torceu. O estalo do osso ecoou pelas paredes, e então ela caiu, perdida na neblina de gás amarelo.



O Sr. Mendeelson começou a gritar, mas Molly não viu o que aconteceu com ele. Felix colidiu com ela, empurrando-a em direção à porta que levava à escada. Molly alcançou a porta, sua mão procurando a maçaneta, e então conseguiu empurrá-la. Acidentalmente ou não, ele a tinha lembrado da única rota de fuga.

Em meio a todo aquele gás, ela achava que os homens ainda não a haviam notado. Mesmo assim, parou no pé da escada, olhou para trás e viu dois homens arrastando Felix em direção a uma janela quebrada. Ela queria gritar, atacá-los, mas Felix a conduzira para um lugar seguro. Se ela tinha qualquer esperança de ajudá-lo, precisava continuar livre. Ainda assim, ela havia subido apenas metade do lance de escadas quando hesitou novamente, paralisada pelo medo que sentia por ele. A névoa começou a subir as escadas, enquanto ela ouvia estátuas sendo quebradas e o baque das pisadas abaixo.

Veio então um rangido do degrau mais baixo. Molly endireitou o corpo, prendendo a respiração enquanto olhava a nuvem de gás rodopiando e enchendo a escadaria. Mais um rangido, e ela conseguiu distinguir apenas a silhueta do enorme homem com a máscara de gás, o primeiro a passar pela porta, vindo atrás dela. Como ele a tinha visto subindo as escadas no meio daquela nuvem? Por um momento, ela encarou a estranha e desajeitada máscara.

E então ela correu.

Molly disparou escada acima, e o homem corpulento a perseguiu, sua respiração doentia fazendo-a se perguntar o que havia sob a máscara, enquanto rezava para nunca ter de descobrir.

Capítulo três

Molly voou pelos degraus, o homenzarrão com a máscara de gás logo atrás dela. Um calor de pânico a percorreu, sua pele se arrepiou de terror, as batidas do coração ecoavam em suas têmporas. Ela entrou correndo para dentro do apartamento de Felix e bateu a porta atrás de si, colocando o pino e deixando a corrente de lado. Os passos do homem mascarado ressoavam nos degraus.

Ela acelerou pela sala de estar e entrou no quarto imaculado de Felix, o qual ocupava um canto do andar, as janelas viradas para a lateral e os fundos do prédio. Ao pé da janela de trás havia uma pilha de correntes metálicas enroladas, uma escada feita para ser a saída de incêndio de alguma família. Felix morria de medo de fogo e não tinha acesso à saída de incêndio do prédio a partir do seu quarto.

Pela janela lateral, Molly viu dois homens mascarados do lado de fora da saída de incêndio do piso inferior. Outros dois carregaram um combalido Felix até a beira e o seguraram firme, saltando para a água da Rua Vinte e Nove e o arrastando com eles. Ela queria gritar, mas ouviu o enorme homem mascarado batendo na porta do apartamento de Felix.

Ela fez força para abrir a janela traseira, a madeira rangendo em sua moldura, e depois se inclinou para levantar a pilha de metal que era tão pesada quanto parecia. Conseguiu trazê-la até onde estava, conectou os ganchos na estrutura e a lançou janela afora. A escada fez um som metálico terrível ao se desdobrar.

A porta do apartamento abriu violentamente enquanto ela saía pela janela. Desceu rapidamente, uma mão atrás da outra, sua respiração agora irregular e desesperada. Caso o homem da máscara de gás não notasse os ganchos de imediato, ela teria vinte ou trinta segundos antes de ele perceber onde ela tinha ido, e ela precisava usá-los. Ela desceu de forma desordenada,

forçando seus braços e suas pernas a ignorar o coração acelerado, e então chegou ao pé da escada e olhou para baixo.

A escada chegava só até a metade do caminho que levava à água. Havia ainda mais uns quatro metros até lá.

Molly ouviu o homem da máscara de gás acima dela. Ele respirava alto, fungando como uma espécie de fera. Ela não olhou para cima. Os fundos do Teatro Crown davam para o que havia sido o Hotel Sebastian muito tempo atrás, antes da inundação. Dos três andares de altura, somente o letreiro do telhado em ruínas se projetava da água na maré alta. Um beco separava o teatro do hotel.



Molly empurrou a parede e largou a escada. Colou os braços ao corpo, fechou os olhos e considerou por um momento rezar antes de mergulhar na água, que tinha aquele gosto de sal, do óleo que saía dos barcos e sujeira, e ficou grata por não ter atingido o teto do Sebastian.

Voltando à superfície, ela viu o enorme homem com a máscara saltar da janela em direção ao que ele pensou ser a água lá embaixo. Mas a maré tinha subido apenas alguns centímetros acima do nível do telhado do antigo hotel, e então ela ouviu um grito abafado de dentro da máscara quando ele aterrissou.

Molly saiu nadando, subiu no topo do Hotel Sebastian e ficou de pé, com água até os joelhos. Ela achou que ouviria o ronco dos motores dos barcos, mas isso não aconteceu. *E agora?*, pensou, e um momento depois obteve a resposta. Se os homens mascarados estavam levando Felix, ela tinha de segui-los.

Olhou em volta procurando um lugar onde pudesse se esconder e observar os captores de Felix sem ser notada. Ali fora, a céu aberto, eles

certamente a veriam, e então o que aconteceria? Eles a perseguiriam? Eles a queriam também? Ou ela terminaria morta como os Mendehlsons?

Enquanto ela analisava a questão, o enorme homem mascarado apareceu nas águas rasas do telhado, talvez a vinte metros de distância. Molly olhou boquiaberta quando ele se levantou lentamente, a água do mar jorrando para fora de sua roupa de borracha. Sua cabeça estava inclinada em um ângulo estranho e ele parecia apoiar a maior parte de seu peso em apenas uma perna, mas a máscara de gás não tinha saído do lugar. Molly só conseguia olhar para a luz do sol brilhando nas lentes pretas da máscara.

O grandalhão estava ferido, mas não tanto quanto deveria depois de um impacto como aquele. Era para ter se machucado muito mais.

Não. Ele deveria ter morrido. O que diabos era esse cara?

Pare. Não é a mim que você quer, ela pensou. Eles já haviam pegado Felix. Por que ainda iriam atrás dela?

Talvez eles queiram você, na verdade. Talvez queiram vocês dois.

Ele começou a se mover pesadamente atrás dela, e Molly entendeu que não seria capaz de seguir os sequestradores de Felix. Naquele momento, ela tinha era que correr.

Molly abriu caminho pelo telhado do hotel, erguendo os joelhos enquanto corria. No extremo leste do edifício havia uma antiga estrutura de pedra que abrigara escritórios da época em que a cidade havia começado a afundar, mas que tinham sido transformados em apartamentos improvisados nas décadas seguintes. As pessoas de lá eram pobres, mas em sua maioria gente decente que havia sobrevivido aos Ratos D'Água e coisas piores por muitos anos. Todas as janelas que ela poderia alcançar do telhado do hotel estavam preenchidas por pedra e concreto, ou então fechadas com tábuas, mas Molly não precisava entrar.

Ela escalou. O arco de pedra esculpido em volta de uma janela lhe deu apoio suficiente para escalar para fora da água. Em pé em cima do arco, com os sapatos encharcados escorregando no granito, Molly estendeu a mão e agarrou o parapeito que circundava o edifício. Lançando-se até o largo parapeito, arrastou as mãos ao longo da lateral do hotel e contornou a parte da frente com muito cuidado. A queda na água não a mataria, mas, se entrasse no mar agora, o homem mascarado com certeza a pegaria.

De sua nova altitude, Molly via o emaranhado de pontes que cruzavam a cidade pelos quarteirões em ambas as direções, algumas de pedra, outras de metal, algumas feitas de nada mais do que tábuas juntas ou penduradas por correntes. A menos que quisesse nadar para escapar com vida, a fuga ali significaria correr por essa cidade labiríntica de vários níveis. Ela precisava saber cada curva e esquina de cabeça.

Uma estreita ponte metálica cruzava a Rua Vinte e Oito, indo do sobrado velho para o prédio do outro lado, uma estrutura menor cujos dois andares superiores eram agora uma loja onde senhoras vendiam vestidos costurados à mão e senhores vendiam charutos. Molly correu pelo beiral até a ponte. Com sua soldagem cruzada e seus suportes aparafusados, a ponte se tornava uma espécie de gaiola da qual era impossível entrar ou sair a não ser pela parte interior dos dois edifícios que ela conectava. Mas ela não precisava entrar.

Ela a escalou, usando os suportes como apoios para as mãos. Alguém gritou do prédio que tinha uma mulher atravessando a ponte, mas Molly não pediu socorro. O que eles poderiam fazer por ela de lá de dentro quando ela estava do lado de fora?

Arrastando-se para o topo da ponte, ela olhou para trás e viu que o homem da máscara de gás parecia estar se movendo mais rápido agora, quase como se os ferimentos que havia sofrido ao atingir o telhado do Sebastian já estivessem curados.

Molly correu pela parte de cima da passarela, as solas molhadas de seus sapatos fazendo-a escorregar e quase cair, o que a fez se lançar para a frente, os braços balançando para manter o equilíbrio. Então, ela finalmente alcançou o outro lado e deixou seu impulso jogá-la para dentro da loja de charutos e vestidos.

A ponte se conectava ao último andar do prédio, e Molly pulou ao chegar ao final da estrutura de metal, agarrando-se no parapeito e se arrastando para cima. Em um instante, rolou pelo telhado, o cheiro de fumaça de charutos contaminava o ar salgado. Ela tinha rolado por cima de camadas de dejetos de gaivotas e pombos, suas roupas molhadas grudando no guano. Franziu o nariz de nojo, mas não podia parar para se limpar.

Conforme ela manobrava pelo telhado, a cabeça de Molly girava, cheia de medo, tristeza e perguntas. Os Mendehlsons, pais envoltos pela dor da

morte de seu filho, agora estavam eles mesmos mortos, assassinados de um jeito horrível, encontrando assim as respostas que buscavam em relação ao espírito de seu filho. O Sr. Mendehilson finalmente entenderia que Orlov, o Conjurador, não era um charlatão. E quanto a Felix? O suor e as convulsões, aquele entoadado gutural, o cheiro de fumaça de sua pele... Teria sido tudo aquilo algum tipo de ataque do mundo espiritual, uma possessão demoníaca, ou será que tinha algo a ver com o ataque dos homens mascarados? Dada a coincidência dos acontecimentos, ela se recusava a acreditar que as duas coisas não estivessem relacionadas.

O enorme homem mascarado apareceu no telhado atrás dela, e Molly se perguntou se ele conseguia sentir o cheiro de fumaça de charuto através da máscara. Foi quando ela percebeu que sua mente estava fora de controle. O estado de choque tinha começado a criar uma loucura frenética em sua mente, e ela não podia permitir isso. Precisava se manter concentrada.

Foi como se um punho de gelo apertasse sua barriga. Suas roupas encharcadas grudaram nela, mas ela começou a correr. Molly conhecia aqueles prédios, conhecia as passagens secretas e as pontes escondidas da Cidade Submersa, depois de anos com pouco para comer, nenhum lugar para dormir e tendo de se virar. Isso sem falar de fugir dos homens que queriam mais de uma menina como ela do que qualquer homem deveria querer.

No beiral leste do telhado da loja de charutos e vestidos havia um espaço de dois metros e meio feito de tábuas grossas de madeira. Com o equilíbrio recuperado, Molly não hesitou e se lançou pelas tábuas, que tremeram mas não se moveram embaixo dela. O homem mascarado não soltou nenhum grito, mas seu silêncio abalou os ossos de Molly, no momento em que se atirava pela janela sempre aberta no final das tábuas. Um pescador mirrado estava sentado no canto da sala com uma agulha em seu braço. Ele acenou para ela, mas Molly saiu correndo da sala.

No corredor, havia uma escada em espiral. Ela agarrou o corrimão e manobrou pelas escadas, subindo rápido, se empurrando para cima, pernas impulsionando e pés batendo contra os degraus de metal. Seu peito queimava com o esforço, mas ela não podia se permitir diminuir o ritmo.

Lá atrás, na sala de entrada, o pescador viciado deu um berro de medo, e Molly soube que o homem mascarado tinha entrado no prédio. Uma

pancada ressoou, e ela se perguntou se o pescador tinha de alguma forma ficado no caminho dele. Olhando para baixo, ela viu o mascarado correndo em direção à escada em espiral, e pensou ouvir sua respiração ofegante. O medo trouxe um gosto de bile ao fundo de sua garganta, como ferrugem.

Molly se agachou e passou por uma pequena porta, entrando no que havia sido um estoque ou o quarto de alguma criança, fechando-a rápida e silenciosamente atrás dela. O mascarado não a vira entrar, então, se ela ficasse em silêncio, estaria segura ali. No entanto, tendo entre eles somente uma frágil porta que nem mesmo estava trancada, ela se sentia muito vulnerável. Felizmente, ela conhecia bem o edifício. Muito tempo antes, ele tinha sido um prédio elegante de apartamentos para visitantes privilegiados que desejassem ter um segundo lar em Manhattan.

No fundo da sala havia um grande guarda-roupa de madeira, empoeirado e mofado pelo tempo. Ele estava afastado da parede, e atrás havia outra pequena porta igual à primeira, com pouco mais de um metro de altura. Movendo-se tão silenciosamente quanto possível, Molly se esgueirou por mais aquela porta, os ouvidos atentos ao homem mascarado, e acabou dando em um patamar no meio de uma escada estreita e acarpetada. O prédio tinha sido construído com um labirinto de corredores e escadas para que os empregados pudessem se mover sem serem vistos, como ratos nas paredes.

Em silêncio, ela mesma como um rato, Molly correu pelos corredores estreitos e só parou quando ouviu o barulho do guarda-roupa sendo jogado para o lado; sentiu um tremor no coração. Como o homem mascarado sabia que direção ela havia tomado? De jeito nenhum ele poderia ter visto Molly entrar pela pequena porta, ela não tinha feito som algum.

Tremendo, ela se moveu pelo labirinto de velhos corredores de empregados. Mais de uma vez, passou por portas esquecidas e subiu e desceu por pequenas escadas. Quando parou um pouco, ainda pôde ouvir o homem mascarado procurando por ela. Mas era impossível!

Por fim, ela se agachou em um minúsculo espaço de armazenamento no sótão, esperando que ele passasse por debaixo de onde ela estava. Uma rachadura na porta do sótão permitiu que vigiasse o corredor. Quando o ouviu se arrastando no salão abaixo, ficou totalmente imóvel. Até seu coração parou naquele momento, ou assim pareceu, com medo de fazer qualquer som que o homem mascarado pudesse detectar.

Ele passou direto pela estreita e praticamente oculta escada do sótão. Molly o viu seguir adiante, e seu coração deu um pequeno pulo de vitória, pensando que ela finalmente o tinha enganado. Mas então o homenzarrão mascarado hesitou, e um grito de alerta soou na mente dela. Ele se virou na metade do caminho, seu corpo gigante enchendo o corredor estreito, e ela viu a luz fraca das chamas bruxuleantes que vinha dos candeieiros nas paredes brilharem na borracha preta de sua máscara. As pessoas que naquele momento ocupavam o prédio ou não estavam presentes ou tinham ouvido o barulho e os horrores da perseguição do homem mascarado, pois ninguém aparecera para interferir ou ajudar.

Por favor, não, pensou Molly. *Eu não estou aqui. Apenas continue andando.*

Mas ele não continuou. Em vez disso, o homem mascarado estendeu a mão e tocou sua máscara, afrouxou uma correia atrás da cabeça e começou a levantá-la do rosto. Um silvo de ar veio de dentro dela e um nauseante gás amarelo saiu pela fenda. Ele levantou a máscara só um pouco, e, com as feições nubladas pelo gás, Molly mal podia ver seu rosto. Mas o que viu a encheu de um pavor que a arrepiou até a medula e gelou suas veias.

Então a criatura começou a fungar o ar ao redor, fazendo aquele som úmido de farejador, mais nojento do que nunca, e ela entendeu o que ele estava fazendo.

Ele a estava seguindo pelo cheiro.

Molly abafou um berro. Ela queria chorar, mas, aos quatorze anos de idade, havia prometido que todas as suas lágrimas tinham ficado para trás. Uma promessa tola, embora feita para si mesma, e ela sabia disso. Mas hoje não seria o dia. Felix precisava dela. Enquanto ele estivesse vivo, ela não o abandonaria.

Ela fugiu, correndo por toda a extensão do sótão e descendo as escadas principais. Ao abrir bruscamente a porta, se viu em um salão a apenas três metros do topo da escada em espiral que tinha usado quando entrou no edifício. Por mais capacidade que ela tivesse para se esconder e por mais que conhecesse aquele prédio labiríntico, ela ganhara apenas alguns segundos.

À esquerda, a porta que dava para o telhado estava aberta, e ela disparou para fora, ficando sob a luz do sol. Subiu uma escada de metal esburacada e

chegou finalmente ao topo do edifício. O sótão onde se escondia havia pouco estava agora sob seus pés.

Um casal fazia um piquenique no telhado, um rapaz e uma garota, talvez perto dos vinte anos. Eles estavam olhando para Uptown, provavelmente sonhando com uma vida além da pobreza e da ruína da Cidade Submersa, fazendo o melhor possível com uma manta desbotada, uma garrafa de vinho caseiro e alguns sanduíches magros, até que viram o medo no rosto de Molly.

– Ei, o que você...?

– Saiam daqui! – disse ela, batendo as mãos para afugentá-los como se fossem gaivotas. – Escondam-se. Ou corram. Só não tentem pará-lo!

– Parar quem? – perguntou a garota.

Mas o rapaz parecia ter compreendido a mensagem, a única parte com a qual precisava se preocupar. Alguém estava vindo e poderia machucá-los, e ele não deixaria nada acontecer à sua namorada. Ele quebrou a garrafa de vinho contra a chaminé, ficou de pé e sacudiu a garrafa quebrada, seus olhos negros de expectativa.



Molly passou correndo por ele e foi para a parte de trás do edifício. O prédio atrás dele, na Rua Vinte e Sete, estava a um salto vertical de apenas três metros. Escadas de madeira tinham sido construídas décadas atrás, mas

elas estavam frágeis e eram pouco confiáveis. Um cabo pesado balançava por perto. Molly tirou a blusa, a amarrou em torno do cabo e segurou firme, descendo a curta distância em rapel. Ela continuou correndo, tentando pegar a camisa de volta sem cair, seu cabelo voando para trás.

Lá atrás, no outro telhado, a garota começou a gritar. O namorado dela não produziu nenhum som, e Molly se perguntou se ele estaria tão morto quanto os Mendehlsons.

Na beira do prédio, ela diminuiu a velocidade, a vastidão da Rua Vinte e Sete surgindo à sua frente. Uma ponte de madeira e cordas balançava pelo vão, mas tinha sido construída recentemente, e ela nunca a havia cruzado, então não sabia se era confiável. Apesar disso, ela tinha feito todo esse trajeto sabendo que teria de confiar nela, por isso não parou.

Ela apanhou as cordas-guia de cada lado e correu, as cordas queimando suas mãos. A ponte balançou, e as tábuas embaixo dos seus pés sacudiram, mas ela era resistente e bem-construída. Molly afrouxou as mãos, procurou dentro de si um fôlego renovado e deu um impulso em direção ao telhado oposto. Se pudesse chegar à Rua Vinte e Cinco, encontraria uma das mais movimentadas partes da Cidade Submersa, a rua que era uma teia de pontes, um mercado movimentado acima da água, com tavernas nos andares superiores de edifícios bem conservados.

Ela ouviu um estrondo atrás de si. Assustada, começou a se virar, mas prendeu o pé e tropeçou. Jogando os braços, ela caiu de barriga e procurou por apoio, rezando para não escorregar para fora da ponte. Segurando-se, o coração batendo veloz, se virou para ver o enorme homem mascarado escalando os destroços dos degraus destruídos no último telhado. Seu peso fizera com que eles desabassem sob ele.

Será que dava para pular? Nadar pelas ondas e encontrar um lugar para se esconder?

Então ele saltou, voando pelo ar acima da ponte, e aterrissou na frente dela, no telhado que ficava logo no fim da ponte. Impossível. Mesmo assim, lá estava ele.

Molly caiu de joelhos na ponte, segurou uma das cordas-guia às quais as tiras de madeira estavam presas e saltou da borda. Ela pesava pouco mais de quarenta quilos, mas a ponte balançou assim que ela começou a gingar com

toda a sua força – uma vez, duas, três, e então ela soltou, braços sacudindo, pernas encolhidas junto ao peito.

Molly desabou na passarela de metal abaixo da ponte e bateu em cheio contra o edifício. Lá em cima, ela podia ouvir a respiração pegajosa e barulhenta do homem com a máscara de gás. Ela empurrou a parede para se afastar e saiu correndo ao longo da passarela até a quina do prédio, virando em um beco estreito e escuro, onde a escada de incêndio descia para dentro da água.

Não dava tempo de ser cuidadosa agora. A precaução poderia matá-la. Ela jogou uma perna por cima do corrimão, deslizou e procurou com os pés pelo gradil abaixo. Não havia tempo para usar os degraus. Em vez disso, ela foi descendo, ágil graças a uma vida inteira sobrevivendo naquela estranha selva inundada feita de pedra e ferro.

Olhando para baixo, Molly se soltou e caiu em uma passarela de madeira ornamentada, construída logo acima da linha da maré alta. A água batia contra os prédios, mas nunca alcançava a ponte, com suas lanternas chinesas e seus pequenos altares espaçados em intervalos por toda sua extensão. A passarela corria entre os edifícios da Rua Vinte e Sete à Vinte e Seis, onde um pequeno enclave de chineses vivia separado da comunidade principal mais no interior de Downtown.

À noite, a passarela ficaria bonita, luzes a gás queimando dentro das lanternas de vidro colorido, lançando um arco-íris de cores suaves nas paredes de ambos os lados. Naquela manhã, ela era apenas o caminho para a sobrevivência.

Algo atingiu a passarela de madeira, fazendo balançar as placas debaixo dos seus pés, e ela não precisou olhar para trás para saber que era o homem mascarado. Uma onda de fúria varreu seu corpo. Por um momento, ela se deixara acreditar que poderia conseguir, mas outra vez o homem corpulento tinha fechado a passagem. Molly tinha decepcionado Felix. Ao morrer, o decepcionaria de novo.

Lágrimas brotaram do canto de seus olhos, deixando-a com ainda mais raiva. Ela não ia chorar. E, mesmo assim, as lágrimas vieram, apesar de sua recusa.

Ela olhou para trás, ainda correndo, seus passos ecoando na madeira e nas paredes. O homem mascarado estava se aproximando, pouco mais de seis metros atrás dela agora.

Molly então trombou com um homem robusto e cambaleou para trás, desorientada, batendo nos braços dele enquanto aquelas mãos poderosas se firmavam nos ombros dela e a seguravam. O homenzarrão mascarado... Não era possível, mas ele estava logo atrás dela.

Ela então encarou frios olhos cinza, tristes, mas sábios, plantados em uma face cinzenta e cheia de cicatrizes. O recém-chegado tinha a estrutura sólida e imponente de um velho boxeador ou algum brutamontes mafioso dos becos. Com pescoço enorme e maxilar quadrado, nariz achatado e orelhas que pareciam muito pequenas para a sua cabeça, ele sem dúvida era feio. Mas tinha uma serena nobreza interior que Molly percebeu de imediato. Embora ele não usasse paletó ou gravata, suas calças estavam limpas e passadas e seus suspensórios remetiam a uma época antiga. No primeiro momento, ela pensou que ele deveria ter perto de cinquenta anos, mas então decidiu que não poderia ter muito mais do que trinta. Mas tinham sido trinta anos difíceis, pelo aspecto dele.

– Desculpe, eu...

– Você é Molly McHugh? – disse ele, sua voz baixa e rouca, um tanto arenosa.

Surpresa que ele soubesse o seu nome, ela se afastou dele.

– Quem diabos é você?

– Joe.

Ele disse aquilo como se fosse a única resposta necessária, então parou por um momento, como se estivesse memorizando o rosto dela. Quando ela abriu a boca para pedir mais explicações, ele a empurrou para fora do caminho. Molly se chocou contra o corrimão, se virando a tempo de ver o enorme mascarado vindo na direção deles na passarela chinesa.

O gigante Joe tirou seu sobretudo cerrando suas enormes mãos em punhos. O homem mascarado continuou em frente, pronto para pegá-lo, mas Joe apenas sorriu.



Capítulo quatro

Joe deu um passo à frente e acertou o homem mascarado com tanta força que uma névoa amarela escapou pelas costuras de sua roupa de borracha amarela, com um assovio que lembrou um motor a vapor. Enquanto recuava, tropeçando no corrimão da ponte, Molly percebeu que era o mesmo gás que tinha visto escapar por baixo da máscara da criatura.

Veneno. Meu Deus, e se isso for veneno?

Ela segurou Joe pelo punho da manga enrolada de sua camisa e tentou puxá-lo para trás, mas a força dele era tal que ela não conseguiu movê-lo nem um centímetro. Enganchou os dedos nos suspensórios dele, mas, com um movimento do punho, ele a varreu para longe. Então, o mascarado se atirou na direção dele, lançando um soco com velocidade sobrenatural. O golpe atingiu Joe na têmpora com uma força tão violenta que, por um segundo, Molly prendeu a respiração, certa de que ele tombaria morto.

Joe sacudiu a cabeça e então atacou, agitando os punhos. Ele levou tantos socos quanto deu, mas, enquanto o homem mascarado estava atordoado com o ataque, Joe parecia ainda mais determinado cada vez que seu oponente desferia um golpe. O homem mascarado se virou como se fosse fugir, mas em vez disso agarrou um dos postes que sustentavam uma lanterna chinesa, o arrancou e começou a rodar, girando a lanterna.

– Cuidado! – Molly gritou, sentindo algo entre medo por seu salvador e o ímpeto de correr para salvar a própria vida. Mas o homem tinha interferido para salvá-la, ela não podia apenas sair correndo.

Contudo, ela não precisava se preocupar. Joe se esquivou da lanterna, deu um passo adiante e acertou o homem mascarado mais duas vezes no abdômen. Mais névoa amarela espirrou das costuras de sua roupa. O homem mascarado começou a gemer, e Molly pensou ter visto sua carne ondular sob a roupa de borracha. Ele se virou

novamente, agora ainda mais rápido, e dessa vez encontrou seu alvo. A lanterna chinesa se espatifou contra o maxilar de Joe, e o grandalhão cambaleou para trás, zozinho por um momento.

O homem mascarado segurou firme o poste quebrado em suas mãos enluvadas e atacou, mirando o coração de Joe. Mas Joe deu um passo para o lado, e o poste cheio de pontas nem mesmo encostou nele. Ele agarrou a arma e puxou seu agressor para perto, que ficou ao seu alcance. Então, pegou seu pulso e o torceu com força suficiente para quebrar um osso, embora nenhum som tenha saído daquela roupa. O homem mascarado soltou uma espécie de grito abafado pela máscara e deu um bote no pescoço de Joe. Molly assistiu apavorada quando Joe apertou ainda mais o pulso dele e o puxou, manipulando-o como uma espécie de fantoche.



A roupa de mergulho se partiu na costura do ombro. Sangue e uma pálida névoa amarela esguicharam da fenda. Joe torceu mais, e com tanta força, que arrancou o braço do mascarado com um rasgão úmido de tecido e tendão.

Molly deixou escapar um curto grito de repulsa.

Enquanto o poste quebrado batia na ponte, Joe se virou para ela, segurando o braço decepado.

– O que você fez? – Molly perguntou, ofegante.

O homem mascarado desmoronou nas tábuas da ponte. Os dois se viraram e o viram se desinflar, murchando rapidamente como um balão até chegar à forma de um homem. Algo estremeceu dentro da roupa de mergulho, e então a roupa de borracha e o sobretudo do mascarado caíram no chão, com algo ondulando dentro dela.

– Boa pergunta – disse Joe, olhando para a coisa que se sacudia dentro da roupa de mergulho.

Agora que o gás tinha escapado de dentro do uniforme liso, o que quer que tivesse sobrado ali se retorceu e sacudiu como uma enorme enguia. A criatura avançou para a beira da ponte, arrastando a roupa em torno de si. Joe se inclinou para alcançá-la, seus músculos forçando os pontos de sua camisa cara, mas não foi rápido o suficiente. A coisa caiu pela lateral e então dentro da água, sumindo no oceano, deixando apenas sua feia máscara de gás para trás.

– Filho da mãe – o grandalhão resmungou.

Joe continuou olhando para o ponto ondulante do mar onde a estranha coisa parecida com uma enguia entrara na água, mas ela não emergiu. Molly tentou não olhar para o braço decepado que ele ainda segurava. Seu coração acelerado começou a se aquietar, até se acalmar, mas ela não pôde evitar de se lembrar da olhadela que tinha dado para o rosto dentro da máscara de gás, e isso a fez tremer.

A máscara de gás permanecia nas tábuas da ponte, como se esperasse alguém para apanhá-la.

Joe pegou seu casaco jogado e o vestiu de novo. Seus olhos cinzentos ficaram tempestuosos ao olhar para Molly. Quando começou a andar na direção dela, ela deu um passo para trás, mas não correu. Apesar do membro arrancado e dos trapos esfarrapados nas mãos de Joe, a preocupação e a bondade em seus olhos de pedra a faziam se sentir segura de uma forma totalmente estranha para ela. Mesmo morando com Felix, generoso e cuidadoso como ele era, ela sempre sentia medo dos perigos do mundo. Mas esse homem de tamanho monstruoso e cheio de cicatrizes a deixava tranquila.

– Obrigada – disse ela, se perguntando o que havia acontecido com Felix e se ele ainda estava vivo.

Joe se inclinou para observar a máscara de gás, mas não a pegou.

Em seguida, o som de pisadas mais adiante na ponte chamou a sua atenção. Ambos olharam ao redor e viram mais dois homens mascarados, do tamanho de homens comuns. Parecia que haviam seguido Molly e o enorme mascarado desde o teatro. Agora, corriam

na direção deles, mas pararam subitamente quando viram a máscara de gás vazia nas tábuas entre Joe e Molly e o braço decepado na mão de Joe.

Joe deu uma risada curta e monótona e começou a avançar sobre os recém-chegados.

– Eu o acertei forte demais, hein? – disse ele. – Acho que vou tentar ser mais gentil com vocês.

Sem dizer uma palavra, os mascarados se viraram e fugiram por onde tinham vindo, correndo em direção à outra extremidade da ponte chinesa e sumindo em uma esquina.

Molly sentiu uma centelha de esperança. O que quer que essas coisas fossem, haviam capturado Felix. Ela parecia não ter nenhuma chance de encontrá-lo, mas talvez sua sorte tivesse mudado.

Ela começou a correr, perseguindo os dois homens mascarados, mas deu apenas três passos antes que Joe agarrasse seu braço.

– Não – ele disse. – Você nunca vai alcançá-los. E, se conseguir, vai se arrepender.

Molly tentou se soltar, encarando-o.

– Me solte! Você não entende. Eles sequestraram o meu amigo. Segui-los é o único jeito de encontrá-lo!

– Não é o único jeito – Joe insistiu, segurando-a de um jeito tão firme que ela sabia que jamais se soltaria. – Nós precisamos ir até Church.

– Church? Igreja? – disse ela. – Você está maluco, amigo? Rezar não me ajudará a rastreá-los. Eu conheço cada ponte e cada esquina desta parte da cidade. Posso alcançá-los. Posso fazer isso sem ser vista. Só me deixe ir, por favor!



Joe balançou a cabeça, segurando o braço decepado do mascarado em uma mão e Molly na outra.

– Desculpe, menina. Tenho de levar isto aqui – ele estreitou os olhos. – É melhor levá-la comigo. Não dá tempo de discutir isso.

Molly balançou a cabeça, se perguntando como ela o tinha julgado tão mal e por que tinha se sentido segura em sua presença. Ele era apenas mais um predador. Outro tipo de monstro.

– Eu não vou a lugar nenhum – disse ela, esperando sua chance e se preparando para atacá-lo. Se ela avançasse nos olhos dele, ele a soltaria e então ela poderia correr.

Ele é rápido, mas sobre as pontes e junções, eu serei mais rápida, ela pensou. – E não vou coisa nenhuma para uma porcaria de igreja.

Se ela pudesse chegar até a caixa-forte na Rua Vinte e Três, ele nunca seria capaz de segui-la lá dentro. O prédio tinha sido lacrado, exceto por túneis estreitos que levavam para dentro e para fora do prédio, pequenos demais para ele passar.

– Eu não quero assustar você – disse ele, soando quase sincero.

Molly curvou os dedos como garras e os lançou na direção dos olhos dele. Mas ele era rápido demais e se desviou. Ele soltou o braço decepado, levantou-a e a arremessou no chão. Seus olhos cinza foram de tempestuosos a tristes. Elevando-se sobre ela, tirou uma garrafinha de um bolso de seu longo casaco e um pano sujo do outro.

– Desculpe – disse ele.

Molly ficou de pé e tentou escapar, mas ele a pegou com uma mão e apertou o pano sobre o rosto dela com a outra. O cheiro pútrido do produto químico preencheu suas narinas. Ela tentou não respirar, mas era tarde demais. Sentiu seu corpo pender e viu sombras escuras se movendo nos cantos dos olhos. Ela pensou no mascarado e no modo como ele tinha esvaziado, e se perguntou se as costuras de sua própria pele haviam cedido e liberado seu espírito em golfadas de fumaça.

À medida que a consciência a abandonava, ela chamou por Felix mentalmente. Ele sonhara que era um fantasma. Ela teve medo de que

aquele sonho tivesse se tornado realidade, e que agora ela fosse se juntar a ele.

Então, as sombras a engoliram.

Ela sentiu como se estivesse se afogando.

Capítulo cinco

Molly acordou com uma dor de cabeça insistente, surpresa de estar envolta por lençóis pesados de algodão. Eram mais macios do que qualquer coisa que ela já tocara. Porém, assim que seus olhos se abriram, ela franziu a testa ao ver o pano vermelho pendurado logo acima, tentando lembrar onde estava e como tinha chegado lá.

Uma onda de lembranças a inundou, e seu pulso acelerou em alerta. Os *homens mascarados*. Os *Mendehlsons*. *Felix*. Ela se sentou abruptamente, tentando sacudir as teias de sono de sua mente. O grandalhão que a tinha salvo, o tal Joe, pusera algo em seu rosto que a havia derrubado. Tinha de ter sido ele a levá-la para aquele lugar. Mas, se foi mesmo, onde ele estava agora?

Ela tinha de sair, ir embora daquele lugar desconhecido. O medo tomou conta dela, mas de alguma forma aquele medo deu a ela grande determinação. Felix jamais teria deixado algo acontecer a ela, mas, quando os mascarados a atacaram, ela fugiu. Molly sabia que precisava voltar para o teatro e tentar arrumar um jeito de descobrir o que havia acontecido a ele e para onde os homens mascarados o tinham levado. Seria praticamente impossível, pensou, mas ela jamais se perdoaria se pelo menos não tentasse.

Molly puxou o lençol e o cobertor da cama, enrolando-se neles para se aquecer. Deu uma espiada pelo quarto, tentando entender onde estava. Nunca tinha sido sequestrada antes, mas conhecia garotas que tinham sido e tinham passado por coisas piores. Só que garotas arrancadas das ruas geralmente acordavam acorrentadas a uma cama em algum quarto frio e úmido que cheirava a urina, não em um lugar como esse.

Em toda a sua vida, ela nunca tinha dormido em uma cama tão macia, sob um lençol que cheirava a novo e limpo. Cortinas pendiam de pilares nos

cantos do quarto, um pesado véu de um vermelho profundo que a teria mantido totalmente no escuro se não tivesse sido amarrado em um dos lados com cordas grossas e douradas. Quando ficou de pé ao lado da cama enorme, pôde ver a macia camisola de algodão que vestia.

Ela sentiu seu rosto ruborizar de raiva e vergonha. Joe a havia despido enquanto ela estava inconsciente? Suas roupas estavam molhadas, e agora a camisola estava limpa e seca, o que certamente era uma melhoria, mas a ideia fez sua pele se arrepiar. Molly tinha vivido nos prédios semiafundados nos canais de Nova York, sobrevivido por conta própria em moradias ilegais e sombras profundas. Ela já tinha conseguido evitar o pior que poderia acontecer a uma criança solitária na Cidade Submersa por tempo suficiente até que Felix a encontrasse e cuidasse dela. Mas ela havia visto coisas terríveis e ouvido histórias contadas por outras crianças, garotos e garotas, de homens e mulheres cujo comportamento sugeria que eles tinham vidro moído no lugar onde deveria existir uma consciência.

Acalme-se, disse para si mesma. *Seja esperta. Pense no que está acontecendo.*

Joe derrotara facilmente o homem mascarado. Ele tinha uma força descomunal. Se tivesse intenções sinistras ou pervertidas em relação a ela, Molly não teria qualquer chance de impedi-lo. Mas ela não sentia qualquer dor ou desconforto, nada que indicasse alguma perversão perpetrada contra ela enquanto dormia. Embora a intimidade de alguém trocar suas roupas fosse mesmo uma invasão, era possível que seu sequestrador tivesse apenas boas intenções em mente. Ela imaginou que descobriria em breve.

Movimentou-se suavemente pelo quarto. A porta estava aberta um centímetro ou dois, e ela podia ouvir os murmúrios de vozes graves lá fora. Ela precisava sair de lá, mas não tinha a menor pressa de encontrar Joe novamente, então parou um momento para analisar o ambiente. O quarto todo tinha um ar antigo. Um guarda-roupa alto estava encostado na parede, com uma escrivaninha ao seu lado. Ela descobriu uma bacia de água potável em cima da escrivaninha e levou um momento para entender que aquilo era um lavatório. Havia uma pequena estante na outra parede.

As paredes tinham fotografias emolduradas, quase todas apagadas e desbotadas pelo tempo. As pessoas nas fotos vestiam roupas de outra época e algumas delas estavam em frente a carros que não eram vistos havia décadas.

Uma foto em particular a intrigou. Um homem magro vestido de modo garboso, de maçãs do rosto salientes e redondas e óculos sem aro, estava com um segundo homem cujo espesso bigode deve ter sido uma tentativa de conferir alguma sofisticação e um disfarce para sua aparência de bandido, sem sucesso. Seu nariz era estufado, ligeiramente torto, como se tivesse sido quebrado muitas vezes, e suas mãos eram enormes. Entre esses dois homens havia uma mulher adorável usando uma minúscula bolsa e um pequeno chapéu que parecia ter sido preso com alfinetes em sua cabeça.

Atrás deles, na imagem, o Edifício Flatiron era facilmente reconhecível, muito embora Molly nunca tivesse visto seus andares inferiores. A fotografia tinha sido tirada antes de a cidade começar a afundar e mostrava o Flatiron se erguendo no extremo sul da Madison Square. A imagem a fascinou e despertou sua curiosidade. Quem, vivendo na Cidade Submersa, ainda se importaria com essas coisas?

Ela olhou ao redor e percebeu outros objetos curiosos na sala, na estante e em outras prateleiras menores montadas nas paredes – estatuetas esculpidas em madeira escura, pequenas caixas ornamentadas, várias coisinhas que pareciam estranhos quebra-cabeças e uma bola de cristal de tonalidade azulada do tamanho de uma grande maçã.

Molly olhou mais uma vez para a porta. Qualquer que fosse a intenção de seus sequestradores, ela não poderia ajudar Felix enquanto permanecesse nesse quarto elegante, envergonhada e com medo de enfrentá-los. Eles não a tinham trancado ou mesmo fechado a porta de todo, em um aparente convite a uma tentativa de fuga. Molly se sentiu compelida a ir em frente.

As dobradiças rangeram apenas um pouco quando ela abriu a porta. Pisou de leve no corredor e prendeu a respiração por causa do estranho cheiro químico que a circundou. À sua direita, de cada lado do *hall*, havia portas que pareciam levar a outros quartos, além de uma abertura em arco que devia levar a alguma parte menos privativa da residência. À sua esquerda havia um lance de escadas em espiral que descia, e ela foi na direção dele.

De trás dela, veio o rangido de dobradiças e os estalos de uma pisada forte sobre o assoalho. Molly se virou para ver Joe surgir de um quarto ao lado. Ela congelou, encarando-o, esperando ver algo sinistro em seus olhos ou em sua atitude. Entretanto, apesar do tamanho, ele parecia gentil e ligeiramente entretido com ela. O gigante vestia uma camisa branca

impecável e calças de lã marrons sustentadas por suspensórios pretos. Os punhos de suas mangas estavam dobrados para cima, e preso atrás de uma de suas orelhas estava um cigarro. Seus olhos cinzentos estavam cheios de surpresa e humor.

– Você não vai muito longe com essas roupas, menina.



Uma vozinha no fundo da cabeça de Molly gritava para não confiar nele. Seu instinto de autopreservação tinha se afiado, e ela aprendera, ao longo dos anos, a não confiar em ninguém. Felix tinha sido a única exceção.

– Você está se referindo a isso? – disse ela, já na metade do corredor e pronta para disparar caso ele se movesse na direção dela. Ela puxou a camisola para dar ênfase. – Quem colocou isso em mim? Algum doente que se excita tirando a roupa de menininhas?

Joe piscou, um olhar magoado no rosto, e ela quase se arrependeu da acusação.

– Você entendeu errado, menina. Levantou com o pé esquerdo, pelo visto – disse Joe. – Para começo de conversa, você não é assim tão menininha. Mas eu prefiro as minhas mulheres mais crescidas e menos atrevidas.

Molly tremeu e fechou os punhos.

– Eu devia...

Joe levantou suas mãos e riu.

– Calma lá. Eu deveria saber que não é bom cutucar um vespertino. Olhe, nós temos uma governanta, uma velhinha amável que é meio cega. Foi ela quem tirou as suas roupas ensopadas. Elas já devem estar limpas e secas, provavelmente dobradas no guarda-roupa lá no seu quarto. Por que você não se veste e vem se juntar a nós? Não temos muito tempo a perder se vamos ajudá-la a resgatar o seu chefe.

Ela tinha dezenas de perguntas a fazer, mas Joe se virou, voltou para o quarto lateral e fechou a porta atrás dele. Por vários segundos, Molly encarou a porta. Ela olhou para os degraus, mas a ideia de que suas roupas pudessem estar limpas e secas no quarto era extremamente atraente. Se estivessem lá, e ela ainda quisesse escapar, era melhor fazer isso totalmente vestida.

Dando uma olhada curiosa para a porta que Joe acabara de fechar, Molly correu para a câmara onde havia acordado. Quando abriu o armário, a primeira coisa que notou foi que não só suas botas estavam limpas e secas, como o pequeno rasgo no tornozelo tinha sido remendado. Ela encontrou as roupas na prateleira de cima, bem dobradas e cheirando a sabão e flores. Pressionando-as contra o rosto, sorriu enquanto inalava profundamente, e então se forçou a lembrar que roupas limpas não eram o suficiente para ganhar sua confiança.

Mas isso ajuda, ela pensou, enquanto saía de sua camisola e se vestia rapidamente. *Definitivamente ajuda*.

Joe a sequestrara, mas não parecia ter intenção de machucá-la. E ele havia salvado a vida dela, no fim das contas. Se ele realmente quisesse feri-la, ela nem mesmo teria acordado, quanto mais em uma cama quente e confortável. Além disso, ele tinha dito que queria ajudá-la a encontrar Felix. O mínimo que ela podia fazer era escutá-lo. Não era tarde demais para fugir. Ela tinha certeza de que poderia encontrar uma janela para quebrar, mesmo que todas as portas estivessem trancadas, e então pular dentro d'água. Mas, se fizesse isso, não saberia onde começar a procurar Felix.

Molly tinha algumas perguntas que Joe precisava responder. Se ele realmente pudesse ajudar, ela devia isso a Felix, e permaneceria ali.

Nervosa, ela pisou no *hall*. Estava com tanta pressa antes que não tinha prestado atenção aos detalhes, mas agora notava que o papel de parede tinha começado a amarelar estava soltando nas bordas. As velas nos candelabros estavam quase totalmente derretidas. Mas o que mais chamou sua atenção foi o forte cheiro de produto químico que sentira antes. Ele parecia ter se impregnado em todas as paredes, e Molly respirou pela boca, tentando não aspirar aquele fedor. Em vez disso, ela sentiu o gosto, que era tão ruim quanto o cheiro.

Ela parou do lado de fora da porta em frente e bateu.

Joe respondeu. Ela ouviu seus passos pesados antes de ele abrir a porta.

– Muito melhor. Agora venha e conheça o Sr. Church.

“Senhor” Church. Quando Joe mencionou a palavra “*church*” da primeira vez, antes de sequestrá-la na ponte, Molly pensou que ele estivesse falando de uma igreja de verdade, com janelas de vitrais e um altar. Mas Church, aparentemente, era um homem.

Quando ela passou da soleira, arregalou os olhos. Ao redor da sala de pé-direito alto havia mesas cheias de tubos estranhos e outros aparatos. Ela finalmente descobria a origem do fedor de produto químico. Os bicos de Bunsen brilhavam com chamas azuis, acima dos quais cintilavam béqueres e frascos com líquidos que borbulhavam e soltavam fumaça, enquanto tubos de metal no centro da sala exalavam vapor de um gerador barulhento. O vapor subia e era coletado por um mecanismo em cujo interior havia uma ventoinha, que parecia jogar o calor e a umidade de volta para tubos que corriam ao longo do teto.

No entanto, em meio aos emaranhados do que parecia ser uma investigação científica, havia outras coisas também, objetos bem mais interessantes do que aqueles no dormitório do outro lado do corredor. Havia jarros com líquidos peculiares e pedaços de coisas – que ela suspeitava terem sido vivas – flutuando suspensas em seu interior. Em uma mesa, havia pedaços de osso partido e uma variedade de pós multicoloridos. Pergaminhos amarelados estavam empilhados em uma caixa de madeira enfiada até a metade sob outra mesa. Prateleiras transbordavam de livros modernos e antigos.

O único ocupante da sala era um homem incrivelmente velho, que ela presumiu ser o Sr. Church. Magro como um passarinho, tinha a pele cinza pela idade, enrugada e cheia de linhas, mas ainda mantinha um vigor notável. Ele usava calça cinza chumbo e um colete combinando, dois terços de um terno de três peças, com uma camisa branca e uma gravata vermelha sob o colete. Seus óculos se acomodavam no septo do seu formidável nariz enquanto ele se inclinava sobre uma mesa de aço reluzente. Em cima dela, havia parte de um dos uniformes emborrachados vestidos pelos homens mascarados. O tecido tinha sido cortado e espalhado sobre a mesa, mas estava claro que o foco do Sr. Church era o membro de formato estranho que Joe arrancara de um dos agressores de Molly.



– O que diabos é isso? – Joe perguntou.

O Sr. Church arqueou uma sobrancelha, fazendo uma mesura para Molly em um cumprimento momentâneo, e então se voltou para Joe.

– Ele começou como um braço humano, ou quase humano – explicou.
– Mas, nos últimos momentos, passou por uma metamorfose.

Fascinada, Molly entrou na sala, dando uns poucos passos em direção à mesa de aço. O braço era pequeno demais para ser humano e era articulado de um jeito estranho. Tinha um brilho encerado e uma textura emborrachada que lembrava a coisa que havia escapado da roupa do enorme homem mascarado após ser derrotado por Joe.

– Do que ele é feito? – Joe perguntou.

– É difícil dizer – falou o Sr. Church. – Existem células humanas em sua composição, mas também células de diversos animais, incluindo felinos e anfíbios, além de outra coisa que não consigo identificar. A natureza nunca produziria uma criatura cujos membros correspondessem a essa abominação.

Molly olhou para o braço distorcido, um arrepio gelado percorre a sua nuca.

– Isso veio do homem que tentou me matar?

Mesmo naqueles poucos momentos desde que tinha olhado para a coisa pela primeira vez, ela parecia ter mudado de forma e secado ainda mais.

O Sr. Church sorriu para ela, quase com pena.

– Minha cara Srta. McHugh – disse ele, apontando a mesa. – Sinto que a criatura a quem isso pertenceu seja a menor de suas preocupações.

Molly desviou o olhar. Não queria ver o braço nojento de novo. O Sr. Church se inclinou sobre a mesa e olhou mais de perto, talvez curioso para ver se o braço ainda continuaria a mudar. Somente quando Joe pigarreou é que o velho enrugado voltou sua atenção para ela novamente.

– A garota tem um monte de perguntas, Sr. Church – disse Joe.

Church franziu a sobrancelha e então concordou.

– Sim, claro que tem – disse ele, com seu inconfundível sotaque britânico. Ele foi até uma pia e lavou as mãos. – Acho que é hora de você ter algumas respostas.

– Acho que sim – Molly replicou. – Pode começar me dizendo quem é você.

O Sr. Church sorriu, sua face enrugada afundando ainda mais.



– Quem eu sou é uma longa história, na verdade. Podemos ir ao meu escritório?

Molly deu de ombros.

– Se você preferir...

– Venha comigo, então – disse ele, guiando-a para uma porta do outro lado da sala. Ele girou a maçaneta de latão e a abriu. – É hora de falar de coisas impossíveis.

– Impossíveis... – ela retrucou.

– E você terá que acreditar nelas, se vamos ajudar o seu amigo, o Sr. Orlov.

Molly respirou profundamente, seu corpo tremendo, mas quando o Sr. Church passou pela porta, ela o seguiu.

Capítulo seis

—A primeira história foi publicada no *Anuário de Natal da Beeton* — começou o Sr. Church, enquanto conduzia Molly para o escritório.

Joe os seguiu, mas não entrou. Em vez disso, se apoiou no batente da porta e observou Molly e o Sr. Church, braços cruzados e uma expressão meio impaciente no rosto.

O Sr. Church sinalizou para Molly se sentar em uma cadeira em frente à mesa, e assim ela fez, olhando para o velho com fascínio. O Sr. Church caminhou junto a prateleiras decoradas que iam do chão ao teto, passando seus dedos pela madeira reluzente. Na metade inferior, ele parou e deixou sua mão repousar em um livro alto e grosso, que deslizou para fora da prateleira.

— É claro que as histórias se tornaram mais populares após a virada do século, quando começaram a aparecer na revista *The Strand* — disse ele, acariciando o couro desbotado do livro com uma nostalgia cansada.

— Desculpe — disse Molly. — Era para eu ter alguma noção do que você está falando?

O Sr. Church voltou e colocou o enorme livro em sua mesa. Quando passou perto dela, Molly ouviu o som de um clique metálico junto com um assovio peculiar, como ar escapando de um balão. Estar tão perto dele revelou outra característica estranha. No laboratório — de que outra maneira ela poderia pensar naquela sala de que tinha acabado de sair? — os odores químicos sobressaíam a todos os outros. Mas ali, no escritório dele, com ele tão próximo, ela percebeu que o Sr. Church tinha um aroma peculiar. Ele cheirava vagamente a combustível queimado de um táxi aquático.

Enquanto andava em volta da mesa, ele sorriu para ela.

– Vá em frente – disse, escolhendo um cachimbo longo e liso em um móvel atrás da mesa. – Dê uma espiada. Suas respostas estão esperando.

Molly olhou para Joe, compartilhando com ele a sua impaciência e também a curiosidade. Ela deslizou o livro pesado pela mesa e o colocou no colo. A capa era de couro, sem nada escrito, exceto pelas letras S.C. estilizadas impressas nele. Ao abri-lo, ouviu um zumbido e outro assovio sibilante, e notou que o som viera do Sr. Church no momento em que ele se sentara. Quando ele expirou, finas flâmulas do que à primeira vista parecia ser fumaça saíram de seu nariz. Mas quando ele pegou um naco de tabaco de uma bolsa e começou a apertá-lo para colocar em seu cachimbo, ela percebeu que ele ainda não tinha começado a fumar.

– Quem é você? – ela perguntou, embora o que realmente quisesse perguntar era *o que* ele era.

O Sr. Church se inclinou para a frente e bateu na primeira página do livro agora aberto. Ela olhou para a página e viu que não era um livro comum, não um tomo religioso ou um romance antigo do tipo que Felix tinha em sua biblioteca. Dentro da capa pesada de couro estavam encadernadas muitas páginas amareladas, artefatos de uma época há muito esquecida. Eram revistas antigas, colocadas juntas, e a que estava por cima era o *Anuário de Natal da Beeton*. Ao ver a data, ela franziu a testa profundamente.

– Vinte de dezembro de mil oitocentos e noventa e seis – ela leu em voz alta e então olhou para o velho. – O que é isso?

O Sr. Church soltou uma baforada de seu cachimbo. – Vá para a página dezessete, por favor.

Molly o obedeceu. Uma ilustração na página a fez piscar surpresa e olhar para cima. Ela mostrava um homem alto e magro, com um longo casaco e luvas, usando um bigode fino e fumando um cachimbo não muito diferente daquele na mão do Sr. Church. Na sua outra mão, o homem na ilustração segurava ao seu lado uma pistola abaixada, como se esperasse que ela não fosse notada. Essa imagem acompanhava o que ela rapidamente percebeu ser um conto, uma obra de ficção assinada por alguém chamado Dr. Nigel Hawthorne. Uma rápida olhada nos dois primeiros parágrafos foi suficiente para ela notar que se tratava de uma história de detetive à moda antiga, sobre um homem chamado Simon Church.

– Então você se inspirou nesse personagem que é um detetive, esse Simon Church?

O Sr. Church apontou para o livro com o seu cachimbo:

– Essa é apenas a primeira história. Existem dezenas delas. Diversos romances também. Hawthorne serviu à Marinha de Sua Majestade como médico, mas fez sua fortuna com essas histórias. Além disso, ele nunca hesitava em se atirar no caminho do perigo quando solicitado. Um camarada valoroso. Um herói, na verdade.

Molly empurrou uma mecha de cabelo cor de canela para trás da orelha, esperando para ver se o Sr. Church admitiria que tudo aquilo não passava de uma piada estranha. Mas parecia que o velho enrugado falava bastante sério.

– Eu não sou uma criancinha, sabe – disse ela, demonstrando sua irritação.

– Isso nem passou pela minha cabeça – disse o Sr. Church, franzindo a testa, sério. Ele olhou para Joe, que ainda estava apoiado no batente da porta.
– Nem passou pela minha cabeça, Joe.

– Qual a sua idade? – Joe perguntou. – Treze?

– Quatorze – Molly respondeu rispidamente, mantendo o olhar fixo no Sr. Church. – O que estou dizendo é que eu não sou burra. Simon Church era um personagem de histórias de detetives. Ele não é real. E, mesmo que fosse, ele teria pelo menos cem anos agora. Provavelmente mais. Você não é tão velho assim.

O Sr. Church se inclinou para trás em sua cadeira, assoprando seu cachimbo.

– Tem certeza?



Ele tossiu, só um pouco de início, mas depois com mais veemência. Um ruído abafado de algo sendo triturado escapou de seu peito. Uma fumaça parecida com vapor rodopiou de seus lábios e narinas, e Molly disse a si mesma que aquilo tinha de vir do cachimbo. Quando, enfim, o velho recuperou o fôlego, havia gotículas de sangue em seus lábios e algumas espalhadas na mesa. Mas quando ele percebeu e usou um lenço para limpar suavemente sua boca, o fino tecido branco saiu manchado de preto, não de vermelho. Preto como petróleo.

Molly olhou para os pontos negros do líquido na mesa. Um deles tinha chegado até as páginas do livro aberto no seu colo, o que levou sua atenção de volta para a velha revista. A história de Simon Church naquele anuário de Natal se chamava “O Caso do Sino Silencioso”. De algum modo, ela teve a sensação de já ter ouvido a respeito. Com certeza já tinha ouvido falar de Simon Church. Ela nunca tinha lido nenhuma das histórias de Nigel Hawthorne, mas, na época em que viveu em prédios abandonados procurando alimento nos canais, havia um velho homem de barba grisalha que exibia alguns filmes trêmulos em um projetor barulhento. Era sempre a mesma dúzia de filmes, uma caixa de latas que ele tinha garimpado em algum lugar, e uma delas tinha um filme com Simon Church. O ator que o interpretava não era nada parecido com o verdadeiro Sr. Church.

Por alguma razão, pensou na imagem pendurada na parede do quarto onde ela tinha acordado. Um dos homens na fotografia lembrava bastante o que ela imaginava ser aquele senhor na juventude.

– Eu vou perguntar de novo – disse ela. – Quem é você e por que enviou esse cara para me sequestrar?

O Sr. Church acendeu um palito de fósforo, colocou-o no seu cachimbo e puxou a ar através dele, tentando fazer o tabaco queimar novamente. Ele sacudiu o palito e então fixou nela seus olhos azuis pálidos, que piscaram com alguma emoção que ela não pode discernir ao certo.

– Nigel foi apenas o primeiro dos meus associados – prosseguiu, como se ela não tivesse falado nada. – Eu quase sempre trabalhei com um parceiro. Acho a opção de trabalhar sozinho bastante monótona, e os dias em que não tive alguém para me auxiliar foram os mais tristes da minha longa vida. Agora, como pode ver, estou adoentado. Meus esforços de longevidade começaram a render cada vez menos resultados, como era inevitável. A

entropia se instaura. Felizmente, eu tenho o Joe para prosseguir no meu lugar. Ele tem sido meu parceiro e aprendiz leal por anos.

Joe deu ao velho um aceno de gratidão, mas Molly podia ver a tristeza que ele sentia ao pensar em perder o amigo.

– Olha, sinto muito que você não esteja bem – disse Molly. – Mas eu realmente não estou acreditando em nada disso. Você é algum tipo de cientista, tudo bem. E, se diz que você e Joe são detetives... Bem, eu não tenho ideia do que estão fazendo aqui embaixo nos canais, mas, certo, eu posso aceitar isso também. Eu vi o Joe lutar e sei que ele não é um cientista. Mas podemos ir direto para como vocês acham que podem me ajudar?

O Sr. Church a encarou por um instante e então acenou com a cabeça.

– Tudo bem. Eu só queria saciar a sua curiosidade. Vamos retornar nossa atenção a você, mocinha. Ou, ainda mais apropriado, vamos falar sobre Orlov, o Conjurador, e o perigo que ele está enfrentando.

Molly quase podia sentir o tique-taque do relógio.

– Tudo bem – disse ela.

Com uma mão, Joe arrastou uma pesada cadeira estofada para o lado de Molly.

– Nós estamos no Baixo Manhattan há anos – disse ele enquanto descia seu corpo pesado na cadeira. – Resumidamente, é isto: nós somos mesmo detetives. Embora, às vezes, as coisas que investigamos sejam fora do comum.

– O oculto – disse o Sr. Church. – Assuntos de cunho sobrenatural.

– Somente às vezes – disse Joe, mirando seu amigo e empregador com um olhar irritado. – Nem sempre é alguma loucura dessas.

– Vocês dois são doidos – disse Molly.

– Realmente, Srta. McHugh – irritou-se o Sr. Church. – Eu esperava mais de você. Você não pode negar que há mais nas conjurações de Felix Orlov do que ilusionismo nem que as criaturas que invadiram a sua casa essa manhã e fugiram com o seu benfeitor tinham algo de inumano.

Sentindo o estômago revirar, Molly passou algumas páginas do livro e foi parar em uma capa de uma edição de *The Strand* de 1905. A história de

Simon Church anunciada naquela edição se chamava “O Escaravelho de Tarquinia”.

Ela vinha se concentrando apenas no sequestro de Felix e em sua determinação em trazê-lo de volta. Não queria pensar nos homens com máscaras de gás nem no estranho braço na mesa de exames na sala ao lado.

– O que eles eram? – ela perguntou, odiando a inquietação na própria voz.

– Eles eram barro – o Sr. Church respondeu. Então ele estremeceu como se tivesse dito algo ofensivo.

Molly franziu a testa.

– Barro?

– Algo maleável – o Sr. Church explicou. – Algo que pode ser moldado no que você quiser que seja. Eu não terminei o meu exame, mas acredito que as coisas que vieram atrás de você são produtos de terríveis experimentos, uma combinação de homem e animal que não é natural e, portanto, é instável. O gás dentro dos uniformes que Joe mencionou estabiliza a carne, mantendo as criaturas na forma humana.

– Isso é ciência ou mágica? – Molly perguntou.

– Algo pior – disse o Sr. Church. – Uma exploração das sombras perigosas que habitam entre os dois mundos.

– Nós estamos perdendo o foco aqui – Joe o alertou. – E perdendo tempo.

– Por que você estava lá hoje de manhã? – Molly perguntou a Joe. – Alguém contratou vocês para nos investigar?

O Sr. Church olhou desgostoso para o seu cachimbo, que parecia ter apagado.

– Ninguém nos contratou – disse ele, deixando o objeto pender de seus dedos. – Eu venho observando Felix Orlov há muitos anos. Desde antes de ele nascer, na verdade. Foi um dos meus primeiros casos depois que me mudei de Londres para Nova York. Hawthorne estava morto fazia tempo, e eu ainda não tinha conhecido Joe. Meu parceiro naquela época era um homem com o nome improvável de Morris Sowerberry. Esse caso o matou.

Fomos abordados por um arquiteto de Uptown, um homem cuja família fez parte do êxodo do Baixo Manhattan quando a ilha começou a afundar, e o mar, a subir. Eles não só tinham sobrevivido, como tinham também prosperado, porque fizeram ótimos investimentos em negócios, e seus associados no governo e nos bancos da cidade se sentiam em dívida com eles. Mas foi mais do que sorte e trabalho árduo que ajudou a deixá-los acima das inundações e do caos financeiro resultante na cidade. Muitas famílias exploraram o ocultismo naqueles dias, sacrificando o que quer que lhes fosse pedido para poderes primitivos e deuses sombrios, a fim de continuarem bem de vida. Com a família Orlov não foi diferente.

Molly segurou os braços de sua cadeira, se inclinando na direção dele.

– Você está falando do pai de Felix?

O Sr. Church arqueou uma sobrancelha.

– Do avô, na verdade. Vincent Orlov não era um homem mau. Na verdade, ele foi um excelente arquiteto, e era apenas um garoto quando seus pais fizeram uma oferta a certas entidades antigas...

– O que você quer dizer com “entidades”? – Molly perguntou.

O Sr. Church hesitou, como se procurasse pelas palavras.

– Coisas que existem em um espaço dimensional, fora de nosso mundo. Os Orlovs participaram de rituais que protegeriam suas finanças mesmo durante o pior desastre que este país poderia sofrer. Quando ficou mais velho, Vincent abandonou o pacto que seus pais haviam feito. Ele era um homem bom. Ao descobrir que a filha dele, Cynthia, estava envolvida romanticamente com um rico advogado e tinha ficado grávida, ele ficou mais preocupado com a reputação dela do que com a própria. Vincent e sua esposa, Stefania, fecharam o cerco em torno da filha, mantendo-a longe de seu amado e prometendo criar o bebê como se fosse deles.

Intrigada, Molly assentiu com a cabeça.

– Ele contratou você para descobrir quem era o pai da criança?

– De jeito nenhum – disse o Sr. Church, pontuando suas palavras com o bojo do cachimbo. – Vincent conhecia a identidade do amante de Cynthia. O advogado vinha de outra família cuja fortuna tinha sido feita por meio de promessas para deuses da escuridão. Cynthia ficou ressentida com seus pais

por terem-na proibido de ver o pai de seu filho que estava por nascer, então, certa noite, ela planejou um jeito de fugir, quando seus pais já estivessem dormindo. De acordo com uma empregada, que era confidente dela, Cynthia pretendia se encontrar com o amante na suíte nupcial do Hotel Talloires, com vista para a Washington Square. O quarteirão estava inundado, é claro, assim como os primeiros poucos andares do Talloires, mas o hotel tinha sido reformado de modo que pudesse continuar funcionando. Refugiados eram rejeitados. Somente eram bem-vindos os hóspedes legítimos, em sua maioria residentes de Uptown que queriam saber se poderiam salvar algo da inundação e da devastação.



– Espectadores e especuladores – resmungou Joe, os lábios curvados de desgosto.

O Sr. Church apontou seu cachimbo.

– Exatamente – disse ele, antes de voltar a Molly.

– Ao ver que Cynthia não voltara pela manhã, a empregada confessou tudo para um furioso Vincent Orlov. Ele foi até o Hotel Talloires, mas, quando suas insistentes batidas na porta do quarto não obtiveram resposta, ele forçou o gerente a abri-la. Lá dentro, encontraram o amante de Cynthia assassinado de forma grotesca, com suas entranhas removidas e espalhadas pelo corpo e símbolos ritualísticos pintados com seu sangue. Mas não havia qualquer sinal da jovem futura mãe.

Molly deixou escapar um suspiro. Sentia a garganta seca, e seus olhos queimavam com todos os estranhos odores daquele lugar.

– Ele contratou você para encontrar a filha dele – disse ela.

O Sr. Church se recostou na cadeira, o cachimbo mantido contra o peito como um precioso animal de estimação.

– Exatamente.

A sala ficou em silêncio, exceto pelo tique-taque de um rebuscado relógio em cima da lareira. O barulho parecia estranhamente alto, a sala repentinamente ficava menor, quase sufocante.

– Você a encontrou?

O olhar do Sr. Church se perdeu. Ele olhou através de Molly, mas não foi para os livros nas prateleiras atrás dela. Foi como se estivesse olhando para algum lugar e algum tempo muito distantes. Sua expressão não aparentava qualquer traço de emoção. O cheiro de óleo se tornara mais acentuado nos últimos instantes, e ela observou enquanto ele exalava vapor que formava um halo em volta de sua cabeça.

– Eu a encontrei. Ela havia sido sequestrada por um homem terrível, um ocultista que pretendia oferecer mãe e filho em sacrifício a um deus sumério da morte. Ele tinha encontrado uma fonte arcana de magia, ou uma forma de concentrar a magia, chamada Pentajulum de Lector. Ele acreditava que poderia usar o Pentajulum para atrair a atenção do deus antigo e se comunicar com ele, de modo que pudesse oferecer seu sacrifício – duas vidas em um corpo, uma criança crescendo dentro de sua mãe – em troca da ressurreição de sua esposa morta.

Molly se sentiu mal. – E funcionou?

– Poderia ter funcionado. Mas eu cheguei lá antes – disse o Sr. Church. – Ele pretendia assassinar a garota grávida e oferecê-la em sacrifício. Quando eu derrubei a porta, ela estava amarrada a uma mesa, cercada de seguidores do ocultista, que nunca pararam de entoar seu ritual. O ocultista virou o Pentajulum na minha direção, como se pudesse usá-lo como arma. Confesso que hesitei por um segundo ou dois, mas nada aconteceu.

Um terror congelante se espalhava por Molly. Durante todo esse tempo, ela queria acreditar que aquilo não passava de uma história, que havia um jeito mais simples de chegar à verdade e um modo razoável de encontrar Felix e libertá-lo. Agora, sua esperança tinha sido destruída.

– Isso é... – disse ela. – Eu conheço isso. Já ouvi essa história.

Joe olhou para ela de um jeito estranho, como se tentasse encontrar um sentido nas palavras. Mas o Sr. Church estava perdido em sua contemplação a respeito de um trecho violento de seu passado.

– Eu atirei nele – disse ele. – No ocultista. Faz muitos anos agora, não consigo me lembrar do nome dele.

– Golnik – Joe completou.

O Sr. Church assentiu.

– Sim. Era isso. Andrew Golnik – e sorriu para Molly. – Minha mente falha de vez em quando. Como o vento que sopra papéis de uma pilha em minha mesa, as coisas tendem a voar para fora da minha cabeça.

Molly continuou.

– Você atirou nele. Ele está morto?

– Oh, sim. Morto há muito tempo – o Sr. Church respondeu. – Eu pensei que tinha salvado Cynthia Orlov e seu bebê, mas algo dentro dela foi contaminado pelo ritual. Após aquela noite, ela ficou confinada em um hospício. Logo após o nascimento de Felix, ela tirou a própria vida.

– Isso é terrível – disse Molly. – Eu nunca soube disso. Felix nunca me contou.

Joe bateu no braço da cadeira dela.

– Você começou a dizer que já tinha ouvido essa história antes.

Molly se abraçou, sentindo um frio súbito na sala.

– Felix tem um sonho assim. Um sonho recorrente, como ele chama. Ele sempre falava que, no sonho, ele se sentia como um fantasma, assistindo à coisa toda acontecer sem ser capaz de ajudar. Os detalhes sempre mudavam. Às vezes o bebê nascia e era um monstro. Às vezes, estavam em uma igreja, e em outras, do lado de fora, em uma clareira na floresta. Das últimas vezes que descreveu o sonho para mim, eles estavam em um quarto submerso. Ele podia ver peixes nadando do lado de fora do vidro. Mas todas as vezes em que ele tem esse sonho, algumas partes se mantêm. A mulher grávida. O cântico. E o Pentajulum de Lector.

O Sr. Church se sentou tão rapidamente que expeliu fumaça pelas narinas, e ela ouviu algo mudar lentamente dentro de seu peito.

– Ele o chamou assim? – perguntou o Sr. Church. – Ele usou essas mesmas palavras?

Molly hesitou. Ela queria a ajuda deles para encontrar Felix, mas uma parte dela sentia que, falando dessa forma, estava traindo seu amigo.

– Ele nunca soube para que ele servia – disse ela. – Seu propósito, quero dizer. Mas ele sabia o nome do objeto, sim.

O Sr. Church se virou para Joe:

– Ele certamente sabe mais. Se alguém pode encontrar o Pentajulum, esse alguém é Orlov. Eles estão conectados de alguma forma.

– Você não está com ele? – perguntou Molly. – Por que você não o pegou naquela noite, após atirar no Golnik?

– Você acha que eu não procurei? – disse o Sr. Church. – Um objeto perigoso como aquele? Eu nunca o teria deixado lá, onde qualquer um pudesse colocar as mãos nele. Mas, com o ocultista morto e seus seguidores dispersos, não havia qualquer sinal do Pentajulum. Eu presumi que um deles tivesse dado um jeito de fugir com ele.

– Eu não entendo – disse Joe. – Se Orlov vem sonhando com aquela noite, por que algumas partes do sonho sempre mudam?

O Sr. Church pareceu confuso, os sulcos em seu rosto se aprofundando.

– Eu não sei.

Molly passou a mão pelos braços, como se as aranhas que sentiu galgando sua pele fossem reais, e não imaginárias.

– Nada disso explica por que você continua interessado em Felix. Ele é um velho agora.

– Eu venho observando Felix durante toda a vida dele – disse o Sr. Church. – Na noite em que interrompi o ritual de Golnik, senti algo na sala diferente de tudo o que já sentira antes, uma presença tão maligna e tão grande que basta me lembrar disso para que um sentimento de medo se apossasse de mim, mesmo hoje.

Molly assentiu, uma onda de inquietação passando por ela.

– Felix falou sobre isso também.

Joe balançou a cabeça.

– Ele não poderia ter qualquer memória da tal presença naquela sala. Ele ainda nem tinha nascido.

– Então não é uma memória – disse Molly. – Mas, quando ele tem esses sonhos, ele sente que ela está lá. Uma vez ele me disse que imaginava ser assim que uma boneca se sentiria se de alguma forma pudesse ter consciência do mundo fora da casa de bonecas.

O Sr. Church e Joe se entreolharam ao ouvir aquilo, e o velho detetive meneou pensativo.

– Uma boa descrição – disse o Sr. Church.

– Mas se isso tudo aconteceu com a mãe de Felix, por que ele está sonhando com isso? – perguntou Molly.

– O que Andrew Golnik fez a Cynthia seria suficiente para não só traumatizar uma pessoa, mas também levá-la à loucura? Eu acredito que a loucura da Sra. Orlov e seu suicídio se deveram mais à exposição dela a essa presença maligna do que a qualquer trauma natural. Eu tenho observado Felix ao longo dos anos, me perguntando como ele pode ter sido afetado pela exposição àquela escuridão e ao poder arcano dentro do Pentajulum.

Joe se inclinou para a frente em sua cadeira:

– Felix tem feito mágicas ao longo de toda sua vida. Faz mágicas grandes, mágicas pequenas, fala com os mortos... A maioria das pessoas não nasce com um poder assim.

O Sr. Church suspirou.

– Me venha com fantasmas reais, um vampiro faminto por sangue, bichos-papões que comem criancinhas... Tudo isso é mais a minha área. Não essa vasta e incompreensível insanidade cósmica. Essas entidades de uma natureza tão diferente da nossa são tão antigas, que não podemos nem mesmo começar a entender como elas pensam e o que as motiva.

– Então por que se envolveu com isso? – Molly perguntou, estranhamente ferida pelas palavras dele, e temendo que ele perdesse o interesse e a abandonasse, apesar de seu fascínio de longa data por Felix.

O Sr. Church olhou para o cachimbo, que tinha se apagado. Após um momento de hesitação, ele o colocou em um pequeno suporte na mesa.

– Realmente, por quê...? – disse ele, empurrando a cadeira para trás. – Venha comigo, Molly. Há algo que precisa ver. Joe, pode nos acompanhar?

Joe também ficou de pé, devolvendo sua cadeira à posição original. Molly seguiu o Sr. Church para a sala e pelo corredor que dava nos fundos da construção. Ela não queria ofendê-lo, mas caminhou ligeiramente distante dele – o cheiro de óleo e a baforada ocasional de suas narinas a deixavam de fato desconfortável. Uma olhada em suas costas mostrou saliências estranhas por baixo de suas roupas, logo abaixo das escápulas. Ela não sabia como era possível, mas não havia outra explicação: o Sr. Church tinha algum tipo de mecanismo dentro dele.

Será que foi assim que ele conseguiu viver tanto tempo?, ela se perguntou. Só então percebeu que havia começado a acreditar totalmente nele.

O Sr. Church a levou até uma porta ornamentada. Uma intrincada flor-de-lis filigranada em ouro fora talhada nos painéis de madeira, e um par de janelas de vidro fosco permitia um vislumbre quase opaco do que havia do outro lado. Joe abriu a porta e revelou um portão de metal, para além do qual Molly viu os mecanismos internos de um velho elevador. Ele empurrou o portão para o lado e o segurou enquanto Molly e o Sr. Church entravam. O gigante fechou e trancou o portão, então acionou uma alavanca que fez o elevador ganhar vida, sacudindo conforme subia.

– Diga-me, Molly – falou o Sr. Church. – Joe, eu e diversos Ratos D'Água que eu frequentemente contratava passamos um bom tempo ao longo dos anos observando a movimentação de Felix Orlov. Uma vez, ele se



distanciou bastante do teatro, visitando clientes e associados. Mas desde que você passou a morar com ele...

– Eu não moro, na verdade – ela argumentou. – Eu tenho meu próprio apartamento. Eu sou assistente dele.

– Muito bem – disse o velho detetive conforme o elevador percorria com lentidão seu caminho ascendente. – Desde que você se tornou assistente dele, Orlov, o Conjurador, saiu de seu teatro com frequência cada vez menor.

– Ele quase nunca sai – Molly concordou.

– Quase – disse Joe, correndo os dedos por baixo dos suspensórios. – Ele vai àquele cemitério no Brooklyn Heights quase todo mês.

Molly franziu a testa. Ficou perturbada em saber que aquelas pessoas vinham-na observando e ao mágico por tanto tempo que sabiam das idas e vindas de Felix de seu prédio. Boa parte do Brooklyn estava debaixo d'água, e tudo o que restava de Brooklyn Heights era um cemitério de setecentos acres. Na área acima do nível do mar existira um parque e um bairro pequeno, mas, durante a peste que veio antes da enchente, as casas nos arredores do cemitério foram tomadas pelo governo e destruídas para dar espaço aos mortos pela peste. Segundo Felix, os proprietários ficaram mais do que felizes em partir, sabendo que muitas das vítimas seriam enterradas ali por perto. Outros foram enterrados no cemitério de tempos em tempos, antes de a cidade desativá-lo. Loucos e suicidas, principalmente.

– Sabemos que ele vai a Brooklyn Heights visitar o túmulo da mãe – disse o Sr. Church, enquanto o elevador desacelerava, se sacudindo de um jeito mais ameaçador, as roldanas gritando em protesto. – Alguma vez notou mudanças significativas no comportamento dele?

O elevador fez um barulho e parou. Joe colocou a alavanca na posição de desligado e destravou a porta de malha metálica, deixando-a aberta.

– Talvez ele tenha ido a algum lugar e, na volta, tenha agido um pouquinho diferente? – perguntou Joe, sua voz rouca diferindo dos tons cultos e melódicos do Sr. Church.

Molly se enrijeceu.

– Diferente como?

Joe saiu do elevador, e ela estava prestes a segui-lo, mas agora ele e o Sr. Church a estudavam com atenção.

– O que foi? – perguntou o Sr. Church. – Você acabou de pensar em algo.

– Acho que não é nada importante.

– Talvez ele volte animado, como se tivesse um segredo – disse Joe.

– O cemitério... – Molly começou.

O Sr. Church balançou a cabeça, saindo do elevador acompanhado do cheiro de óleo e do barulho abafado de mecanismos.

– Nós estivemos no túmulo da mãe dele.

– Não acho que ele visite apenas esse local – disse Molly com suavidade, sentindo como se de alguma forma traísse seu melhor e único amigo.

Agora, estavam ambos fora do elevador olhando para ela. Ela se sentiu encurralada.

– Talvez seja melhor explicar isso – disse Joe.

Molly deu de ombros.

– Você teria de estar com ele o tempo todo para notar, mas Felix não está bem.

– Ele é um homem velho – disse o Sr. Church, como se não percebesse a ironia.

– Não é só isso – disse Molly. – Ele passa por períodos em que fica muito fraco e pálido. Quando ele está na pior fase, ele vai ao Brooklyn Heights. Ele gosta de passear por lá. Quando ele volta para casa, está saudável de novo. Continua velho, porém mais forte e não tão pálido. Ele ri e conta piadas e tenta me ensinar truques de cartas.

Ao dizer isso, sua voz ficou embargada de emoção. Ela mordeu o lábio inferior.

– Interessante – disse o Sr. Church, sem notar a dor e a preocupação dela. – Alguma coisa lá está reabastecendo a vitalidade dele.

– O Pentajulum? – perguntou Joe. – Mas nós o procuramos.

– Só perto do túmulo da mãe dele – respondeu o Sr. Church. – O lugar é enorme. Ele poderia estar em qualquer canto do cemitério.

– Eu o segui uma vez – disse Molly. – Ele visita o túmulo da mãe, mas passa pelo menos metade do tempo em outro lugar, embaixo de uma grande e velha árvore. Não se parece com nada que eu tenha visto antes, e nasce direto de um túmulo. – Molly franziu a testa e balançou a cabeça. – Olha, está na cara que vocês querem esse Penta-qualquer-coisa. Mas vocês disseram que me ajudariam a encontrar Felix.

– E nós vamos – disse o Sr. Church. – Nós não somos os únicos tentando encontrar o Pentajulum de Lector. Existe outra força trabalhando nesta cidade, uma presença sinistra, e eu acredito que foi ela quem enviou aquelas criaturas para sequestrar seu amigo essa manhã. Ela quer Felix Orlov porque acredita que ele sabe onde encontrar o Pentajulum.

Com o vapor escapando de suas narinas, o Sr. Church esticou a mão para dentro do elevador.

– Venha comigo.

Molly pegou a mão do Sr. Church e deixou que ele a guiasse. A pele dele era áspera e seca, mas estranhamente quente, e seu toque foi gentil durante os vários metros em que ele a levou por um corredor curto até uma grande porta de madeira reforçada com tiras de metal.

Os dois ficaram ao lado enquanto Joe abria a trava e arrastava a porta barulhenta. Uma bruma fina e fria escoou para fora, e Molly foi conduzida pela névoa sutil até uma pequena câmara circular feita de pedra. Ela se arrepiou com a repentina queda de temperatura, e por um momento, antes de a névoa se dissipar e ela ver a sala inteira, se perguntou como eles mantinham o cômodo tão frio.

– Que lugar é esse? – ela perguntou, os olhos arregalados.

Acima de sua cabeça, uma luz brilhava através de um domo com múltiplos painéis de vidro de tons escuros, o que lembrou Molly de desenhos que já tinha visto do olho de uma aranha. De um lado da câmara, canos se projetavam do chão, ramificando-se em seguida em padrões complicados ao longo da curvatura da parede. Mas sua atenção foi fisgada pela parede oposta, onde um complexo maquinário parecia abandonado. Tantos canos entravam e saíam daqueles estranhos instrumentos que fizeram Molly achar que seria

alguma espécie bizarra de órgão de igreja. Alguns dos canos soltavam vapor quente, e outros estavam esbranquiçados com uma camada de gelo.

Medidores de vidro e metal decoravam aquela confusão de máquinas. No centro da sala, um pêndulo balançava devagar sobre um mapa da cidade que tinha sido pintado no chão. Bombas silvavam e motores rangiam. Alguns dos medidores traziam ponteiros perigosamente próximos do vermelho, enquanto outros não mostravam qualquer movimentação.

Joe pegou o cigarro atrás da orelha e o acendeu, o brilho laranja da ponta queimou com vida ao toque de um palito de fósforo.



– O que é isso tudo? – Molly perguntou.

– Eu passei décadas criando esses instrumentos – disse o Sr. Church. O velho detetive se arrastou até a máquina mais próxima e bateu no visor de vidro do medidor. Ela soltou vapor por um respiradouro, mas o ponteiro voltou em segurança para a área verde e uma segunda pluma escapou de seu exaustor. – Com eles, eu monitoro a atmosfera sobrenatural da cidade. Sou capaz de rastrear picos nas energias ocultas, qualquer mudança no padrão. Geralmente, antes que elas ocorram.

Molly se aproximou e passou a mão sobre o vidro polido de um medidor.

– Então foi assim que você soube que os homens mascarados viriam atrás de mim e de Felix hoje?

– Não exatamente. Minhas máquinas previram um aumento de atividade oculta na residência dele essa manhã. Energias não naturais estavam se juntando por lá. Eu vinha esperando algo assim por anos e enviei Joe no mesmo instante.

Molly franziu a testa, pensando na convulsão que Felix tinha sofrido durante a sessão.

– Alguma coisa o atacou? – ela perguntou.

– Acho que não. Na verdade, suspeito de que essas energias tenham sido geradas pelo próprio Felix ou pela influência obscura que o vem perseguindo ao longo da vida. Considerando sua descrição do que aconteceu com ele durante a sessão com os Mendehtsons, antes do ataque das criaturas que você chamou de homens mascarados, eu acredito que, durante o transe, ele canalizou essas energias pela primeira vez, o que acionou algum tipo de... evolução, eu acho, do elemento sobrenatural que ele herdou e que antes estava dormente.

– Isso não faz sentido – Molly respondeu, estudando os medidores mais de perto. Um deles liberou um jato de vapor gelado que a fez pular para trás. – Felix às vezes fingia com os clientes, mas só às vezes. Seja lá que dom ele tivesse, ele já o possuía antes da sessão de hoje de manhã.

Joe resmungou, batendo na face de um medidor como se duvidasse de sua leitura.

– A mágica que ele era capaz de fazer, falar com os mortos, tudo isso é apenas a ponta do iceberg. Se o Sr. Church e eu estivermos certos...

– E quando é que não estamos? – perguntou o Sr. Church, quase irritado.

– ...existe muito mais a respeito do Sr. Orlov do que ele mesmo jamais soube.

Molly se abraçou novamente para se proteger do ar congelante da sala. Nenhuma luz solar passava pelas janelas opacas acima. Ela levou algum tempo para assimilar tudo o que tinha escutado. Mas uma pergunta permanecia.

– Se suas máquinas previram o que aconteceria ao Felix durante a sessão – ela perguntou – e se foi por isso que você enviou Joe para ajudá-lo, então

como os homens mascarados estavam lá praticamente no mesmo momento? Não pode ser coincidência.

O Sr. Church olhou como se tivesse engolido algo azedo. Sua boca entortou em um gesto quase infantil e então voltou ao normal.

– Eu não acredito em coincidências – disse o velho detetive. O ruído dos mecanismos dentro dele ficou mais alto. Ele fungou, quase como se estivesse prestes a espirrar, e ela se perguntou se sairia óleo.

Joe se recostou nos tubos que revestiam a parede, dando uma longa tragada em seu cigarro. Nem o frio nem o calor pareciam afetá-lo.

– O Sr. Church não é o único na cidade que pode construir esse troço – Joe disse a ela, fumaça saindo de seus lábios. – Alguém mais vem monitorando as energias ocultas na cidade. Essa pessoa viu o mesmo pico que nós vimos e foi para lá essa manhã pegar o Felix. É a única explicação que faz sentido.

Molly se virou na direção do Sr. Church.

– Foi esse cara que você mencionou antes? Você acha que ele enviou os mascarados, e isso significa que, se o encontrarmos, encontramos o Felix. Qual o nome dele?

– Nos últimos vinte anos – o Sr. Church começou, – eu tenho encontrado o Dr. Cocteau com excessiva frequência. Diversas vezes eu quase o preendi, e mais de uma vez ele retornou da morte aparente. Ele é um oponente formidável e ardiloso. É um gênio. Mas sua mente privilegiada é um edifício condenado, cada vez mais em ruínas com o passar dos anos. Se alguém mais nesta cidade tem instrumentos como esses aqui, só pode ser o Dr. Cocteau. Como tenho certeza de que ele também está procurando o Pentajulum de Lector, faz sentido presumir que ele também estivesse de olho em Orlov, assim como eu.

Molly levantou as mãos.

– Nós deveríamos estar lá fora, agora mesmo, salvando Felix desse Dr. Cocteau!

Joe olhou para ela com pesar.

– Deveríamos, se soubéssemos onde procurar.

– E como vamos encontrá-lo? – Molly quis saber.

– É exatamente disso que estávamos falando – disse o Sr. Church, como se lecionasse para uma aluna. – Não será fácil localizá-lo. Ele não vai facilitar o nosso trabalho. Mas nós sabemos que ele quer o Pentajulum. Se pudermos colocar nossas mãos nele primeiro – e precisamos fazer isso, porque a alternativa é impensável –, então ele logo virá até nós, e aí nós o teremos.

Finalmente, as peças se encaixaram na cabeça de Molly. Joe e o Sr. Church não tinham ideia de onde começar a procurar o Dr. Cocteau ou o Pentajulum antes de falar com ela. Agora, suspeitavam de que o Pentajulum estivesse em Brooklyn Heights e tinham de pegá-lo. Felix era um senhor gentil e, em dado momento, tinha sido corajoso o suficiente para ser o herói dela, mas se o Dr. Cocteau quisesse torturá-lo para arrancar o segredo, Felix se renderia. Mesmo que ele nem soubesse o que era que o revigorava após suas visitas ao cemitério, Cocteau poderia descobrir isso do mesmo modo que Church e Joe haviam feito.

– Nós temos de ir – disse ela, olhando para o Sr. Church. – Temos de chegar antes dele.

O Sr. Church pareceu confuso.

– Não é seguro para você. Nem um pouco. Joe irá e fará o possível.

– Ele precisa de mim – disse Molly com um leve receio. – Eu disse a vocês tudo de que eu me lembrava, mas ainda pode levar horas, talvez dias, até que ele encontre o lugar que vocês estão procurando. Só que eu já estive lá. Posso levar vocês diretamente à velha árvore e aos túmulos em volta dela.

O Sr. Church hesitou.

Joe jogou seu cigarro no chão e o apagou com o calcanhar.

– Ela tem razão – disse ele. – Será muito mais rápido. E não podemos correr o risco de deixar Cocteau chegar lá primeiro.

Enquanto Joe pegava a guimba do cigarro, o Sr. Church ponderou. Era óbvio que o velho detetive não gostava daquele plano, mas ele prezava a lógica e não podia negar que aquilo fazia sentido.

– Eu queria poder ir com vocês – disse ele. – Lembre-se, Molly, de que muita coisa depende dessa ida até lá. Mas o mais importante de tudo: não se arrisque de jeito nenhum. Não quero seu sangue em minhas mãos.

Capítulo sete

O rlov, o Conjurador, acordou gritando. Algo cobria seu rosto, apertado nas têmporas e nas bochechas e amarrado na parte de trás da cabeça. Ele não conseguia respirar e pensou que sufocaria quando começou a agitar seu corpo e as pernas. Os braços estavam presos atrás das costas, os pulsos juntos com algum tipo de amarra. O pânico queimou dentro dele como o fogo da loucura, e ele se sentiu como se estivesse tendo algum tipo de convulsão. Olhos abertos, ele se atirou para um lado, e só então percebeu que estava debaixo d'água.

Pare. Pense. Respire.

Felix relaxou o corpo e se deixou flutuar. O que quer que prendesse seus pulsos atrás das costas também parecia ancorá-lo, de modo que ele não pudesse boiar para a superfície. Ele fechou os olhos por um momento, tentando conservar o ar e desacelerar o coração. Conforme firmava a respiração, percebeu que a coisa dura de borracha fixada em torno de seu rosto era um tipo de máscara, e o estranho silvo que ouvia dentro de sua cabeça, abafado pela água, era o ar que entrava na máscara por algum tipo de tubo.

Apertando os olhos, tentou enxergar através da água turva. Luzes borradas flutuavam em algum lugar próximo, sua luminosidade esticada e embaçada, e por um instante ele achou que elas estivessem se aproximando. Entretanto, enquanto dava uma respirada longa e lenta, expirando em seguida e forçando-se a se acostumar com a máscara de ar e a sensação de estar suspenso e ancorado na água, ele percebeu que a luz tinha uma característica estranhamente estática.

Houdini havia transformado em verdadeira arte suas escapadas de armadilhas submersas aparentemente mortais, acorrentado e preso em uma camisa de força. Felix estudara seus métodos e os entendera, mas essas fugas

eram parte de um grande número de mágica. A imersão e os limitadores eram planejados com antecedência, assim como as fugas. Se acordasse embaixo d'água ancorado no chão, Houdini não teria chance. Mas quem quer que tivesse submergido Orlov, o Conjurador, não pretendia afogá-lo naquele momento, ou não teria dado a ele ar para respirar. Ele tirou consolo dessa conclusão e tentou se concentrar.

Fechando os olhos novamente, Felix estabilizou sua respiração e começou a descer. Embora seus pulsos estivessem atados, foi fácil agarrar a amarra estranha e resistente que o segurava ali. Deslizando as mãos pela corda, ele puxou a si mesmo para baixo, centímetro a centímetro. Felix Orlov era um homem velho, mas, na água, sem ter de se preocupar com o peso de seu corpo envelhecido, ele se sentiu vinte ou trinta anos mais novo. Pernas apontadas para baixo, pés procurando o chão, ele puxou a corda até os calcanhares baterem em algo sólido e liso. Embora não estivesse privado de oxigênio, seu peito doeu, e ele se perguntou se seu coração aguentaria o esforço do que estava fazendo, seja lá o que fosse.

Ele se lembrou dos Mendehlsons e dos homens nas roupas estranhas parecidas com balões invadindo o teatro, mas nada muito além disso. Eles o tinham machucado, e ele podia sentir as contusões e os músculos torcidos latejando. Ele se lembrou de ter caído e atingido a água, e então de um jorro de água salgada com gosto de óleo invadira sua garganta, sufocando-o.

E agora isso.

Piscando, ele olhou através da água. Ela parecia límpida o suficiente, turva apenas por haver tão pouca luz disponível. Tentando se manter imerso, Felix começou a se afastar do lugar onde a corda estava amarrada no piso liso de vidro. Não ia funcionar. Então, deu um impulso e balançou as pernas, nadando em direção às luzes embaçadas.

Sua cabeça bateu na tampa de vidro com tanta força que fez mover ligeiramente a máscara de ar. Desorientado por um momento, ele deslizou o pé para a frente e tocou a barreira que o separava das luzes além da água. As luzes fracas dançaram como chamas de uma lanterna, e ele se perguntou se elas estavam fazendo aquilo ou se o balanço gentil provocado por ele ao se mover na água tinha causado a ilusão.

Felix começou a boiar, a corda embaixo dele puxando-o para longe do vidro. Ele bateu as pernas com força

suficiente para que o esforço fizesse seus músculos arderem e o peito doer mais um pouco. Mas ele tocou o vidro com o cotovelo e conseguiu pressionar a sua máscara contra ele sem se ferir ainda mais. Olhos bem abertos dentro da máscara, ele espiou o interior da sala atrás do vidro, e foi capaz de ver claramente o seu entorno pela primeira vez.

Assustado e desesperadamente se negando a acreditar, ele se afastou do vidro.

Não podia ser. Simplesmente não era possível. Ele bateu as pernas com força para chegar quase até o vidro outra vez, antes de flutuar para cima até onde a corda permitia. A paisagem borrada foi o bastante para confirmar o que ele tinha visto, e, em resposta, ele só podia flutuar, a respiração vindo em pequenos goles de ar pelos tubos de sua máscara. Felix vinha se sentindo mal por semanas, sua força sendo sugada dele, a idade o clamando como garras de monstros, arrastando-o para as sombras nas fronteiras da vida e além. Adoentado como estava, ele podia sentir a morte se aproximando na escuridão que respira lentamente em quartos vazios.

Em seus sonhos, ele sempre se sentia como um fantasma, um espectro incorpóreo apenas observando os eventos ao seu redor. Agora, aprisionado em um bizarro aquário humano, apesar de estar acordado e ciente de sua carne e seus ossos, Felix se sentia novamente como uma aparição, flutuando naquela água. O que tinha visto através do vidro do aquário só aumentava a sensação de sonho daquele momento.

Felix queria soltar as mãos. Ele poderia cobrir o rosto, pelo menos fingir se esconder da realidade impossível do lado de fora do vidro. *Vá, olhe de novo*, disse para si mesmo. Mas a dor em seu coração e o cansaço em suas pernas não permitiriam isso. Não, ele não tinha onde se esconder e nenhuma



forma de agir no mundo ao seu redor.

Além disso, não precisava olhar. Ele sabia o que tinha visto.

Era uma sala enorme, uma estranha câmara que, de um lado, tinha mobílias confortáveis; entre elas, uma cadeira que parecia um trono. Mais próximo de Felix, logo do outro lado do vidro, havia várias mesas que poderiam compor algum tipo de centro cirúrgico – completo com poltronas elevadas ao redor para o público observar – não fosse o fato de os tampos serem côncavos, esculpidos para acomodar com avidez humanos de tamanho comum. Era como se algum cavalheiro vitoriano tivesse comprado a mobília, mas as mesas de cirurgia tivessem sido adquiridas por um sucateiro. A sala parecia um calabouço construído dentro de um palácio.



Enormes tubos de vidro atravessavam a sala em vários lugares, água fluindo e borbulhando dentro deles como se toda a câmara fizesse parte de um sistema de energia hidrelétrica ou fosse o núcleo de uma estranha experiência. Havia enormes vasos de plantas frondosas, pendurados no teto, e ele tinha visto vários gatos sujos rondando como se buscassem presas.

Mas o que fez sua respiração parar na garganta foram as janelas nas paredes da vasta câmara. A maioria delas era circular, embora algumas fossem divididas em múltiplos painéis. A maior devia ter mais de seis metros de diâmetro, e as outras eram pequenas, como escotilhas náuticas. A comparação foi certa, já que além delas estava o mar. A água não se parecia em nada com a do aquário onde Felix flutuava. Ele tinha visto as criaturas nadando além das janelas, cardumes infinitos de velozes peixinhos prateados no meio de peixes maiores, alguns deles gigantes, ondulando preguiçosamente pelas janelas, olhando com cautela para a sala. Longas

enguia estendiam seu corpo, e a vegetação marinha balançava com a corrente e o fluxo do mar.

Felix havia sonhado com uma sala como aquela muitas vezes, mas não era a mesma sala. Não exatamente. Alguns detalhes diferiam, mas as janelas eram iguais. As plantas. As pesadas cortinas vermelhas, empoeiradas e desnecessárias, presas nos cantos para deixar as janelas à mostra. Nos sonhos, havia apenas uma mesa onde agora havia três, e ela parecia mais um altar sacrificial de algum culto antigo do que um local para cirurgias. E, apesar das diferenças, ele sabia que essa sala tinha sido parte de seus sonhos tanto quanto a outra. O passado, o futuro e este momento tinham convergido de alguma forma em seu subconsciente. Parecia correr gelo por suas veias, e ele se perguntava o quanto mais os seus sonhos ganhariam vida naquele lugar.

Um nó doloroso apertou em sua garganta. Ele não podia ficar lá. Em seus sonhos, ele testemunhava os eventos como um fantasma, não como uma massa inútil de carne aprisionada em algum tipo de aquário para humanos. Será que seus sonhos significavam que ele logo morreria, ou somente que se sentia como um fantasma, flutuando impotente na água? De qualquer maneira, ele tinha de sair do tanque e da sala.

Molly, ele pensou, sentindo uma pontada de culpa. O que os filhos da mãe fizeram com ela? Da última vez que a tinha visto, ela estava viva. Felix precisava encontrá-la, se assegurar de que ela estava bem.

Respire, disse para si mesmo. *Acalme-se*.

Felix acreditava que aquilo seria um feito impossível para praticamente qualquer um. Mas ele havia treinado seu corpo da mesma forma que sua mente e seu espírito. Nos primórdios, quando Felix Orlov se tornou Orlov, o Conjurador, ele estudara com outros mágicos, que o ensinaram que o controle de seu físico era vital para todo tipo de apresentação, desde a prestidigitação até a magia de palco, inclusive os desaparecimentos e as fugas. A primeira coisa que esses mágicos o ensinaram foi a meditar.

Molly, ele pensou. E então seu medo por ela deu lugar ao medo por si mesmo e à memória de seus sonhos aterrorizantes.

Mas ele sabia como respirar. Felix se firmou, inspirando e expirando com um ritmo propositalmente lento. Ele não seria um fantasma. E se recusava a ser um prisioneiro. Houdini tinha sido um mestre em escapadas, e, apesar de

saber que não era nenhum Houdini, Felix havia estudado e treinado. Se ele não tivesse oxigênio, teria morrido antes de se livrar das amarras que o prendiam na base do tanque. Mas a pessoa que o aprisionara tinha lhe dado ar.

Felix cravou os dedos nas amarras novamente, explorando o modo como seus pulsos estavam atados. Ele não tinha certeza sobre o tipo de tecido ou corda que tinha sido usado para prendê-lo, mas aquilo cedia um pouco em torno de seus pulsos. Não era exatamente uma folga, mas havia um espaço. Com tempo e oxigênio, ele poderia usar aquilo.

Conforme começava a trabalhar em suas amarras, esquecendo a água no aquário em torno dele, e a sala em torno do aquário, e o mar além da janela da sala, uma sensação de náusea tomou conta de suas entranhas. Isso o perturbou o suficiente para que ele hesitasse em seus esforços, mantendo a respiração constante. Felix engoliu, sua garganta ficou seca de repente, e ele percebeu o quanto seu corpo estava coçando. Começou nos ombros e na parte superior dos braços, depois se espalhou para a nuca. Suas pernas coçaram. Ele usou os calcanhares de seus sapatos para coçar as pernas por cima das calças e conseguiu aliviar um pouco a coceira. Mas então ela se espalhou para seus braços, seu pescoço e seu couro cabeludo. Parecia que formigas o escalavam. Ele sacudiu a cabeça, olhou a água em volta e percebeu que não havia insetos, apenas a coceira.

Ele torceu e se contorceu, tentando usar o queixo para coçar os ombros. Após alguns segundos, a coceira cedeu um pouco, mas permaneceu lá como um formigamento sob a pele, a necessidade de coçar o enlouquecendo.

O corpo inteiro de Felix estremeceu, e então ele teve uma convulsão, voltando a sentir o gelo que havia percorrido antes suas veias. A princípio, ele pensou que algo havia entrado na água perto dele, mas, após alguns segundos olhando a penumbra em volta, as luzes embaçadas além do vidro mal rompendo a escuridão, ele percebeu que continuava sozinho no tanque. Ainda assim, podia sentir o sombrio peso da atenção de outros sobre ele.

Outra presença havia entrado na sala. Uma consciência.

Por um momento, Felix pensou que tinha se tornado o foco dos mortos, como tantas vezes antes. Com muita frequência, eles o escolhiam para carregar mensagens, ser seu receptáculo. Entretanto, ao longo das décadas em que fora médium, ele havia tocado os

espíritos de centenas de humanos mortos, talvez milhares, e sabia como era a sensação de estar na presença de um fantasma. Seja lá qual fosse a entidade que havia entrado na sala, a consciência que o observava, Felix não a reconhecia como humana.

O que é você?, ele pensou.

Felix foi sacudido por outra convulsão. A coceira havia retornado, enxames de coisas rastejando sobre sua pele, e ele gritou em sua máscara de ar. Seu intestino foi tomado por uma repentina onda de náusea, e ele ficou rígido, respiração acelerada, tentando não vomitar dentro da máscara.

Ele sentiu a presença dentro do aquário com ele, estudando-o, e seu corpo começou a tremer. Lágrimas escorreram dos cantos de seus olhos.

O que é você?, ele implorou, desejando dessa vez que fosse um fantasma.

A consciência recuou um pouco, assim como a coceira, deixando um formigamento em algum lugar em sua mente e a certeza de que poderia voltar a qualquer momento. Felix tentou retomar o ritmo de sua respiração, precisando mais do que nunca sair daquele tanque para respirar novamente o ar do mundo. Seus dedos começaram a trabalhar nas amarras, e, após um momento, ele congelou, paralisado ao perceber que a máscara de oxigênio tinha deslizado de seu rosto, e ele continuava respirando. Ele não precisava mais da máscara.

O que eu sou?, ele pensou.

Então, percebeu que a tentativa de escapar seria inútil. Para onde ele iria? Ele estava mudando, e o mundo por onde tinha andado por toda a vida não o receberia mais. Ele podia sentir algo esperando por ele do outro lado do aquário, a morte fria que ele havia sentido espreitando nas sombras por tanto tempo. Felix Orlov entendeu, no seu âmago, que nenhuma



prestidigitação o ajudaria agora. Não havia magia que encantasse aquele público.

Qualquer que fosse a magia que quisessem dele, Orlov, o Conjurador, tinha executado sua última fuga.

Capítulo oito

Joe guiou a lancha pelas ruínas inundadas do Baixo Manhattan em direção ao Brooklyn. Ele havia adquirido o barco sete anos antes como recompensa de seu proprietário original, um arquiteto de Uptown cujo filho se envolvera com uma gangue que vendia drogas na Cidade Submersa. Alguém tinha roubado um carregamento de heroína, e a gangue suspeitava do filho do arquiteto. Ao encontrar os verdadeiros ladrões, Joe salvou a vida do rapaz e o levou para a casa do pai em Uptown.

A lancha havia sido um presente para o garoto nos seus dezoito anos. O arquiteto não só pagou Joe por seus serviços, como também tirou o barco de seu filho e deu para o homem que tinha salvado a vida do garoto. Joe poderia ter contestado, mas o filho do arquiteto era um moleque tão atrevido que ele não se importou em ajudar a dar uma lição no rapaz. O Sr. Church o ajudara a encontrar um prédio com um átrio inundado. Eles substituíram as janelas do terceiro e do quarto andar por altas portas rolantes, como as de um galpão, e Joe transformou a estrutura abandonada em sua doca particular.

Ele mantinha o motor funcionando suavemente, limpo e bem ajustado, e não jorrando fumaça como metade dos barcos a motor que navegam pelas águas da Cidade Submersa. Seu primeiro impulso seria manter o barco todo brilhando e imaculado, mas a precaução exigia agir de outro modo. Com o mogno e o bronze polidos, o pequeno barco poderia se tornar um troféu considerável, atraindo Ratos D'Água e piratas. Então ele não limpava o barco direito havia quase vinte anos. Uma camada de sujeira e fuligem tinha se formado no convés e nas laterais, com uma marca no nível da água que ficava visível sempre que uma ondulação permitisse um vislumbre do casco.

Mas Joe amava a lancha, suja ou não.

Caía uma chuva leve e contínua, e uma cortina cinzenta de melancolia cobriu a cidade aquela tarde. Embora ainda faltasse muito para a noite, um

tipo de crepúsculo nauseante havia se instaurado e parecia não haver esperança de que fosse embora. Joe ficou surpreso que Molly permanecesse no deque com ele, ainda que ele tivesse sugerido que ela se protegesse na pequena cabine na proa do barco. Fosse por teimosia, fosse por simples determinação de procurar o homem que se tornara o seu guardião, ela se sentou no banco da popa e olhava atentamente para cada estrutura semissubmersa que passava. Os Ratos D'Água não os pegariam de surpresa.

Não que Joe estivesse com medo dos ladrões brutais que todo mundo chamava de Ratos D'Água. Ele havia enfrentado tantos deles ao longo dos seus anos em Nova York que agora eles eram como qualquer outra praga, humana ou não. Algo a ser enfrentado e eliminado.

Joe guiou a lancha pela sombra dos sessenta andares do Edifício Woolworth, que havia resistido milagrosamente à devastação de 1925. Muitos prédios menores em volta não tinham se saído tão bem, alguns deles tinham desabado pela metade e outros foram completamente engolidos pelas marés. Esta parte da cidade poderia trazer dificuldades. Várias estruturas se projetavam da água ou ficavam escondidas sob ela, dependendo de a maré estar baixa ou alta, e só um tolo tentaria levar um barco pela área sem conhecer muito bem as ruínas, as correntes e a maré.

– Isso é seguro?

Joe virou o leme a bombordo, assustado por Molly ter aparecido tão silenciosamente à sua direita. O Sr. Church tinha dado a ela uma manta vermelha de lã e uma velha capa de chuva amarela, e as cores eram bastante vívidas contra a escuridão e a chuva. Mas ela era de uma rapidez silenciosa que o surpreendeu, e ele não pôde deixar de sorrir com a forma como pulou quando ela apareceu de repente.



– Tão seguro quanto qualquer outro modo de se locomover por qualquer lugar desta parte da cidade – Joe respondeu. Mas ele sabia o que ela queria dizer.

Eles passaram pela água, mantendo uma boa distância da parte de baixo da Ponte do Brooklyn, mas seguindo o mesmo curso. Navegar sob a ponte não era aconselhável, já que pedaços dela, desprendidos pelos terremotos e pelo tempo, tendiam a cair nos momentos mais inoportunos. Joe sabia de várias pessoas que morreram em acidentes do tipo.

– É a sua primeira vez fora de Manhattan? – ele perguntou à garota, se afastando ainda mais da ponte, porém mantendo a direção.



Molly se apoiou na porta da cabine, seu cabelo cor de canela molhado e colado em seu rosto. Ela prendeu bem a capa ao redor da garganta, determinada a manter as roupas secas.

– Minha primeira vez longe da Cidade Submersa – ela o corrigiu.

Com ambas as mãos no timão, Joe olhou para ela.

– O Brooklyn afundou também. Antigamente, Nova York era dividida em cinco distritos e as pessoas tinham orgulho de qualquer vizinhança onde morassem. Agora só existem duas partes da cidade: inundada e não inundada. Existe Uptown todo o resto.

Ela empurrou uma mecha de cabelo molhado para longe do rosto.

– E você acha que eu não sei? Eu vivi aqui minha vida inteira. Posso ter apenas quatorze anos, mas vi o suficiente deste lugar para entendê-lo tão bem quanto você. Talvez até melhor. Eu vi onde você mora. Você não ia gostar de conhecer alguns dos lugares onde vivi antes de conhecer Felix.

Joe franziu a testa diante da dor no rosto da menina. Ele queria pedir a ela que explicasse mais, que contasse mais sobre os horrores que tinha passado nos anos anteriores à proteção de Felix Orlov. Não queria se intrometer, queria deixá-la à vontade para se abrir. Se falasse sobre si mesmo, poderia quebrar o silêncio, mas ele duvidava de que isso fosse deixá-la mais à vontade.

Eles cruzaram o trecho de mar salpicado de chuva que as pessoas ainda chamavam de Rio Leste. Em um dia claro, veriam com facilidade o topo dos edifícios e das árvores de Brooklyn Heights, mas, sob tão pouca luz, Joe precisava navegar de memória. Ondas formadas pelo vento envolveram o casco, o barco balançou com força e Molly teve de se segurar, suportando a tempestade só para não ter que ficar sozinha lá embaixo na cabine. Joe percebeu que provavelmente era disto que se tratava: ela não queria ficar sozinha.



– Qual é a sua história, menina?

Molly o estudou como se estivesse prestes a ficar com raiva dele de novo. Mas ela sorriu com hesitação e balançou a cabeça.

– Eu não entendo. Por que quando você me chama de “menina” eu não sinto vontade de te socar?

– É um termo carinhoso. Além disso, eu sou charmoso pra caramba.

– Eu acho que você está bem para um sujeito com cara de boxeador que já foi socado muitas vezes – disse Molly, queixo alto, desafiando-o a discutir com ela.

Joe riu.

– Você banca a espertinha assim quando está com o Orlov? Acho que não, ou ele já teria dado um belo pé na sua bunda.

A menção ao prestidigitador quebrou o ar de insolência cuidadosamente construído por Molly, e Joe se repreendeu em silêncio por trazer o nome dele à tona. Ele tentava distrair a garota, não deixá-la mais aborrecida. Exatamente por isso ele evitara perguntar sobre o passado dela.

– Como você acabou indo morar com ele, afinal? – Joe assuntou, tentando guiá-la de volta para um território mais seguro.

Molly afastou o cabelo do rosto de novo e então, um pouco tarde demais, levantou o capuz amarelo brilhante de sua capa de chuva. Ela olhou para o estranho horizonte de Brooklyn Heights à sua frente, emergindo da água.

– Você não quer ouvir a minha história – disse ela. – Se você vem trabalhando como detetive ou algo assim nesta cidade, já a ouviu antes. Um monte de noites assustadoras e lugares horríveis, e as pessoas que vêm junto com eles. A diferença para mim foi o Felix. Ele apareceu quando eu precisava ser resgatada, literalmente no exato momento, e me deu uma razão para acreditar que ainda havia pessoas por aí que não eram completamente degeneradas.

Joe mexeu um pouco o timão, observando a água com cautela conforme se aproximava do Brooklyn. Ele conhecia bem as águas de Manhattan, mas o Brooklyn era mais misterioso, e ele não queria arrastar o casco no telhado de algum cortiço ou alguma velha mercearia.

– Você não fala como nenhuma menina de quatorze anos que eu já tenha conhecido – disse Joe.

– É resultado de viver com um velho acostumado a ter um público.

Joe assentiu.

– Nós temos isso em comum.

– Acho que sim – Molly respondeu, espiando-o por baixo da aba do capuz de sua capa de chuva. – E você? Qual é a sua história?

Joe refletiu sobre a pergunta enquanto diminuía a potência, girando o leme de modo que a lancha deslizesse pela marquise quase submersa de uma loja de departamentos havia muito esquecida. Era um dos pontos de referência que ele estava procurando. Muitos dos prédios na orla do que um dia fora Brooklyn Heights tinham desmoronado ou eram baixos o suficiente para estar inteiramente debaixo d'água. Às vezes, eles emergiam na maré

baixa, mas a loja de departamentos sempre estava lá, não importava o quão alta estivesse a maré. A única mudança era o número de letras visíveis na marquise.

Ele guiou a lancha mais adiante nos assustadores resquícios de Brooklyn Heights. As vizinhanças submersas do Baixo Manhattan ainda eram habitadas, mas não havia restado o suficiente do Heights para acomodar qualquer tipo de sociedade. Havia catadores e Ratos D'Água, além de um punhado de eremitas que não queriam contato com ninguém. Joe avistou barcos amarrados aos telhados e às pontes toscas que conectavam as construções nos raros lugares onde muitas delas ainda apareciam em sequência e com área utilizável sobre o nível da água.

Mas Molly prestou pouca atenção às ruínas ao redor. Ela parecia se sentir segura com ele, e isso o incomodava um pouco, como sempre acontecia quando alguém dependia dele. Quem era ele, afinal? Nenhum Simon Church, certamente. Ele era só um cara com punhos grandes e pesados e disposição para usá-los.

– Você acha que sua história é comum demais pra ser contada – disse ele.
– E o problema comigo é que eu não tenho exatamente uma história para contar.

– O que quer dizer? – perguntou Molly, enxugando a chuva dos olhos. – Você é um detetive. Trabalha com o Simon Church. Eu tinha ouvido falar dele, mas, até hoje, achava que ele era um personagem de livro.

Joe sorriu. Isso não acontecia de um jeito natural ou fácil, e sempre o deixava surpreso. O sorriso fez suas mandíbulas doerem.

– Qual a graça? – ela perguntou.

Ele espiou pela chuva, aproximando-se do lugar onde teria de virar a leste para garantir sua segurança. Navegando com cuidado, evitou uma chaminé meio destruída que mal atravessava a superfície da água. Algo passou nadando, e ele quis ver o que era, notando a forma da cabeça de uma foca. Elas vinham aparecendo cada vez mais, a temperatura da água às vezes fria o suficiente para elas.

– Joe? – Molly o cutucou.

Ele tremeu de frio e levantou a gola do casaco. Nem se preocupara em usar seu chapéu – a chuva teria sido terrível para o feltro –, e agora filetes de água corriam pela sua nuca e por baixo de suas roupas. Seu casaco, sua camisa e suas calças estavam ensopados, e ele se sentia rígido, braços e pernas pesados. Mas, na verdade, ele sempre se sentia assim.

– O engraçado é que as pessoas acham que o Church é um personagem fictício, mas é exatamente isso que sinto a meu respeito – disse ele. – Já faz mais de vinte anos que nos conhecemos, e praticamente todas as horas desses anos continuam na minha cabeça. Mas eu tenho dificuldade de lembrar o que havia antes disso.

O barco passou por uma série de pequenas ondas, e os dois tiveram de se segurar para não cair.

– Sério? – Molly perguntou. – Você perdeu a memória?

Joe deu de ombros, apontando a lancha entre os topos de duas torres de telefone que se projetavam da água.

– É meio louco, eu sei – disse ele. – Eu me acostumei com isso com o passar do tempo. Eu achava que a minha memória voltaria. O Church vem tentando me ajudar todos esses anos, usando todos os métodos em que ele consegue pensar, seja ciência, seja ocultismo. Mas não importa o que a gente faça, eu não me lembro de muito da minha vida antes de acordar no mesmo quarto em que você acordou essa manhã. Aparentemente, nós dois estávamos trabalhando no mesmo caso – o de um banqueiro de Uptown que vinha matando garotas da Cidade Submersa – e eu caí na água e quase me afoguei. Church me puxou para fora. Ele disse que a falta de oxigênio matou parte do meu cérebro. A verdade é que eu tenho um pressentimento de que já o conhecia antes, e que ele me salvou de algo que não quer comentar. É estranho, porque ele é um cara nobre e muito franco, o que o torna um péssimo mentiroso. Eu acho que ele sabe mais do meu passado do que deixa transparecer.

– Tipo o quê?

– Se eu soubesse, poderia preencher as lacunas sozinho.

– Você disse que não se lembra de muito da sua vida antes de conhecer o Sr. Church – Molly comentou. – Então, do que você se lembra?

Joe fez uma pausa. Ele passou uma das mãos pelo cabelo, fazendo escorrer água da chuva. Por que tinha se disposto a essa conversa? Ele entendia a razão da curiosidade da garota, mas não gostava de pensar no abismo negro que era a sua memória antes de conhecer Church, quanto mais falar disso. Ainda assim, ele tinha começado a falar e gostava demais da garota para simplesmente ignorá-la.

– Eu tenho sonhos, às vezes.

A chuva pareceu diminuir, mas o céu tinha escurecido.

– Como memórias voltando enquanto você está dormindo? – perguntou Molly.

Joe olhou para ela.

– Você é bem esperta, menina. É, é algo assim, eu acho. Eu acordo no meio dessas coisas – às vezes são sonhos, outras vezes pesadelos – e sinto como se estivesse de pé do lado de fora de uma porta. Atrás dela está tudo de que eu não consigo me lembrar, e tudo o que tenho de fazer é abri-la, e...

Ele parou. Havia quanto tempo não falava tanto? Séculos, com certeza. Church o conhecia tão bem que tinha dias em que eles se falavam muito pouco, satisfeitos pela companhia um do outro e sabendo intuitivamente os próximos passos a serem dados para avançar nos casos que estivessem investigando.

– Se eu conseguisse abrir aquela porta, eu me lembraria de tudo – Joe prosseguiu. – E, quando estou dormindo, isso parece possível. Mas, quando eu acordo, a porta nem ao menos tem uma maçaneta. Não tem como passar por ela. – Ele estremeceu. – Mas o negócio é que não tem como esses sonhos serem memórias – disse ele.

– Por que não?



Joe segurou o timão com mais firmeza. Suas articulações estavam mais rijas do que nunca, doloridas até, e ele teve de se esforçar para controlar a respiração. Pensar demais naqueles sonhos sempre o colocava à beira do pânico, mas falar sobre eles era pior. Como ele poderia explicar a Molly o que era estar aprisionado em pesadelos estranhos como aqueles? Os sonhos eram tão vívidos que, ao acordar, ele sempre levava alguns minutos para identificar o que era o mundo dos sonhos e o que era a realidade.

Olhando diretamente para a frente na tarde escurecida pela tempestade e pela chuva, ele deixou sua mente voltar ao sonho que tivera na noite anterior. O mundo pareceu mudar sob seus pés, e ele sentiu uma súbita desorientação. Piscou duas, três vezes, e então se forçou a se concentrar na tempestade e na água.

Mas, por um breve momento, Joe não estava mais na lancha com Molly. Ele estava em seu sonho.



Nesse sonho, ele despenca morro abaixo sob um véu de neve, acertando galhos desfolhados de árvores congeladas. O inverno está em tudo ao seu redor e, de alguma forma, dentro dele também. Ele sente como se a neve tivesse entranhado em seu coração, um bloco de gelo em seu peito.

Ele ouve um grito mais à frente, na direção do pé desse morro que não é ambicioso o suficiente para ser chamado de montanha, e acelera sua descida, cambaleando para baixo. Na escuridão, ele mal nota o teixo infrutífero à sua frente, mas o tronco morto da árvore se rompe com o impacto, espalhando pedaços podres e secos onde se abriu. Ele quase não diminui a velocidade, mas, naquele momento de hesitação, outro grito corta a tempestade, pegando carona no vento e tornando difícil determinar sua origem. Mas ele sabe que não deveria perseguir o fantasma de um grito direcionado pela neve. Seus instintos o guiam. Ele sabe onde o grito vai dar: no mesmo lugar dos outros.

Ele irrompe por entre as árvores esqueléticas, batendo em mato e pedra, a uns seis metros da margem do rio congelado. Fragmentos e massas de gelo se movem lentamente, a corrente do rio ainda não totalmente imobilizada pelo inverno que se aprofunda.

Duas silhuetas lutam à margem do rio. Uma menina à beira da adolescência arranha, soca e tenta se livrar das mãos da bruxa que a raptara apenas uma hora antes. A bruxa é alta, seus membros parecem galhos, como se uma das árvores desfolhadas e esqueléticas tivesse sacudido a neve e ganhado uma vida assassina. Seus dedos são finos como facas, e sua face é pálida e magra.

A garota vê Joe, arregala os olhos e grita por ele.

A bruxa ri com um som escorregadio e estranhamente infantil, que parece ecoar de cada floco de neve e rajada de vento. Ela vira e o encara, agarrando a menina pelos cabelos e pela barriga, sorrindo com olhos pútridos e amarelos, e então entra no rio congelado, suas pernas de graveto atravessando o gelo e passando entre blocos irregulares.

Ele é mais rápido do que ela pensa. Sempre fazem isto: presumem que o tamanho dele o deixa lento e pesado. Mas ele não é lento. Com meia dúzia de passos rápidos, ele a alcança. Ela solta um lamento cortante que parece rasgar a tempestade à sua volta, tentando escapar dele, mas ela cometeu um erro terrível e mortal.

Uma mão enorme segura em volta do pescoço dela. Na claridade peculiar da tempestade, ele vê que seus dedos são feitos de pedra, as articulações unidas com terra solta. Ossos estalam com seu aperto e então se quebram, mas a bruxa não solta a garota. A cabeça pende sobre a mão que aperta o pescoço, mas a bruxa começa a dilacerar a menina. Sangue respinga nas calças e nos sapatos dele. Já chega. Se tivesse chegado um ou dois segundos antes, ele poderia ter libertado a garota sem que ela tivesse se machucado. O momento desses pensamentos esperançosos já passou.

Com sua mão livre, ele agarra o braço da bruxa e o esmaga, triturando os ossos em fragmentos como cacos de cerâmica. Ele afrouxa as garras da bruxa e pega a menina pela parte de trás do seu rústico vestido de lã. Ao se virar, ele lança a criança com apenas uma mão para o solo congelado e coberto de neve.

A bruxa grita, enfiando as garras na mão dele, se revirando como um animal raivoso e agonizante. Ela quer sua presa e fará qualquer coisa para colocar as mãos na menina novamente. Ele caminha pelo rio congelado, seu peso esmagando o gelo. Quando afunda até a cintura, o gelo moendo seu corpo de pedra, ele mergulha a desconjuntada bruxa na água gelada. Ossos se quebram com o gelo, e então ela fica

submersa, e seus gritos são silenciados pelo rio.

O silêncio abre suas asas sobre as águas e pelas florestas nuas atrás dele. Ao longe, para o sul, ao longo da curva do rio, ele pode ver a luz de lanternas e tochas da aldeia. Enquanto afoga a bruxa, ele pensa nas lágrimas de alegria que a mãe da menina derramará quando ele a levar para casa. Apesar disso, ele não mata as bruxas pela gratidão ou por algum senso de nobreza. Ele as mata porque elas são bruxas, e matá-las é o seu propósito, a razão pela qual ele foi criado.

Ele quebra as bruxas e as afoga, ou as esmaga com pedras até que seus ossos ocos sejam reduzidos a nada mais do que pó. A magia delas já maculou e desvirtuou muitos na aldeia. Elas mataram crianças e roubaram delas a vitalidade, e algumas vezes também o sangue ou a carne. Elas contaminaram plantações e arrancaram bebês de seus berços. As bruxas são monstros, são demônios, e precisam ser detidas.

Se as mãos dele fossem feitas de carne e osso, elas estariam duras e congeladas por terem mantido a bruxa embaixo d'água por tanto tempo. Mas o frio nunca foi problema para ele. Agora, com os braços mergulhados no rio até os cotovelos, ele quebra e arranca os membros finos da bruxa em suas mãos. Por fim, ele esmaga o crânio e deseja que tivesse pedras para fazê-la afundar. Em vez disso, ele arrasta o cadáver coberto de gelo para fora da água, perfura as costelas com seus dedos e arranca o coração negro pingando.

Ele deixa o corpo deslizar sobre o gelo flutuante e desgastado, mas mantém o coração. Vai enterrá-lo embaixo de um freixo e martelar uma estaca de ferro no solo acima, e então a bruxa estará realmente morta.

Após largar o coração negro da bruxa em um bolso fundo de seu casaco, ele sente seu peso úmido e a aura desprezível em torno do objeto. Ele se arrasta para fora do rio, o gelo o segurando enquanto emerge, suas calças congelando



rapidamente nas rajadas de vento da tempestade. Através da neve, ele vê a garotinha o observando e vai até ela.

Um novo medo brota dos olhos da criança, e ele hesita, franzindo a testa. Ela já o viu antes, sabe que ele caça as bruxas, que serve à aldeia. E, apesar disso, conforme ele se aproxima, ela deixa escapar um lamento que lembra um uivo e se afasta dele pela neve.

O que é esse sentimento em seu peito? Pode ser raiva, já que ele geralmente sente somente ódio pelas bruxas. Ou talvez seja dor, com a qual ele está ainda menos acostumado.

– Venha – diz ele, sua voz como cascalho. – Sua mãe está esperando.

Existe uma jovem na aldeia, uma bela mulher morena cujo olhar momentâneo acalma o seu coração. Ela é gentil com ele, embora seu olhar seja triste, e ele sente um calor por dentro quando ela lhe oferece esse olhar ou fala com ele, ou dá a ele o presente de seu sorriso melancólico. Não há medo nos olhos dela, só tristeza, um estado gentil de admiração e compreensão. Mas agora ele pensa nela e um novo medo luta para nascer dentro dele. Será que ela um dia olhará para ele como a garotinha faz agora? A pergunta é um tormento e não tem resposta.

Ele pensa no velho furioso e de coração partido que o trata como filho, e então outros rostos passam por sua mente como se estivesse no meio de algum sonho febril.

– Venha – diz novamente, e pega a menina em seus braços. Diz para si mesmo que é apenas o inverno que a faz tremer.

Apenas o inverno.



Conforme caminha penosamente de volta através da tempestade, com a menina tremendo em seus braços, ele ouve o vento gritar e nele escuta os gritos de bruxas e outras coisas que escaparam a ele, mas não fugirão para sempre.

Ele sabe que há outras lá fora, escondidas no inverno, famintas por deliciosas emoções e por debilitante tristeza. Haverá outras bruxas.

E ele as matará.



– Joe!

Ele piscou, e então endireitou o corpo em alerta assim que viu o cortiço surgindo da chuva em frente dele. Joe virou com tudo a estibordo, e a lancha arranhou o andar mais alto do cortiço, passando tão perto que ele pôde ver através das janelas. Uma dupla de Ratos D'Água mais velhos pulou para trás do outro lado do vidro sujo e então se aproximou de volta. Um deles cofiou a barba, fascinado, enquanto observava o barco rilhar a pedra e então passar por ele, seus pequenos olhos negros não muito diferentes dos de suas contrapartes roedoras.

– Não acha que essa passou perto demais? – perguntou Molly.

Ele se virou para olhar para ela. Por um momento, ele viu a menina tremendo na margem do rio congelado, mas então o rosto de Molly entrou em foco. Pingos de chuva desciam pelo rosto dela. Ele podia ver nela a raiva e o medo.

– Desculpe – disse ele.

– Você estava indo direto para o muro – disse ela. – O que diabos aconteceu? Você estava em um transe ou algo do tipo. Eu tentei te acordar, mas você simplesmente estava ausente.

– Não acontece com muita frequência – disse ele. E então pensou: *Mas nós estávamos falando sobre o assunto. E minha mente começou a ir para lá, com a chuva, o rio e a escuridão...*

– O que não acontece com frequência? – Molly perguntou.

– Um sonho.

Ela o encarou.

– Espera aí, você estava *sonhando* alguns segundos atrás?

Joe bateu nos bolsos do casaco, sentiu o contorno do maço de cigarros e de seu isqueiro e quase os puxou para fora antes de se lembrar da chuva. Agora não era o momento. Em vez disso, colocou ambas as mãos no timão e se concentrou em guiar a lancha por entre os destroços de Brooklyn Heights. Ele podia ver o cemitério à frente – para todos os efeitos, uma imensa ilha coberta por túmulos – e direcionou a proa para lá.

– Sêrio – disse Molly. – O que você tem?

Joe deu de ombros.

– Eu não sei.

Então ele a olhou de um jeito que a deixou sem ação. O que quer que tenha visto nos olhos dele fez com que ela silenciasse o que estava para dizer.

– Por que não pega logo aquela corda? – disse ele, apontando para uma corda atada a uma presilha na popa da embarcação. – Nós chegamos.

Capítulo nove

Molly amarrou a corda em um dos postes acima da água na cerca negra de ferro batido que circundava o cemitério. A maior parte do cemitério ficava no alto do morro, mas a cerca corria ao longo de todo o perímetro; havia lugares onde estava submersa e outros em que se projetava para fora. Ela se certificou de que o nó estivesse bem apertado, com medo de acabar ficando ali, sem um jeito de voltar para Manhattan, mas continuou olhando para Joe. Mesmo gentil como ele era, com seus olhos carinhosos e seu humor seco, havia uma tristeza profunda que não o largava. Quando ele ficou ausente lá na água e quase fez o barco colidir, ela por pouco não se jogou para dentro do rio pela lateral. Ele não a amedrontava, mas a assustava. Ela estava preocupada com a travessia de volta pelo rio.

– Tudo pronto? – perguntou ele.

– Eu vivi com um mágico nos últimos dois anos – disse ela. – Você acha que eu não sei dar um nó? – Somente depois de falar ela percebeu o quanto tinha soado ríspida. Até ter descontado nele, não tinha percebido como estava perto do seu limite.

Joe saiu da lancha e pisou no caminho cheio de rachaduras que atravessava o portão de ferro em forma de arco. Assim que se endireitou, ele olhou para ela.

– Eu não disse isso. Só perguntei se você estava pronta.

Sentindo-se culpada e envergonhada, Molly desviou o olhar.

– Desculpe. Sim, tudo pronto. Ele ainda estará aqui quando voltarmos, a menos que Ratos D'Água o encontrem e decidam que o barco pertence a eles.

– Ótimo – Joe disse, apontando para o portão. – Vamos lá.

Molly hesitou. Ela estava feliz de pisar em terra firme – tão firme quanto poderia estar sob aquela chuva torrencial –, mas, naquela tempestade tão escura que parecia noite, ela não estava nada animada com a ideia de vagar pelo cemitério, mesmo tendo Joe como segurança.

– Não é algo que você possa fazer sozinho, é? – ela perguntou.

Joe deu um sorriso tranquilizador.

– Eu posso encontrar o túmulo da mãe de Orlov – disse ele. – Mas precisarei que você me guie até o outro de que você falou, o que tem a árvore que cresce de dentro dele. Além disso, você não quer ficar aqui sozinha, quer?

Ela olhou para o rio. Galhos quebrados das árvores se projetavam sobre a água nas cercanias. Os destroços assombrados de Brooklyn Heights pareciam deslizar sobre a superfície, alguns edifícios totalmente debaixo d'água e outros parcialmente ocultos, meio submersos.

– Acho que não – Molly admitiu.

Joe se moveu pesadamente na direção dela. A chuva tinha diminuído um pouco, e ele passou seus dedos pelo cabelo, puxando-o para trás da cabeça.

– Queria ter trazido um guarda-chuva – disse ele, sorrindo.

Molly deu um sorriso amistoso.

– Qual a graça? – Joe perguntou.

– Você não faz o tipo que usa guarda-chuva.

Joe deu de ombros.

– Talvez não. Mas você poderia fazer bom uso. Está parecendo um rato molhado.

Molly tinha visto muitos ratos molhados para argumentar. Ela puxou o cabelo para trás e o torceu, fazendo escorrer parte da água da chuva. Mesmo com sua capa amarela, a água tinha entrado pela jaqueta, e ela tremia com a umidade fria tocando sua pele.

– Por aqui – disse ela, levando Joe por baixo do arco de entrada do portão. Ele acelerou o passo para segui-la.

– Não fique assim, menina. Eu só estava implicando – disse Joe enquanto a alcançava.

– Eu sei – Molly admitiu. – Eu só não quis discutir. Não era bem isso que eu tinha planejado para o dia de hoje.

– Nem eu – Joe concordou.

Eles caminharam com dificuldade pelo piso quase destruído. Muitas das lápides estavam em estado lastimável e algumas tinham sido derrubadas por vândalos. Molly não gostava de olhar para as pedras quebradas. Elas a lembravam de que as pessoas enterradas ali não estavam apenas mortas, mas também esquecidas. Ou ninguém tinha ficado vivo para lamentar por elas, ou quem ainda estava vivo não se importava.

Trepadeiras subiam pelas superfícies de pedra e pelas portas e telhados dos mausoléus familiares. Em alguns pontos, árvores velhas e sombrias haviam caído, um musgo úmido se formando na casca. Na última vez em que Molly estivera no cemitério, nos limites daquela peculiar ilha da morte, a maré estava baixa. A água tinha erodido tanto o solo que alguns caixões quebrados irrompiam da terra, mostrando tímidos vislumbres de ossos. Ela estava feliz por a maré estar alta desta vez.

– Fale comigo – disse ela, olhando para os túmulos que pareciam não ter fim. – Este lugar me dá arrepios.

– Sobre o que você quer conversar? – Joe perguntou.

– Eu não sei. Só papear.

– Eu realmente nunca fui bom em papear – disse ele, como se isso o incomodasse.

Molly sorriu.



– Se você não dissesse, eu jamais saberia – e se aproximou dele conforme caminhavam. – Me fale mais sobre os seus sonhos. Eu sei que Felix pensava que alguns dos sonhos dele eram... qual a palavra? Presságios. Como se pudessem dizer o futuro.

Ela sentiu Joe endireitar o corpo ao seu lado. Ele continuou andando, mas olhou ao redor como se estivesse fazendo de tudo para ver qualquer coisa que não fosse Molly.

– Olha, eu só queria conversar porque estou nervosa. Eu assovio quando fico no escuro – disse ela. – E estou acostumada a Felix falando sobre as coisas que o incomodam. Eu não estava tentando me intrometer. Se você não quiser falar sobre isso...

– Não, tudo bem – disse Joe, meio rápido demais.

Ele franziu a testa, e ela podia ver que a decisão de falar era difícil para ele. Por um segundo, ela pensou que ele mudaria de ideia, então ele prosseguiu rapidamente, como se quisesse falar antes que perdesse a coragem. – Os meus sonhos definitivamente não são visões do futuro – disse ele. – O que eu tenho sonhado aconteceu há muito tempo.

Molly ouvia fascinada enquanto Joe descrevia seus sonhos, que formavam um tipo de história peculiar a respeito de um homem, ou uma criatura, esculpida a partir do solo por anciãos de uma pequena aldeia e criado com a missão de matar as bruxas que atacavam a cidade.

– Mas... um homem feito de terra e rochas?

Joe arqueou uma sobrancelha e a olhou de soslaio.

– O mundo é cheio de coisas estranhas. Você é aprendiz de um mágico, menina, deveria saber disso melhor do que ninguém. De qualquer modo, Church acha que eu estou puxando alguma memória ancestral. Talvez a minha linhagem remeta àquela aldeia croata do século XV, ou seja lá quando diabos aquilo aconteceu.

– Croata?

– Sim. Disso eu tenho certeza. No sonho, eu sei tudo sobre o rio e a aldeia. O rio se chama Gacka. Eu olhei em mapas modernos. Fica na Croácia.

Ele parou de falar. Molly estremeceu um pouco e passou seu braço no dele. Joe olhou para longe dela, mas não tirou o braço. A chuva tinha amenizado e virado uma garoa, mas o céu ainda estava coberto de cinza, e o cemitério estava completamente silencioso. Não havia pássaros cantando nem animais murmurando, somente o vento que sacudia os galhos das árvores.

– Você já pensou em ir lá? – ela perguntou.

– À Croácia? – disse ele, praticamente zombando. – Que diabos, menina, eu sou nova-iorquino! Além disso, quem tomaria conta do Church?

Molly pensou no cheiro de óleo e no som de motores que vinha de dentro do Sr. Church. Ela tinha a sensação perturbadora de que, apesar de sua idade e suas doenças, ele era mais do que capaz de cuidar de si mesmo. Mas ela não queria aborrecer Joe falando sobre isso.

– Você acredita nesse papo de memória ancestral? – ela perguntou.

Joe fez uma pausa, soltando o braço dela. Ele pensou na pergunta enquanto pegava o seu maço de cigarros. Ofereceu um a ela, que acenou uma negativa. Encolhendo os ombros, ele colocou um cigarro entre os lábios, sumiu com o maço dentro da jaqueta encharcada e sacou um isqueiro, que em um clique ganhou vida.

– Eu não sei no que acreditar – disse Joe.

Ele acendeu o cigarro e guardou o isqueiro. Molly pensou que o talento dele para a prestidigitação teria impressionado Felix. Mesmo sendo tão grande, Joe continuava a superar suas expectativas.

– Memória ancestral – disse ele. – Isso basicamente significa que eu tenho na minha cabeça memórias que foram passadas adiante por centenas



de anos. Como as pessoas modernas que têm medo do escuro porque os homens das cavernas sabiam que coisas iriam querer comê-los durante a noite, coisas que eles não viriam chegando. Ou seja, estou tendo sonhos que não me pertencem.

Molly refletiu um pouco sobre aquilo, feliz de ter algo mais na cabeça além do estranho lamento do vento passando pelas árvores do cemitério. Eles viraram à esquerda, subindo por um caminho sinuoso e deteriorado em direção a um morro arborizado onde muitas lápides retangulares sem nenhum adorno foram erguidas às pressas quando a peste veio com força total. Muitas gerações se passaram desde então. Os pais de Molly nem tinham nascido quando a peste atingiu a cidade. Mas as histórias ainda permaneciam – parte da cultura da Cidade Submersa. A maioria das pessoas que poderiam se lembrar de alguma coisa estava morta fazia tempo, mas a cidade se lembrava.

– Talvez isso faça sentido – disse ela, enfim. – Se a maior parte da sua memória se foi, você tem espaço sobrando para outras coisas.

Joe soltou uma risada leve e deu um trago no seu cigarro, que brilhou laranja na escuridão.

– Talvez você tenha razão – disse ele. – Eu nunca tinha pensado dessa forma. E é melhor do que a outra teoria de Church, de que eu posso ter reencarnado. Ele acha que eu realmente vivi aquela vida, lutando contra bruxas nas margens de algum rio croata, e então eu morri, mas nasci de novo.

– Isso seria assim tão ruim? – Molly perguntou, começando a ler os nomes das lápides por onde passavam: Kontis, Montuori, Charczenko, muitos outros. – Essas pessoas... Elas estão aí, mortas. Se a reencarnação significa que você pode ter uma segunda chance...

– Não – disse Joe com um tom grave e uma expressão mais fria. – Quando você morre, é de se esperar que encontre paz, não é? Com o tipo de vida que as pessoas levam nesta parte do mundo, acho que merecemos um pouco de paz. Eu fiz a minha parte. Uma rodada está de bom tamanho para mim.

Molly parou de andar. As palavras haviam criado nela uma tristeza silenciosa, e, de repente, ela se sentiu estranhamente próxima de Joe. Já

havia passado tanto tempo desde que fizera um novo amigo que praticamente tinha esquecido a sensação.

– Você está bem, menina? – Joe perguntou. – Desculpe. Eu sei que você está preocupada com Orlov. Eu acho que não devia ficar remexendo nessas coisas.

Ela deixou escapar um longo suspiro, então se abraçou para se proteger do frio e da umidade, odiando o barulho que sua capa de chuva fazia quando amassava.

– Molly? – Joe a chamou. Ela ficou feliz de não ter sido chamada de “menina”.

– Nós chegamos – disse ela, olhando para a lápide de mármore na frente deles, as letras ORLOV marcadas com sulcos profundos. A maioria das lápides tinha mato em volta, mas Felix visitava aquela com frequência suficiente para manter a pedra praticamente limpa.

– Certo – disse Joe.

Eles só precisavam visitar o túmulo de Cynthia Orlov como um ponto de partida para que Molly pudesse encontrar o caminho até o verdadeiro destino deles. Mas Joe tirou um instante para se ajoelhar e passar os dedos sobre as letras na pedra.

Ele olhou em volta como se pensasse que alguém os poderia estar observando.

– O que você está fazendo? – ela perguntou.

– Só me certificando de que ele não foi violado – disse Joe, ficando de pé.

Molly enfiou as mãos nos bolsos escorregadios de sua capa de chuva e olhou ao redor. Não fazia sentido pensar que mais alguém pudesse estar ali. O Dr. Cocteau – ou quem quer que tivesse sequestrado Felix – não o teria



levado para lá. E, mesmo que tivesse, não teria se demorado. Além disso, naquele clima, era improvável que alguém estivesse visitando o cemitério. Pelo que ela sabia do lugar, Brooklyn Heights não recebia muitos visitantes rezando pelos mortos. A maioria das pessoas tinha medo de que a peste tivesse permanecido nos túmulos, como se ela pudesse crescer como flores dos corpos sob o solo.

– Posso perguntar uma coisa? – falou Molly.

Joe deu um sorriso meio torto, dando um trago no cigarro.

– E eu poderia fazer alguma coisa para impedir...?

– Provavelmente não – disse Molly. Ele nem precisava dizer que ela falava demais. Ela sabia disso. Mesmo se não tivesse acabado de testemunhar um assassinato e um sequestro, e quase ter sido morta, ela tendia a pensar alto. – Esse tal pentagrama... – disse ela.

– Pentajulum de Lector – ele completou.

– Sim – prosseguiu Molly, apontando para ele. – Isso aí. O Sr. Church falou que todo mundo queria esse negócio, mas eu ainda não tenho a menor ideia do que ele seja ou do que faça.

Joe deu uma tragada em seu cigarro que encheu os pulmões de fumaça, a ponta dele brilhando em brasa. Quando expirou, a fumaça escapou de suas narinas e ondulou, sumindo como se nunca tivesse existido. Ele pareceu perturbado com a pergunta.

– Você entende que isso na verdade é um assunto para o Church, certo? – ele perguntou. Com o cigarro entre dois dedos, bateu na lateral de sua cabeça. – Eu não sou burro. Aprendi um monte de coisas sobre o oculto ao longo dos anos, e não sou nada ruim como detetive. Mas o meu trabalho investigativo geralmente consiste em cutucar o vespeiro com uma vareta. Eu vou fazendo perguntas até alguém ficar irritado o bastante para querer me bater, e aí eu sei que estou no caminho certo. Mas o Church é que é o especialista.

Molly recolheu o capuz de sua capa.

– Mas o Sr. Church não está aqui...

Joe fez um gesto com o seu cigarro.

– Você quer me mostrar onde fica o outro túmulo? O tal com a árvore que cresce de dentro dele? Aí eu te digo o que eu sei.

– Por aqui – disse Molly, levando-o por uma trilha estreita que saía do caminho principal.

– Então, o Pentajulum de Lector... – Joe começou. – A verdade é que eu não sei de fato o que ele é, mas não acho que eu seja tapado por não saber. As pessoas estão atrás dessa coisa há séculos, querendo possuí-lo, achando que ele dará a elas o poder de fazer milagres ou algo do tipo. E talvez ele dê. O que nós achamos é que ele amplifica a magia, pega o que você já consegue fazer e torna mais forte. Mas existe todo tipo de histórias sobre ele: que ele é uma chave para mundos paralelos, que seria o verdadeiro coração do deus sumério Enlil, ou talvez uma ferramenta construída por uma raça de arquitetos cósmicos para criar ordem a partir do caos. Que foi dele que nasceu o Sol, que ele engoliu a cidade árabe de Ubarra... A minha história favorita diz que ele supostamente transformou todas as pessoas de uma pequena ilha da Polinésia em criaturas angelicais, que foram embora voando e deixaram as mesas postas para suas refeições noturnas.

Molly o encarou.

– Parece que ele pode fazer qualquer coisa.

Joe assentiu.

– É o que parece, sim. Mas Church nunca acreditou nisso. Nem eu. Mágica não funciona assim. Mas seja qual for o poder dele, é suficiente para que cada ocultista e místico ao longo da história, desde os tempos ancestrais, queira colocar suas mãos nele. De acordo com seus escritos, John Dee matou para consegui-lo. Agripa o teve em seu poder. E também Fulcanelli. Uma dúzia de outros. Há registros dele em várias épocas, mas não existe evidência de que qualquer dessas pessoas soubesse como controlá-lo.

– Mas se vocês não sabem o que ele faz, por que estão atrás dele? – ela perguntou.

– Church e eu não queremos o Pentajulum para nós, mas para mantê-lo fora do alcance de maníacos que poderiam usá-lo de forma estúpida. Lunáticos que tentaram decifrar seus segredos causaram alguns grandes desastres ao longo dos séculos.

– Desastres? – perguntou Molly.

Joe deu de ombros.

– O Pentajulum já recebeu a culpa de tudo o que você possa imaginar. Pompeia. Atlântida. Até o afundamento de Nova York.

– Para que você acha que o Dr. Cocteau quer o Pentajulum?

– Não faço ideia – disse Joe. – Mas ele é louco. Não podemos deixar algo tão poderoso cair nas mãos dele. Ele descobriu alguma conexão entre o seu amigo Felix e o Pentajulum e acha que pode usar Felix para encontrá-lo. Não podemos deixar isso acontecer de jeito nenhum.

Joe parou para apagar seu cigarro no topo de uma lápide de granito. Ele apertou a ponta para se certificar de que estava apagada e depois a jogou no bolso. Molly esperou, se perguntando se ele nunca havia incendiado o seu casaco, e então ambos voltaram a andar. Em uma bifurcação, entre dois mausoléus, ela pensou que talvez tivesse errado o caminho. Então, viu o anjo de pedra com o rosto rachado e uma asa quebrada e soube que sua memória a havia levado na direção correta. Ela já tinha visto aquele anjo antes.

Molly conduziu Joe por um caminho que contornava o morro do cemitério, por baixo de galhos de árvores velhas e retorcidas, e viu o túmulo que procurava. A árvore feia e disforme tinha raízes profundas no túmulo, e seus galhos tortos e suas folhas vermelhas se espalhavam sobre ele, como se quisessem o abrigar do sol. A árvore tinha ficado tão grande que quebrou a lápide e a tombou, deixando-a claramente tombada para um lado.

– É aquele ali – disse Molly, desacelerando um pouco para que Joe a ultrapassasse. Ela não gostava da ideia de chegar mais perto daquela árvore.

– Eu percebi – ele respondeu. – Seria difícil não notar.

Joe caminhou até a pedra e passou a mão sobre o granito preto polido.

– A lápide não parece velha o suficiente para ter uma árvore adulta crescendo de dentro do túmulo – disse ele.

Molly nada comentou. Ela não sabia muito sobre a velocidade de crescimento das árvores, mas estava claro que ele tinha razão. A árvore era alta e envelhecida, toda retorcida. A quase um metro e meio do chão, o tronco tinha se partido, fazendo-a crescer em três direções. Mas por mais que parecesse velha, ela não poderia estar lá há mais tempo do que o túmulo.

Joe se agachou sob os galhos, mas as folhas escovaram seus braços enquanto ele abria caminho para mais perto do tronco e se virava para tentar ler o nome gravado na pedra.

– Eu estava com medo disso – disse ele.

– De quê? – ela perguntou.

Ele olhou para cima, sua expressão ainda mais pesada do que de costume. Na escuridão da sombra da árvore-túmulo, seu rosto parecia ter sido esculpido por algum escultor pouco inspirado, como se ele fosse um daqueles anjos de pedra em ruínas.

– Este é o túmulo de Andrew Golnik – disse ele.

Molly tremeu de frio, a brisa e a umidade finalmente ficando fortes demais para ela.

– O ocultista? O cara que tentou sacrificar a mãe de Felix?



Ela se lembrou dos sonhos que Felix tinha descrito para ela, o ritual negro e a metamorfose horrenda da mulher grávida. O Sr. Church estivera lá e contou uma história diferente. Nada parecido com os sonhos de Felix havia acontecido com a mãe dele. Mas seja lá o que o ocultista tivesse feito, ele tinha levado a mulher à morte e impregnado o filho dela da magia negra que definiria sua vida.

– Ele mesmo – disse Joe, franzindo a testa. – Não faz sentido. Você disse que Orlov vinha aqui quando estava se sentindo fraco, que isso o rejuvenescia. Mas por que visitar o túmulo de Golnik o faria se sentir melhor? Church procurou pelo corpo dele naquela noite e não achou o Pentajulum. Se não fosse por isso, eu pensaria que está enterrado com ele.

– Você acha que é algo na árvore que faz Felix se sentir melhor? – ela perguntou. – Algum tipo de remédio?

– É possível – disse Joe. – Mas o Pentajulum é a única coisa que conecta Golnik a Orlov. Nada além disso faria sentido para mim – e passou a mão pelo queixo de barba cerrada. – É possível que alguém tenha vindo após o funeral de Golnik e enterrado o Pentajulum junto dele. Algum de seus seguidores ou algo assim.

Molly estremeceu, mas desta vez não foi por causa da umidade ou do frio. Ela olhou em volta, deixando de lado a confusão de Joe. Sentira uma pressão peculiar na nuca, o peso de uma presença próxima, como se eles estivessem sendo observados por olhos escondidos.

– Você ouviu alguma coisa? – ela perguntou, muito embora não estivesse certa de que havia algo para ser ouvido. Será que houve algum barulho descabido, talvez o som de passos pesados de botas no solo molhado do cemitério?

Joe deu uma rápida olhada em volta, mas o seu foco era o túmulo de Golnik. Ele estudou a lápide e então se curvou para examinar as raízes visíveis da árvore no ponto onde elas se enfiavam na terra.

Dizendo a si mesma que o ambiente sombrio e desolado tinha começado a influenciar a sua imaginação e que não havia nada a temer, Molly empurrou um galho baixo para fora do caminho e foi para debaixo da copa da árvore. Pingos de chuva caíram das folhas quando o galho voltou para o lugar. Filetes gelados escorreram por sua nuca. Por mais que temesse pela vida de Felix, ela desejou poder fechar os olhos e acordar em sua cama quente e seca.

Molly assistiu enquanto Joe passava suas mãos enormes nas raízes grossas e então começou a cutucar a casca áspera e cheia de sulcos.

– Que árvore é essa? – ela perguntou, olhando mais de perto por entre os galhos para tentar identificar algum sinal de botões de flores ou frutinhas.

– Nada que eu tenha visto antes – disse Joe. – Pelo menos, nada de que me lembre. Mas não temos muitas árvores nos canais de Downtown.

Molly passou as mãos pela casca, imitando Joe. Olhou para os galhos enquanto a incômoda sensação de estar sendo observada ficava mais forte. Inquieta, ela olhou em volta outra vez, enquanto começava a explorar com os dedos uma das ramificações do tronco. A casca parecia ter cicatrizes, e ela franziu a testa enquanto investigava. Na divisão, uma marca elíptica havia se

formado na casca, e, dentro dela, a polpa carnuda estava toda mole e podre. Parecia mais com o tecido úmido de cogumelos silvestres do que madeira. Protuberâncias envelhecidas e arredondadas saíam da madeira apodrecida.

Ela tirou a mão, sua respiração acelerando enquanto olhava para a divisão apodrecida.

– Joe – sussurrou.

Mas ele já tinha percebido a reação dela e contornado a árvore para ficar ao seu lado.

– O que foi? – perguntou, investigando por conta própria, enfiando os dedos fortes na podridão macia e esponjosa e começando a arrancar nacos da polpa. Poucos segundos depois, ele parou, e Molly percebeu que ele tinha chegado à mesma conclusão que ela.

As protuberâncias que saíam da área podre eram pontas de dedos humanos.

– Para trás – disse Joe, e começou a arrancar mais da parte apodrecida.

Molly assistia paralisada, enojada, quando ele deu um passo para trás e começou a chutar o tronco partido. O quarto chute produziu um estalo alto, e a divisão enfraquecida pela podridão cedeu. Um dos três ramos do tronco principal se partiu e caiu no chão úmido e cheio de ervas daninhas, revelando que muito mais do miolo do tronco tinha sido infectado pela estranha podridão esponjosa.

Uma mão humana saía do centro da área apodrecida. Sua pele era cinza e flácida, as unhas amarelas, e os dedos se projetavam como pequenos galhos esqueléticos.

– É o Felix? – Molly perguntou, odiando o quanto sua voz saía fraca.

– Não vejo como poderia ser ele – Joe respondeu.

Mas ela notou que ele tinha tomado o cuidado de não dizer “não”.

Joe começou a cavar no fungo mole novamente, afastando para trás pedaços saudáveis da árvore em torno do núcleo podre. A madeira estalou e se rompeu. Molly se juntou a ele, colocando seu peso sobre um dos ramos remanescentes do tronco. Folhas vermelhas tremeram acima dela, e uma chuva de gotas caiu em sua cabeça. O tronco da árvore se partiu de um lado,

como uma ferida que expõe a carne, revelando um pulso e um braço parcialmente ressecado. Joe se apoiou sobre um ramo do tronco e Molly sobre o outro, e, por um instante, o tronco se abriu o suficiente para que ela visse o rosto do homem morto no centro da árvore podre. Ela viu o crânio rachado, a barba que parecia feita de fios de cobre e os buracos onde deveriam estar os olhos, e então soube que não era Felix.

Molly soltou o ramo e deu um passo para trás. Por um momento, ela sentiu outra vez aquela pressão insuportável, a sensação familiar de estar sendo observada, e se perguntou se o que sentia era o olhar daqueles buracos negros, o fantasma do homem apodrecido olhando para ela com aqueles olhos vazios.

– Andrew Golnik – disse Joe. – Só pode ser.

Ele começou a chutar um dos dois ramos do tronco que ainda restavam. A madeira estalou ainda mais alto, a rachadura do tronco já se abrindo praticamente até a raiz. De alguma forma, o cadáver havia saído de seu túmulo junto com a árvore que crescia. Ele era parte dela agora, de seu núcleo apodrecido.

– Venha – disse Joe. – Se vamos encontrar respostas em algum lugar, esse lugar é aqui.

Ele pôs o pé para trás para desferir outro chute. A árvore balançou sem qualquer impacto, e Molly viu os galhos começarem a estalar e a se torcer enquanto tentavam alcançar Joe. Uma das raízes se desprende do solo ensopado e avançou como um chicote, envolvendo sua perna.



O tronco começou a se fechar, tentando esconder o corpo de Andrew Golnik, e, conforme a espessa raiz se torcia em volta dela, subindo pelo seu corpo, Molly McHugh começou a gritar.

Capítulo dez

Joe lutava contra os galhos da árvore enquanto eles o envolviam, serpenteando em torno de seus braços e seu pescoço. A casca arranhou seu pescoço a ponto de sangrar, e ele engasgou conforme um galho cortava seu fluxo de ar. Pontos negros começaram a dançar na sua frente quase imediatamente. Ele não tivera tempo de tomar um bom fôlego, e agora seu peito começava a queimar querendo respirar.

Ele ouviu a garota gritando, e o som do medo dela o golpeou profundamente.

Firmando os pés, ele enfiou os calcanhares na terra. Raízes espessas e retorcidas se enrolaram em suas pernas, mas ele não se moveu. Folhas vermelhas balançaram e derramaram sobre ele uma fresca chuva de gotículas. Uma névoa de fúria e determinação começou a nublar seus pensamentos, e Joe arreganhou os dentes enquanto a falta de ar o fez sentir como se os pulmões estivessem entrando em colapso.

A ponta de um galho tentou alcançá-lo, sacudindo na frente de seu rosto, escolhendo o melhor ponto para atacar. Joe se jogou para o lado no exato momento em que o galho deu impulso para a frente. Teria furado seu olho esquerdo se ele não tivesse se movido.

Molly McHugh gritava o nome dele. Ao olhar rapidamente na direção dela, ele viu algo que fez sua pele formigar de repulsa. A divisão do tronco que antes havia se fechado agora se reabria, um rasgo largo e brilhante com algo que parecia seiva. Galhos e raízes se enroscavam na menina e a puxavam para a bocarra da árvore.

Dentro dela, o cadáver seco e mumificado de Andrew Golnik repousava exposto, como se tivesse se arrastado do túmulo para o tronco da árvore. Paralisado em sua grotesca morte sorridente, ele não se movia, apenas permanecia no interior descascado da árvore, sua pele e seu cabelo apenas

tufos naqueles horrendos restos de homem. Anéis metálicos enferrujados amarravam a barba do cadáver.

Conforme os pontos negros na visão de Joe se espalhavam, a escuridão invadia seus pensamentos. Por sua mente, passavam imagens de outras garotas gritando, imagens de mãos finas e retorcidas arrastando-as pelos cabelos para dentro de árvores e criptas úmidas e para águas escuras embaixo de pontes. Ele tinha salvo algumas daquelas garotas, outras ele havia perdido para as bruxas. Mas ele não perderia Molly McHugh.

Sem conseguir respirar, ele não podia gritar, mas por dentro era como se soltasse um rugido. Os galhos se moveram na direção dele, tentando arrastá-lo para perto. Olhando para onde Molly tinha sido puxada, ele viu que a casca da árvore começava a crescer em torno do pulso dela e se espalhar pelo seu braço.

Joe cedeu, chegando para a frente, e por um instante os ramos e raízes afrouxaram sua pegada. Ele girou o pulso esquerdo, envolveu o galho com a mão, voltou a lutar e, alcançando mais fundo, arrancou aquele braço da árvore. Folhas vermelhas murcharam, morreram e caíram do galho arrancado quando ele o jogou de lado. Seu braço direito estava livre.

A múmia de Golnik parecia zombar, o que restava de seus lábios se esfarelava conforme se retraíam.

Joe se contorceu e lutou, e, com um estalo e um guincho que pareceu ser ouvido apenas dentro da sua cabeça, quebrou o galho que segurava seu pulso esquerdo. Ele levou as duas mãos ao pescoço e uma força ancestral o inundou, um poder furioso que parecia ser o retorno de memórias, e então ele arrancou os estranhos dedos de galhos de seu pescoço, que estava esfolado e sangrando. O ar correu por dentro de seus pulmões, e ele quase vomitou com o fedor pútrido que veio com sua primeira inspiração. Morte e decomposição bafejavam da garganta horrível daquela árvore aberta, um odor fermentado e sulfuroso que fez seus olhos lacrimejarem e seu estômago revirar.

A cabeça, o braço direito e os ombros de Molly tinham sido engolidos pela árvore, um muco sangrento, rosado, havia se espalhado por suas roupas como se estivesse vivo. A casca crescia sobre ela em seguida, como se a seiva endurecesse para formar a pele da árvore. Se a garota ainda estava gritando, seu terror só ecoava dentro da parte de

baixo do tronco, e Joe não podia mais escutá-la. Mas ele se recusava a acreditar que ela estivesse morta.

– Não importa que diabos você seja, você não ficará com ela – ele se irritou.

Conforme outros galhos tentavam alcançá-lo, ele os golpeou para o lado, rachando a madeira. Finalmente conseguiu pegar sua arma. O enorme revólver sempre tinha pesado em sua mão, mas agora parecia ter o peso de uma pena, parecia uma extensão de seu corpo. Ele enfiou o grande cano da arma na goela escancarada da árvore e o apertou contra o peito da múmia. A divisão na árvore começou a se fechar sobre seu pulso, e a casca ávida se espalhou imediatamente ao longo de seu braço, mesmo no momento em que ele puxou o gatilho.



A explosão do primeiro tiro saiu abafada e distante dentro da árvore, mas, conforme ele puxava o gatilho repetidas vezes, a árvore começou a ruir, e a fenda aumentou, a casca se encarquilhando ao murchar. Cada tiro era mais alto que o anterior, e, à medida que a árvore moribunda ia se abrindo, Joe viu o dano que as balas fizeram no corpo de Andrew Golnik. A múmia tinha sido estourada, seu peito uma cratera de carne como um pergaminho velho, e seus ossos amarelados estilhaçados em fragmentos como os galhos quebrados da árvore amaldiçoada.

Algo brilhava dentro da cavidade torácica do ocultista morto.

– Pare! – Molly gritou. – Por favor, pare!

Ela havia se esgueirado para fora enquanto Joe matava a árvore e agora estava deitada no chão; lágrimas escorriam de seus olhos. Suas mãos estavam grudadas nos ouvidos, e seu rosto se contorcia de dor. Ele notou que a casca que havia crescido sobre a pele do pescoço, das bochechas e dos braços dela tinha ressecado e estava descamando, mas aquilo só o distraiu por um momento do real motivo pelo qual ela chorava. Não era medo que a fazia

gritar, era dor. Sua cabeça estava dentro do tronco da árvore quando Joe deu a maioria dos tiros, e os estrondos a tinham machucado seriamente.

Joe embainhou sua arma e se ajoelhou ao lado dela.

– Molly – disse ele, se esticando para tentar afastar as mãos dela dos ouvidos.

Ela se afastou abruptamente, mas cedeu após um momento. Joe ficou feliz ao ver que não havia sangue nas mãos nem nos ouvidos dela. Ele achava que os tímpanos dela não tinham estourado.

– Você vai ficar bem – disse ele.

Molly limpou as lágrimas e balançou a cabeça.

– Não consigo ouvir você.

Joe pegou a mão dela e a segurou com firmeza.

– Não consegue ouvir nada? – ele gritou, odiando o modo como sua voz se propagou pela vastidão do cemitério.

Aos soluços, ela assentiu com a cabeça, se acalmando.

– Um pouquinho. Mas bem abafado.

– Sua audição vai voltar – Joe disse bem alto, tentando sorrir.

Ele não era muito bom em sorrir, mas Molly assentiu novamente e pareceu reconfortada. Ela agarrou a mão dele, e ele a ajudou a ficar de pé. Ela pressionou a palma de uma das mãos contra a testa, e ele soube que ela devia estar com uma tremenda dor de cabeça. Mas uma dor de cabeça e uma perda temporária de audição eram um preço pequeno a pagar por não ter sido absorvida pelo mal que habitava o interior da árvore, e ele tinha certeza de que Molly concordava.

Joe ainda podia sentir a mácula da magia negra naquela árvore. Sentia como se ela o tivesse manchado com sua maldade, fazendo seu estômago se revirar, enjoado, e ele desejou poder tomar um banho. Mesmo nadar no rio já seria um alívio. Ele olhou para o céu por um instante, desejando que as nuvens baixas e pesadas desabassem em um aguaceiro fresco, em vez da leve garoa que ainda os cercava.

Molly começou a descascar a mistura de pele e casca seca de seu rosto, suas mãos e seus braços, com uma expressão de nojo.

Na escuridão que se aprofundava naquela tarde carregada pela tempestade, Joe ouviu o assovio de um pássaro à sua esquerda, vindo de um amontoado de árvores perto de uma fileira de mausoléus em ruínas. Quando olhou de volta para Molly, ela tinha uma expressão de curiosidade. Ele se virou para ver o que ela olhava com tanta estranheza e viu que ela estava olhando para os restos secos da múmia do ocultista, que estavam tão embrenhados no núcleo da árvore podre que era impossível dizer onde um começava e o outro terminava.

Mas não era para o cadáver de Golnik que Molly olhava.



Joe tinha se concentrado tanto na garota que se esquecera de ter visto o brilho de alguma coisa dentro do cadáver destruído. Alojado na parte inferior da cavidade torácica, havia um objeto que, à primeira vista, não parecia nada além de um quebra-cabeça exótico. Tubos de vidro sutilmente coloridos – seria mesmo vidro? – estavam atados juntos em um emaranhado estranhamente organizado que lembrava um coração.

Joe deu um passo adiante e se aproximou da árvore, e o formato daquele emaranhado pareceu se transformar, todas as suas curvas e seus ângulos mudavam como se ele tivesse se reconfigurado.

– Por essa eu não esperava – disse Joe, alcançando o objeto. Ele enfiou os dedos no cadáver e na árvore putrefatos e arrancou o artefato semienterrado, e então o segurou na mão, estudando o modo como ele parecia desafiar as tentativas dos olhos de capturar seu contorno.

– O que é isso? – Molly perguntou, falando alto, com dificuldade de ouvir as próprias palavras.

Joe sorriu para ela.

– É o Pentajulum.

Sua audição devia ter melhorado, porque seu rosto se iluminou com um sorriso. Joe não a culpava. Com essa bugiganga mutante, Church seria capaz de ajudá-la a encontrar Felix Orlov.

– Mas como ele foi parar... dentro dele? – perguntou Molly, esfregando as têmporas para aliviar a dor de cabeça. – É grande demais para ele ter engolido.

O Pentajulum pulsou na mão de Joe. Alguns dos tubos eram gelados, e outros emanavam um calor reconfortante. Ele quase sentia como se o Pentajulum fosse uma parte dele, como se se agarrasse em sua pele, fundindo-se com sua carne... Como se quisesse ser segurado por ele. O emaranhado parecia não ter uma existência bem determinada, provavelmente não tinha também um tamanho consistente. Golnik não seria capaz de engoli-lo, mas outra teoria se descortinava.

– Da última vez que Church viu essa coisa, ela estava na mão de Golnik. Quando Church atirou no sujeito, ele caiu, e o Pentajulum não estava mais em lugar nenhum. Ele deve ter entrado nele já naquele momento, enquanto Golnik sangrava no chão.

– Eu não...

Joe se virou para Molly.

– Ele deve ter arrumado um jeito de cavar para dentro dele.

– Isso é nojento. Será que Church não teria notado um buraco enorme no cara?

– A menos que o corpo o tenha absorvido de alguma maneira. Ninguém sabe o suficiente sobre esse treco para dizer o que ele pode ou não fazer – disse Joe. – E eu vou te dizer uma coisa: só de segurá-lo, já fico com arrepios. Ele parece estar... acordado. Eu não sei explicar melhor do que isso. Estou com uma sensação estranha de que ele tem consciência de nós, e não gosto nem um pouco disso. Seja lá o que tenha acontecido com a árvore há uns minutos... Bem, pode ter sido a magia de Golnik, algum tipo de maldição que ele tenha deixado para trás, infestando a árvore, possuindo-a de alguma

forma. Mas eu não acho que foi isso. Acho que foi esse troço. Ele queria sair dali.

Ele estendeu o Pentajulum para Molly poder olhar melhor, mas, quando ela esticou a mão de forma relutante para tocá-lo, ele o puxou de volta antes que os dedos dela pudessem tocá-lo. Joe disse a si mesmo que era um gesto de preocupação com a garota, que o objeto tinha uma maldade sinistra e ele não queria expor Molly a ela, mas se perguntou se talvez não fosse mais do que isso. Será que o Pentajulum exercia alguma influência sobre ele? Agora que estava com o objeto, ele o cobiçava tanto que não queria que ninguém mais o tocasse?

Molly alongou um pouco a cabeça, seus ouvidos pareciam não estar mais incomodando tanto. Joe pensou que eles ainda deviam estar zumbindo.



– Então ele estava aqui, só esperando alguém vir buscá-lo? – ela perguntou.

– Não só esperando – disse Joe. – Você viu o modo como a madeira se partiu, a mão se esticando como se estivesse se libertando em câmera lenta... ou nascendo.

Molly parecia chocada, seu rosto mais pálido do que nunca.

– Você acha que ele fez o corpo se mover como uma espécie de marionete?

– Nunca saberemos – disse Joe, encarando o objeto pulsante novamente.

– Guarde isso – disse Molly. – Por favor. Eu não quero nem olhar para essa coisa. Vamos apenas levá-la para o Sr. Church para ele poder encontrar o Felix.

Joe olhou para a árvore. Pelo menos metade das folhas tinha caído, e o restante estava ficando marrom, morrendo nos galhos. A árvore parecia morta, e os restos ressecados de Andrew Golnik tinham definhado ainda mais. O que quer que tivesse animado a árvore e o corpo, fosse a magia negra de Golnik, fosse o Pentajulum, o encanto havia acabado.

– Você está certa – disse ele. – Vamos...

– O que é aquilo? – Molly interrompeu.

Joe franziu a testa e então ouviu os sons esquisitos que tinham chamado a atenção dela, um chiado e uma pancada estranhos que o fizeram se virar e analisar as lápides e as árvores ao seu redor. Quando ele viu a figura se esgueirando por entre os mausoléus à sua esquerda, praguejou em voz baixa.

– Ah, não! De novo, não! – disse Molly, chegando para trás da árvore ressequida.

Máscaras de gás negras e emborrachadas cintilavam na garoa, os visores opacos, enquanto três dos malfeitores assassinos que Molly chamava de homens mascarados começaram a correr na direção deles. Joe foi para a frente da garota e gritou, segurando a sua arma.

– Para trás, agora! Vocês não vão passar por mim!

Eles não diminuíram o ritmo.

– Joe! – Molly gritou. – Tem mais deles!

Ele olhou para a direita e viu outros correndo abaixados, manobrando por entre as lápides, surgindo de trás das árvores. Alguns vestiam longos casacos que cobriam as roupas emborrachadas e lisas que pareciam selar os corpos dentro delas, mas outros não. Formas negras os cercaram. Alguns apertando o passo e outros já correndo na direção deles, e Joe sabia que não teria balas suficientes para todos. Mas as balas seriam apenas o começo; seus punhos eram tão mortais quanto elas.

O trio de mascarados que tinha se escondido entre os mausoléus se aproximou, e ele pôde ouvir a respiração pesada que vinha de dentro das máscaras monstruosas. Joe pensou em como um deles tinha se partido em suas mãos quando resgatara Molly pela primeira vez e na carne maleável do braço que Church examinara em seu laboratório, e se perguntou se algum

dos homens mascarados seria um homem de verdade. Pelo jeito, ele iria descobrir logo.

– Cocteau ficará bastante desapontado quando vocês estiverem todos mortos – disse Joe.

Ele atirou no mais próximo bem no meio das lentes de sua máscara. O ar escapou de dentro dela como se ele fosse um balão, e ele desabou, se contorcendo e parecendo encolher. Os outros dois que estavam na primeira onda de ataque levaram tiros no peito, o que perfurou seus uniformes, e eles cambalearam e caíram a uns quatro metros de onde Joe e Molly estavam, em frente à árvore amaldiçoada.

Molly gritou o nome dele de novo. Joe se virou e viu que ela havia arrancado um pedaço comprido e afiado de galho. Enquanto Joe mirava em um homem mascarado que avançava com velocidade na direção dela, Molly atravessou o sujeito no pescoço, a ponta afiada do galho perfurando tecido e carne, e um silvo de ar irrompeu com um esguicho de sangue escuro e inumano.

Joe mudou sua mira e atirou no homem seguinte, mas eles estavam se movendo mais rápido do que ele esperava, se espalhando em volta dele e de Molly. Ele não sabia quantas balas restavam. Então, esticou o braço e puxou a garota para trás dele novamente. Mesmo corajosa como ela era, ele não se arriscaria a deixá-la se machucar.

Ela tropeçou e se estatelou na grama a um metro dele.

Quando atirou de novo, Joe viu um dos mascarados, magro como um espantalho, sacar uma arma de dentro do casaco e mirar nele, e sentiu um rugido em seu coração. Eles tinham armas. Por que tinham demorado tanto para usá-las?

Ele atirou no espantalho três vezes e ele caiu, derrapando na lama, embaralhando braços e pernas. Mas então seu gatilho bateu em uma câmara vazia, enquanto, um a um, outros homens mascarados começaram a sacar suas armas, e ele soube que era o fim.

Molly começou a se levantar.

– Fique abaixada! – Joe gritou. Enquanto ela se abaixava, ele entendeu por que os homens com as máscaras de gás tinham esperado para sacar suas

armas. Molly estivera na linha de fogo até ele jogá-la no chão – o que significava que eles a queriam viva, mas não se preocupavam muito com ele.

Ele agarrou o mascarado mais próximo, um bandido corpulento usando um chapéu sujo sobre a máscara de gás, e o socou duas vezes na cabeça antes de girá-lo em torno de si para usá-lo como escudo contra os atiradores. Balas atravessaram o ar e Joe recuou tropeçadamente, enquanto elas atingiam o homem mascarado em suas mãos. Um tiro arrancou o chapéu da cabeça do brutamontes e passou direto por Joe, abrindo um sulco em sua bochecha esquerda. A bala queimou sua pele, e ele pôde sentir o cheiro do próprio sangue enquanto cambaleava para trás, tentando manter o homem mascarado em seus braços. Mas o uniforme tinha sido perfurado, e um ar rançoso e pútrido escapava. Um momento antes, a coisa em seus braços tinha a forma e a constituição de um homem, mas agora ele sentia como se estivesse segurando algum tipo de animal se contorcendo, envolto pelo material emborrachado. Morrendo, a criatura se debateu contra Joe e escorregou de suas mãos, deixando-o sem proteção.

Os homens mascarados continuaram atirando. Joe avançou na direção do mais próximo, mas uma bala o acertou no peito e ele cambaleou, dando um passo para trás. Ele olhou para baixo e viu o buraco em sua camisa encharcada pela chuva, uma mancha estrelada de sangue nascendo e se espalhando pelo tecido molhado. Ele se pegou olhando as próprias mãos, de repente imaginando por que não era feito de terra e pedras.

Joe ouviu Molly gritando.

Uma bala acertou o seu ombro, fazendo-o se virar. Outra acertou a sua perna direita, e ele caiu de joelhos sobre a lama do cemitério. Mascarados surgiram da escuridão tracejada pela chuva ao seu redor. Ele podia ver as gotas e respingos da chuva nas lentes daquelas máscaras. Dois deles arrastavam Molly pelos braços e a levavam embora enquanto ela lutava. Pelo menos estava viva. Era um bom sinal.

Os homens mascarados o cercaram. O céu tempestuoso pareceu escurecer. O sangue que encharcava sua roupa dava uma sensação quente a princípio, mas então um frio de gelar os ossos tomou conta dele. Armas foram levantadas, devagar e deliberadamente, as bocas de seus canos tão negros e obscuros quanto as lentes dos homens mascarados. Os últimos tiros

foram estranhamente abafados, como se estivessem distantes, e ele caiu de costas e sangrou na lama.

Capítulo onze

Molly tentou agarrá-los, mas os braços dela estavam presos e afastados. Tentou chutá-los, mas eles suspenderam suas pernas e a carregaram. Ela se debatia, gritava e cuspia, e todo o medo dos anos que passara sozinha, escondida nas ruínas abandonadas da Cidade Submersa para evitar a brutalidade dos Ratos D'Água, voltou à sua mente. Tormento, estupro e dor a vinham assombrando dos cantos sombrios por anos, assim como outras pessoas acreditavam existir fantasmas vagando pelos corredores das moradas da morte. Aquelas eram as coisas que ela temia toda noite, mas, com o passar do tempo, Felix apagara aquele terror. Agora, ele voltava com força, e ela se lembrava de todos os horrores que vira nos prédios úmidos e destruídos e das histórias que ouvira de crianças e mulheres atormentadas.

E ela lutava.

Joe tinha sido forte, tinha matado muitos deles, mas agora estava morto também. Ela não tinha ninguém para protegê-la, apenas a si mesma. Mas o que poderia fazer contra criaturas como aquelas? Mesmo se fossem apenas homens cruéis e insensíveis, eles a teriam dominado facilmente. Mas eram monstros, coisas criadas a partir de homens e magia.

Enquanto a carregavam pelo cemitério, passando por lápides quebradas e por um caminho que levava até a água, ela sentiu o gosto do sal nos lábios e soube que eram suas lágrimas que haviam se misturado com a chuva leve em seu rosto. Ela gritou novamente, por Joe e por si mesma. Gritou por respostas, perguntando aos homens mascarados por que eles a queriam se já tinham Felix. Ela os xingou e prometeu matá-los. Exigiu saber se o Dr. Cocteau os tinha enviado e o que ele queria fazer com ela.

Os mascarados não disseram nada. Ela se debatia, e às vezes as mãos deles escorregavam um pouco por causa das luvas molhadas, mas ela sabia

que não conseguiria escapar deles. Ainda assim, ela lutava, chorava e tremia com o frio da chuva que colava suas roupas a seu corpo. Todos de uma vez, os homens mascarados que a carregavam a largaram, e ela se debateu ao cair no chão. O ar foi expulso de seus pulmões, e ela se contorceu com a dor do impacto. Sua cabeça ainda latejava, sua audição ainda estava prejudicada pela proximidade da arma de Joe, e agora ela suportava essa nova dor que acabava com suas costas.

Molly expirou como se estivesse se rendendo e tentou correr. Ela deu um passo e meio antes de ser arrastada de volta e forçada a se virar e encarar a água, e então a surpresa a paralisou. Havia dois barcos a motor a certa distância. Mais próximo da costa estava um pequeno submarino, a metade superior aparecendo sobre a água. Ela notou as pequenas escotilhas e os rebites que uniam o casco blindado.

Embora ela já tivesse visto fotos de submarinos, nenhuma delas se parecia com aquilo. Ele tinha um nariz pontudo como o de um peixe-espada e segmentos serrilhados parecidos com nadadeiras no alto e nas laterais. A água escorria das pontas das nadadeiras laterais e fumaça serpenteava da superior. Ele fedia a óleo, o que a lembrou do Sr. Church, o que por sua vez a fez pensar em Joe, e ela percebeu que, se deixasse que eles a colocassem naquele estranho submarino, ela morreria. Não aquela noite, porque, se a intenção deles fosse matá-la de vez, ela já estaria morta ao lado de Joe. Mas, quando o Dr. Cocteau conseguisse o que queria dela, ela morreria.



Mais uma vez, ela tentou correr. Um dos homens mascarados a acertou direto no rosto com um soco tão forte que a derrubou. Ela voou para trás,

tropeçando e rolando até se estatelar, meio para dentro, meio para fora do rio. Uma mancha de óleo boiava sobre a água, sujando a margem.

Mãos fortes a suspenderam novamente, e os homens mascarados marcharam para dentro d'água, carregando-a na direção do submarino. Sua cabeça zumbia por causa do soco, e ela desistiu de lutar. Se quisesse sobreviver, ela teria de esperar pelo momento certo de lutar novamente, ou de correr, ou encontrar um jeito de usar sua esperteza para escapar.

Eles a carregaram de qualquer jeito para o topo do submarino, passando-a de um para outro como se fosse um saco de lixo indesejado. Pouco antes de a arrastarem para dentro, ela olhou mais uma vez para a ilha, aquele extenso cemitério feio, grande demais, e viu os últimos mascarados que chegavam à beira do rio. Um deles segurava algo que brilhava com cores turvas e em constante mudança, e ela se virou para olhar melhor.

O Pentajulum de Lector. É claro. Se o Sr. Church estava certo, o Dr. Cocteau havia conseguido exatamente o que queria. Molly tinha medo de imaginar o que ele pretendia fazer com o objeto, mas sentiu uma terrível certeza de que logo descobriria.

Capítulo doze

Joe piscou para tirar as gotas de chuva de seus olhos. Olhou para as nuvens do início da noite, para o manto da tempestade, e sentiu uma pontada de pesar pensando que nunca mais veria o sol. Nunca mais manhãs de céu azul. Conforme a dormência se espalhava por seu corpo, ele pendeu a cabeça para o lado e cuspiu o sangue que preenchia sua garganta. Ele o sentiu borbulhar em seus lábios e se perguntou – talvez mais intensamente do que jamais havia feito – por que ainda não estava morto. Sem dúvida, sua morte era iminente.

Então ele esperou. A cada respiração, sentia as coisas se romperem dentro do peito. A dor o rasgava, o entorpecimento era uma carapaça que não o protegia dos escombros que ele tinha por dentro. Ainda assim, a centelha de sua vida não se extinguia. Ele vira inúmeras coisas impossíveis em seus anos com Simon Church, dentre as quais a própria longevidade do chefe, conseguida mecânica e magicamente, mas ele tinha acabado de levar mais de uma dúzia de tiros, o que teria destruído seus mecanismos humanos comuns, as partes das quais ele precisava para continuar funcionando. Existia o impossível, e existia o *realmente* impossível. Ele não tinha como sobreviver àqueles ferimentos.

Mas, naquele momento, ele estava vivo.

Mais uma vez, piscou para tirar os pingos de chuva. Ele tinha aquele momento. E, mais ainda, suspeitava de que teria outros. Ele não tinha ideia de quantos mais desfrutaria, mas parecia muito errado desperdiçá-los entorpecido, sangrando e chorando gotas de chuva em agonia. Um dos homens mascarados tinha enfiado a mão no seu bolso e levado o Pentajulum. Isso, aliás, o despertara da inconsciência. Os bizarros criminosos levaram Molly e aquele artefato arcano extremamente poderoso, e os levaram para o Dr. Cocteau.

– De jeito nenhum! – Joe esbravejou, dando outra cusparada de sangue na lama.

A morte viria, mas enquanto o Ceifador se atrasava, Joe se recusava a desperdiçar seus últimos momentos de vida. Ele rolou para o lado, uma mão sobre o abdômen cobrindo o pior de seus ferimentos, tentando segurar as coisas que queriam escorrer para fora. Encharcadas de chuva e sangue, suas roupas colavam no corpo. Quando ele se movia, elas se prendiam aos ferimentos, fazendo desaparecer a dormência que até então havia sido boa para ele. Ainda assim, conseguiu ficar de joelhos, e, nessa posição, deu um solavanco para levantar o corpo.

De pé sob a chuva fina, Joe sentiu o sangue escorrer por suas pernas e invadir seus sapatos. Seus pés atolavam conforme ele cambaleava para a frente, seguindo morro abaixo atrás de Molly e dos homens mascarados. Pedacos quebrados e dilacerados dentro dele rangiam uns contra os outros, e ele teve de conter um urro de dor. Gritar seria um luxo que ele não podia se permitir, consumiria muita energia. Seus dedos se dobraram, e ele buscou sua arma, antes de lembrar que estava sem munição.



Quando os mascarados tiraram dele o Pentajulum, Joe teve uma noção da direção que tinham tomado. Sua visão ia e vinha, o mundo tremulando como a chama de sua vida, mas ele se manteve no rumo. Quando bateu na lateral de uma lápide quebrada e tropeçou, ele se segurou na quina de uma cripta e conseguiu se manter mais ou menos em pé. Respirou, ofegante, três vezes, engolindo de volta o sangue que borbulhava, e se empurrou para longe do granito, ignorando as marcas de sangue que suas mãos deixaram para trás.

A grama alta roçava as barras de suas calças, mas Joe continuou a se arrastar morro abaixo. Ele piscou, e então um grande anjo de pedra apareceu na frente dele, sua cabeça de mármore arrancada muito tempo atrás. Piscou de novo e se viu em um pavimento rachado, um caminho abandonado pelos visitantes que esqueceram aquele lugar e deixaram o passado para trás. Mais uma piscada e então oscilou de pé, confuso. Dois pequenos barcos roncaram do outro lado do rio, arrotando fumaça negra, enquanto um homem mascarado vestindo um longo casaco deslizava pela escotilha superior de um pequeno submarino. Joe balançou a cabeça, pensando que poderia ser uma ilusão, quando viu a estranha nadadeira que se projetava do topo.

Ele mordeu o lábio com força, clareando sua visão por um breve momento. O submarino não desapareceu. Em vez disso, começou a deslizar pela margem do rio, movendo-se lentamente em direção às correntes mais profundas ao sul. O vapor jorrava das tubulações estriadas da barbatana superior, mas, quando o submarino mergulhou, os tubos começaram a jorrar água.

Molly, pensou Joe. Não importava se ela estava no submarino ou em um dos barcos, todos estavam indo para o mesmo lugar: a base do Dr. Cocteau. Ele finalmente se deu conta do que tudo aquilo realmente significava. Eles não tinham atirado em Molly, apenas a arrastado com brutalidade; ou seja, o Dr. Cocteau ordenara que a capturassem com vida. Mas com que intenção? Se ele tinha de alguma forma unido homens e animais para criar os homens mascarados, o que poderia querer com a garota?

Não. Ele cambaleou para dentro da água, cada vez mais fundo no rio. De início, a água irritou suas feridas, mas depois as aliviou. Um impulso de flutuar com a correnteza brotou dentro dele, e Joe quase se rendeu, mas então pensou em Molly, que havia confiado nele e se divertido com ele. Molly, que tinha apostado nele.

Joe avançou mais fundo na água, seguindo o submarino deslizante, e então mergulhou, se arrastando atrás dele, uma mão após a outra. De olhos abertos, ele viu que o estranho transporte tinha nas laterais a mesma tubulação em forma de nadadeira que tinha no topo, e nadou na direção dela, sentindo o gosto da água do rio e do sangue que se misturavam em sua boca. Alongando-se, se esticando, sentindo coisas soltas em seu peito e suas

entranhas, ele tentou se segurar firme na nadadeira a bombordo. Os jatos de água expelidos pelos canos o empurraram, mas ele se segurou.

O submarino ganhou velocidade enquanto Joe ia se arrastando pela curva da nadadeira até se encontrar apertado contra o casco. A partir dali, não poderia fazer nada além de se segurar.

De alguma forma, Joe prendeu a respiração enquanto a água o cobria. Ele conseguia sentir o gosto de cobre em seu sangue, mesmo na água, e a escuridão o esmagava, juntamente com a pressão provocada pelo submarino, que deslizava cada vez mais fundo no rio. Sua visão ia e vinha, tremulando como um zootrópio, enquanto seu corpo lutava contra o abraço da morte – e então afundou tão rapidamente quanto o submarino. Ele captou apenas relances de uma larga entrada de caverna esculpida no xisto que compunha o leito rochoso de Manhattan. O submarino deslizou para dentro do submundo escondido da cidade. Joe viu gigantescas barras de ferro e lajes de pedra, e um mistério se revelou. Eles estavam em um centenário sistema submerso de esgoto que nem ele nem Church conheciam. *Os holandeses*, ele pensou. No século XVII, Nova York era Nova Amsterdã, sob o comando dos holandeses. Tinha de ser obra deles, de alguma forma.

Ele vagava pela história da cidade, sob séculos de ambição, construção e reconstrução. Mas o sedimento da civilização não era tão profundo aqui quanto era na Europa. Antes de existirem os Estados Unidos, estiveram ali os britânicos, e antes deles os holandeses, e antes dos holandeses os índios lenape, os donos originais da terra, agora desaparecidos e há muito tempo esquecidos. Eles eram uma parte do passado, e Joe se descobriu se rendendo a isso, flutuando por aquela história, sumindo dentro de sua própria memória.

Joe se sentiu afundando não na água, mas dentro de si mesmo, e por alguns minutos ele se perdeu na escuridão. Sua pegada se afrouxou somente um pouco, mesmo assim ele se manteve firme. Quando voltou à consciência, tentou respirar e engoliu um pouco de água do rio. Engasgando-se com água e sangue, ele fechou os lábios, mas o que restava de seu oxigênio tinha ido embora. Preso sem ar em seu próprio corpo, ele olhou em volta e viu por um arco aberto à sua esquerda um antigo vagão de metrô enferrujado. Olhando para baixo, através da barbatana do submarino, ele viu trilhos. Ele e o submarino haviam navegado pelas antigas redes de esgoto e entrado nos

vestígios submersos da linha original de metrô da Companhia de Trânsito Rápido Interdistrital.

Eles passaram por estações aos pedaços cheias de lixo e detritos que deviam estar lá desde que o metrô começou a inundar. *Não é de se espantar que nunca tenhamos encontrado Cocteau*, pensou.

Joe tossiu e engoliu água. Lutou para não fazê-lo, mas precisava respirar – precisava gritar. A água o invadiu, e a escuridão voltou. Muitos pedaços estavam quebrados dentro dele; muito sangue tinha sido deixado na lama de Brooklyn Heights e nas águas sob a Cidade Submersa. Nas fronteiras de sua mente, ele se viu na margem de outro rio, uma bruxa fantasmagórica rasgando o barro de sua carne. Mas, mesmo com toda a sua consciência fugindo, ele sabia que tinha sido apenas um sonho. Sempre fora assim, só um sonho.

Joe sentiu a chama dentro dele oscilar muito, quase se extinguindo. E então ela se foi. Seus dedos se afrouxaram quando sua mão se soltou, e ele deslizou para longe do submarino, se deixando levar pela. Misteriosamente mais pesado, ele começou a afundar, e foi descansar enfim ao lado de trilhos que não levavam mais a lugar nenhum.

Capítulo treze

Algo estalou alto dentro dos estranhos mecanismos no peito de Simon Church. Ele sentiu gosto de fumaça em vez de vapor e um cheiro de óleo queimado. Empurrando sua cadeira para longe da mesa do escritório, olhou para baixo mirando a si mesmo, como se seus olhos pudessem ver o que estava errado com ele.

– Não – disse ele, as sobrancelhas franzidas de irritação e desconforto.

Isso não deveria estar acontecendo. Os encantos estavam ativos, os símbolos continuavam tatuados em sua pele. Ele tinha bebido as tinturas, sempre utilizava as ervas mais frescas, e tinha pronunciado os encantamentos passados adiante por sacerdotes detentores de segredos assírios. Ele complementara aquela medicina ancestral substituindo seus órgãos, quando eles falharam, por mecanismos e bombas abastecidas por química moderna e segredos antigos. Os mecanismos precisavam de pouca manutenção e nunca se quebravam. Nunca.

Um sobressalto de dor o dominou, e o Sr. Church apertou a mão contra o peito. Levantou-se meio trêpago e bateu o punho contra o lugar onde deveria existir um coração. Ele sentiu algo ranger lá dentro, e isso fez com que se curvasse, em um momento de agonia, antes que a sensação desaparecesse de repente. Uma tossida escapou de sua boca com uma nuvem de fumaça negra, e então a dor amenizou, e ele conseguiu respirar com calma novamente. O vapor cobria seus lábios enquanto expirava.

O perigo parecia ter passado. Ele estremeceu enquanto atravessava a sala em direção ao armário sobre o qual repousava uma licoreira de cristal com conhaque do século XVIII. Com as mãos trêmulas, serviu uma pequena dose e então dobrou a quantidade. Enquanto levava o copo até os lábios, vacilou, colocou o copo no armário com tanta força, que quase o quebrou.

Algo mais tinha se quebrado dentro dele, algo que não era mecânico nem arcano. Um pedaço de seu espírito havia se desintegrado.

Joe tinha partido. Seu melhor amigo e companheiro fiel tinha morrido, e ele sentiu o corte no elo que compartilhavam, a relação mágica que havia sido estabelecida no dia em que se conheceram. No momento da morte de Joe, algo havia literalmente se quebrado dentro de Simon Church. E, embora o mecanismo que falhara já estivesse funcionando outra vez, Church sabia que aquilo não duraria para sempre. Química, medicina, segredos antigos e mecânica vinham mantendo seu corpo em funcionamento, mas era a sua alma que energizava tudo aquilo, seu senso de propósito, sua pura força de vontade. A morte de Joe arrancara um pedaço daquilo. Sua vontade estava falhando. Seu coração tinha se partido – não o mecanismo que ele havia inventado, mas a parte que o mantinha vivo, seu investimento no mundo ao seu redor.



A entropia tinha tomado conta. Ele começaria a se deteriorar agora. E talvez essa fosse a melhor opção.

– Oh, meu amigo... Meu querido amigo... – ele sussurrou.

Só então percebeu que havia começado a chorar. Ele engasgou e limpou suas lágrimas quase com raiva. Elas deixaram um rastro de óleo no dorso de sua mão. Levantou o copo de conhaque outra vez e deu um bom gole. O líquido parecia feito de seda e fogo enquanto deslizava por sua garganta, e ele esperou alguns segundos antes de tomar outro gole, e depois o terceiro, terminando o drinque.

Mais calmo, pegou a licoreira e o copo e voltou para a sua mesa. O couro rangeu quando ele se sentou na cadeira e repousou a cabeça no encosto. Como se estivessem esperando por ele, as lágrimas voltaram em um único soluço de cortar o coração, preenchendo o escritório, ecoando das lombadas de mil livros.

– Eu sinto muito – ele sussurrou, fechando os olhos.

Hawthorne fora seu primeiro parceiro investigativo, mas parecia apropriado que Joe fosse o último. Afinal de contas, sem Joe, ele teria sucumbido ao peso dos anos em sua alma muito tempo atrás. Uma terrível melancolia tinha se apoderado dele naqueles dias negros, e a chegada de Joe em sua vida, sua amizade, fizera com que ele continuasse a se envolver com o mundo.

Como foi que Joe morreu?, perguntou-se o grande detetive. Bastou um mínimo de dedução para saber que a viagem a Brooklyn Heights o tinha condenado, e não foi necessária nenhuma grande sacada para perceber que a morte de Joe devia ser resultado de um encontro com o Dr. Cocteau e suas criações brutais. Havia outras possibilidades. O túmulo misterioso que parecia ajudar Felix Orlov a curar seu frequente mal-estar poderia conter algum perigo desconhecido. O contato com o Pentajulum de Lector, se Joe e Molly o tivessem encontrado de fato, poderia ter destruído os dois, embora o pouco que o mundo conhecia sobre o Pentajulum indicasse que isso era improvável.

Não, ele pensou, tinha de ser o Dr. Cocteau. Joe não seria morto facilmente.

O Sr. Church abriu os olhos. Encarou sua mesa por um momento, então se inclinou para a frente e se serviu de outro dedo de conhaque. Após bebê-lo rapidamente, colocou a garrafa e o copo de lado e pegou seu cachimbo. Ele o bateu e limpou com agilidade, seus dedos se movendo por conta própria como patas de uma aranha, tamanha a frequência com que executava aquela tarefa. Então encheu e acendeu o cachimbo, sugando a fumaça aromática, e ela o acalmou tanto quanto possível naquele momento.

Nas ondas da fumaça que começava a surgir, Church viu a silhueta de uma figura no canto mais escuro da sala. Assustado, se jogou para trás na cadeira. Atrapalhou-se com aqueles dedos aracnídeos na gaveta de cima da mesa, tentando achar a pistola que guardava lá. Mas depois a silhueta se

definiu nas sombras – ela mesma feita de sombras e formada pela memória –, e ele reconheceu tão bem aquela forma robusta que seu maxilar se abriu e o cachimbo caiu aceso em seu colo. Ele o pegou de volta e segurou, ignorando as cinzas e o tabaco que tinham derramado e sujado suas calças.

– Hawthorne? – ele exalou.

A delicada forma nas sombras fez que sim com a cabeça de um jeito assustador, mas então sorriu gentilmente e um pouco triste, e o pavor que Church sentira ao ver o fantasma desapareceu. Mais uma vez, sua mão começou a tremer, e ele viu o fantasma flutuar para perto da mesa. Percebeu então que havia outros atrás dele, sombras de outros homens que ocuparam o mesmo papel de Hawthorne em sua vida – o de amigo, companheiro e confessor, parceiro na resolução de um crime após o outro. Um a um, ele deixou que eles entrassem em sua vida, e um a um eles morreram, enquanto Simon Church sempre encontrava algum modo de se manter vivo.

O fantasma de Hawthorne inclinou a cabeça e o cumprimentou de um jeito amável e simpático, e o Sr. Church sentiu algo ranger dentro do peito novamente. O mecanismo retiniu várias vezes, e os espasmos o fizeram se retorcer na cadeira de couro, uma, duas, três vezes seguidas. Seu braço esquerdo parecia não querer responder aos comandos do cérebro. Ele queria colocar na mesa o cachimbo caído, mas não conseguia alcançar. Sua mão direita sacudia violentamente enquanto ele tentava tirá-la da gaveta aberta, batendo de um lado para o outro.

– Ainda não – suspirou o Sr. Church. – Ainda não, meus velhos amigos.

Lágrimas quentes tocaram seus lábios, e, dessa vez, quando ele as provou, elas eram puro óleo. Ele imaginou que seu rosto estava listrado de preto, e, embora não pudesse olhar para baixo, sabia que o óleo estaria manchando também sua jaqueta.

Church se forçou a ficar de pé, ouvindo o rangido que vinha de dentro dele da mesma forma como ouvia sua própria voz quando falava, como uma parte de si.

Ele desviou o olhar dos espectros cinzentos que o espreitavam dos cantos ocultos nas sombras. Tinha medo de que, se olhasse nos olhos deles, saberia por que tinham vindo, e a resposta àquela pergunta o aterrorizava.

– Estou vendo vocês – ele sussurrou. – E eu sinto muito, meus velhos amigos, mas vocês me assustam. Mãos espirituais surgiram para alterar o curso da minha vida mais de uma vez, para oferecer orientação e até mesmo presentes, mas tanto o sangue quanto o óleo correm frios dentro de mim esta noite. Eu acho que sei por que vocês vieram, para bem ou para mal, e há algo que eu preciso fazer.

– Church – sussurrou o fantasma do Dr. Nigel Hawthorne. – Você tem lutado de forma admirável contra a morte.

– Silêncio! – disse o Sr. Church, suas mãos trêmulas. Ele trincou os dentes contra a dor em seu peito enquanto cambaleava pela sala em direção às prateleiras que sustentavam seus mais raros e preciosos livros.

– Church – sussurrou o falecido Thomas Cranham, o terceiro homem a executar as funções de Hawthorne após a morte do doutor. – Você se lembra disso?

– Não – disse o Sr. Church enquanto seus joelhos falharam. Ele se chocou contra as prateleiras, livros caíram. A caveira amarelada de um antigo químico caldeu foi ao chão e se espatifou.

– Simon, por favor, veja isso – implorou o fantasma de Cranham.

O Sr. Church fechou os olhos, a tristeza ocupava todos os lugares vazios que seus longos anos haviam deixado dentro dele. Ele nunca percebera o quanto tinha se permitido ficar vazio até aquele momento, quando a angústia o preenchia.

– Ainda não, seus malditos – ele ralhava.

De imediato, se arrependeu. Tinha amado aqueles homens quando vivos, cada um deles. Durante o tempo em que foram seus companheiros, nenhum deles o havia traído. Alguns tinham sido detetives melhores do que os outros, mais espertos e diligentes, e alguns simplesmente foram companhias melhores, mais rápidos nas risadas, com o dom de aliviar seu coração assombrado.

Ele riu consigo mesmo com aquele pensamento, mas mesmo o riso fez seu peito apertar com nova dor. O rangido dentro dele ficou mais alto em seus ouvidos.

– Por favor, Simon, para o seu próprio bem – sussurrou outra voz que ele conhecia tão bem. Desta vez, ele não pôde evitar olhar a figura efêmera de pé nas sombras. Arthur Kenneally tinha sido violentamente afogado no Tâmesa por um assassino brutal no imundo distrito de Shadwell, em Londres. O assassino teria poupado a vida de Kenneally se tivesse contado onde encontrar Simon Church.

O Sr. Church fechou os olhos e se encostou na prateleira, sua testa contra as macias capas de couro de seus livros tão preciosos. Pesar e terror borbulhavam dentro dele como um grito que ele não seria capaz de manter para sempre dentro de si. Em seus cem anos como detetive, já tinha visto fantasmas antes, espíritos à espreita em casas escuras e em rochedos à beira-mar, lugares de arrependimento, decepção e amores desamparados. Mas apenas uma vez tinha visto a figura de alguém que conhecera durante a própria vida.

E agora todos eles estavam ali, todos os homens que tinham ocupado o papel de melhor amigo e confidente, que tinham enfrentado o perigo com ele e aguentado sua arrogância e sua intensidade, a postura gélida que adotara para não precisar se importar com nada. Ali estavam Hawthorne – que o conhecia melhor do que ninguém e conhecera o melhor dele, quando o vigor da juventude ainda o inspirava – e Kenneally, que tinha dado a própria vida para não trair e colocar em perigo o grande detetive Simon Church.

E ele não ia encará-los?

Fazendo caretas para combater a dor, as cortantes contrações musculares e o rangido das engrenagens quebradas dentro dele, o Sr. Church se obrigou a ficar de pé. Erguendo o queixo, virou-se para os fantasmas de seu passado que tinham vindo das sombras – e que talvez sempre tivessem estado à espreita, apenas fora de alcance – e abriu os olhos. Ele encarou os fantasmas e desejou estar com seu cachimbo.

– Você se lembra disso? – Hawthorne perguntou, embora o Sr. Church visse que os lábios do fantasma não se moviam e sua voz soasse como o sussurro da brisa balançando cortinas compridas. Com sua silhueta fantasmagórica aparecendo e sumindo, Hawthorne apontou para uma pequena caixa de jacarandá que repousava discreta sobre uma prateleira a meia altura.

O Sr. Church engoliu com dificuldade, sentindo o gosto de óleo. Sua boca ficou seca.

– É claro que sim – disse ele.

Dentro da caixa havia apenas uma opala vermelha com veios negros. Ele sabia que, se examinasse a caixa mais detidamente, sabia que também encontraria dentro dela resíduos de uma folha de louro de cem anos de idade que em certa ocasião servira de embrulho para a pedra.

– Como eu poderia esquecer? – disse ele, em um sussurro que só ele próprio poderia ouvir.

Uma culpa antiga o abraçou como uma amante proibida, ao mesmo tempo aconchegante e embaraçosa. Ele tinha guardado a caixa como um lembrete, mas, com o passar das décadas, ela se tornara apenas mais um souvenir em uma casa cheia deles. Enquanto olhava ao redor no escritório, ele soube o que encontraria: um cachimbo de cabaça quebrado, uma caneta-tinteiro, um punhal sikh, uma pequena pedra rúnica, um sino silencioso, um cálice rachado e dezenas de outros artefatos dos crimes que tinha resolvido e das tragédias que tinha evitado durante toda a sua vida.

– Morris conhecia os riscos – disse o fantasma de Thomas Cranham.

O Sr. Church assentiu, se encolhendo com uma nova pontada de dor na lateral. Ele procurou entre os rostos translúcidos dos espíritos que se reuniam em seu escritório, mas sabia que não veria Morris Sowerberry entre eles. A culpa se agarrou em seu coração por não ter notado isso de imediato. Sowerberry não tinha sido o mais leal, amistoso ou competente de seus associados ao longo dos anos, nem tinha sido o único a morrer durante o curso de uma investigação. Mas sua morte foi certamente a mais inquietante, se é que alguém podia chamá-la de “morte”.

Contatado pela Scotland Yard para ajudá-los a encontrar o Estrangulador de Knightsbridge, o Sr. Church tinha acabado de descobrir a identidade do assassino, quando foi capturado pelo próprio Estrangulador. O assassino sabia que estava sem saída e pretendia compensar suas frustrações em longos dias de brutalidade, fazendo durar a dor de Church antes de acabar com a vida dele. Sowerberry sabia das conclusões de Church, mas não tinha nenhuma evidência para apresentar à Scotland Yard. Mais de uma vez, ele tentou seguir o assassino sem ser notado, porém, de alguma forma, o homem

sempre parecia sentir sua presença e enganá-lo. Até que Sowerberry decidiu que o único modo de rastrear o assassino até onde ele mantinha Church seria ficando invisível.

Em meio à coleção de escritos e artefatos arcanos do Sr. Church havia a Opala de Pasha, um souvenir de um caso anterior. Envoltos em uma folha fresca de louro, ela supostamente tornaria invisível quem a segurasse na mão. Para Sowerberry, funcionou bem até demais. Invisível aos olhos, ele seguiu o assassino, até que, finalmente, o homem o levou para a velha alfaiataria em cujo porão o Sr. Church estava preso. Ainda invisível, ele atacou o assassino e lutou com ele, mas, durante a luta, deixou cair a opala, que escorregou do seu invólucro de folha de louro.

Embora já estivesse invisível, naquele momento Sowerberry desapareceu. O Estrangulador de Knightsbridge já havia sido nocauteado, e o Sr. Church tinha conseguido se libertar de suas amarras a tempo, mas não havia qualquer sinal de Sowerberry. Sem poder se tornar visível novamente, ele havia desaparecido do mundo de carne e osso, e seu espírito nunca iria descansar. Ele não poderia estar ali entre os outros fantasmas porque não era nem físico nem espiritual, não estava mais vivo, mas também não estava totalmente morto.

– Simon – disse o fantasma de Nigel Hawthorne. Sua voz parecia um sussurro gelado no ouvido do Sr. Church, embora o espírito ainda se escondesse nos recônditos sombrios da sala com os demais. – Cranham está certo. Sowerberry sabia do risco que corria. Ele já tinha lido o arquivo sobre a Opala de Pasha e os avisos lá contidos.

– Eu sei – disse o Sr. Church, olhando pela primeira vez nos olhos translúcidos de seu primeiro parceiro de investigações, morto havia mais de sessenta e cinco anos. – Mas ele assumiu o risco, Hawthorne. Nesse tipo de trabalho, nós nos atiramos cada vez mais em situações de perigo, sem reservas, sabendo que o fazemos por um bem maior.

– Mas Morris fez isso por você – Cranham observou, sua voz muito distante, um som como o farfalhar de folhas de papel.

– Eu sei disso! – disse o Sr. Church, arrependendo-se no mesmo instante por ter reagido com raiva. Ele não tinha total certeza do motivo da visita dos fantasmas, mas estava certo de que não era para serem repreendidos por ele.

Por fim, a figura cinzenta de Hawthorne saiu das sombras. Na escuridão profunda que emanava da janela, uma mistura da noite que se aproximava com a tempestade ameaçadora do lado de fora, ele era pouco mais que uma silhueta de fumaça.

– Morris Sowerberry fez por merecer seu descanso – Hawthorne sussurrou. – Seus pais esperam por ele na eternidade. A mulher que ele amou e com quem nunca se casou se pergunta quando o espírito dele finalmente romperá as ligações com o mundo físico e se juntará a ela. Mas isso simplesmente não acontecerá. Sowerberry jamais terá descanso, Simon. Isso não é culpa sua, apesar desse sentimento que carrega em seu coração. Mas, se pudesse voltar no tempo, capacitado pelo conhecimento dos eventos antes que eles acontecessem, você não o impediria de pegar a opala? Não iria querer que Sowerberry tivesse o descanso que ele fez por merecer?

O Sr. Church se apoiou na estante. Um peso terrível se formou em seu peito e foi ficando mais denso a cada instante, todo o óleo e o sangue se acumulando lá dentro, os mecanismos cada vez mais lentos, não conseguindo fornecer força suficiente para ele suportar o fardo. Ele sentiu o cheiro de fumaça vindo de dentro e novamente provou lágrimas de óleo em seus lábios.

– É claro – respondeu com rispidez, sua voz tão baixa quanto o sussurro dos fantasmas. – Você sabe que sim.

Em seus longos anos de vida, ele viu espectros aterrorizantes, fantasmas de loucos sedentos de sangue e aparições cheias de ódio. Viu espíritos perdidos e pesarosos, ecos nus de vidas solitárias, com medo de entrar no que temiam ser um pós-morte ainda mais solitário. Embora naquele momento lhe desse arrepios estar cercado por espíritos de amigos mortos há muito tempo, ele não estava exatamente com medo. Se sentia algo, era que estava seguro. Com certeza não se sentia sozinho, e por essa razão seu próprio fantasma já seria grato pela eternidade.

Mas ele desejava que eles não tivessem vindo, porque isso tornava muito mais difícil o que teria de fazer a seguir.

– Você tem de deixar o Joe como ele está agora – disse o fantasma de Cranham. – Deixe o espírito dele descansar. Ele merece.

Church sabia que devia a Hawthorne e aos outros sua atenção. Considerando todas as vezes em que esteve tão concentrado em um enigma, distraído por um caso, que tinha ignorado o conhecimento que eles ofereciam, ele não ia fazer isso agora. A dor o paralisava. Sua respiração vinha em goles curtos e frágeis, e sua mão esquerda começara a tremer sem controle, mas ele ouviu cada palavra. Ele gostaria apenas de poder atender ao pedido.

– Sinto muito – disse ele, ouvindo o embargo na própria voz. Nenhuma parte dele trabalhava adequadamente agora. – Há mais a ser feito.

O Sr. Church percebeu o olhar decepcionado no rosto do fantasma de Hawthorne. Apesar da imaterialidade do véu que formava o espírito, do modo como até a luz pálida da sala passava por ele e do vazio oco de seus olhos, o olhar do espectro ainda mantinha todas as nuances de emoção. Tremeluzindo visível e invisível, o fantasma de Nigel Hawthorne se aproximou, desaparecendo e reaparecendo várias vezes até que estivessem próximos o bastante para sussurrar segredos sem os outros escutarem.

– Eu não gosto de vê-lo sofrendo, Simon – disse o fantasma, seus traços formando apenas um indício de rosto na fumaça condensada. – Aliviarei o seu fardo, se eu puder. Mas você precisa me ouvir.

– Eu te disse que... – o Sr. Church começou.

– Você precisa me ouvir – reiterou o fantasma de Hawthorne com mais firmeza.

O espectro estendeu a mão transparente e nebulosa e a pressionou contra o peito de Church. A dor pareceu diminuir, e o Sr. Church exalou. Ele sabia que não era uma cura, apenas um breve alívio. A centelha de uma estranha vitalidade se acendeu dentro dele, e ele entendeu que Hawthorne lhe tinha dado parte de seu próprio espírito, parte de si mesmo, para oferecer um abençoado alento.

– Obrigado – disse sofregamente o Sr. Church.

Mas o fantasma não tirou a mão do peito dele. Em vez disso, pronunciou uma única palavra:

– Relembre.

Capítulo quatorze

É um outro tempo, anos atrás. Church está à mesa em seu escritório. Um disco de jazz está tocando, suas notas suaves dançando pela sala. As cortinas estão amarradas, raios do luar entram pela janela e cobrem todo o tapete desbotado que um dia já fora bonito. A poeira gira num redemoinho, uma tempestade lânguida de puro desleixo rodopiando na pálida luz amarela. Se não fosse pela presença de Church, alguém poderia pensar que a sala fora abandonada havia meses ou mais. Ele está tão quieto que até poderia se passar por parte da mobília.

Church respira profunda e pesadamente, deslocando parte do pó que flutua ao seu redor. Ele olha fixamente para o mecanismo peculiar na mesa à sua frente, com seu metal outrora brilhante agora sujo de óleo e impregnado de magia. Parece algo que ele teria apanhado dentre os órgãos mecânicos que construiu para si, mas o aparelho de ferro com pequenas bombas e câmaras seladas é muito mais do que isso.

Uma vez que a implantação esteja concluída e seu órgão inútil e quase morto tenha sido removido, este será o seu coração.

Ele pesa pouco, considerando a quantidade de metal envolvida, e ainda assim a mesa parece ceder com o seu peso. O Sr. Church massageia as têmporas, olhando para o mecanismo que mancha a mesa. Sem disposição para usar o cachimbo, saca um cigarro turco de uma caixa de mogno e o acende com um palito de fósforo, que, em seguida, ele assopra e larga no cinzeiro. Finas colunas de fumaça, os fantasmas da chama extinta, se erguem do palito de fósforo apagado, e ele as observa enquanto se dissipam.

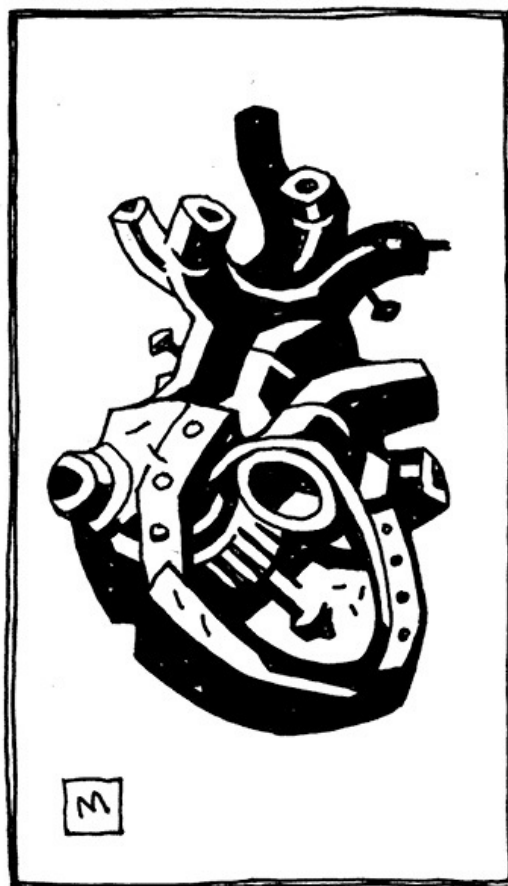
A música enche a sala, mas o Sr. Church não pode senti-la dentro de si. Ela não ajuda em nada a animá-lo – em vez disso, parece apelar para uma parte dele que anseia pelo fim de toda música. Um fim para o sangue, o óleo e os cigarros, e para a vida em que ele passou acumulando as coisas em seu

escritório, restos de tempos antigos, marcos de sua jornada. Ele fuma um pouco, sentindo o aperto no peito. Pode sentir as engrenagens em movimento dentro dele, pode ouvir o funcionamento de outros mecanismos instalados ao longo do tempo para que pudesse se agarrar à vida. A engenhoca louca que criou, este novo e impossível coração, ainda lhe dará muitos anos, até mesmo décadas, se ele as quiser.

Mas é esse o propósito de um coração?, ele se pergunta. Frequentemente em sua longa vida, ele pensou que talvez o objetivo de um coração humano fosse se partir. Ele encontrou e perdeu o amor muitas vezes. Teve amigos profundamente leais e os amou de forma quase tão profunda quanto aquela lealdade. Um a um eles morreram, alguns de forma violenta ou trágica, outros meramente sucumbindo ao lento acúmulo da idade. Church ficara constantemente sozinho em sua vida, mas ele nunca tinha se sentido tão solitário.

Ele fuma e gira o aparato cardíaco sobre a mesa. Depois de algum tempo, levanta-o e o segura na palma da mão, avaliando seu peso, e pensa nos crimes que resolveu e nas vidas que salvou. Ele se lembra dos fantasmas que banuiu do mundo e das maldições que quebrou. Seu trabalho mantém as pessoas a salvo e tem sido a sua paixão desde a juventude, mas toda as perdas e toda a solidão pesam sobre ele agora, e ele pensa que talvez tenha chegado o momento de parar de se reconstruir, já que o que seu corpo quer é ceder à natureza e cair aos pedaços.

Algum dia ele terá de morrer. Por que não hoje? O mundo continuará a girar sem ele, até que um dia também pare. Quantas pessoas realmente perceberão a sua partida?



Church olha para o traço de luz da lua que toca o tampo de sua mesa. Ele dá um trago no cigarro e sopra na direção da luz, vendo a fumaça se misturar às partículas de pó e então flutuar rumo à escuridão. Seu peito vem doendo há dias, mas ele conseguiu viver tempo suficiente para construir um novo coração e fazer os encantamentos que tornarão possível o impossível. E, agora que está pronto, ele não o quer mais. Não precisa mais dele.

Não mais, ele pensa.

O cigarro já queimou quase até os seus dedos, mas Church dá outra profunda tragada em sua fumaça doce e temperada, preenchendo os pulmões, então se inclina na ruidosa cadeira de couro e fecha os olhos. Ele prende a fumaça, deixando-a enfraquecer, e somente quando precisa respirar – quando o aparelho que substituiu seus pulmões anos atrás clama pelo ar – ele solta a fumaça.

Seus olhos permanecem fechados. Ele pode sentir o final do cigarro começando a queimar entre seus dedos.

Isso é suficiente?, ele se pergunta, sem mover os lábios e sem saber exatamente a quem está perguntando.

Ele ouve um som como que em resposta, um barulhinho parecido com um chuvisco. Church franze a testa, se questionando se ouviu direito ou se há ratos em sua parede novamente e foi o som de unhas o que ele escutou. Mas, após um momento, vem outro barulho mais alto da mesma direção, diretamente à sua direita.

Ele abre os olhos e se vira para procurar a fonte do ruído. Nada parece fora do lugar. Os livros estão nas prateleiras junto com os artefatos coletados ao longo de sua carreira, tanto os místicos quanto os mundanos. Um imenso globo repousa parado. A coisa que mais chama a atenção naquele canto da sala é a enorme figura de pedra do golem que o observa com olhos de estátua.

No canto tocado pela luz do luar, Church pode ver um pedaço de pedra meio esfarinhado no chão aos pés do golem, cercado por fragmentos de argila. Curioso, coloca o aparato cardíaco na mesa e apaga o cigarro, só então notando o quanto deixou que seus dedos se queimassem. As queimaduras ardem, e ele sopra ar morno entre os dedos, resfriando-os enquanto se levanta

da cadeira e caminha para ver melhor os destroços que parecem ter caído do golem. Ele inclina a cabeça, analisando com cuidado a figura de pedra.

Church o adquiriu de um museu em Dubrovnik. Em uma cidade às margens de um rio no norte da Dalmácia, as pessoas acreditavam que, antigamente, a área havia sido tomada por bruxas que atormentavam, assassinavam e escravizavam pessoas, que comiam bebês e pervertiam inocentes. As pessoas tinham medo de sair à noite, viajar para longe ou ficar fora de casa após escurecer. De acordo com a lenda, os anciãos da cidade criaram um golem de pedra e argila do rio e deram vida a ele. O golem caçou e matou as bruxas por anos, finalmente levando a última delas pelo estuário do rio para o oceano adentro. Com seu trabalho terminado, foi permitido que ele descansasse e ficasse inerte, nada mais do que uma estátua.

Uma equipe de construtores descobriu o golem enterrado na margem do rio ao se preparar para construir as fundações de uma nova ponte. Ele foi levado para o museu, onde a maioria dos curadores o tratava como nada além de uma escultura dos nativos, uma curiosidade para exibição. Isso mudou quando uma série de assassinatos em Dubrovnik levou os investigadores ao museu e ao golem. O próprio prefeito da cidade contatou Church e solicitou sua participação, e em três dias toda a ardilosa trama vinha à tona. Uma moradora local, descendente das bruxas que tinham assombrado a tal cidade à margem do rio, usara o golem como uma marionete para matar seus inimigos, julgando-se muito esperta e apreciando a deliciosa ironia de perverter o propósito do golem. Depois disso, os curadores do museu decidiram destruí-lo, com medo de ele ser novamente manipulado por bruxaria. Mas Simon havia aprendido boa parte de sua triste e nobre história, e lhe doía vê-lo destruído. Após alguma conversa e certas considerações financeiras, ele convenceu o museu a deixá-lo encaixotar o golem e levá-lo para casa.

E ali ele tinha estado por muitos anos desde então, um companheiro silencioso, só observando tudo, ou assim ele imaginava.

Church se agacha e passa os dedos nos finos grãos de argila seca que caíram no chão. Ele os esfrega entre os dedos e percebe que estão ligeiramente úmidos. Aproxima-os do nariz e sente o cheiro do rio.

Impossível, ele pensa. Mas ele havia pensado o mesmo muitas vezes antes e tinha se enganado.

Alarmado, ele se levanta outra vez, olhando para a sala, estudando cada canto e os arranjos entre a luz do luar e as sombras. Será que tinha acontecido de novo? Alguma bruxa tinha conseguido assumir o controle do golem? Seu coração moribundo dói, e ele leva uma das mãos ao peito, olhando para sua mesa e para a peça substituta que forjara para si.

Virando-se outra vez, Church se aproxima da figura de pedra, estudando-a com atenção. As sombras provocadas pela lua recaem sobre os sulcos daquele rosto, tornando difícil identificar, mas ele acha que talvez a sua expressão tenha mudado. Algo mais está diferente. Church olha com fascínio para as rachaduras no peito da criatura. Elas sempre estiveram lá, as fissuras que se abriram na argila seca, mas de fato estão diferentes.

Elas estão sangrando.

Atônito, Church começa a cutucar a ponta de uma das fissuras. Ele percebe, mais para o lado e abaixo, o ponto de onde havia saído a lasca de pedra que caíra no chão. Passando os dedos nas bordas da rachadura, sente que ela cede. Há pedaços de pedra cobertos por argila macia e terra solta, e ele começa a descamar e retirar aquela cobertura.

Sua respiração para, quando ele vê carne humana aparecendo por baixo.

Meio estonteado, ele só consegue ficar de pé e admirar enquanto o golem começa a mudar de forma, pedra e terra caindo e quebrando. Seus olhos de cor cinza encaram Church por um momento, brilhando com uma espécie de pânico exultante. São olhos humanos e, por baixo da argila e da pedra que se rompem, o semblante também é humano. O golem se desequilibra para a frente, mais de sua casca de barro descamando, e Church só pode olhar maravilhado enquanto argila e pedra se rompem e caem no



assoalho de madeira em cacos, lascas e farelos.

O homem dá mais um passo na direção de Church e cai na pilha de terra que saiu dele. Grande e poderoso, embora fraco naquele momento de renascimento, ele cai no chão na frente de Church – inconsciente porém vivo.

Church quer acordá-lo, falar com ele, aprender seus segredos, mas quando se abaixa para acordar o homem, uma dor aguda atinge em cheio o seu coração. Em pânico, ele olha em volta, vê o mecanismo de cobre e ferro sobre a mesa e segue na direção dele.

Não é seu destino morrer agora. Aquele é um sinal de que ele precisa continuar. Alguém tem de ir em frente para mostrar o mundo àquela criatura extraordinária.



O Sr. Church voltou ao presente de forma abrupta, como se acordasse de um pesadelo. Ainda estava apoiado na estante de livros, o cheiro de óleo queimado em suas narinas e a dor aguda dos mecanismos que rangiam e dos músculos que se contraíam em seu peito. Ele deixou escapar uma baforada que mais parecia fumaça de óleo do que vapor, se forçou a ficar de pé e mais ereto e a olhar no fundo dos olhos tristes do fantasma de Nigel Hawthorne.

– Obrigado – ele disse, sua voz envolta em ferrugem. – Essa é uma das minhas memórias mais preciosas. Revivê-la de maneira tão real foi... um presente.

O fantasma de Hawthorne franziu o cenho.

– Ele fez tanto por tanta gente – disse o espectro. – Varreu da terra um mal ao qual nenhum de nós teria sobrevivido. E então seu espírito descansou

por séculos antes que o Criador desse a ele uma vida humana. Ele foi seu último parceiro e, sem dúvida, o melhor de nós. Mas agora ele está realmente morto, Simon. Ele foi recompensado pelo serviço que prestou, ganhou a vida de um homem para viver e a morte de um homem no final. Ele merece a paz do além.

Church deu uma risada rascante, depois olhou para o fantasma de Cranham, que fora o mais leal de todos os seus companheiros.

– Sabem, assim que vi vocês, eu pensei que tinham vindo me confortar enquanto eu morria.

– Foi exatamente por isso que viemos – disse Cranham, se enfraquecendo um pouco, mais parecido com uma sombra do que nunca. – Queremos tranquilizar sua consciência, Simon. Você lutou tanto por tanto tempo para se agarrar à sua vida! Ela é tão preciosa para você que nós sabíamos como você ficaria assustado ao finalmente deixá-la escorrer por seus dedos. Mas nós sabemos melhor do que ninguém como a sua cabeça funciona, e sabemos o que você pretende fazer.

– O que precisa ser feito – o Sr. Church disse com um suspiro. – E Joe diria o mesmo, se pudesse.

– Mas ele não pode – disse Hawthorne, incorpóreo e mais presente na sala do que o próprio Sr. Church. – Então você precisa escolher por ele e carregar o fardo dessa escolha. Ele ganhou vida para que você não ficasse tão sozinho.

– Não foi só por mim – o Sr. Church respondeu.

– Mas foi nos seus termos – o fantasma de Gavin Thompson sussurrou, bem atrás do grupo de espíritos, o estranho júri que estava ali reunido. – Como sempre, assim como aconteceu com o resto de nós, quando ele foi trabalhar com você, passou a viver de acordo com as suas regras. Carne e osso podem ter sido uma dádiva para ele, mas ele foi trazido à vida como uma dádiva para você. Você não pode negar isso.

Algo começou a retinir alto no peito do Sr. Church, e o cheiro de fumaça ficou pior. Ele conseguiu levantar a mão direita e limpar suas lágrimas. Queria argumentar com Thompson. Nenhum deles estivera lá naquela noite quando Joe abriu os olhos, bem ali naquela sala. Mas eles estavam certos, é claro. O despertar de Joe tinha sido um presente para ambos.

– Você acha que, se eu o trouxer de volta, o espírito de Joe nunca descansará. Mas não tem como você saber disso.

Os espíritos olharam para ele em silêncio, deixando clara sua reprovação. O Sr. Church deu de ombros. Ele não temia aquelas aparições, porque sabia que eram seus amigos. Mas ainda assim eles estavam mortos, e a morte sempre fora sua inimiga.

– Por favor, Simon... – começou Cranham.

– Joe é único – disse o Dr. Church, avançando. – Não temos como saber qual será seu destino, porque o mundo nunca conheceu nada como ele. Eu temo a morte, meus velhos amigos, mas eu sei que ela virá a mim, e eu não conseguirei resistir muito mais.

Ele olhou ao redor, para os rostos dos fantasmas.

– Mas alguém precisa estar aqui para lutar – ele insistiu. – Durante suas vidas, e enquanto vocês trabalhavam comigo, nós encontramos o mal repetidas vezes. Mas eu direi a vocês: existe algo além. Eu senti isso pela primeira vez na noite em que interrompi o ritual de Andrew Golnik com Cynthia Orlov, e a lembrança ainda me dá arrepios. Aquilo me perturba tão profundamente que eu me preocupo não só com o mundo que vou deixar para trás quando der meu último suspiro, mas com nossas almas no além-vida. Eu não sei qual é o alcance da presença sobrenatural que senti naquela noite, perscrutando nosso mundo como se espiasse através de uma brecha em uma cortina. E não é algo sobrenatural. É totalmente não natural, e não pertence ao tecido da nossa realidade. É alienígena e maligno, e o Dr. Cocteau deseja prestar reverência a essa entidade hedionda. Ele quer se abrir a ela, e também o mundo, para ver que poder ganhará com isso. Ele acha que o Pentajulum fará isso por ele. Eu não sei o que o objeto fará. Cocteau poderia destruir o mundo ou entregá-lo para essa presença que se esconde além do véu que separa sua realidade da nossa. E tudo o que há entre Cocteau e seus planos, ou pior, os planos dessa entidade, é uma ruivinha abandonada de quarenta quilos chamada Molly McHugh. Molly precisará de ajuda, e eu não estarei aqui. Minha hora chegou. Mas o Joe... Ele foi trazido à vida para combater coisas que o mundo não entende, para salvar as pessoas de males estranhos. Se vocês estão certos e o espírito de Joe se perder para sempre, então eu passarei a eternidade em um inferno que eu mesmo criei. Mas ainda assim isso precisa ser feito, e todos vocês sabem disso.

Enquanto falava, sua angústia e sua certeza lhe deram forças para seguir em frente. Agora que tinha desabafado, o Sr. Church sentiu a garganta apertar e ficou mais difícil puxar o ar. Sua mão esquerda tremeu e deslizou da prateleira onde ele estava se apoiando, e ele começou a descer para o chão. Ele foi tomado pelo pânico quando pensou que não teria mais tempo.

De joelhos, se virou para encarar os fantasmas de Hawthorne e Cranham com um olhar soturno.

– Meu tempo está me escapando. Isso precisa ser feito. Sinto muito.

Hawthorne olhou em volta para os outros fantasmas e por último para Cranham, que assentiu uma vez, solenemente. As duas aparições se aproximaram, tremeluzindo, desaparecendo e reaparecendo. O Sr. Church olhou para o nada nebuloso que era o rosto de Nigel Hawthorne, a dor aumentando em seu peito. O tinido dentro dele havia cessado, mas isso o preocupava ainda mais.

– Nós ficaremos com você, Simon. Até o fim.

O Sr. Church sentiu um jorro de emoções, uma angústia terrível com relação a seu próprio destino e ao de Joe, mas também gratidão pela bondade de seus velhos amigos. Com um esforço monstruoso que resultou em um ruído estridente de metal contra metal e uma tosse úmida que produziu um fluido espesso e escuro que vazou de sua boca e seu nariz, ele se arrastou até ficar de pé, usando as estantes para manter o equilíbrio.

Ele levou apenas alguns momentos para pôr as mãos no diário em que registrara tudo o que havia aprendido sobre as bruxas de Obrovac, às margens do rio Zrmanja, e sobre o ritual que os aldeões usaram para dar vida ao golem. Ele virou páginas secas e amareladas com seus dedos secos e amarelados e ignorou as gotas de líquido negro que caíam no livro aberto.

Capítulo quinze

Joe sentia a água passando por seu rosto. Ela o embalava e fazia sua cabeça balançar suavemente. Era estranho, e no início ele pensou que estivesse acordando em um lugar espiritual, pairando na bela nuvem de paz que o pós-vida representava para ele. Mas, quando tentou se mover, sentiu um peso terrível pressioná-lo, como se tivesse sido enterrado vivo, e um princípio de pânico se acendeu dentro dele.

Ele abriu os olhos para uma escuridão desfocada, mas a água gelada que passava por eles era inconfundível, e ele percebeu que devia estar se afogando.

Lutando contra o peso que se abatia sobre ele, Joe fez força para se levantar e com uma das mãos conseguiu se apoiar no liso metal de um trilho de trem. Dando um impulso, ficou de pé, segurando a respiração e se perguntando que peso terrível era aquele que o aprisionava e tornava impossível nadar. Como encontraria seu caminho naquele túnel inundado e escuro, com nada além de contornos vagos de objetos distantes para guiá-lo? Ele precisava respirar! Ele precisava...

Joe continuava firme em cima das linhas de metrô em decomposição, com um pé no trilho de metal, e se perguntou por que seus pulmões não ardiam. Ele queria respirar, mas não parecia realmente precisar disso. Havia quanto tempo estava lá deitado, morto ou à beira da morte? Ele prendeu o fôlego o tempo inteiro ou tinha respirado a salobra e quase metálica do rio?

Ele inspirou fundo, e o rio correu para seus pulmões. Depois expirou e o sentiu sair por seus lábios. Depois de um tempo, fechou a boca e parou de respirar por completo. Notou pouca diferença. Ele não precisava respirar.

Como?, ele se perguntou, com os pensamentos confusos. Será que tinha morrido e voltado em algum simulacro esfarrapado de vida? Seu raciocínio parecia lento, e ele bateu a palma da mão contra a cabeça, frustrado por suas

memórias recentes parecerem tão fragmentadas. Havia uma garota, Molly. Eles tinham estado em um cemitério. Os assassinos vieram com suas máscaras de gás e levaram a garota. Ele franziu a testa, tentando se lembrar. Eles levaram alguma outra coisa. Algo importante.

Uma obscura hostilidade se formou dentro dele quando pensou nos homens mascarados e na forma brutal como haviam tratado a menina. *E me mataram*, ele pensou, se lembrando das armas e das balas. *Eles me mataram*.

Ele passou as mãos pelo corpo, procurando os lugares onde os tiros o acertaram. Mas ele estava lento por causa daquele terrível peso que o segurava a cada movimento. Seus dedos tocaram algo duro e áspero, e a sensação de contato pareceu distante, como se ele estivesse apenas sonhando aquela tentativa grotesca de recriar seu assassinato.

Na escuridão que o envolvia no túnel inundado, ele de alguma forma ainda conseguia enxergar, embora vagamente. Estendeu uma das mãos para a frente, aproximando-a para olhar melhor, e viu com horror o estado arruinado de seus dedos. A carne estava rasgada e aos pedaços. Em alguns pontos, ela pendia dos dedos e de sua palma em pequenas tiras. Ela estava enrugada pelo tempo passado na água, e ainda assim, apesar da carne desfigurada, ela não estava dolorida. Somente um peso e uma força surpreendente.

Curioso, examinou a mão direita com os dedos da esquerda e viu que as duas mãos estavam destruídas. Um pedaço inteiro de pele tinha sido arrancado da parte de trás da esquerda, revelando uma pele escura e áspera embaixo. *Mas o que diabos...?*, ele se perguntou. Analisando a pele arruinada, com um temor cada vez maior dentro de si, Joe descobriu que ela se soltava com facilidade. Incapaz de se conter, em pouco tempo ele arrancou a maior parte da pele velha, revelando as mãos cinzentas, ásperas e cheias de arestas. Ele as reconheceu de seus sonhos. Enormes e poderosas, esculpidas em pedra e argila, elas haviam assassinado pelo menos uma centena de bruxas.

Não, não, ele pensou, cambaleando para trás como se pudesse escapar de suas próprias mãos. *Não pode ser*.

Seu pé direito bateu nos trilhos, o som abafado pela água mas audível. Pedra contra metal, reverberando. Joe balançou a cabeça, sentindo seu peso. Ele não tinha sido enterrado vivo. A pedra e a terra que o pressionavam

estavam dentro dele. Ele podia sentir agora o revestimento inútil e estranho que sua pele havia se tornado. Com as mãos no rosto, sentiu a pele morta se esticar sobre seu rosto de pedra.

O que sou eu?, se perguntou. Mas percebeu que sabia a resposta. *Um golem*, e olhou novamente para suas mãos de pedra. Seria ele um homem transformado em golem ou um golem que se disfarçara de homem?

Por vários minutos, Joe deixou a corrente dar voltas ao seu redor, mantendo as mãos próximas dos olhos para poder distinguir cada rachadura e fenda em meio à água escura, onde olhos humanos nunca veriam nada. Emoções o percorreram, um pesar pelo homem que tinha sido, mas também uma estranha euforia, enquanto fragmentos de memórias muito mais antigas invadiam sua mente.

Ele tentou organizar suas memórias. Surgiu em seus pensamentos a imagem de um homem de nariz longo e cabelo ralo e fino, fumando um cachimbo. Seus olhos eram intensos, com um brilho gracioso e resoluto. *Church*, pensou Joe. Por um segundo, ele se esqueceu do nome e se repreendeu por isso. O homem era o seu melhor amigo e, ainda assim, Joe teve problemas em montar uma imagem nítida do rosto dele. As memórias de sua vida como um homem estavam desaparecendo, se estilhaçando e indo embora como as teias de um sonho após o despertar.

Mas ele ainda pensava na menina que gritava enquanto os homens mascarados a levavam embora, e sabia que algo precisava ser feito. Ele podia sentir uma estranha hesitação no mundo, até mesmo na água em torno dele, como se a cidade inteira tivesse se retesado frente a um ataque contra o qual não tinha qualquer proteção. Uma maldade poderosa emanava de algum lugar à sua esquerda, através do túnel, uma verdadeira mácula na realidade, como se uma espécie de doença a tivesse invadido. Uma infecção.

Joe se virou naquela direção e marchou pelas águas profundas no fundo do túnel, procurando a fonte da infecção e uma garota cujo nome ele não lembrava mais.



Os olhos do Sr. Church se abriram, e ele se viu no chão de seu escritório entre os restos do ritual. As velas tinham

queimado até o fim, pavios afogados na cera derretida. O livro repousava no local onde havia caído quando ele desmaiou, as páginas dobradas e rasgadas. O almofariz com o pilão e os frascos das ervas que ele havia espalhado sobre as chamas das velas estavam esparramados nas tábuas do piso.

– Será que... está feito? – ele grunhiu, a enormidade daquela dúvida o enchendo de uma tristeza que ele jamais conhecera.

A noite caíra. O escritório contava agora com muito pouca luz, mas no escuro havia sombras dentro de sombras, e as silhuetas de seus velhos amigos se manifestaram novamente, uma a uma.

O fantasma de Hawthorne flutuou para dentro e para fora de seu campo de visão, ou talvez fosse a visão do Sr. Church falhando: a oscilação de sua vida, não a inconsistência do espectro.

– Sim – o espectro disse solenemente.

O Sr. Church assentiu, sua respiração falhando. Suas entranhas estavam frias como gelo. Não havia mais vapor para aquecê-lo. Os mecanismos dentro dele haviam se silenciado, e os últimos resquícios da química e da magia que o mantinham vivo tinham se esgotado. Mas era melhor que ele morresse agora. Após todos os crimes que havia solucionado, no fim ele tinha cometido o maior crime de todos. Condenara seu melhor e mais leal amigo a vagar pela Terra novamente como um golem... talvez para sempre.

Ele não conseguia respirar. Não restava nenhum resquício de ar dentro dele. Era como se seu peito desabasse sobre si mesmo. Todas as suas partes ainda humanas, o menino que tinha sido havia tanto tempo, gritaram para respirar, mas ele não tinha ar. Ele se perguntou se Joe o odiaria pelo que ele fizera.

– Simon – disse o fantasma de Cranham. – Vai ficar tudo bem.



O Sr. Church sentiu algo se soltar dentro dele. Respirando de um jeito que em nada lembrava uma respiração, ele pareceu se expandir, e toda a tensão o abandonou. Todo o seu medo desapareceu, embora uma profunda melancolia permanecesse.

– Venha, Simon – disse Hawthorne. – Segure a minha mão.

O grande detetive abriu os olhos e seguiu na direção de seus amigos.

Um momento depois, tudo estava quieto no escritório. Mesmo o corpo encurvado e murcho do velho deitado no chão estava completamente imóvel. Todos os fantasmas tinham ido embora do escritório de Simon Church.

Inclusive o dele.



Capítulo dezesseis

Molly queria ir para casa. O problema é que ela não sabia se ainda tinha uma. Estava deitada em uma espécie de cama, um catre estreito no corredor, os tornozelos bem amarrados e os pulsos algemados atrás das costas. O interior do submarino era tão apertado que ela se sentiu sufocada assim que os homens das máscaras de gás a arrastaram escotilha abaixo. Ela duvidava de que os mascarados tivessem as mesmas emoções e sensibilidades das pessoas comuns, mas não entendia como seres humanos normais conseguiam ficar submersos dentro daquela máquina apertada.

Não que ela fosse perguntar, ou achasse que os humanos a bordo do submarino fossem responder. Os mascarados a tinham arrastado para dentro, mas eles eram apenas passageiros como ela. O submarino tinha seu próprio capitão e sua tripulação, homens de uniforme cinza pardo com estranhas insígnias militares, que ela imaginou pertencerem à marinha de algum país da Europa Oriental, já que eles falavam uma língua gutural e tinham pele cor de oliva. Ela se perguntou como os homens cinzentos tinham se tornado empregados do Dr. Cocteau. Será que eles abandonaram seu país de origem e venderam seus serviços como algum tipo de tripulação pirata, ou será que Cocteau tinha, de algum modo, persuadido algum governo a emprestar uma tripulação para ele? Depois de um dia como aquele, nada mais parecia impossível para ela.

Por enquanto, Molly tinha apenas seus pensamentos e sua imaginação como companhia. As camas a bordo do submarino eram pequenas e podiam ser dobradas para serem tiradas do caminho. Ela fora largada sem cerimônia em uma delas. Qualquer pessoa que tentasse passar por aquele compartimento a caminho da popa ou da proa da embarcação teria de se espremer para passar por ela ou levantar o catre para tirá-la da frente, o que a derrubaria no casco, já que suas mãos não estavam livres para se apoiar.

Ninguém olhava para ela, nem os mascarados e muito menos os oficiais pálidos de pele viscosa e olhos de pálpebras grossas. Molly já tinha visto pessoas com problemas com drogas, e os pequenos pontos de suor que se destacavam na pele deles eram sombriamente familiares.

Deitada no catre desconfortável, ela tremeu com o frio que emanava do casco de metal atrás dela. As profundezas do rio eram geladas, e Molly sentia cada vez mais frio. Homens mascarados e marinheiros pálidos de cara fechada passaram por ela, mas ela se recusou a pedir um cobertor, sabendo que seria ignorada. Eles mal olhavam para ela, nem mesmo para garantir que não tentaria fugir – e tinham razão em desdenhar daquela possibilidade. Ela estava amarrada pelas mãos e pelos pés em um submarino no fundo de um rio extremamente gelado, cercada por criaturas cuja humanidade fora corrompida pela magia e por homens que pareciam tão ocos quanto cadáveres.

Para onde ela poderia correr?

Um grito vinha crescendo dentro dela desde que fora arrastada para o submarino e que a escotilha fora fechada. Ela pensou em Joe, que tinha sido gentil com ela, cordial do seu jeito caladão e engraçado, e que devia estar morto àquela altura, perto do túmulo do ocultista lá no cemitério. Foram muitas balas, e havia muito sangue.

Pobre Joe, ela pensou. Eu sinto muito.

Contudo, a cada momento que Molly passava a bordo do submarino, seu pesar por Joe ia sendo pouco a pouco encoberto pelo terror crescente quanto ao que poderia acontecer com ela quando a tripulação tão assustadoramente quieta chegasse ao seu destino. Molly estava deitada de lado no catre, prestando atenção em vozes e qualquer comunicação que desse uma dica do



que a esperava. Será que a estavam levando para junto de Felix? Se sim, então ela tinha esperanças. Ela tinha certeza de que, uma vez que ela o visse, que eles tivessem chance de conversar, encontrariam um jeito de escapar daquilo tudo. Afinal de contas, ele era Orlov, o Conjurador.

Tremendo de frio e batendo os dentes, ela se ateve àquela centelha de esperança.

Molly se forçou a respirar fundo e esperar. A princípio, tentou controlar sua tremedeira, mas então decidiu ignorá-la. Não conseguia parar de sentir frio, mas poderia dar um jeito em seu medo. Em toda sua vida, especialmente antes de conhecer Felix, ela tinha passado a maior parte do tempo com medo. Homens mascarados pararam no passadiço e olharam para ela, com as lentes negras das máscaras refletindo as luzes fracas do submarino. Ela apenas encarou de volta, forçando seu rosto a se tornar um tipo de máscara também. Quando um oficial alto e magro e de olheiras profundas parou para observar o corpo dela com um olhar de abutre faminto, ela, corajosa, encarou de volta e se certificou de que ele soubesse que ela não se entregaria facilmente ao que aqueles olhos negros pareciam sugerir. Ele ficou lá, sem saber o que fazer, quando um pequeno e encurvado homem mascarado veio andando pelo corredor e ele precisou abrir caminho. O abutre não voltou.

Mas aquele mascarado estranhamente curvado não foi longe. Agachado, ele andou devagar na direção dela. Tinha menos que a metade do tamanho dos outros e não era maior do que um pré-adolescente. A tentação de fechar os olhos e fingir que dormia era grande, mas Molly não se acovardaria. Seu ombro doía, e as algemas apertavam seus pulsos, mas ela continuou deitada, embalada pelo barulho dos motores a vapor do submarino, mantendo no rosto uma expressão desafiadora enquanto o homenzinho curvado se aproximava.

O pavor percorreu sua espinha e se espalhou por todo seu corpo. O mascarado aproximou o rosto, e ela quis muito desviar o olhar. A respiração dele era o pior, um barulho molhado de sucção que vinha de dentro da máscara. Molly observou o próprio reflexo nas lentes insetoides da máscara e, por um momento, teve um lampejo de lembrança do enorme homem mascarado que a seguiu por telhados e pontes, aquele que Joe matara para salvá-la. Ele a tinha rastreado pelo cheiro.

Quando ele parou para obter um rastro mais nítido e levantou a máscara, ela viu seu verdadeiro rosto por um breve instante – seus lábios molhados e ondulantes pulsando como a mandíbula de algum animal marinho bizarro, ou a flor de uma planta subaquática, com dentes que pareciam espinhos. Molly não sabia se eles eram todos iguais, mas se sentiu suja quando o homenzinho mascarado se agachou perto dela, ciente de que o barulho úmido de sucção dentro da máscara era ele se deliciando com seu cheiro. Isso a deixou com vontade de vomitar, e ela se forçou a respirar curta e rapidamente para evitar a náusea.



A criatura curvada levantou uma das mãos, e ela congelou, rígida no catre. Ele tentaria tocá-la ou planejava tirar a máscara? Nervosa, sem saber o que seria pior, ela se preparou para atacar.

A mão dele tocou a beirada da máscara.

Molly se contorceu no catre, se encolheu contra o casco e dobrou os joelhos, pronta para chutar com vontade. Um impacto brutal a fez rolar em direção à proa do submarino, caindo de cara no chão e escorregando para o passadiço, ainda presa. Um barulho muito alto de arranhão e metais se chocando ecoou pelo submarino, que parou abruptamente.

Ela escutou o mascarado abaixado logo atrás dela, a respiração, abafada pela máscara, bem perto do seu ouvido. O submarino inteiro rangeu e se estabilizou, e um silvo de ar passou por ela como uma leve brisa, como se a pressão interna estivesse sendo aliviada. Molly deslizou pelo chão e com as costas abriu a escotilha que dava para o cômodo seguinte, usando a alavanca para se levantar apesar das restrições impostas por seus grilhões. Ela encarou seu catre, que bloqueava a maior parte do passadiço, e descobriu que estava sozinha. O homenzinho mascarado tinha ido embora.

Enquanto Molly analisava o corredor em busca de algo que pudesse usar para cortar as amarras de couro em seus tornozelos, o submarino começou a subir, chacoalhando-a. Ela se apoiou no arco da escotilha para se equilibrar. Franzindo o rosto, surpresa, ela se deu conta de que o submarino não estava indo para a superfície. Ele estava sendo içado. Parecia que eles não estavam mais sob as águas. Enquanto ela tentava identificar onde estavam, a escotilha na outra ponta do corredor foi aberta, e um marinheiro trêmulo e de aparência abatida entrou.

Ele arqueou uma sobrancelha, estudando-a com uma combinação estranha de divertimento e desdém, e então disse algo naquele idioma gutural que ela não entendeu. Molly levantou o queixo em desafio, pronta para lutar se precisasse, mas então a escotilha atrás dela se abriu, e ela a atravessou, caindo com tudo. A parte de trás de sua cabeça bateu com força no chão, e ela sentiu uma nova onda de dor.

Dois mascarados estavam de pé à sua frente, as lentes negras das máscaras ocultando qualquer sinal de humanidade, se é que existia alguma. Silenciosos, exceto por sua respiração, inclinaram a cabeça para a esquerda juntos, como se compartilhassem um pensamento. O homenzinho corcunda correu por detrás deles, seu peito arfando com a respiração debilitada e ofegante.

Molly vacilou.

– O que vocês vão fazer comigo? – perguntou, com um pedido de misericórdia em seu tom de voz.

Eles a levantaram do chão e a carregaram pelo passadiço, de volta pelo caminho que tinham feito quando a trouxeram a bordo. Para onde quer que estivessem indo, eles haviam chegado.



Os homens mascarados passaram Molly pela escotilha de mãos em mãos, como se ela fosse uma mala velha e surrada. No deque do submarino, ela piscou, surpresa com o brilho de luzes fortes que iluminavam uma longa câmara tubular que parecia um dia ter sido parte de um túnel de metrô. As extremidades tinham sido fechadas com muros de granito e cimento que, de algum modo, eram impermeáveis. Olhando ao redor, Molly ficou

impressionada quando viu o submarino suspenso e seco. Um mascarado alto e de costas largas a colocou sobre o ombro. Ela podia sentir o lado da máscara pressionar a lateral de seu corpo, mas não se sentia nem um pouco tentada a arrancá-la. Expor o que estivesse no interior das roupas de borracha dos homens mascarados liberaria aquele estranho gás amarelo, e isso poderia dar a ela a oportunidade de fugir, mas ela não tinha mais para onde ir e certamente não tinha ninguém a quem pedir ajuda. Felix estaria ali, se ele ainda estivesse vivo. O que quer que o futuro reservasse para ela, era ali que as respostas estavam.

Um grupo de mascarados e tripulantes do submarino cruzou a passarela metálica que tinha sido puxada para conectar o deque ao amplo beiral que percorria um dos lados da câmara, como uma varanda. Molly ia balançando no ombro do homem mascarado, o que dava a ela uma visão perfeita do que havia abaixo. Um pequeno córrego percorria os trilhos do metrô. Pinças gigantes de metal prendiam o submarino em cada extremidade, e um tipo de plataforma o suportava por baixo. Ela demorou um instante para entender como aquilo era possível, e então se deu conta de que o submarino não tinha voltado à superfície. Em vez disso, ele tinha entrado naquela câmara por algum tipo de porta, agora fechada, e uma vez que as pinças e o suporte foram posicionados, toda a água fora drenada do lugar. O córrego lá embaixo devia ser algum vazamento na barreira, ou a água que restou após a drenagem.

Eles ainda estavam debaixo d'água. Ainda estavam bem abaixo da Cidade Submersa.

A tripulação uniformizada em cinza parou na plataforma e deixou os homens mascarados passarem, seu trabalho concluído. Eles a tinham deixado nervosa com suas aparências desagradáveis e seus olhares lascivos, mas pelo menos ela podia ver seus rostos e sabia que eram humanos. Enquanto era carregada através de uma porta metálica em arco, Molly pôde vê-los voltando à passarela e ao submarino, e se perguntou se ela estava deixando para trás um último vislumbre da humanidade.

Antes de a porta se fechar com um estrondo metálico, as luzes fortes na doca seca do submarino foram apagadas, deixando todos no escuro, mas nenhum dos oficiais demonstrou surpresa. Ela os imaginou se rastejando como ratos de volta ao seu buraco e se deu conta de que, na verdade, seu

último vislumbre de humanidade tinha sido Joe, o detetive robusto que ficara caído no cemitério de Brooklyn Heights no meio na chuva. Seja lá o que viesse a acontecer daquele momento em diante, ela não iria cometer o erro de achar que era comum ou humano.

O homem mascarado a carregou por uma escada de ferro em espiral que parecia ter sido enterrada no leito de pedra, talvez instalada originalmente para os trabalhadores daquele primeiro metrô de Nova York. Lâmpadas queimavam em gaiolas de malha metálica penduradas no alto, e as paredes choravam lágrimas de umidade. Molly se contorceu, tentando observar melhor o cenário ao redor caso ela e Felix precisassem passar por ali na hora de fugir.

Depois que o encontrasse e eles estivessem no mesmo quarto, seu primeiro objetivo teria sido atingido, e ela poderia começar a trabalhar no segundo: soltá-lo e dar um jeito de voltar para a superfície.

Se ele estiver vivo, ela pensou. E se ele ainda estiver são.

Imagens dos últimos momentos da sessão com os Mendehtons invadiram sua mente. O que será que tinha acontecido de errado com Felix antes de os homens mascarados invadirem o apartamento? Será que ele tinha morrido? Se não, será que seu cérebro tinha sido danificado, incapacitando-o de algum modo?

Para, ela disse para si mesma. *Você saberá a resposta quando o vir,* e ela esperava que isso acontecesse logo.

Os mascarados marcharam pela escada em espiral, suas roupas farfalhando e estalando. Enquanto se contorcia para olhar para o alto, Molly viu o homenzinho curvado quase galopando escada acima, dois degraus à frente do mascarado que a carregava, e uma sensação de repulsa percorreu seu corpo. O restante deles inspirava nela um tipo de medo instintivo, uma resposta natural a coisas que eram fundamentalmente não naturais. Mas aquela criatura sorrateira a perturbava ainda mais, porque parecia existir algo muito primitivo nela.

Um alto barulho metálico veio de cima, seguido de um ranger de dobradiças. Eles chegaram a um patamar na escada, e os homens mascarados passaram em fila por uma pequena porta que mais parecia uma escotilha. Olhando para trás, de cabeça para baixo, ela viu que a escada de ferro

continuava para cima. Então o mascarado que a levava se abaixou para passar pela porta, e a escotilha foi fechada logo em seguida. Um deles girou a roda que selava a porta, e o que carregava Molly a largou bruscamente no chão, enquanto outros se aproximavam para remover as algemas e a tira de couro. Seus pulsos estavam machucados, e seus tornozelos, marcados, mas suas mãos e seus pés formigavam com o fluxo de sangue liberado e a dormência deixada pela constrição.

Nas pontes e nos canais da Cidade Submersa, convivendo com os Ratos D'Água e com sobreviventes calejados pela vida, Molly aprendera a ser uma atriz, a transmitir um ar de aborrecida indiferença e desprezo. Ela também aprendera o valor de uma língua afiada. Mas com os homens mascarados agrupados em uma estranha formação de meia-lua e a encarando, todas aquelas habilidades pareciam inúteis. Que comentário ácido poderia ajudá-la ali? Nenhum.

Com a escotilha fechada atrás dela, apenas um caminho permanecia aberto. Molly seguiu adiante, esfregando as mãos e os pulsos para recuperar a circulação conforme marchava pelo corredor e virava uma esquina, apenas para encontrar outra escotilha esperando por ela, vigiada por um único homem mascarado. Ao vê-la, o guarda da porta girou a roda da escotilha, a abriu, dobradiças rangeram, e segurou a porta para ela como se fosse um laçao da rainha. Molly hesitou apenas por um momento antes de entrar.

Do outro lado da porta, ela congelou.

A câmara que surgiu parecia grande demais para existir embaixo d'água. O teto côncavo tinha uma altura de pelo menos doze metros, e ela não conseguia enxergar claramente o outro lado da grande sala. Canos gigantesco entravam e saíam pelas paredes e pelo teto formando ângulos estranhos, o que a lembrava dos canos do submarino. Eles se dividiam e se retorciam, às vezes se encontrando em junções aparentemente sem sentido, e então se separavam de novo, como se a câmara inteira fosse um vasto e estranho instrumento musical. As conexões e as suturas dos canos tinham parafusos e ferrugem, que brilhavam com vapor condensado. Luzes fracas estavam espalhadas em intervalos como fogueiras distantes ao longo das paredes e em meio a várias peças de maquinaria, enchendo a câmara de sombras esquisitas que sugeriam mais detalhes do que as lâmpadas iluminavam.

As paredes pareciam suar. Máquinas barulhentas respiravam um vapor sibilante e batiam como grandes corações. Mas o que mais impressionou Molly não foram as máquinas da sala nem a sensação de sujeira e abandono. O que a fez hesitar e fixar seu olhar foi o contraste onírico dos elementos de decoração na gigantesca câmara. Vigas e postes foram espalhados pela sala, e alguém tinha pendurado cortinas, tapeçarias intrincadas e cortinados pesados de veludo, dando impressão de que uma trupe teatral de ciganos nômades tentava retratar uma corte real em um palco improvisado.



Só quando aquela coisa pequena e encurvada em sua máscara horripilante rastejou para fora das cortinas mais próximas foi que Molly se deu conta de que ele tinha de algum modo passado na frente deles. Ele a encarou, inclinando a cabeça por um momento, e então voltou para trás das cortinas. Em seguida, esticou a cabeça para fora de novo, observando-a com seja lá que tipo de olhos ele tivesse ocultos por trás das lentes negras e brilhantes. O homem mascarado queria que ela o seguisse, mas Molly não conseguia nem mover os pés.

Outro homem mascarado a cutucou por trás, e ela começou a andar. Eles a conduziam adiante mais uma vez, o pequeno mascarado corcunda liderava o caminho. Ela o seguiu através das cortinas e, uma vez dentro dos limites daquela sala improvisada, teve outra surpresa. Havia tapetes manchados no chão e pinturas antigas penduradas por correntes que se destacavam das cortinas e das tapeçarias. A mobília decorada tinha sido organizada como se fosse uma sala de espera, e Molly percebeu que as várias separações criadas pelos postes, vigas e tecidos tentavam imitar cômodos de um palácio. Contudo, a decoração parecia falsa, como um palco frágil construído para uma produção teatral, pronto para ser desmontado e levado para os bastidores na próxima vez em que as cortinas se fechassem.

Com os canos pingando lá do alto e a maquinaria ainda roncando por perto, atrás das cortinas, ela seguiu o corcunda por diversas salas e um longo corredor daquela casa falsa e esquisita, com os homens mascarados marchando atrás dela.

Quando eles finalmente emergiram em uma sala bem maior, Molly titubeou mais uma vez. Com todas as bombas, tubos e cortinas bloqueando sua visão, ela não fazia a menor ideia do que a aguardava. Ela ficou sem fôlego ao olhar em volta, tentando absorver aquele panorama insano sem ser sobrecarregada pela sua onipresente bizarrice. Viu, em uma plataforma elevada, uma cadeira ornamentada que só podia ser um tipo de trono, uma longa mesa de jantar com uma única cadeira e um trio do que pareciam ser mesas cirúrgicas encardidas com amarras velhas de couro que pendiam das laterais. Estantes e bancadas ao redor estavam entulhadas de materiais cirúrgicos e coisas flutuando em jarros.

Mas nenhum desses detalhes peculiares a assustou tanto quanto um objeto que parecia ser a peça central da sala, uma enorme esfera de vidro, de mais de seis metros de diâmetro, colocada em cima de uma base de metal cheia de alavancas, rodas e válvulas cujas funções não eram claras. A primeira coisa de que se lembrou ao ver a esfera foi de uma bola de cristal rachada que Felix tinha dado a ela para decorar a sala de sessões no antigo teatro. Ele jurava que a bola pertencera a uma cigana que previa o futuro, mas, quando ela perguntou se realmente funcionava, ele só respondeu que isso dependia completamente do que você queria ver no cristal.

Depois de um momento, entretanto, Molly percebeu que a esfera lembrava menos a bola de cristal e mais o conjunto de globos de neve que o velho mantinha em uma prateleira em sua cozinha. Só havia quatro delas, o que não era bem a quantidade necessária para formar uma coleção, mas já era suficiente para que parecesse correto exibi-las juntas. Uma vez, enquanto espanava, ela quebrou o antigo globo de neve de Coney Island, descobrindo então que ele era também um globo de neve musical que tocava uma canção antiga chamada “Ain’t She Sweet” quando alguém dava corda. Ou o deixava cair e quebrar ao espanar.

Alguma coisa se movia na água turva dentro da esfera, o que a fez pensar em um terceiro tipo de objeto, um aquário. Mas, com a base pesada de metal

e sem uma abertura no topo, a comparação com o globo de neve parecia mais adequada.

Só quando adentrou mais a sala, Molly notou o que havia além da plataforma do trono, das mesas cirúrgicas e da enorme esfera. As cortinas que criavam a ilusão de sala com os elementos heterogêneos da câmara formavam apenas um meio círculo. Além delas, havia uma parede de verdade, grande e ameaçadora, que se elevava até a escuridão acima.

Molly ficou sem ar ao observar a parede que incluía várias janelas de diversos tamanhos e formatos, todas com vista para as profundezas da Cidade Submersa. A visão poderia ser de outra câmara subterrânea, inundada com água do rio, ou do fundo do próprio rio. Havia peixes nadando lá fora, alguns assustadoramente grandes, como se a janela fosse feita daqueles vidros de parques de diversão que distorcem a imagem.

O sonho de Felix, ela pensou. E estremeceu ao olhar para as mesas cirúrgicas. Esse não podia ser o lugar onde Andrew Golnik tinha quase matado a mãe de Felix quando ela o carregava no ventre. Naquele lugar, havia algum tipo de altar de sacrifício, não uma mesa cirúrgica. O Sr. Church tinha sido bem claro a respeito disso. Mas não existia qualquer dúvida de que Felix tinha misturado o passado e o futuro em seus sonhos, um passado de que ele nunca poderia se lembrar e um futuro que apenas um adivinho poderia prever.

O homem mascarado de ombros largos a empurrou para a frente. Molly sentiu sua pele se arrepiar de medo e por causa do ar frio e úmido que parecia abraçá-la.

O homenzinho corcunda saiu de trás do globo de água, inclinou sua cabeça, impaciente e apreensivo, e então rastejou para longe. Com os mascarados a empurrando, Molly não tinha escolha a não ser ir adiante. Uma parte dela queria se fazer de difícil, lutar e correr, se recusar a ver o que esperava por ela depois dessa odisseia assombrada. Mas então ela se lembrou de Felix e dos homens mascarados arrastando-o sobre a passarela em frente ao teatro e para as águas da Rua Vinte e Nove. Sua determinação renovada, ela prosseguiu, contornando a parte de trás da esfera. Alguma coisa se mexeu na água, e por um momento ela achou que tinha visto uma corrente perto do fundo, antes que a coisa voltasse para as sombras.

Os mascarados vinham marchando atrás dela, com a respiração ruidosa dentro das máscaras, mas então eles desaceleraram e baixaram as cabeças como cachorros bem treinados. De repente, a respiração úmida e débil do mascarado corcunda ficou mais alta, e ela chegou ao outro lado da esfera. Ela observou o homenzinho curvado se agachar obedientemente aos pés de um homem velho e gordo de barba grossa e tão branca quanto a neve, assim como seu cabelo. Ele vestia um casaco longo de lã, vinho, com uma lapela larga de veludo em tonalidade mais escura. Ela tinha visto fotografias antigas em um dos livros de Felix e achava que aquilo se chamava *smoking*. O colarinho estava aberto, e ele não usava gravata. O velho virou para observá-la através de pequenos óculos apoiados no seu nariz largo e que tornavam seus olhos maiores do que eram de fato.

Parecia bondoso, aquele velho homem, e, apesar da estranha dicotomia da vasta câmara, com seus tecidos incapazes de mascarar a verdade decadente de sua ferrugem e sua idade, as roupas dele estavam impecavelmente limpas e arrumadas, diferente do tipo de roupa gasta e sem adornos que Felix era obrigado a usar. Nesse sentido, o homem lembrava mais o Sr. Church, ambos personagens antiquados de outra era, e ela se perguntou quanto tempo havia que eles lutavam um contra o outro.

Molly o encarou espantada. Ele parecia tão gentil e comum, apesar de rico, que ela se recusava a acreditar que esse vovô fosse o louco sobre o qual o Sr. Church a alertara.

Ele riu suavemente.

– Ah, Srta. McHugh, eu posso praticamente ler sua mente.

Uma arrepio de alerta a percorreu, e ele deve ter percebido isso no rosto dela.

– Não, não – ele disse rapidamente, como se estivesse arrependido por preocupá-la. – É apenas modo de falar. Eu só queria dizer que bastou olhar para você para saber o que estava pensando. E eu devo informá-la de que, sim, sou ele.

Ela balançou a cabeça, repleta de insanidade suficiente para uma vida inteira, imagine para um único dia.

– Dr. Cocteau? – ela perguntou.

Entretido, fez uma medida e respondeu:

– Ao seu dispor.

Molly se encrespou, recusando-se a ser conquistada pelo velho de roupas finas e óculos pequenos.

– O que você fez com Felix Orlov?

O Dr. Cocteau assentiu pesaroso com a cabeça.

– É claro que você merece saber. Infelizmente não creio que vá gostar da resposta. Mas sim, seu pai está aqui conosco.

– O quê? – disse Molly, confusa. – Felix não é meu pai.

– Não por nascimento. Eu sei disso. Mas é um pai em seu coração, não é? Sinto muito que, na ausência dele, você tenha buscado algum tipo de substituto paterno em homens como Simon Church e aquele laçao bruto.

Molly sentiu raiva e um quê de identificação.

– Mas eu não...

– É bem natural, Molly – disse ele, gentilmente. – Perfeitamente compreensível. Mas foi melhor que você tenha se juntado a nós, não só por Felix e por mim, mas também por você mesma. Você já gastou tempo demais com loucos, não acha?

Ela ficou parada lá, amedrontada e confusa, tentando esconder todos os seus pensamentos daquele homem que parecia ser capaz de enxergar através dela. Simon Church tinha parecido tão confiante que, apesar do disparate de suas afirmações e da estranha mistura de ciência e magia que o mantinha vivo, ela tinha posto fé no que ele dizia.

Não, ela pensou. Você acreditou foi no Joe.

E, de certo modo, isso era verdade. Embora ele não falasse tanto quanto o Sr. Church, foi a contida bondade que ela sentira em Joe, somada à fé que ele tinha no Sr. Church, que a levava a acreditar em ambos. Mas aqui estava o Dr. Cocteau, um homem que, a despeito daquele cenário, não parecia exatamente cruel, inumano e insano como o Sr. Church o descrevera.

– Por favor – ela disse. – Onde está Felix?

O Dr. Cocteau olhou para ela com uma expressão de cortar o coração, e, por um momento, ela achou que ele estava prestes a contar para ela que Felix tinha morrido. Em vez disso, ele acenou com pesar na direção da esfera de vidro.

– Ele está ali dentro.

Molly o encarou, sentindo o sangue drenar de seu rosto. Em pânico, ela correu para a esfera e pressionou seu rosto contra o vidro, palmas das mãos apoiadas, tentando ver através da água turva. Como antes, ela viu algo se movendo lá dentro, se contorcendo freneticamente como se estivesse lutando ou se afogando. Se Cocteau estava falando sério...

– Você precisa tirar ele daí! – ela gritou, olhando para ele rapidamente antes de voltar a encarar a água escura. – Ele vai se afogar!

– Não, não vai – retrucou o Dr. Cocteau. – Pelo contrário, ele não sobreviveria se o tirássemos do tanque. Preciso da sua ajuda, Molly. Felix precisa de sua ajuda. É por isso que mandei trazerem você aqui.

Seu tom de voz e suas explicações sensatas começaram a convencê-la, e então ela se lembrou dos homens mascarados e do modo como tinham fuzilado Joe no cemitério da ilha de Brooklyn Heights. Mas e se Cocteau estivesse falando a verdade?

– E o que exatamente eu tenho de fazer? – ela perguntou, cautelosamente voltando seu olhar para o velho bem vestido e de barba branca.

– Apenas fique aqui com ele – respondeu o Dr. Cocteau. – Mantenha-o calmo.

Molly franziu a testa.

– O que ele está fazendo lá dentro?

Um sorriso se espalhou pelo rosto do velho, e ele olhou com ternura para o globo de água.

– Felix está cumprindo seu destino. Ele está se tornando o filho de seu pai.

Frustrada e ainda mais confusa, Molly começou a balançar a cabeça. De canto de olho, ela notou um rápido movimento dentro da esfera, e se voltou

a tempo de ver um rosto através da água turva. Era o rosto de Felix... mas não o rosto que ela conhecia tão bem. Agora era algo completamente diferente, alterado, estranho e grotesco.

Molly se afastou do vidro e começou a gritar.

Capítulo dezessete

No apartamento de Simon Church, as coisas começaram a se deteriorar. Uma estante desabou, derrubando no chão livros antigos com mapas dobrados de lugares impossíveis e impérios ancestrais. Uma máscara de porcelana do Carnaval de Veneza continuou pendurada na parede, mas amarelou rapidamente e começou a rachar e descascar, suas cores esmaecendo.

Os relógios pararam. O último a silenciar foi o relógio de chão que Church trouxera da Inglaterra tantos anos atrás. Ele já tinha pertencido aos pais dele. Seu filho mais novo, Nathaniel, adorava o relógio, às vezes entrava nele para se esconder e ficava fazendo barulhos de tique-taque até que seu pai o encontrasse. O garoto ficou doente e morreu aos sete anos, deixando um vazio tão sombrio e mórbido que não demorou muito para levar a mãe de Nathaniel, a única mulher e único amor de Church.

Nos últimos setenta anos de sua vida, Simon Church nunca tinha falado o nome dela. Havia forças sinistras no universo que poderiam fazer coisas abomináveis com o nome de alguém que fora amado e agora estava morto, e ele não queria dar a elas esse poder. Mas ele sonhava com ela com frequência. Apenas Hawthorne sabia que o detetive tinha sido casado, que tivera um filho – um garoto que um dia talvez pudesse ter se tornado um detetive também, se tivesse vivido o suficiente para Church ensiná-lo.

No apartamento de Church, as plantas começaram a escurecer, e as folhas, a cair. O tabaco em suas latinhas mofou. Os produtos químicos em seu laboratório se tornaram inertes. Pergaminhos amarelaram e se enrolaram. Se alguém tivesse tentado usar o elevador, ele poderia ter funcionado a princípio, mas as engrenagens teriam emperrado e começado a queimar, trancando o intruso lá dentro. No quarto onde Joe tinha deixado Molly sob as cobertas e onde ela tinha acordado com medo e confusa, porém quente e confortável, fotografias antigas de um

tempo anterior às águas que engoliram o Baixo Manhattan caíram da parede, vidros estilhaçando.

Quando a empregada chegasse de manhã encontraria o corpo de Simon Church no chão do escritório onde tinha caído, mas só iria reconhecê-lo porque não conhecia mais ninguém que tivesse máquinas estranhas dentro do corpo. Seus restos tinham começado a amarelar e ressecar como os pergaminhos, fragmentando-se como as estantes e as fotografias. Os anos que o Sr. Church mantivera afastados por tanto tempo finalmente o tinham alcançado, e a mão decadente do tempo afetou também os seus pertences.



A pintura descascou. O papel de parede caiu. A tinta de caneta secou em seu recipiente. Logo seria como se tivessem se passado décadas, em vez de horas, desde que alguém colocara os pés naquelas salas.

Apesar disso, no andar de cima, na sala com teto em forma de cúpula, as máquinas continuavam a zunir e fazer barulhos metálicos, operando sem ininterruptamente. As válvulas chiavam com o vapor. Os ponteiros dos medidores balançavam perigosamente conforme deslizavam em direção às áreas vermelhas. A única coisa que tinha parado de funcionar na sala era o enorme pêndulo, que não balançava mais.

Contudo, o pêndulo não tinha quebrado. Tinha parado de se mover, mas estava inclinado, apontando para um lugar específico, perto da extremidade sul da Cidade Submersa, onde cem anos antes ficava a prefeitura de Nova York. Ele indicava essa direção com rigidez tal que sugeria a influência de um ímã poderoso, mas não havia ímã nenhum. O pêndulo, assim como todo o aparato de monitoramento de ocultismo do Sr. Church, estava apenas fazendo o seu trabalho.

Os ponteiros dos marcadores continuavam a subir.



No túnel, Joe se arrastava pelos trilhos de metrô, balançando com o ir e vir da correnteza. Os peixes nadavam à sua volta na água escura, e às vezes ele parava para observá-los, seus pensamentos à deriva. Ele flexionou os dedos, abrindo e fechando as mãos, e então as ergueu para encará-las, pensando em bruxas horríveis que, com satisfação, roubavam crianças e amaldiçoavam a colheita.

Uma anchova comum nadou depressa em direção ao seu peito e depois se afastou, mas não antes de ele se retrair, lembrando-se das balas.

Joe franziu a testa, sua sobranalha de pedra pressionando debaixo da máscara de pele que ainda cobria parte de seu rosto. Balas em seu peito, lama em sua boca, chuva caindo nos seus olhos. Ele tinha sido baleado, não tinha? Vagarosamente, assentiu com a cabeça. Sim, ele tinha. E os bastardos que atiraram nele levaram a garota. Seu nome era Molly? Sim, Molly.

Com a motivação renovada, ele começou a andar novamente. Os peixes mordiscavam a pele morta que descascava de seu corpo de pedra, mas ele os ignorou, pensando nos rios, decidindo que todos os rios eram um só, incluindo o tempo e o destino, e ele se sentiu feliz de que a correnteza estivesse do seu lado.

Capítulo dezoito

Molly se afastou do tanque com tanta força que caiu esparramada em um tapete persa desgastado. Ela encarou a esfera de vidro, mas só pôde ver um vulto escuro em movimento. O rosto que tinha visto, entretanto, ficara gravado em sua mente, e ela sabia que nunca seria capaz de esquecê-lo.

– Aquilo... aquilo não pode ser o Felix – ela disse em voz baixa.

Homens mascarados observavam à distância, alguns deles por entre as cortinas que davam a falsa impressão de que a sala ficava separada da câmara enorme. Outros permaneciam bloqueando sua rota de fuga, parados e quietos, as lentes negras de suas máscaras escondendo qualquer sinal de personalidade.

Enojada, Molly tampou os olhos com as mãos e tentou estabilizar sua respiração. Ela balançou a cabeça, ainda cobrindo os olhos. Aquela coisa no tanque não podia ser Felix Orlov por vários motivos, e o principal era que ela tinha o dobro do tamanho de um homem. Molly vislumbrara uma mão, e ela tinha três dedos longos com múltiplas juntas que mais pareciam as garras de um caranguejo. Seu braço tinha o mesmo tipo de carapaça com espinhos, como um inseto ou crustáceo, mas o pior de tudo era o rosto, que tinha se tornado uma massa contorcida de carne viva. Ou o Dr. Cocteau era louco ou estava mentindo – ou ambos. O que quer que fosse o prisioneiro naquele tanque não era Felix.

Mas ao mesmo tempo era. Encarando aquele rosto grotesco, ela ainda podia ver vestígios de seu amigo e sentir certo quê de familiar.

Ela se virou para a direita e vomitou no tapete embaixo dela, um dos muitos que Cocteau tinha colocado casualmente ao longo da vasta câmara. Seu estômago embrulhou, e ela quase vomitou de novo, mas conseguiu

evitar, respirando pela boca e se virando para longe do fedor de seu próprio vômito.

Pela primeira vez, ela notou que um pouco de água tinha vazado do globo e encharcado o tapete. Ela podia sentir o frio úmido que se espalhava por suas calças e agora em seus joelhos, então ela recuou até que chegasse às lajotas empoeiradas do piso original da enorme estação de metrô construída três quartos de século atrás. Porque aquilo só podia ser um equivalente do terminal principal da Estação Grand Central, construída no centro da cidade e então deixada à mercê do tempo. Ela já tinha ouvido histórias desses caros investimentos fracassados no submundo de Nova York durante os anos em que morou com invasores e catadores de lixo, mas nada nessa escala. Cocteau tinha tomado aquela câmara para si, isolando-a do rio.

E eu estou presa aqui com ele, pensou Molly. Ela se virou para olhar o globo de água novamente, mas chegou à conclusão de que não queria mais vê-lo de perto. Seu lábio inferior estremeceu, e ela teve de se segurar para não chorar. Cocteau tinha dito que Felix era pai dela, mas estava errado sobre isso. Ele a havia criado como um pai, ela diria, e ela o amava como se fosse mesmo, mas agora eles cuidavam um do outro. Ele era seu melhor amigo. Seu único amigo de verdade.

– Ó, Deus – ela sussurrou, esfregando as têmporas com as mãos, agora respirando fundo não mais para evitar vomitar, mas para evitar gritar.

Perturbada, ela se levantou tropegamente e se virou, procurando pelo Dr. Cocteau, que tinha ficado estranhamente calado. Ela observou os homens mascarados espalhados pela sala, aos pés da plataforma do trono de Cocteau – só podia ser dele –, bloqueando qualquer chance de fuga. Eles lembravam corvos pousados lado a lado no parapeito de um prédio ou nos galhos de uma árvore no cemitério de Brooklyn Heights. Os pássaros pretos ficavam em silêncio, observando com um jeito ameaçador o mundo passar por eles, como se tivessem algum plano malévolo em mente e estivessem apenas esperando pelo comando para colocá-lo em ação. Como é mesmo que chamavam isso, um grupo desses pássaros? Felix tinha ensinado a ela. *É isso*, ela pensou. *Um bando de corvos*.



Um bando de assassinos.

O Dr. Cocteau tinha recuado para as sombras em frente à fileira imponente de janelas que seguia até o teto. O corcunda tinha subido em uma cadeira de encosto alto e estava de pé no braço estofado, sua cabeça inclinada perto do ouvido de Cocteau. Ele levantara sua máscara só um

pouco, deixando gás amarelo vazar. Cocteau assentiu com a cabeça, como se a criatura sussurrasse segredos importantíssimos, e então notou que ela o encarava. Por um momento, seus olhos se estreitaram. Então, um sorriso amplo se espalhou em suas feições quase angelicais. Ele deu um tapinha no ombro do corcunda, e a criatura baixou sua máscara novamente. O Dr. Cocteau andou na direção dela, mas o corcunda ficou de pé no estofado floral, como se a cadeira fosse seu próprio pequeno trono.

– Traga ele de volta – disse Molly, com uma repentina e crescente centelha de ódio que extinguiu seu medo.

– Você entendeu errado – o Dr. Cocteau começou a falar. – Não fui eu que fiz isso. De forma alguma. Você observou o Sr. Orlov passar por estágios do que você considerou ser uma doença em seus anos com ele. Isso é simplesmente a culminação de...

Molly deu um tapa tão forte que os óculos dele caíram e aterrissaram no tapete molhado. O Dr. Cocteau olhou fixamente para ela, em pé como se paralisado, sua boca aberta em choque. Um lapso momentâneo em sua atitude bondosa revelou a raiva que sentia no tique de um olho e na dilatação das narinas, mas ele respirou fundo e encarou o tapete embaixo de seus pés.

O corcunda saltou de seu minitrono sob as janelas e foi buscar os óculos de seu mestre. Cocteau nem olhou para a criatura enquanto recebia os óculos e os recolocava no topo do nariz, apoiando as hastes atrás das orelhas.

– Molly, entendo que você esteja chateada – disse ele, ajeitando as lapelas de sua jaqueta antes de encará-la com olhos compreensivos. – Mas uma atitude dessas não pode acontecer de novo, ou isso simplesmente não vai funcionar.

– É mesmo? – Molly perguntou, encarando-o com raiva. Ela ignorou o corcunda, o resto dos homens mascarados e o globo de água dentro do qual Felix não era mais Felix, e concentrou toda a sua frustração e todo o seu medo no Dr. Cocteau. – Então talvez você deva me dizer exatamente o que “isso” é, porque com certeza parece que você transformou meu melhor amigo em um... monstro.

Cocteau balançou a cabeça, sorrindo com pesar.

– Ó, minha querida. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Ele andou até a redoma e colocou nela a palma da mão, olhando com adoração através do vidro antes de virar as costas para ela.

– Venha aqui.

Relutante, ela se aproximou do tanque novamente, mas fez o possível para não olhar muito fundo para dentro da água turva. Tinha sido horrível e nojento ver o que Felix se tornara, mas, pior do que isso, tinha partido seu coração. Ali estava ele, vivo, mas não mais humano, não mais Felix. Ela queria lamentar sua morte, mas ele nem mesmo estava morto.

– Muito bem – disse o Dr. Cocteau, esticando uma mão para afagar sua cabeça, como se ela fosse o cachorrinho de alguém que ele quisesse acalmar.
– Vamos conversar, mas, enquanto fazemos isso, você fica aqui. Ele precisa de você. Precisa ver você e saber que está aqui. É a única forma de ajudá-lo.

Cocteau se virou em direção ao corcunda, e uma centelha daquela raiva reprimida passou pela sua expressão novamente.

– Agora, espero que você me dê um momento para cuidar de alguns negócios pendentes, e então poderei dar a você toda minha atenção e responder todas as suas perguntas.

Molly olhou para ele, mas assim tão perto do vidro, perto de Felix, ela só conseguia tremer e tentar não chorar de tristeza e frustração. Ela queria atacar Cocteau, gritar e se atirar nele, mas isso não ajudaria. Ela queria salvar Felix, e se aquele homem, de modos peculiares e ciência distorcida, pudesse lhe dizer como, então ela tinha de manter o controle.

Cofiando sua barba branca, Cocteau estudou o corcunda por um momento e então se voltou para dois mascarados de pé do lado da plataforma do trono.

– Vocês dois, venham aqui – disse o velho, chamando os homens mascarados.

Eles correram para o lado dele, surpreendentemente rápidos a despeito do jeito desengonçado e recalcitrante de andar que Molly notou ser comum a todos eles. Todos exceto o corcunda.

Dr. Cocteau olhou fixamente para ela.

– Você não vai gostar disso, eu acho – ele disse. – Mas eu quero mostrar a você que não existem segredos aqui. Eu não vou esconder nada de você. É a

única forma de você ver que estou sendo honesto. Veja, você recorreu a Simon Church, um homem que serviu de pai a inúmeros aprendizes e colegas ao longo de sua vida, sacrificando a vida dessas pessoas em suas buscas insanas. Seu assistente atual, o homem que você conhece como Joe, tem sido uma pedra no meu sapato quase tão irritante quanto o próprio Church. Eles são homens perigosos cujo único desejo é domar e controlar energias que eles não entendem, para que possam privar os outros dessas mesmas energias, mesmo se o destino do mundo estiver em jogo.

– Do que você está falando? – Molly perguntou, balançando a cabeça. E, apesar de tudo, embora soasse como bobagem, ela entendia que era possível ver Church e Joe daquela maneira.

– Joe é um perigo para tudo o que planejei. Ele é um perigo, principalmente, para o seu amigo Felix.

Molly balançou a cabeça, um gosto amargo em sua boca. O Sr. Church podia ser esquisito, e ela até poderia acreditar em coisas ruins sobre ele por causa disso, especialmente depois de ver os aparatos malucos naquela cúpula no topo de seu apartamento. Mas ela se sentia tão à vontade com Joe, como se pudessem ser amigos. Bons amigos. Ela nunca tinha tido um irmão para cuidar dela, embora sempre tivesse desejado um.

– Joe não é mais um perigo para ninguém – disse ela. – Ele está morto.

O Dr. Cocteau tirou os óculos e os limpou na manga de sua jaqueta, com um sorriso de canto de boca.

– É isso que meus servos me dizem também – disse, colocando os óculos no lugar. – Me perdoe, mas hesito em acreditar em você ou neles. Eu já esbarrei com Joe antes e descobri que ele é muito difícil de matar. Eu certamente já tentei.

Ele disse a última frase com sua usual afabilidade, mas um calafrio subiu pelo pescoço de Molly e ficou por ali.

– Com licença um momento – disse o Dr. Cocteau, com um pequeno gesto de sua cabeça.

Ele ordenou os dois homens mascarados a segui-lo e os levou pelo espaço entre as grandes e pesadas cortinas teatrais verdes; o tecido balançou e se fechou atrás deles. Molly olhou em volta para os outros mascarados, mas eles

pareciam quase inertes agora, esperando instruções de seu mestre. Ela não tinha dúvidas de que fariam de tudo para pará-la se ela tentasse escapar, mas eles não pareciam interessados em interferir no momento.

Ela foi em direção à abertura entre as cortinas verdes.

Na cadeira de costas altas e motivo floral, onde parecia imitar a natureza imperial de seu mestre, o corcunda se levantou no assento. Conforme ela se movia, a cabeça dele a acompanhava. De onde ela estava, imaginou poder ouvir os sons úmidos e débeis da respiração dele, mas ele estava a pelo menos dez metros de distância dela, em frente à parede do aquário, e a câmara enorme engolia os sons. Ela devia estar imaginando coisas.

O que é você?, ela se perguntou conforme olhava para o corcunda. O Sr. Church tinha dito que os homens mascarados eram o resultado de algum tipo de experimento que envolvia humanos, magia e animais, e que sua carne tinha sido transformada em algo maleável, mas que o gás dentro da roupa de mergulho a mantinha estabilizada em forma humana. Mas o corcunda não se comportava como um homem, e seu tamanho e seu jeito de andar quase lembravam os de um macaco. Será que é isso? Será que alguma coisa tinha saído errado daquela vez, ou ele era um tipo diferente de experimento? Será que o corcunda era alguma espécie de orangotango ou chimpanzé?

O que quer que fosse, as lentes de sua máscara acompanhavam o movimento dela conforme ela se movia em direção à abertura na cortina. Ela a alcançou, esticou o braço para tocar a cortina e então o corcunda pulou de sua cadeira e deu alguns passos na direção dela. O coração de Molly disparou, e sua garganta ficou seca. Os outros mascarados ainda não pareciam se preocupar com ela, mas o corcunda a observava com seu corpo todo tenso, como se estivesse pronto para atacá-la. Ela disse para si mesma que ele estava apenas se certificando de que ela não tentaria fugir, ou talvez pensasse que estava protegendo o Dr. Cocteau dela, como algum tipo de cão de guarda.

Ela abriu a cortina só um pouco, o coração batendo acelerado. Podia sentir suas têmporas pulsando. O corcunda deu mais dois passos e parou novamente, imóvel como uma estátua, como um predador na selva, pronto para saltar.

Entretanto, Molly não precisou abrir mais a cortina. Ela já podia ver a próxima sala improvisada. Correntes e cordas em polias pendiam do teto sobre uma piscina oval rodeada por uma borda de concreto mal assentado. Era mais um dos elementos absurdos no estranho lar do Dr. Cocteau. Ele estava de pé ao lado dos dois homens mascarados que havia ordenado que o acompanhassem. Molly o viu ajudá-los a tirar as máscaras; gás amarelo escapava dos uniformes.

Ela se encolheu e desviou o olhar, mas depois de um momento se forçou a olhar de novo. Os homens mascarados estavam tirando suas roupas de mergulho, e ela notou a pele brilhante, de tom verde-escuro e com sulcos estranhos. Mas o gás que viera de dentro de suas roupas ondulava em torno deles como uma névoa amarela, obscurecendo os detalhes de seus corpos. Um deles mergulhou na piscina, mas o outro hesitou, e então se virou como se sentisse que estava sendo observado. Ele tinha olhos amarelados, distantes demais um do outro, apenas os buracos das narinas onde seu nariz deveria estar e uma boca cheia de carreiras de dentes parecidos com agulhas.

Ele tentou mergulhar na piscina, mas sua hesitação fizera o gás se dissipar demais. Conforme escorregava na borda desigual de concreto, seus membros se fundiram ao corpo e seu torso estreitou, e o que chegou à água foi uma horripilante mistura distorcida de homem e enguia.

Cocteau foi até uma pequena prateleira de metal no canto e pegou alguma coisa da pilha de ferramentas que estava lá. No chão próximo à prateleira estava uma fileira de tanques de oxigênio e máscaras para respirar debaixo d'água. Quando morava sozinha, Molly fez amizade com uma pequena família de mergulhadores que resgatavam coisas afundadas e trocavam o que conseguiam recuperar da cidade submersa por itens para a sua sobrevivência. O filho, Damien, tinha até levado Molly para mergulhar uma vez, mostrando a ela como usar os tanques, mas ela não gostou da água fria e turva nem do cemitério abandonado em que a cidade tinha se transformado embaixo d'água.

Mas aqueles tanques de oxigênio não faziam muito sentido ali. Os mascarados não precisariam deles. Ela então se lembrou dos servos humanos de Cocteau no submarino, e imaginou que talvez os tanques fossem para eles. Molly pausou os olhos naqueles tanques por um momento, mas então o Dr. Cocteau atraiu sua atenção novamente ao andar em direção à piscina de

concreto irregular e colocar a mão no bolso de seu casaco para tirar uma sacolinha de couro.

As obscuras figuras dos homens mascarados nadavam em círculos na piscina, e pareciam estar crescendo. O Dr. Cocteau tirou do saco pequenos objetos de um amarelo pálido, que bem poderiam ser um monte de cogumelos esquisitos ou pedaços de ossos. A ferramenta que ele pegou da prateleira se revelou uma pequena marreta, que ele usou para reduzir aqueles objetos a pó.

Ele coletou o pó com as mãos e as ergueu sobre a piscina. Quando que cabeças escuras e pontudas apareceram acima da água, ele esfregou as mãos, salpicando aquela substância nas coisas que nadavam ali.

– Vão caçar – disse ele. – E não voltem até que ele esteja apodrecendo em suas entranhas.

Os vultos desapareceram na piscina, e a água parou de girar. Foi aí que Molly se deu conta de que aquele buraco oval não era apenas uma piscina, mas também uma saída. As enguias bizarras em que os homens mascarados se transformaram deviam ser capazes de, a partir dali, chegar ao rio e aos túneis inundados do metrô.

Por um breve momento, Molly olhou para os tanques de oxigênio e se perguntou se ela poderia usar a piscina como uma rota de fuga. Ela tinha visto piratas e Ratos D'Água usando tanques e máscaras daquele tipo, bem como professores e arqueólogos de Uptown, que demonstravam um raro interesse no que tinha sido a antiga Nova York. Não poderia ser tão difícil entender como usar um, ela pensou.

O Dr. Cocteau colocou a marreta de volta na prateleira de ferramentas e começou a se virar. Molly deixou a cortina cair e voltou correndo para o seu lugar perto do globo de água. O corcunda não se moveu, só a observou, mas ela podia sentir seu olhar de reprovação embaixo da máscara de gás. Ela se perguntou se ele tinha pelos embaixo da roupa, ou algum tipo de escama anfíbia. Quando ela entrou na sala pela primeira vez, a aparência e a cordialidade do Dr. Cocteau a confundiram, mas aquele era o homem que tinha criado essas aberrações, que tinha transformado seres humanos em escravos monstruosos. Ele próprio era um monstro. E isso significava que qualquer dúvida que ela tivesse sobre o Sr. Church devia ser deixada de lado.

Ela sabia quem eram os mocinhos e se arrependeu de ter duvidado deles, mesmo que por apenas um momento.

Molly colocou a mão na esfera de vidro. Pela primeira vez, ela queria que Felix a sentisse ali, que ele viesse para a frente, testando as correntes, para que ela pudesse olhar nos olhos dele. Sua transformação a enchia de tristeza, e ela estava horrorizada, mas não podia abandoná-lo. Ela queria que ele soubesse que não estava sozinho. O que quer que acontecesse com ele, ela queria que ele soubesse que ela o amava.

– Então, vejamos... Onde estávamos? – disse o Dr. Cocteau atrás dela.

Molly mordeu os lábios e limpou uma lágrima em seu olho. Ela olhou para a água turva de novo, mas só conseguiu ver uma silhueta escura flutuando lá dentro. Logo depois, se voltou para encarar seu sequestrador. Respirando fundo, se perguntava se o Sr. Church sabia onde ela estava, e, se ele soubesse, se havia alguma coisa que o velho detetive poderia fazer para ajudá-la, agora que Joe estava morto.

– Você ia responder as minhas perguntas – ela disse.

– Sim, claro – disse o Dr. Cocteau, como se precisasse ser lembrado, o que obviamente não era verdade. Sua postura de vovô bondoso era pura atuação e parecia obscena para ela agora. – Prossiga. Mas peço desculpas se precisar descansar um pouco. Sou um velho, vê, e tenho muito o que fazer antes de a noite terminar.

Ele se virou e caminhou para a plataforma, subiu pelos degraus da lateral e então se acomodou de forma imperiosa em seu trono. Ela olhou em volta, se perguntando se havia algum lugar para ela se sentar ou se deveria ficar ali parada, o observando com adoração, como uma súdita. A única cadeira que ela via era aquela perto da parede do aquário, e o corcunda tinha voltado para o seu lugar em frente à fileira de janelas de formatos estranhos. Apesar de estar cansada, Molly não queria se sentar no chão em frente à plataforma como uma criança obediente, então ficou de pé, os braços cruzados e, cheia de atitude, encarou o Dr. Cocteau em seu trono gasto. Agora que podia estudá-la com mais calma, Molly achou que a cadeira em si era ridícula e patética. Parecia mais um adereço de palco, daqueles que ficavam acumulando poeira atrás da cortina no teatro de Felix, do que com um trono de verdade.

– Tente imaginar que o universo todo é o tanque do seu amigo Sr. Orlov – disse o Dr. Cocteau. – Uma esfera cheia de estrelas. Ou um cubo, ou um cilindro. De fato, não importa o formato, mas, para facilitar, digamos que seja uma esfera.

Ele olhou para ela esperançoso, como se estivesse tentando ensinar seu cachorro a falar.

– O universo é uma esfera – ela ecoou.

O Dr. Cocteau se animou, orgulhoso.

– Exatamente. Agora, do ponto de vista do Sr. Orlov, bem... Estamos fora da esfera, não estamos? Assim como meus servos, o restante da minha casa, o rio e os túneis, e acima de nós as ruínas da cidade, e, além de tudo isso, um mundo e outro universo. Mas, se todo o nosso universo está dentro de uma esfera, você já se perguntou, Molly, o que estará do lado de fora do vidro? Se você viajar para os limites do universo, o que estará esperando do lado de lá?

Molly balançou a cabeça.

– Não.

– Existem outros universos – o Dr. Cocteau disse, solenemente. – Alguns estão além dos limites do nosso, e outros estão aqui juntos de nós, tão próximos quanto a sala do outro lado das cortinas, onde você me espiava alguns instantes atrás.

Molly sentiu o rosto enrubescer. Ela achou que tivesse sido discreta.

– Mas não há frestas na cortina – ele prosseguiu. – Para a maioria, até mesmo um vislumbre de outros reinos é impossível. E, para se fazer isso, o risco é enorme.

O tom de voz dele fez Molly se arrepiar. Ela não queria se permitir imaginar tais possibilidades.

– O Sr. Church já me contou isso tudo – disse ela.

O sorriso do Dr. Cocteau desapareceu. No canto da boca, uma expressão de escárnio.

– Simon Church é um tolo. Ele monitora os fluxos de forças ocultas, o sobrenatural, mas ele nunca entendeu de

verdade que o que ele chama de sobrenatural faz parte da nossa realidade. O natural e o sobrenatural não são diferentes da noite e do dia. Ambos pertencem à ordem natural das coisas. Church é cego por opção; me chama de louco por causa dos meus experimentos. Mas eu passei mais de noventa anos estudando as energias que vertem, de um lado para o outro, entre nossa dimensão e a escuridão vazia onde os deuses antigos se refugiaram quando deixaram nosso mundo, antes de começar o tempo como o conhecemos...



– Você não está falando coisa com coisa – disse Molly.

O Dr. Cocteau parou, apertando os olhos. Por todo aquele tempo, exceto por um breve momento, ele tinha escondido sua raiva tão bem que ela achou

que estivesse imaginando coisas. Agora a máscara havia caído. Ele agarrou os braços de seu trono com tanta força que as juntas de seus dedos ficaram brancas. E, sem conseguir disfarçar a malícia, zombou dela:

– Eu não estou... – ele começou, e então balançou a cabeça. – Já passou pela sua cabeça que você pode ser simplesmente burra demais pra entender?

Molly prendeu a respiração, assustada demais para responder. Mas seu silêncio só o irritou ainda mais. O Dr. Cocteau se levantou e saltou da plataforma, caindo agachado como uma aranha a apenas alguns metros dela. Molly gritou e se retraiu em direção à esfera de vidro, olhando horrorizada.

Um homem daquela idade não deveria ser capaz de uma coisa daquelas.

Conforme Cocteau se aproximava dela, enfiou a mão no bolso e puxou um punhado de um estranho pó rosa. Molly se apertou contra o vidro, procurando um lugar para onde correr, enquanto os homens mascarados observavam impassíveis e o corcunda saltitava de alegria. Um guincho veio de dentro da máscara, e ela sabia que estava certa: ele um dia fora algum tipo de macaco.

– Felix! – Molly gritou, se virando para bater no vidro. Ela gritou o nome dele e viu a silhueta escura se contorcer na água turva. Um braço se esticou em direção ao vidro, um braço longo e articulado, com três dedos compridos que pareciam patas de caranguejo. Ela apenas conseguiu entrever seu rosto, mas dessa vez ela não gritou. Seu coração cheio de pesar por ele.

Então o Dr. Cocteau a girou.

– Veja! – disse ele, encarando-a por trás de seus óculos, seu sorriso quase voraz.

Ele jogou o punhado de pó rosado no ar, que no mesmo instante começou a se espalhar, flutuando como uma nuvem. Um pouco do pó entrou nos olhos de Molly, e ela sentiu uma vertiginosa agitação em suas veias. Sua pele parecia se arrepiar com o contato, e, olhando fixamente para a nuvem flutuante de pó, percebeu que ela começava a cintilar. Ela tentou esfregar os olhos enquanto o pó se transformava em uma fina e obscura camada de névoa acima deles, que subia e se espalhava, brilhando cada vez mais.

O resto da sala escureceu de repente, como se sob o comando de Cocteau. Molly podia ouvir o farfalhar das roupas de borracha dos homens mascarados e a respiração pesada e úmida do corcunda. Ela podia ouvir o burburinho da água na redoma atrás dela. Mas a escuridão se espalhava por todo lado, escurecendo até a parede do aquário e o corcunda em seu arremedo de trono. E logo a única luz presente vinha de cima.

– É lindo – disse Molly, seus lábios entorpecidos, sua voz soando como se estivesse longe. Por um momento ela sentiu como se não pudesse respirar.

– O universo – o Dr. Cocteau sussurrou em seu ouvido.

Onde antes estava o teto, lá no alto, Molly agora só via estrelas. Uma vez, a energia em Uptown tinha falhado e ela ficou no teto do teatro com Felix observando o céu noturno. Sem as luzes da cidade, ela viu que o universo era um campo infinito de estrelas, tantas mais do que ela havia imaginado. E agora ela via tudo de novo, como se estivesse no topo de um prédio observando as estrelas e o céu noturno, somente ela e o lunático Dr. Cocteau.

– Não. Existem outros – ela pensou. – Não estamos sozinhos.

E não estavam. Ela podia sentir os outros os observando no meio das estrelas e das profundezas da escuridão, mas mesmo assim próximos o suficiente para respirar em seu ouvido, próximos o suficiente para sua pele se arrepiar na presença de sua inteligência maligna. Ela não conseguia enxergá-los, mas os sentia lá, observando e esperando, vorazes e cheios de ódio. Tão próximos que, se quisessem, poderiam alcançá-la através das cortinas do universo e tocá-la.

Molly começou a gritar, caiu no chão e começou a se debater. Quando o Dr. Cocteau tentou agarrá-la, ela lutou contra ele, tentando engatinhar para



longe. Mas ele a segurou, suas grandes mãos prendendo os braços dela junto do corpo – e ela desmaiou.

Capítulo dezenove

Joe avança, procurando bruxas.

Esta é uma parte do rio que ele nunca viu, o que deveria ser impossível. Ele achou que tivesse explorado cada parte dele, tanto nas margens quanto embaixo d'água. Mas os trilhos sob ele são produto de martelo e forja, não de mágica, disso ele tinha certeza. Nenhuma bruxa gastaria tempo construindo algo tão bem planejado.

Ele espreita através da água escura, olhos estreitos enquanto observa os peixes nadando por perto, e se pergunta sobre o objetivo do túnel. Ele devia estar embaixo do rio principal ou devia ser algum tipo de afluente subterrâneo. Mas as paredes e o teto tinham sido feitos por construtores; não foram cavados pela erosão. Quem construiria algo assim? Isso o confunde, e ele percebe que não consegue se lembrar da distância que viajou desde a vila, ou de como foi parar na correnteza impetuosa desse túnel subterrâneo.

Ele flexiona os dedos das mãos. Na quase total escuridão, se inclina contra a correnteza e continua a marchar. Os blocos de madeira que estão dispostos atravessados embaixo dele formam uma trilha, e, embora ele não saiba o que encontrará no final, sabe que está indo na direção certa.

Bruxas, ele pensou. Existem bruxas adiante.

Ele pode sentir a energia negra que irradia delas. Suas mãos anseiam por quebrar os ossos delas. Ele esmagará seus corações malévolos e protegerá as pessoas da vila, mantendo tanto a noite quanto o dia livres do medo, como tem feito desde o dia em que despertou para esta vida. Ele já viu mulheres enfraquecidas por maldições e homens assassinados e escalpelados. Já caçou bruxas ao longo do rio e nos bosques, apenas para descobrir os ossos ensanguentados das crianças que elas haviam devorado, quebrados para que elas pudessem chegar ao tutano. Matar bruxas é seu dever, mas é também um prazer.

Ele acha que elas fizeram algo para nublá-lo. Talvez elas tenham encontrado um jeito de reverter o ritual que os habitantes do vilarejo usaram para criá-lo, e agora a mágica que o mantém vai se desfazer, e a corrente do rio vai fragmentá-lo, e o que restar afundará no lodo. Talvez. Mas, por ora, suas mãos ainda se fecham em punhos, e ele avança.

As bruxas devem estar próximas agora. Ele consegue sentir sua presença sinistra à frente. Existem afluentes desse túnel, o rio corre para preencher outras passagens e câmaras, e pela primeira vez ele pensa que esse labirinto de túneis é algum tipo de cidade embaixo d'água. Não faz sentido. Não existem cidades perto da vila. Mas suas perguntas podem esperar. Ele buscará respostas depois que as bruxas estiverem mortas. Quando a garota estiver segura.

Ele vacila, franzindo as sobrancelhas. O rio vem de encontro a ele, mas ele luta contra a corrente, se perguntando de onde veio esse pensamento. *Que garota?* Isso deve ser parte da confusão que as bruxas o infligiram. Uma garota do vilarejo, certamente. Elas raptaram mais uma criança.



Ele assente com a cabeça. Isso faz sentido. Os pensamentos sobre a garota conseguem penetrar as barreiras erguidas em sua mente. Agora que pensa nela, ele pode visualizar um rosto em sua cabeça, um sorriso irônico e olhos ardentes sob uma cachoeira de cabelos vermelhos acobreados. Ele jura para si mesmo que ela não morrerá nas mãos das bruxas.

– Nunca – ele diz, o som retumba suave contra seus ouvidos sob a água.
– Mais nenhuma criança.

Os trilhos embaixo de seus pés se curvam levemente para a esquerda. Ele prossegue, mas, conforme vira a esquina, sente um distúrbio na água e a pressão de uma coisa enorme que nada em sua direção pelo rio escuro. Não, são duas coisas, crias enormes de um leviatã agitam a água ao longo do túnel, monstros enviados pelas bruxas.

Na luz fraca da lâmpada instalada no teto do túnel, ele enxerga apenas escuridão, exceto pelo brilho de mil presas.

Capítulo vinte

Quando Molly voltou a si, as luzes da vasta câmara no lar do Dr. Cocteau estavam fracas, e o teto tinha voltado a ser apenas o teto. O que quer que o velho tivesse feito com os olhos e a percepção dela já não fazia mais efeito. Ela estava deitada em uma superfície lisa e dura, a cabeça inclinada para o lado, e havia algo frio encostado em sua bochecha. Com um arrepio de medo, ela se sentou bruscamente. Sentiu um aperto no coração quando se deu conta de onde estava: uma das mesas de cirurgia do Dr. Cocteau. Ela se abraçou e se esfregou para tentar espantar o frio, aliviada de pelo menos não estar amarrada com as tiras de couro.

– Você precisa ouvir com atenção agora, se quiser suas respostas – disse o Dr. Cocteau.

Molly se virou e viu que ele estava de pé nas sombras perto da cabeceira o tempo todo, logo atrás dela, talvez a observando enquanto ela estava inconsciente. O corcunda estava nos braços de Cocteau, e ele segurava a criatura como uma criança, com aquela respiração molhada e pegajosa mais nojenta do que nunca. A imagem dos dois juntos, como pai e filho, a fez estremecer.

– Você sentiu aquilo – disse o Dr. Cocteau.

– Nas estrelas... – Molly sussurrou, puxando os joelhos para junto do queixo e abraçando-os. Ela olhou para as novas sombras que se juntavam na sala agora que as luzes estavam mais fracas, os homens mascarados que espreitavam.

– Não! – disse ele, abruptamente. – Não *nas* estrelas. *Entre* as estrelas. Atrás de qualquer coisa que seus olhos possam ver.

Molly assentiu com a cabeça.

– O Sr. Church chamava isso de “espaço não dimensional”.

– Sim! – o Dr. Cocteau respondeu, um brilho de excitação nos olhos. Ele abraçou o corcunda e acariciou com o nariz a máscara de gás. – Exatamente isso. Mas eles não viveram sempre naquele espaço. Esses deuses antigos vagavam pelo mundo em seus primórdios, uma primeira encarnação oculta que a ciência nunca entenderá. Os antigos achavam que aquele mundo em solidificação era confinado demais e o abandonaram, passando para outra realidade infinitamente mais vasta.

Nitidamente nervosa, Molly olhou para a área separada por cortinas onde ficava a piscina, ainda pensando em tentar pegar um daqueles tanques de ar. Ela considerou também a hipótese de correr para a escada em espiral pela qual os homens mascarados a trouxeram, mas, mesmo se a escada chegasse até a superfície, ela nunca chegaria lá antes que Cocteau e seus homens mascarados a alcançassem. Veio à sua mente a imagem de Cocteau saltando daquele jeito da plataforma, e ela sentiu uma náusea. Quaisquer que fossem as energias obscuras com as quais ele vinha lidando ao longo dos anos, elas tinham cobrado um preço.

– Agora, preste atenção – disse o Dr. Cocteau, dando um abraço apertado no corcunda antes de colocá-lo no chão. Ele se aproximou e se sentou na beira da mesa cirúrgica.

Ela queria gritar, chutá-lo e correr. Felix ainda nadava dentro daquele tanque bizarro, mas ela precisaria da ajuda do Sr. Church e de Joe. O que quer que estivesse acontecendo com ele, ela não conseguiria fazer nada sozinha.

– Ajude Felix – ela disse.

O Dr. Cocteau franziu a sobrancelha, irritado.

– Quieta, garota, e eu ajudarei.

Ela assentiu com a cabeça para que ele continuasse.

– Eu sou um vidente – disse o Dr. Cocteau. – Um adivinho, um previsor. Eu até iria mais longe e me consideraria um profeta. Eu jogo os dados, garota. Leio as estrelas. Procuro significados nos restos do meu chá ou nas entranhas dos ratos que matamos nos túneis. A influência dos deuses antigos que vivem nesse reino estranho afeta nosso mundo de modos que só é capaz de entender quem estiver buscando por esses presságios. Alguns disseram que este século é amaldiçoado, que as pestes e as guerras e as convulsões da Terra

são o resultado dessa maldição. Eles são tolos. Por muitos anos, todos os sinais apontavam para um cataclismo que se aproximava, um evento terrível, do qual este mundo e a espécie humana jamais se recuperariam. Apenas recentemente comecei a entender que todos os sinais apontam para mim como o iniciador desse cataclismo.

Molly prendeu a respiração.

– Você quer destruir o mundo?

O Dr. Cocteau pareceu chocado.

– De jeito nenhum – disse ele, abraçando o corcunda mais uma vez. Aquela visão fez Molly estremecer. – Eu amo este mundo, apesar de suas muitas falhas. Se houvesse uma maneira de realizar minhas ambições – ou, devo dizer, meu destino – e ainda assim evitar a catástrofe, é claro que eu faria isso. Mas eu sou um viajante, minha querida. Eu sou um *explorador*, e não algum turista científico. Eu sou o único ser humano disposto a deixar esta realidade e dar o próximo passo, custe o que custar. Existem terras a serem descobertas e que estão logo além do alcance, lugares que os olhos humanos nunca viram. E eu encontrarei um jeito de atravessar essa brecha.

Molly o encarou fixamente, aproximando ainda mais os joelhos de seu peito. Ela receava ter realmente entendido o que ele queria dizer.

– Eu precisava de dois elementos para fazer minha jornada – disse o Dr. Cocteau, seu olhar não mais nela, e sim voltado para alguma sombra distante, algum outro mundo paralelo que ela não podia ver. – Primeiro, eu precisava encontrar uma forma de abrir a cortina que separa nosso mundo do domínio deles. Eu presumo que, a essa altura, você já saiba os detalhes do estranho nascimento do seu amigo Sr. Orlov.

Quando Molly assentiu, ele sorriu, mas seu olhar permaneceu distante.

– Church estava lá quando Andrew Golnik, angustiado, tentou oferecer a mãe de Orlov e o bebê ainda na sua barriga como sacrifício para algum tipo de divindade. Golnik achou que o Pentajulum de Lector forçaria o deus sumério da morte a prestar atenção nele, mas ele não entendeu como o Pentajulum funcionava. De jeito nenhum. Ele de fato conseguiu a atenção de alguma coisa antiga, mas era algo que nunca tinha sido adorado por seres humanos, nem sequer tinha compartilhado o mesmo mundo com a humanidade em algum momento. O uso do Pentajulum deu a essa entidade

uma janela pela qual observar, e, quando ela entendeu que Golnik queria fazer daquela oferenda algum tipo de convite, ele começou a abrir a cortina... mas para passar por ela. É impossível saber o que teria acontecido se o Sr. Church não tivesse chegado bem na hora e atirado em Golnik. Um cataclismo, possivelmente. Ou talvez alguma entidade imortal daquele espaço não dimensional teria vestido Golnik ou a mulher como uma roupa de carne e ossos e explorado nosso mundo. Talvez aquele deus antigo se revelasse um explorador, como eu. Nada disso importa, é claro, porque não foi o que aconteceu. Church atirou em Golnik, e o Pentajulum foi perdido. Mas a presença do deus antigo tocou a Sra. Orlov e seu bebê ainda por nascer. A mulher morreu gritando em um hospício, mas seu filho nasceu e sobreviveu, ainda que nunca tenha sido capaz de realmente se ajustar à vida. Ele sentiu os outros mundos à sua volta, logo ali, além do alcance, e sentiu a forma como seu corpo mudaria... como ele *queria* mudar para se tornar aquilo que estava destinado a ser.



– O filho do pai dele – Molly sussurrou em horror.

O Dr. Cocteau sorriu, se voltando para o corcunda, cuja respiração úmida e arrastada tinha se aquietado, absorto que estava.

– *Agora* ela está entendendo.

O corcunda se voltou para encará-la com seus olhos de lentes negras.

– Você é tão maluco quanto o Sr. Church disse – Molly falou.

– Você não acredita nisso – replicou o Dr. Cocteau. – Você gostaria que tudo isso fosse conversa fiada de um louco porque tem medo do que pode acontecer, assim como Church sempre teve. E, para falar a verdade, se eu

fosse você, também estaria com medo. Na melhor das hipóteses, minha jornada para além da nossa dimensão atrairá a atenção de seres para quem você e o resto da humanidade são menos do que formigas, e pode ser que eles se entretenham destruindo vocês. Na pior das hipóteses, o cataclismo que profetizei ocorrerá, e o vazamento da dimensão deles para a nossa destruirá vocês. Destruirá tudo.

Molly sentiu um vazio frio e entorpecedor se abrindo dentro dela. Mais uma vez o Dr. Cocteau a tinha lido com perfeição.

– Mesmo se você resistir e sobreviver, pode não existir mais uma casa para onde voltar.

O Dr. Cocteau sorriu do jeito que os adultos frequentemente sorriem diante da inocência das crianças. Isso a fez ter vontade de machucá-lo.

– Eu não voltarei – ele disse. – E posso não sobreviver por muito tempo. Mas, ah, as coisas que verei! Vou comungar com os deuses antigos de um modo que nenhum humano jamais fez, e verei a fonte do poder deles e serei imbuído de sua majestade. Eu, sozinho, representarei a humanidade no próximo passo da evolução humana, abrindo a possibilidade da elevação à divindade.

Molly piscou, olhando fixamente para ele.

– Divindade? Você não pode estar falando sério.

O Dr. Cocteau estremeceu, seus lábios franzindo como se ele tivesse provado algo azedo.

– Você queria respostas, garota. Se preferir que nós comecemos...

– Acho que entendi o básico – disse Molly, interrompendo-o. – Mas eu ainda não entendo por que você precisa de Felix se o Pentajulum é suficiente para chamar a atenção dos deuses.

O louco passou os dedos pela grossa barba branca como se a estivesse ajeitando, mas só a deixou mais eriçada. Ele estava ficando visivelmente mais irritado, e Molly recuou, se perguntando se ele tentaria atacá-la e se ela teria de correr.

– Eu disse que precisava de dois elementos – o Dr. Cocteau bufou. – Este aqui é apenas um deles.

Ele enfiou a mão no bolso de sua jaqueta – que parecia ter um espaço infinito e talvez fosse mágica – e tirou o Pentajulum de Lector. Suas cores estranhas e seus contornos mutantes pareciam absorver a luz da sala e refleti-la com um brilho colorido fosco. O Dr. Cocteau estudou-o sorrindo, como se quisesse acariciá-lo ou encostar sua bochecha nele, como uma criança faz com seu bicho de pelúcia favorito.

– Eu passei anos reunindo tudo o que foi escrito sobre o Pentajulum. Eu sou a coisa mais próxima de um especialista nele que o mundo já viu, e acredito que ele vai me proteger quando eu passar pela barreira dimensional e vai me permitir falar com os deuses antigos. Eles me verão como um igual.

Ele gesticulou em direção à esfera de vidro, a água turva mais escura do que nunca.



– Quando minha pesquisa sobre o Pentajulum me levou à descoberta da história do nascimento de Orlov, eu tive certeza de ter encontrado o outro elemento de que eu precisava. Eu sabia que, na hora certa, a verdadeira natureza daquele homem se revelaria, e que o passar do tempo e os repetidos contatos que ele tinha com o plano etéreo finalmente acionariam uma transformação. Se eu soubesse que a exposição dele ao Pentajulum quando ia rezar no túmulo de sua mãe estava atrasando tal amadurecimento, teria dado um jeito de impedir isso anos atrás.

– Espere – disse Molly. – Você sabia que o Pentajulum estava lá?

O Dr. Cocteau sorriu, dissimulado.

– Eu deduzi sua localização alguns anos atrás, mas decidi que ele estaria mais seguro lá do que nas minhas mãos, de onde um tolo arrogante como Simon Church poderia tê-lo roubado. Saber onde ele estava era o bastante, e eu poderia pegá-lo quando Felix chegasse à sua verdadeira maturidade. Quando meus servos relataram que você e Joe também estavam indo para o cemitério, a ocasião pareceu propícia.

Molly o encarou.

– Isso porque você precisa da minha ajuda.

– Exato. A hora chegou. Felix não podia adiar sua metamorfose para sempre. As estrelas se alinharam esta manhã, e eu rolei os dados para confirmar minha interpretação. Enviei meus servos para trazer seu pai porque eu sabia que ele começaria sua ascendência hoje, e mais uma vez minha previsão se mostrou correta.

Molly pensou na sessão com os Mendehlsons. Ela achou que alguma coisa tinha dado errado na comunicação de Felix com os mortos, mas... será possível que suas convulsões, o mal-estar e o jeito como o rosto dele tinha começado a mudar não tinham nada a ver com espíritos malignos, e sim com as particularidades de seu nascimento? Ela preferia pensar que não, mas o momento da chegada dos homens mascarados fora preciso demais para ser mera coincidência. O Dr. Cocteau sabia com antecedência o que ia acontecer.

Ela se virou e olhou para o globo de vidro, desejando que pudesse ver Felix na água escura – e desejando que ele ainda fosse Felix. Cocteau se referira a ele como pai dela novamente, e dessa vez ela não tinha contestado. Se as previsões dele até então tinham se concretizado, isso significava que o resto da sua insanidade também era verdade?

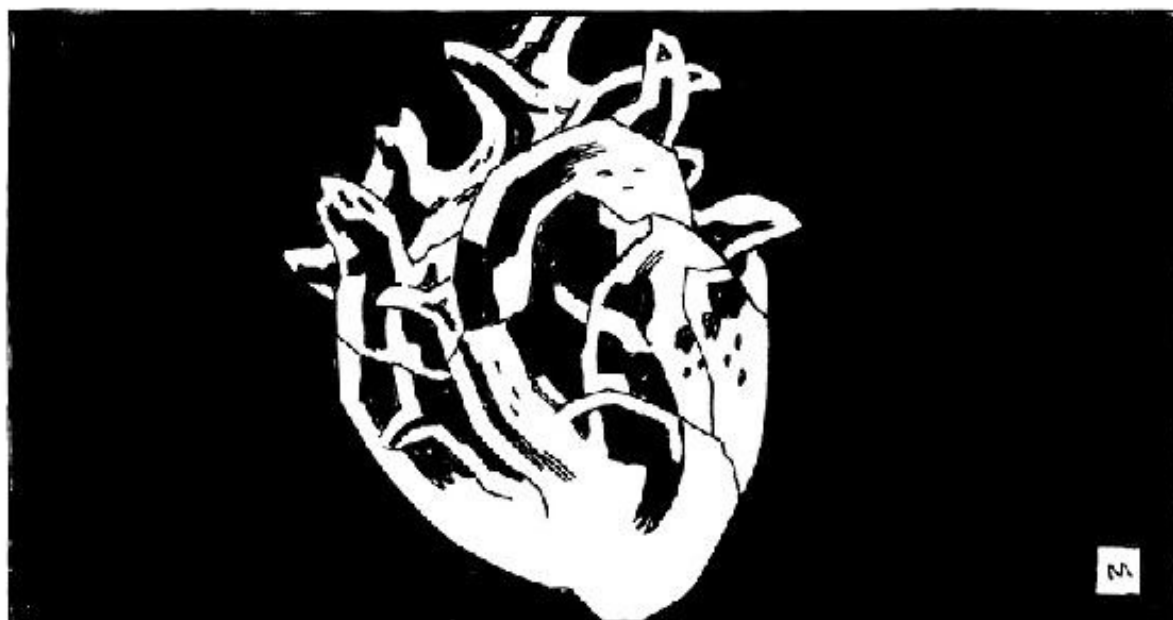
– Uma vez que Felix tenha se transformado, ele me verá como um igual, um irmão. Ele poderá abrir a cortina entre esta dimensão e o limbo que está ao lado e passar pela fresta. Quando Felix ascender através do véu do espaço-tempo para o domínio dos anciãos, nós iremos juntos como irmãos.

Molly se abraçou, sua garganta ficando seca.

– Você ainda não disse por que precisa de mim aqui.

O Dr. Cocteau hesitou, e Molly sentiu uma nova onda de medo. Ela havia se perguntado se ele estaria rodeando o assunto simplesmente por ser sua natureza ou se estava evitando o ponto central de propósito. Agora ela sabia com certeza que ele estava, e a resposta àquela questão o perturbava.

– A transformação de Felix está acontecendo mais rápido do que imaginei – disse ele. – Eu queria você aqui porque ele a ama. Você é como uma filha para ele. Eu acredito que sua presença vai desacelerar a metamorfose, que ver você fará ele lutar para preservar a humanidade. Não vai funcionar por muito tempo, mas eu só preciso do suficiente para saber como ativar o Pentajulum. Assim, quando ele acordar para seu novo poder divino, eu poderei me comunicar com ele. Sem isso, a oportunidade estará perdida para sempre.



Molly olhava fixamente para ele, boquiaberta, tomada de um horror diferente de tudo o que ela sentira até então.

– Você não sabe como ele funciona – ela disse, a voz embargada. – Você disse que sabia tudo sobre o Pentajulum, mas você é exatamente como todos os outros que tentaram usá-lo.

– Bobagem! – o Dr. Cocteau falou raivoso. – Eu sei exatamente como usá-lo. Só preciso ativar seu poder.

Molly olhou para aquário onde Feliz estava e balançou a cabeça em desalento.

– Você vai matar a todos nós. Você, eu, Felix... e provavelmente muitos outros. Se metade do que você está dizendo for verdade, você vai jogar dados com o destino da raça humana usando um dispositivo oculto que você não tem a menor ideia de como ligar.

O Dr. Cocteau largou o corcunda – que caiu agachado e então se levantou, encarando-os – e caminhou na direção dela. Parecia que ele ia golpeá-la, a mão dele indo em sua direção, mas então ele olhou para o tanque de água pensando que talvez aquilo o indispusse com o ser que ele esperava ser seu irmão cósmico.

– Seria melhor se você entendesse – disse ele. – Seria melhor se você acreditasse. É por isso que gastei todo esse tempo explicando tudo para você. Mas, no fim das contas, a única coisa que importa de fato é que você obedeça. E você vai obedecer.

Cocteau então se inclinou para encará-la, seu corpo parecia maior com a proximidade, e transbordava um ar ameaçador. A lâmpada fraca refletia nas lentes de seus óculos.

Perfeito, ela pensou.

Molly deu um soco tão forte que quebrou o nariz e os óculos dele. Uma dor percorreu a mão dela conforme ele cambaleava para trás, com a mão no rosto, sangue escorrendo pelos dedos.

Os homens mascarados foram pegos de surpresa. E ela contava com isso. Teria alguns segundos, se muito, antes que eles viessem atrás dela, e ela pretendia usá-los. Correndo em direção à abertura nas cortinas, ela olhou rapidamente para a esfera de vidro e a silhueta na água turva. Talvez fosse um jogo de luz, mas ela achou que a coisa que tinha sido Felix Orlov parecia ainda maior.

Ela então concentrou toda a sua atenção em fugir. Agarrou a cortina e puxou, rasgando a parte de baixo, e jogou-a numa lamparina que estava ali perto. O peso do veludo puxou a lamparina para o chão, o óleo em chamas acendeu a cortina e se espalhou rapidamente com um rugido voraz.

– E lá se vai a tal da obediência... – disse ela, disparando para a próxima sala improvisada, onde a piscina de concreto esperava por ela.

Como sobrevivente na Cidade Submersa, ela tinha aprendido bem a se virar. Ela disparou em direção à fileira de tanques de oxigênio, o metal dos tanques brilhando com a luz laranja do fogo que tomava conta da cortina rasgada. Logo, todas as cortinas iriam queimar, e a ilusão das diferentes salas também desapareceria, revelando o bizarro lar de Cocteau como a criação deplorável que era – não um reino submarino, mas um esconderijo solitário.

Ao agarrar o tanque de oxigênio mais próximo, seu bocal já instalado, ela ouviu um ganido úmido e viscoso do corcunda atrás dela. Ela girou a roda no topo do tanque, e o ponteiro do mostrador dançou até a parte verde, mostrando o fluxo de oxigênio. Com a mão livre, ela agarrou uma máscara, mas já sentia os olhos do corcunda nela, e então começou a se virar, levantando o tanque para usá-lo como arma ou escudo.

O corcunda ficou de pé na tosca borda de concreto da piscina. O Dr. Cocteau estava parado alguns metros atrás dele, seu rosto contorcendo com toda a loucura e a raiva que tanto havia tentado esconder. Ele perdera os óculos, e sua barba branca pingava o sangue que escorria de seu nariz quebrado. Os homens mascarados começaram a se dispersar, silenciosos e ameaçadores, a luz do fogo tremia nas lentes negras de suas máscaras.

– Eu ser gentil – disse Cocteau, com desprezo. – Mas agora você vai...

Molly riu, tentando esconder o sorriso com uma das mãos.

– Você soa ridículo com o nariz amassado desse jeito.

O punho dela ainda doía, mas era uma dor boa. Ela queria acertar Cocteau de novo. Em vez disso, correu em direção à piscina, pensando que poderia colocar a máscara depois que já estivesse na água. Os homens mascarados não precisavam de oxigênio, mas ela apostava que conseguiria nadar melhor do que qualquer um deles, desde que eles permanecessem em suas roupas de mergulho. Caso contrário... bem, aí ela sabia que estaria em apuros.

– Detenham-na – Cocteau gritou.

O corcunda se lançou na direção dela. Ela se preparou e o chutou no peito com o máximo de força que conseguiu. Isso o fez apenas hesitar, então ela o acertou na cabeça com o tanque de oxigênio, tirando-o do caminho. Ao correr para a piscina, prestes a mergulhar, Molly viu algo enorme e escuro surgindo do fundo e se jogou para o lado para sair do caminho.

A enguia gigante com dentes pontudos subiu explosivamente, destruindo as paredes de concreto da piscina. Uma onda de água que veio junto encharcou Molly, Cocteau e os homens mascarados. O Dr. Cocteau estava histérico. O corcunda guinchava e corria em círculos, batendo os punhos contra a cabeça como se isso fosse uma reação racional ao medo.

Molly olhou espantada para a enguia, se dando conta de que a tinha visto antes, só que menor. Ela era um dos mascarados que Cocteau enviara atrás de Joe. As duas criaturas tinham sido liberadas de suas roupas e perdido a forma humana, retornando àquela forma estranha, quase larval. Quando as soltou, Cocteau tinha feito algo para fazê-las crescer. Molly percebera isso já naquele momento, mas não imaginava que ficariam tão grandes.

A enguia se contorcia, se levantava e se debatia no chão repetidas vezes. Ela acabou indo cair em cima do corcunda, e Molly ouviu um estalo de revirar o estômago. Uma pequena névoa amarela escapou da roupa de borracha da criatura, e, quando a enguia se levantou de novo, apenas um amontoado de borracha, sangue e pus esverdeado permanecia no local. Dr. Cocteau deu um berro furioso e, em pânico, começou a gritar para que os homens mascarados pegassem Molly, como se ela tivesse alguma coisa a ver com a volta da criatura, quando na verdade tinha sido ele o responsável por torná-las tão gigantes e enviá-las atrás de Joe.

Por fim, a enguia deu um último baque, caiu no chão e ficou parada, mas só por um instante antes de começar a se contorcer. Todos viram algo se movendo em sua barriga. A carne lustrosa da enguia se projetou, se esticou e então se rompeu, emanando um fedor de morte e podridão.

A figura que saiu de dentro dela tinha perdido a maior parte de sua pele e suas roupas, revelando pedra viva por baixo. Mas os olhos eram de Joe,



mesmo que agora estivessem petrificados. E, embora ele tivesse contornos mais agudos, ela conhecia o rosto dele.

– Joe! – exclamou ela. – O que aconteceu com você?

Ele olhou para ela por um momento como se não a reconhecesse, e então seus olhos se acenderam.

O Dr. Cocteau olhava estupefato, seu rosto e sua barba ensanguentados dando a ele aparência de mais louco do que nunca. O fogo saltara de uma cortina para a outra, se espalhando rapidamente, e as chamas grassavam pela vasta câmara. Fumaça e calor começaram a cercá-los, mas Cocteau se comportava como se a única crise fosse aquela diretamente à sua frente. Ele apontou a mão tremendo com fúria.

– Matem-no! – ele gritou. – Mas deixem a garota viva!

Os homens mascarados se lançaram contra ele como se fossem uma só entidade. Joe se colocou entre eles e Molly. Ela ainda segurava o tanque e a máscara de oxigênio, mas agora estava hesitante. Felix – o Felix que ela conhecia, o homem que tinha sido como um pai para ela – não existia mais. Ela ainda o amava, mas o monstro que ele havia se tornado – ou a coisa em que ele estava se transformando – não era mais Felix. O homem que ela conhecera gostaria que ela escapasse e a mandaria correr. Será que ela podia dizer o mesmo de Joe? Ela mal o conhecia, mas eles tinham formado um laço forte em questão de poucas horas. Se ela achava que ele podia ser salvo, então não podia deixá-lo para trás. Será que Cocteau tinha feito aquilo com ele? Considerando a reação do louco à chegada dele, não era o que parecia.

Mais uma vez ela olhou para a piscina destruída. Enquanto os homens mascarados atacavam Joe e ele lutava, rasgando suas roupas de borracha e esmagando as criaturas dentro delas, ela começou a ajustar a máscara sobre o rosto.

Algo rugiu sob seus pés. Molly olhou para a piscina e viu algo enorme e escuro lá embaixo na água, e então se lembrou de que o Dr. Cocteau tinha enviado não um, mas dois monstros atrás de Joe.

Do modo como o chão estremeceu, ela sentiu que aquela segunda criatura poderia ser ainda maior. Ela não queria estar por perto se o monstro tentasse abrir caminho à força pela abertura da piscina. Com mais uma olhada para Joe, ela se virou e começou

a correr por entre as cortinas em chamas, passando pelo bizarro arranjo da falsa casa de mobília estranhamente elegante, parte dela pegando fogo. A escada em espiral ainda estava lá, e ela se convenceu de que devia existir algum jeito de chegar à superfície.

Mas, enquanto corria, o Dr. Cocteau emergiu da fumaça para barrar seu caminho.

Para além dele, através da fumaça, Molly podia ver o globo de vidro. A água tinha começado a vazar de sua base, e ela subitamente entendeu o motivo. Conforme Felix crescia, a água deslocada tinha de ir para algum lugar. A coisa dentro do tanque, que agora já estava enorme, pressionou o rosto contra o vidro e encarou Molly e Cocteau. Seus olhos se transfiguravam como o Pentajulum, como se existissem tanto nesta realidade quanto em outra.

– Saia do meu caminho – Molly avisou o Dr. Cocteau.

– Ah, não, Srta. McHugh – disse ele, passando a mão no destroço sangrento que era seu nariz. – Vou manter você por perto. Quando eu cruzar para o outro lado, vou garantir que você seja a primeira a morrer.



Capítulo vinte e um

Enquanto luta, envolto em fumaça e uma névoa de produtos químicos, Joe lança olhares para a menina de cabelo vermelho acanelado. Ela é muito familiar, mas, apesar disso, lembrar o nome dela é como tentar se forçar a acordar de um sonho. Tudo o que ele sabe é que foi até ali para salvá-la, e essas criaturas em seus uniformes escorregadios e suas máscaras esquisitas querem impedi-lo. Eles não são bruxas, ou pelo menos não são como as bruxas que ele conheceu, mas estão impregnados de um propósito sinistro.

O mestre deles é um homem maligno e louco. Joe vê que ele ameaça a garota e sabe que ele precisa ser detido. Ele enfia o punho pela máscara da criatura à sua frente, estilhaçando lentes escuras e rasgando as tiras soltas, e em seguida a joga para o lado, caminhando pelos restos flamejantes das cortinas. As criaturas o agarram. Elas têm força sobre-humana, mas ele também já não é humano. Joe se livra delas e corre na direção da garota e do louco com a barba suja de sangue. Mais mãos o agarram, e logo há muitos deles, obrigando-o a parar para enfrentá-los.

Ele olha para cima e vê o louco suspendendo a garota pelo pescoço. Ela segura um cilindro metálico em suas mãos e veste uma estranha máscara preta que cobre seus olhos e seu nariz. Através da máscara, ele pode ver os olhos dela, e ela está olhando para ele. Ela grita um nome, “Joe”. É o nome dele, e, ao mesmo tempo, não é. Ele sente que ela pode resolver esse quebra-cabeça. Com um impulso, ele consegue se soltar, arrastando algumas das criaturas enquanto tenta alcançar a menina.

Mas então o mundo treme novamente, desta vez pior do que antes. O tremor quase o derruba no chão, que começa a rachar. Ele lança longe duas das criaturas de preto que se agarravam nele e se vira em tempo de ver as bordas da piscina se despedaçarem. Uma erupção de carne preta e

escorregadia explode da piscina, acompanhada por uma onda de água salgada.

Joe matou uma das enguias gigantes. A outra continuou a crescer. Quando ela atinge o piso, toda a câmara sacode. Algumas das estranhas janelas trincam, e a água entra espirrando. A enguia abre sua mandíbula, seus dentes são como longas agulhas quase do tamanho da garota, e ela começa a arrastar sua enorme figura atrás dele. As criaturas que seguravam Joe o soltam e saem correndo, mas ele continua lá. Para que a garota sobreviva, ele precisa estar vivo para salvá-la, e isso significa que a enguia monstruosa precisa morrer.

Ela dá o bote nele, a boca enorme arreganhada.

Joe pode ouvir a garota gritando seu nome.



Molly bateu o tanque de oxigênio na têmpora do Dr. Cocteau. Ele perdeu o controle sobre ela, que cambaleou para trás, olhando para Joe outra vez. Seu primeiro pensamento foi de espanto ao encontrá-lo vivo, mas agora, com a luz da lamparina, a chama do fogo e as sombras dançando no rosto e nos contornos do corpo dele, ela se perguntava se “vivo” era mesmo a palavra certa.

– Sua idiota – Cocteau gritou.

– O que você fez com ele? – Molly perguntou, imperativa. – Aquelas coisas que você mandou atrás dele, o que elas fizeram?

Dr. Cocteau franziu a testa, distraído com a fúria da garota, e olhou para Joe. Pela surpresa no rosto dele, Molly percebeu que ele não era o responsável pelo que tinha acontecido com o seu amigo. Mas algo acontecera, e havia mágica envolvida. Joe não parecia mais humano, nem de longe. Ele vestia restos de pele humana como se fossem roupas esfarrapadas, como se fosse um disfarce de algum maníaco. Ela vira os olhos dele e os reconheceu de imediato, então não tinha dúvida de que aquele era realmente Joe. Observando-o destroçar os homens mascarados com suas mãos de pedra, ela viu a terra áspera e a superfície rochosa se revelarem onde

sua pele havia sido arrancada, e então gritou o nome dele novamente, não para que ele a ajudasse, mas porque estava confusa e aflita.



– O que ele é? – perguntou o Dr. Cocteau, um lampejo de sanidade em sua expressão.

Molly não sabia responder. Se aquela pessoa que se autointitulava um explorador, um homem familiarizado tanto com a ciência quanto com o sobrenatural, bem como com coisas além dos limites da imaginação

humana, não sabia o que havia acontecido com Joe, como *ela* poderia adivinhar? Joe não era mais um homem. Mas será que ele era um monstro?

Depois de um tempo, a resposta veio.

– Ele é meu amigo.

A enguia gigante avançou na direção de Joe. Molly o assistia através do fogo e da fumaça. Ela o chamou novamente, mas ele a ignorou, se atirando na enguia e desviando para o lado no último instante. Joe deu um soco, enfiando o punho pela enorme mandíbula da criatura, arrancando diversos dentes que mais pareciam espadas, e não se soltou quando ela fechou a mandíbula no braço dele. Com sua mão livre, ele deu vários socos na cabeça dela, que serpenteou, derrubando prateleiras e as hastes que sustentavam as cortinas flamejantes, que produziram um chiado ao atingir o chão molhado.

O Dr. Cocteau, enfurecido, começou a berrar para a enguia monstruosa. Por um momento, esqueceu a raiva que sentia de Molly. A enguia se enrolou em Joe, em uma tentativa de esmagá-lo até a morte. Mas ele conseguiu se reequilibrar e girou a criatura serpenteante, tentando socar sua cabeça até abri-la. Cocteau gritava agitando os braços, tentando chamar a atenção da enguia.

Joe e a enguia se chocaram contra a esfera de vidro onde estava a criatura que um dia havia sido Felix Orlov. A besta de muitos braços escapou do globo em uma onda de água escura, uma massa confusa de membros articulados e tentáculos bracejantes. Molly engoliu em seco, e, de repente, aquela certeza parecia cruel demais para ela. Seu coração congelou e se espatifou ao saber que o homem que havia cuidado dela, que ela havia amado como um pai, poderia estar morto. A humanidade dele tinha chegado ao fim; e ela chorou, sua voz embargada pela angústia. Ela estremeceu, ainda segurando o tanque de oxigênio, a máscara de mergulho cobrindo seu rosto e abafando o som do choro.

O Dr. Cocteau pegou o Pentajulum, entoando um cântico apavorado enquanto erguia o objeto como uma oferenda. Ele brilhou intensamente por um instante e então ficou escuro, e o velho o sacudiu como uma criança faria com um chocalho, irritado por ele se recusar a atender os seus desejos.

Mas Molly só tinha olhos para o que estava para além de Cocteau. Aquilo que ela tinha comparado à parede de um aquário, com muitas janelas

diferentes, tinha agora dezenas de vazamentos. A água esguichava pelas bordas e pelas rachaduras no vidro, e, por mais espesso que o vidro fosse, a pressão da água o destruiria em instantes. O rio estava entrando.

Ela se virou, colocando o tanque de oxigênio nas costas, e correu. O barulho de suas botas na água que vazava do globo de vidro a fez sentir uma pontada de arrependimento por abandonar Felix. Mas ela não se permitiu diminuir o ritmo. Felix não seria esquecido, mas o homem que ele havia sido era agora parte do passado, e ela queria sobreviver para ter um futuro. Ele teria concordado com ela.

Gritos sobrenaturais preencheram a vasta câmara da velha estação de metrô, um lamento lúgubre como o agudo de um violino mal afinado e mal tocado. Ela se perguntou se aquilo vinha da criatura que Felix havia se tornado, mas achou que talvez viesse da enguia. Então, ela ouviu berros e deduziu que o Dr. Cocteau percebera que as janelas estavam vazando. Ele viria correndo atrás dela, e sabia para onde ela ia, a menos que houvesse outra rota de fuga.

Olhando para trás, Molly viu uma das janelas menores se quebrar e o rio jorrar por ela. A enguia havia se erguido e se enrolara em volta de Joe como uma mola, e ele a esmurrava no olhos e na cabeça, cinco metros acima dos restos flamejantes dos tecidos ornamentais de Cocteau, quando a antiga estação começou a inundar. O Doutor e os homens mascarados então abandonaram toda a pretensão de controlar a situação. Alguns dos servos do lunático mergulharam na piscina quebrada, dando um jeito de fugir, enquanto outros seguiram o mestre, que corria atrás de Molly.

Ela se concentrou em escapar, se esquivando sob um arco de tecido em chamas. Uma tapeçaria árabe colorida pegou fogo enquanto ela passava, e as chamas alcançaram uma prateleira cheia de livros. Mas ela sabia que nada continuaria a queimar por muito tempo depois que o restante das janelas se quebrasse.

Molly sentiu o peito doer. Seu coração batia tão forte que ela mal podia ouvir os gritos atrás dela ou os estalos das chamas. O calor do fogo assava sua pele, e o pânico a dominou, mas ela se forçou a respirar com calma, sem saber se respirar rápido a deixaria com menos ar no tanque. Parecia um desperdício usá-lo agora, já que a água viria a qualquer momento e a

arrastaria. Pensar nisso a assustava demais – ela não conseguia raciocinar com clareza.

Algo roçou-lhe o braço, e quando ela olhou para trás viu um dos homens mascarados tentando agarrá-la. Molly deu a volta em uma coluna, e o mascarado teve de desacelerar um pouco, dando a ela um momento de alívio. Ela correu, se perguntando se estava indo na direção certa, agindo apenas por instinto. Os homens mascarados a haviam conduzido por uma escotilha que ela imaginou ser diretamente oposta à parede com as janelas de aquário.

E então ela avistou. A fumaça tinha começado a tomar a ampla câmara e nublar sua visão. Sem o tanque de ar, ela teria inalado fumaça e provavelmente não teria conseguido chegar até ali. Mas ela viu a porta à sua frente e deixou aflorar a esperança que vinha escondendo dentro de si.

Um estrondo encheu seus ouvidos e, sem conseguir resistir, ela olhou para trás, bem a tempo de ver várias das janelas maiores se quebrando. A água invadiu a câmara, e parecia que o rio inteiro estava entrando na sala, correndo pelo chão. De relance, Molly viu Joe lutando contra a enguia, enquanto ela chicoteava pela água, ainda enrolada nele, tentando esmagá-lo até a morte. Felix também estava lá, com seu corpo gigantesco, fendas abertas no torso e tentáculos grossos e enrugados. Aquela era uma das coisas mais grotescas que ela já tinha visto na vida.

Molly quase deu de cara na porta de metal. Com as mãos, forçou a roda da escotilha, e conseguiu girá-la até ouvir o barulho da trava se soltando. Enquanto tentava puxar e abrir a pesada porta, ela olhou para trás e viu o Dr. Cocteau quase alcançado, os olhos arregalados, o sangue ainda espalhado pelo rosto e pela barba. Com um esforço que a fez berrar, ela abriu a porta e se atirou pela soleira, pensando que precisava fechá-la novamente para manter tudo aquilo longe dela – Cocteau, a água, os homens mascarados, o fogo e até mesmo Felix.

De repente, um dos homens mascarados enfiou um braço pela greta aberta e ela bateu a porta naquela criatura de roupa de borracha. Molly sentiu a porta ser arrancada de sua mão e caiu para trás sobre o patamar de metal quando ela se abriu. Pela fresta, viu os homens mascarados e, atrás deles, a água inundando a velha estação. Lamparinas e hastes de cortinas

foram derrubadas pela água e arrastadas, e a escuridão começou a se espalhar enquanto a onda invadia a câmara, indo na direção dela.

O Dr. Cocteau passou correndo por seus homens e pela porta. Ele a agarrou pelo braço e a carregou. Molly lutou, mas só por um instante, porque ele não demorou a correr com ela para a escada em espiral, justamente o caminho que ela queria seguir. Aparentemente, o medo dele de se afogar era maior que o desejo de matá-la. O barulho da escotilha batendo fez Molly se virar, e ela viu homens mascarados girarem a roda, selando a passagem e impedindo que muita água chegasse até ali.

A escada inteira balançou, mas não era a chegada de um novo monstro. Parecia ser um legítimo tremor de terra, e, dando um grito, Molly se agarrou no corrimão, pensando no último grande terremoto que Nova York sofrera e em seus resultados. Se esse de agora fosse um terremoto de verdade, que onda de caos ele desencadearia?

E logo eles estavam correndo novamente, botas batendo contra os degraus de metal. O barulho ecoava pelas paredes de pedra juntamente com a respiração pesada de Cocteau. Conforme Molly subia as escadas, seu ódio por ele se inflamava e crescia. Por alguns minutos, ela tinha dado a ele o benefício da dúvida, tinha pensado que ele realmente queria ajudar Félix, mas agora sabia da verdade. O Dr. Cocteau até podia ser algum tipo de gênio, e, se ele queria explorar realidades primitivas ou limbos paralelos ou como quer que ele chamasse a dimensão sinistra e monstruosa de onde o “pai” de Felix viera, ela nunca iria impedi-lo. Mas ele era um assassino, disposto a usar qualquer um para atingir seus objetivos, não importava o custo, mesmo que fosse a destruição do mundo. O tal cataclismo que ele tinha previsto... Molly não tinha qualquer dúvida de que ele queria que acontecesse. A pergunta agora era se ia acontecer ou não. O que aconteceria com Felix e todo aquele plano cuidadoso do Dr. Cocteau?

O mundo tremeu mais uma vez ao redor deles, poeira e reboco caindo das paredes e do teto, o metal rangendo sob seus pés. O Dr. Cocteau soltou o braço de Molly para se segurar melhor no corrimão de ferro. A respiração dele estava difícil e ofegante, e ela se perguntou se o coração dele falharia. Mas a cada vez que pensava que ele cairia, ele redobrava seus esforços e continuava atrás dela, resfolegando e grunhindo. Os degraus pareciam infinitos, e as pernas dela começaram a queimar de exaustão, mas ela não

parou de subir. Os homens mascarados não eram humanos, mas e o Dr. Cocteau? Como ele conseguia acompanhar aquele ritmo?

Ele finalmente começou a titubear, e então parou para descansar.

– Não... a deixem... fugir – ele resmungou, praticamente se engasgando com as palavras.

Os mascarados continuaram na cola dela, mas sem tentar pará-la ou segurá-la, e nunca deixando que ela ficasse mais que um ou dois passos à frente deles.

Outro tremor atingiu a estação, dessa vez tão forte que a jogou contra a parede. De algum ponto muito abaixo veio um guincho agudo de ferro se rompendo. Molly se perguntou quantos degraus eles haviam subido, quantos metros, quanto ainda teriam de subir para chegar à superfície. Foi então que um estrondo ecoou pela escada em espiral e toda a sua estrutura balançou com a chegada repentina da água. A porta não tinha aguentado, e agora o turbilhão vinha subindo depressa, logo abaixo deles.

De dentro da máscara de ar, Molly soltou um urro frustrado. Ela imaginou a água subindo agitada enquanto preenchia a escada. O Dr. Cocteau gritou para os homens mascarados se apressarem e ordenou que dois deles o carregassem. Quando Molly se virou ficou horrorizada com o que viu: eles o ergueram em um tipo de balde feito com seus próprios braços e subiam correndo. Eles trombaram nela, que se chocou contra o corrimão antes de cair para trás, rolando uma dúzia de degraus. Molly só conseguiu se segurar no corrimão quando seu corpo colidiu meio torto em uma volta da escada.

Colocando-se de pé, ela começou a correr novamente. Seu tornozelo doía, mas não parecia ter se quebrado. Cheia de medo e raiva, ela correu atrás de Cocteau e suas criaturas, ciente da ironia, mas incapaz de apreciá-la em meio ao turbilhão de emoções que a inundava. Ela ouviu o barulho da água subindo e soube que a máscara de ar não seria suficiente para salvá-la.

Ela finalmente alcançou o patamar. A escotilha de metal estava aberta à sua frente, mas, quando se aproximou, os homens mascarados começaram a fechá-la. Ela se lançou pela porta aberta, batendo o ombro nela, se esforçando para passar pelos homens mascarados. Dr. Cocteau gritava com eles enquanto giravam a roda para selar a escotilha.

A água veio por baixo com tanta força que esguichou para fora, passando pelos cantos da porta, embora ela já estivesse bem fechada.

– Eu não sei se aquilo vai aguentar – disse Molly.

Cocteau a olhou com escárnio, mas não respondeu. Ele se virou e se arrastou até outra porta, feita de madeira comum, com uma pesada tranca. Eles estavam em uma área mais ampla do que a escada em espiral. Um muro havia sido construído à esquerda, separando esse pequeno espaço de outro que ela imaginou ser muito maior. Embora a parede fosse construída com tijolos e cimento, Molly sentia que havia mais ali do que engenharia, tal como aquela grande parede que se erguia no lar de Cocteau e mantinha o rio do lado de fora.

– Onde nós estamos? – ela perguntou, enquanto corria para alcançá-lo.

Ele continuou a ignorá-la e, com esforço, abriu a porta, revelando um conjunto de degraus de granito que levavam para cima. Ela o seguiu, se apressando, e eles logo alcançaram os últimos quatro lances de escada, indo dar em frente a uma porta fechada. Com um gesto do Dr. Cocteau, os homens mascarados se jogaram contra ela e a quebraram, e uma brisa de vento noturno invadiu a escadaria.

Capítulo vinte e dois

Tremendo pelo esforço e aliviada, Molly emergiu no telhado de um velho prédio e olhou ao redor. Ela respirou o ar salgado, olhou para a lua e para a luz das estrelas que passavam entre as nuvens e tentou imaginar onde eles estavam. Era em algum lugar de Downtown, disse ela tinha certeza. A chuva tinha finalmente parado, mas os pensamentos a invadiram com uma onda de tristeza, fazendo-a pensar em Joe e em Felix.

Perdida em sua própria cidade, para sempre afastada das únicas coisas de seu passado que lhe tinham oferecido conforto, ela quase desmaiou. Se sobrevivesse àquela noite, que futuro teria pela frente? Ela tinha amigos e conhecidos, e alguns clientes haviam sido gentis com ela quando se consultaram com Felix. Porém, com exceção dele próprio, ela não tinha família e nenhuma casa além daquela que compartilhavam. Seja lá que futuro tivesse, caberia a ela construí-lo.

O prédio sacudiu abaixo dela, e tremor a derrubou no chão. Apoiou as mãos e os joelhos no telhado e, aterrorizada, olhou ao redor, se perguntando se o antigo edifício ruiria e afundaria no rio, tornando-a mais uma vítima da Cidade Submersa. Homens mascarados se desequilibravam por todo o telhado. O Dr. Cocteau tinha caído de joelhos, mas deu um jeito de continuar lá, apoiado em um braço, a outra mão em uma busca frenética dentro do bolso de sua jaqueta bordô, que estava chamuscada e manchada de sangue.

Será que ele perdeu o Pentajulum? Molly desejou que sim. *O filho da mãe só faria mais mal se ainda o tivesse.*

Molly ouviu um barulho estrondoso e se virou para ver o que era. Uptown sacudiu, e os prédios começaram a se chocar. Uma torre reluzente desabou, e Molly assistiu enquanto ela tombava. Os andares superiores de uma importante construção implodiram, e suas janelas foram vaporizadas.

Por gerações, os habitantes da próspera Uptown tinham virado as costas para a miséria e a ruína do sul, fingindo que ninguém escolheria viver lá, imaginando-se intocáveis em suas fortalezas comerciais e instalações corporativas. Agora elas estavam se desfazendo, e Molly se perguntou se o Alto Manhattan ia afundar assim como o Baixo Manhattan tantos anos atrás, se as ruas seriam inundadas, tornando Uptown uma parte da Cidade Submersa. Parte dela achava que era bem feito para eles, a elite que abandonou e ignorou os menos afortunados. Mas então ela pensou nas famílias, nas crianças, na felicidade devastada a cada segundo, e sentiu vergonha de si mesma.

De qualquer modo, com ou sem a vergonha da jovem, Uptown estava desabando e logo estaria submersa.

O telhado onde Molly estava subitamente se elevou, como uma onda, fazendo-a cair mais uma vez. Ela bateu a cabeça. Tonta, tentou se levantar, mas só conseguiu tropeçar e cair mais perto do Dr. Cocteau. O estrondo do terremoto tomou os céus e fez tremer os ossos dela. De algum lugar não muito distante, ela ouviu pessoas gritando e as imaginou rezando assustadas e sem respostas.

Mas, em meio àqueles gritos, veio outro som, um que ela havia escutado antes, poucos minutos atrás. O uivo misterioso só podia ser o lamento melancólico do ser estranho que Felix Orlov tinha se tornado. Ele soava cada vez mais alto, e Molly correu em direção à beira do telhado. Uma fenda se abriu a uns doze metros de distância, e ela hesitou, pensando que o prédio inteiro viria abaixo sob seus pés – mas o tremor começou a diminuir.

Uma mureta circundava o telhado. Molly foi até ela, segurou no topo e se ergueu até os joelhos. Se o terremoto piorasse de novo, ela poderia ser lançada do telhado. Mas aquele terrível lamento a atraía, e ela precisava olhar. Ela precisava vê-lo.

Molly espiou por cima da mureta e ficou paralisada com o que viu. A água se agitava com tremor da terra. Metade da antiga Prefeitura tinha desabado no rio, e, enquanto ela assistia, a correnteza arrastava mais um pedaço da estrutura. Entretanto, no cruzamento adiante, rodeado por pedaços semissubmersos da velha Nova York, a coisa que havia sido Felix Orlov rastejava pela água e gritava a sua dor para o cosmos. O som partiu o coração de Molly, e ela começou a chorar angustiada. Não importava se o

som daquela voz não fora ouvido naquela dimensão desde antes do início dos tempos – ela podia sentir a tristeza e a confusão dentro dele, e isso a desolava. Alguma parte da criatura ainda era o homem que havia cuidado dela de modo tão gentil e com humor tão caloroso.

– Felix! – ela gritou. – Está tudo bem! Você vai ficar bem!

E então ela cobriu a boca como se tivesse dito algum palavrão terrível, porque... Que coisa estúpida! É claro que ele não ficaria bem. Até sugerir isso era ridículo. O que ela realmente queria dizer a ele é que ele não estava sozinho, mas isso também não era verdade, era?

Molly apertou o rosto contra a pedra gelada no alto da mureta e olhou para baixo. A criatura não parecia estar nadando, mas sim flutuando ali no rio, metade de seu corpo acima do espelho d'água. O movimento das ondas e a correnteza não pareciam ter efeito sobre ele. Os tentáculos, que estavam onde deveria existir um rosto, se enrolavam e desenrolavam, se esticando em direção ao céu, como se ele esperasse algum anjo adimensional vir salvá-lo. Felix tinha tantos olhos agora! E, quando Molly viu o estranho conjunto de membros se mover embaixo da água, se deu conta do quanto ele estava enorme. Sob as águas do rio, ele provavelmente ocupava todo o cruzamento, e ela pensou que ele ainda poderia estar crescendo.

Uma voz se destacou no caos, o canto profundo de um barítono. Molly se virou e viu que o Dr. Cocteau tinha se levantado e agora estava à beira do telhado, a uns dez metros dela, segurando o Pentajulum com ambas as mãos como se fosse uma oferenda. Seus olhos estavam fechados, e, apesar do sangue em sua barba e da fuligem em seu rosto e suas roupas, ele parecia radiante em sua devoção.

Ao redor dele, os homens mascarados aguardavam. Alguns estavam de pé, mas outros haviam imitado Cocteau um minuto antes e estavam ajoelhados, como se o adorassem – aquele monstro que havia capturado homens e transformado sua carne em algo que nunca deveria ter existido. Um deles havia se transformado, e sua roupa de borracha estava vazia, o gás amarelo saindo de dentro dela. Uma longa sanguessuga verde-escura deslizava pelo telhado, se afastando da máscara de gás e deixando para trás um rastro de sangue e muco viscoso. Ele provavelmente se machucou no tumulto no covil de Cocteau ou durante o terremoto, enquanto corriam pelas escadas.

Respirando fundo, Molly se levantou. Em seguida, bateu com as mãos na cabeça, tentando se forçar a parar de ouvir o lamento angustiado de Felix e de imaginar as pessoas que morriam ao seu redor, a carnificina produzida com o colapso de Uptown. Mas ela não conseguia tirar nenhum daqueles pensamentos da mente, e talvez essa fosse a melhor opção para estimulá-la a seguir em frente. O prédio balançou, mas não o suficiente para derrubá-la.

– O que foi que você fez? – ela gritou.

O Dr. Cocteau hesitou, olhando para ela, e então baixou o Pentajulum, segurando de um jeito protetor o artefato que havia se tornado a única coisa no mundo a que ele dava valor. Ela passou empurrando um par de homens mascarados, e as criações abrutalhadas não fizeram nada para detê-la, agora pouco mais do que soldados de brinquedo sem as ordens de seu mestre.

– Afaste-se de mim – o Dr. Cocteau ameaçou. – Você destruiu tudo! Você e aquele Joe. Talvez não seja tarde demais, mas, se eu não conseguir fazer o Pentajulum funcionar...

– Ele não funciona, seu desgraçado imbecil! – ela gritou. – Tudo isso por nada! – e ergueu uma das mãos para apontar a catástrofe ao redor deles. – Todas essas pessoas estão morrendo, a cidade está sendo destruída, tudo isso porque você acionou algo que achou que poderia controlar. Mas não pode!

O Dr. Cocteau riu, nos olhos um brilho enlouquecido.

– Você não ouviu nada do que eu falei? Eu nunca pensei que poderia controlar o que aconteceria neste mundo. Eu não me importo. Vou deixar isso tudo para trás. Vocês todos podem se afogar, e eu não dou a mínima. Mas o jovem deus está totalmente formado agora e, assim que ele me ouvir...

E então o lunático arregalou os olhos, amedrontado e maravilhado. Um sorriso arrebatado tomou seu rosto, e lágrimas de alegria escorreram de seus olhos. Ele estava boquiaberto e nem conseguia mais formar palavras.

Molly se virou para seguir os olhos de Cocteau e notou que ele não estava olhando para os prédios atrás dela, e sim para o céu. Um dos mascarados bloqueava a visão dela. Molly o contornou e então parou para olhar, a respiração pesada em seu peito.

Havia fendas no céu noturno, tiras de um vazio azul-escuro onde, instantes antes, havia nuvens, estrelas e espaço infinito. Molly lembrou das

cortinas na casa do Dr. Cocteau e na forma como havia olhado através delas para a sala seguinte – mas não queria ver o que havia além das cortinas no céu. Através daqueles rasgos na realidade, mesmo a escuridão parecia diferente e parecia seguir eterna, como se todo o mundo pudesse cair por ali e se perder no vácuo para sempre.

O grito da coisa que Felix se tornara tomou a cidade, ecoando dos prédios e se agitando com a correnteza violenta do rio. Ele foi ficando mais e mais alto, suplicante e quase impertinente.

Mas Molly mal percebeu. Sua pele começou a se arrepiar com tudo de errado – tudo de indecifrável – que havia na cena que se desenrolava acima dela. Algo começou a se manifestar no céu, uma presença que parecia não ter forma definida, somente espirais que se fechavam em si mesmas ou pendiam em direção à cidade. Seus tentáculos, muito maiores que os de sua cria, pareciam deslizar pelo topo dos edifícios ou passar por eles, sólidos em um momento, efêmeros como fantasmas no outro.

– Não foi isto que você disse que ia acontecer – disse Molly, virando-se para o Dr. Cocteau, começando a ter arrepios de asco. O ar parecia feito de insetos, que escalavam sua pele.

O Dr. Cocteau balançou a cabeça, hipnotizado de alegria.

– Eu não sabia. Mas você não entende o que está vendo? Esse é um dos deuses antigos, um ser de outro universo. Você está vendo a face de Deus.

– Não é o *meu* Deus – disse Molly, olhando mais uma vez para a coisa cuja própria existência parecia incerta.

Ela se alternava, real e irreal, contornos borrados, sua forma se modificando como se a física deste mundo não a permitisse manifestar seu verdadeiro eu.

O Dr. Cocteau ergueu o Pentajulum nas mãos e começou a tocá-lo, primeiro com calma e, depois, de modo frenético. Ele apertava suas espirais e cutucava suas bordas, segurou-o entre as mãos e orou para ele. Depois, procurou algum tipo de gatilho para acionar. Sua expressão foi da alegria para a impotência e então para o pânico. O tempo para descobrir como o Pentajulum de Lector funcionava havia se esgotado.

– Ei! – ela gritou, mas ele a ignorou. Ela gritou novamente e o acertou no braço tão forte quanto podia.

Dois homens mascarados reagiram, tentando agarrá-la. Um deles agarrou com força o ombro dela, que se esquivou. E eles hesitaram, aguardando ordens.

O Dr. Cocteau se encolheu e, trêmulo, afastou-se dela, ainda protegendo o Pentajulum. Ele olhou para Molly, e ela se lembrou de que ele tinha prometido matá-la. Os mascarados certamente a matariam se ele mandasse. Apesar disso, ela não sentia medo. Dada a angústia que sentia pela devastação ao seu redor, sua própria vida parecia algo de pouco valor.

– Você *não vai* descobrir como ele funciona a tempo de impedir a sua morte – disse ela, gritando para ser ouvida na cacofonia da calamidade que se abatia sobre a cidade. – Se você não conseguir pará-lo, vai morrer como todos nós!

O Dr. Cocteau a encarou, olhos arregalados, e soltou uma risada leviana. Ele se virou para tentar fazer o Pentajulum funcionar outra vez. Molly partiu para cima dele, numa explosão de medo e aflição, mas Cocteau a jogou para o lado. Ela bateu contra a mureta do telhado, um baque dolorido em suas costas, e ela quase caiu do outro lado.

Dez metros abaixo, no rio em turbilhão, Molly viu um brilho preto, e, em seguida, a enguia gigante surgiu da água. Ainda preso por ela, Joe esmurrava o crânio da criatura. Parte da cabeça da enguia tinha afundado, e sangue e gosma cinzenta escorriam de dentro dela. A enguia se jogou de volta para o fundo do rio, levando com ela Joe – ou o homem de pedra em que ele havia se transformado, mais uma das coisas que ela não compreendia.

Molly se virou para olhar os homens mascarados e o Dr. Cocteau. Para sua surpresa, o Pentajulum tinha começado a brilhar nas mãos dele, luz cintilava por suas estranhas espirais e seus ângulos impossíveis. Ela olhou para as fendas de trevas no céu, para a eternidade do nada que havia dentro delas e para a coisa que se materializava lá. Sua pele se arrepiou com aquela presença, e ela se sentiu enjoada. Mas, de algum jeito, ela sabia que, independentemente do que viesse a acontecer, nada sairia de acordo com os planos do Dr. Cocteau.

A coisa que tinha sido Felix ainda flutuava metade para dentro e metade para fora do rio, os tentáculos em seu rosto se esticando na direção do deus antigo no céu, que ela sabia que devia ser o pai dele. Ele gritou sua dor e sua tristeza ainda mais alto, e Molly congelou olhando para ele, ao perceber que uma parte de Felix ainda estava lá, assustada.

Ele não queria ir.

Era isso que havia atraído aquele deus antigo até lá. Felix não queria ir. E, ao mesmo tempo que ela não queria que ele fosse, Molly temia pela cidade, por seu mundo, se aquelas coisas que haviam abandonado esta realidade decidissem habitá-la novamente.

– Dr. Cocteau! – ela gritou. – Você tem que...

Ela não terminou a frase. Ele não a ouviria, de qualquer maneira. Ele só se importava em entrar em contato com aquela inteligência cósmica, como se fosse virar algum tipo de divindade se a criatura o notasse, como se pudesse sobreviver se o plano funcionasse e então fosse viajar entre as realidades para explorar o limbo do espaço adimensional.

Molly disparou em direção a Cocteau. Um dos homens mascarados notou sua arrancada e tentou pará-la, mas não antes que ela desse um chute com toda a sua força. O joelho de Cocteau girou para o lado, quebrado ou torcido, e o louco gritou de uma dor lancinante ao cair. Molly arrancou o Pentajulum de suas mãos. Ele tentou segurá-la, mas ela pisou no braço dele e conseguiu se safar enquanto ele se contorcia de dor.

Ela sabia que o Doutor merecia toda a dor que ela e o mundo pudessem dar a ele, e mesmo assim se sentiu culpada. Mas não era hora para culpa.

Molly se virou na direção do cruzamento onde a criatura-Felix ainda chorava sua tristeza. Ela segurou o Pentajulum à sua frente, passando os dedos por suas espirais, desejando um modo de fazê-lo funcionar. Havia teorias demais sobre aquela coisa. Talvez ela amplificasse mesmo a mágica preexistente. Se fosse o caso, ela não teria muita sorte, já que não tinha nenhum dom. Suas espirais pareciam um emaranhado de quente e frio em suas mãos e tinham um brilho esquisito que variava entre verde e magenta, diferente de todas as cores que ela já tinha visto. As cores começaram a se modificar e ondular, e de alguma forma ela soube que ele reagia à

necessidade. Ao desejo. Se ele havia funcionado com os ocultistas no passado, é porque respondera ao desejo deles mais do que qualquer coisa.

Molly sentiu como se o artefato tivesse consciência de sua existência. Ele sentia o desejo dela, e sabia da pureza do que almejava. Ela não queria usá-lo como arma ou maldição, nem como uma ferramenta para conquistar fortuna ou um reino. Ela não exigia nada, mas precisava ser compreendida. E quando sentiu algo se destravar no Pentajulum, também sentiu algo ser liberado dentro dela.

– Felix! – ela gritou, inclinando-se sobre a mureta, apontando o Pentajulum na direção do rio. – Eu amo você – sua voz saiu fraca, e lágrimas rolaram por seu rosto. Ela tremia e soluçava, mas se forçou a falar.

– Você foi mesmo meu pai. O único pai que eu tive de verdade. Mas eu vou ficar bem. Eu prometo que ficarei bem, mas só se você se for. Eu sei que você está com medo, mas você precisa ir, senão todos nós morreremos. Você vai me matar e destruir todos os seres vivos da cidade que amou.

Molly hesitou, surpresa ao ver que a criatura-Felix virara em sua direção. Os tentáculos de seu rosto agora se estendiam em direção ao telhado onde ela estava em vez de buscarem o velho deus no céu em ruínas. O Dr. Cocteau nunca havia entendido a essência do Pentajulum, mas estava certo sobre uma coisa: ele podia funcionar como um canal, um modo de se comunicar.



Ela ainda não conhecia os segredos do objeto, mas, de algum modo, ele conhecia os dela.

– Felix, por favor! – ela gritou.

A terra continuou a tremer, e o rio a se agitar, mas a criatura ficara em silêncio, observando-a com expectativa.

– Me dê isso aqui, sua vadia! – o Dr. Cocteau rosnou.

Ela se virou e o viu ser levantado por dois homens mascarados, sua perna esquerda inutilizada, sangue fresco escorrendo de seu nariz. Molly começou a sacudir a cabeça, procurando um jeito de se esquivar dele. O Dr. Cocteau pulou, tentou apoiar seu peso na perna esquerda e praticamente desabou em cima de Molly. Ela sentiu o impacto da colisão e soltou um guincho. O lunático agarrou as mãos dela, arrancando o Pentajulum, enquanto os dois tombavam juntos sobre a mureta.

Ele se segurou no cabelo dela enquanto despencavam do telhado.

Molly gritou conforme se aproximava da água, eles então mergulharam no rio turbulento, e a correnteza os separou.

Capítulo vinte e três

O rio gelado se revolia ao redor de Molly, fazendo-a girar, e seu peito ardia com a falta de ar. Ela não havia tido a chance de tomar fôlego. Seu cérebro implorava por oxigênio enquanto suas mãos cortavam a água e ela batia os pés. O pânico a comandava. A catástrofe que acontecia acima não significava nada naquele momento. O destino do universo só era assunto para alguém que não estivesse se afogando.

Sua mão chegou primeiro à superfície. Ela agarrou o ar, e seu braço mergulhou na água novamente, mas pelo menos agora ela sabia para que lado ficava a superfície. Molly parou de se mexer e tentou se situar, mesmo sentindo que seu peito poderia entrar colapso.

Ela conseguiu voltar à superfície, lutando contra a correnteza enquanto tentava respirar – e um imenso alívio inundou seus pulmões. Uma rajada de triunfal e energia a preencheu, e ela olhou em volta procurando algo em que se segurar, qualquer coisa que a ajudasse a se arrastar para fora do rio. A corrente em Manhattan nunca era daquele jeito, mas ali, mais ao sul, com os tremores de terra e a influência da estranha gravidade que vinha da realidade logo acima, ela tinha se tornado uma torrente.

Os lamentos da criatura-Felix encheram o céu e ecoaram das fachadas dos prédios. O profundo estrondo da terra se abrindo, o ruído das fundações se movendo e o som da correnteza do rio encheram seus ouvidos. Uma rápida olhada para cima revelou a manifestação quase fantasmagórica do velho deus, um ser que parecia rearranjar continuamente sua forma e seu tamanho. Longos tentáculos se esticaram para baixo, se agitando como serpentinas ao vento, enquanto o próprio deus pulsava como se ondulasse nas profundezas do oceano. A visão daquela coisa tão arcana quase fez Molly se render ao rio, mas ela espantou a insidiosa tentação e pôs-se a nadar em direção a uma igreja à sua direita, um edifício talhado em arenito marrom bruto. Mas enquanto ela nadava até lá, a estrutura inteira se abalou e

começou a desmoronar, e logo toda a face norte do prédio havia desabado e deslizado para dentro da água, como um iceberg se partindo.

Exausta, Molly rodopiava na água e começava a se desesperar, mas então avistou o familiar metal preto de uma escada de incêndio à sua esquerda. Nadando com vontade, juntando todas as suas forças, abriu caminho pela água. A corrente a puxava, e em vários momentos difíceis ela teve medo de não conseguir alcançar a escada antes que o rio a arrastasse, mas estendeu a mão e, dando um decisivo chute na água, agarrou o metal enferrujado pelo sal.

Ela segurou firme, apertando a mão. Um momento depois conseguiu sair da água, e ficou de pé na escada de incêndio. Um tremor balançou o prédio, mas ela se agarrou ao corrimão, e nada a tiraria dali. Na sua ponta mais distante, a escada de incêndio tinha ficado parcialmente sem ancoragem, mas por ora ainda estava presa. Enquanto permanecesse assim, Molly estaria bem.

Tentando se localizar, ela olhou rio acima, na direção do cruzamento onde a criatura-Felix flutuava meio fora d'água, ainda maior do que antes. Os tentáculos em seu rosto se esticavam na direção dos tendões que serpenteavam da manifestação do velho deus na abertura no céu. Seu corpo estava menos sólido, seus limites menos firmes, e, quando ela piscou, ele assumiu um aspecto estranho e efêmero que não possuía antes, como se em determinados ângulos ele não existisse inteiramente neste mundo.

Molly se inclinou para fora e olhou para o teto de onde ela e o Dr. Cocteau tinham caído. Os homens mascarados permaneciam lá, em fila, na beira do telhado, como pássaros em um fio, olhando para baixo através de suas lentes sem emoção, suas máscaras ocultando os horrores que Cocteau perpetrara contra eles. De certa forma, ela tinha esperado que eles pulassem no rio atrás deles quando caíram, como lemingues que seguem uns aos outros rumo à morte.

Dr. Cocteau, ela pensou. Onde será que ele está?

Ela olhou rio abaixo, pensando que ele podia ter sido levado embora, e então olhou de volta para o cruzamento. Só então viu a figura em frangalhos entrando na relativa segurança de uma janela quebrada e arqueada, corcunda como um rato, na ruína de um edifício onde pessoas comuns já haviam morado ou trabalhado. O vidro da janela do quarto andar tinha sido

quebrado, provavelmente muito tempo atrás, e pouco restava de sua moldura. A barba e o cabelo de Cocteau se embolavam, o branco agora estava cinza com a umidade. Ele havia se livrado de sua jaqueta vinho, e sua camisa fina estava colada em seu ventre redondo.

Na mão esquerda, ele segurava o Pentajulum de Lector apontado para o céu, como se pudesse evocar raios e controlar o poder da tempestade. Sua boca se movia, e, embora suas palavras fossem inaudíveis, Molly sabia que ele pretendia executar o mesmo ritual ou encantamento esquisito de antes, tentando fazer o Pentajulum trabalhar para ele. A frustração e a ira produziam marcas horríveis no rosto dele. Após um momento, ele abaixou a mão, parou, e então começou a gritar para o céu como uma criança fazendo birra. Se estava tentando chamar a atenção da criatura-Felix ou do antigo deus que havia adentrado este mundo, impregnado da ameaça e da corrupção de uma realidade onde a ruína e a inexistência eram naturais, não conseguiu atenção alguma de nenhum dos dois, e isso quebrou alguma coisa dentro do lunático.

Berrando para as coisas do espaço adimensional, ele parecia mais um idiota do que um louco. Então, de repente, pareceu sentir a pressão do olhar de Molly e se virou para procurar seu observador. Assim que a viu, ele a perfurou com um olhar de ódio assassino. Abriu a boca e gritou algo, mas sua voz falhava, e o caos ao redor deles abafou o que foi dito.

Tremendo, segurando o Pentajulum, ele saltou da janela quebrada e mergulhou novamente na água. Emergiu um momento depois, nadando com uma só mão e deixando a corrente carregá-lo pela água turbulenta rumo ao ponto onde Molly se encontrava, na saída de incêndio. Ela olhou para cima, pensando se poderia escalar e tentar fugir dele. Mas algo mudou dentro dela, deixando-a fria e resistente. Ela se recusou a correr.

Em vez disso, esperou, o corpo inteiro tenso, pronto para a violência.

– Vamos lá! – ela gritou enquanto ele escalava por fora da escada de incêndio. – A cidade inteira está desabando! O que você vai fazer? Vai me matar mais rápido do que eu já ia morrer de qualquer jeito?

Com a mesma agilidade perturbadora que havia demonstrado antes, o Dr. Cocteau escalou a grade e caiu a poucos metros de distância dela. Apesar de seu tamanho, havia algo quase aracnídeo na maneira como escalou ao sair da água. Ele se curvou ligeiramente, olhando para ela, o peito arfante de

fúria e esforço. Ele estendeu uma das mãos, água pingava de sua pele e de sua camisa, e o Pentajulum brilhou suavemente, quase irônico.

– Me diga como você fez aquilo, garota! – ele gritou, sua voz um rosnado infeliz. – Quando você o segurou e falou com Orlov, ele ouviu você! Como você fez isso? Como você fez essa coisa maldita funcionar?

Molly hesitou. Ela não tinha total certeza de que a criatura-Felix entendera as suas palavras. Na verdade, parecia que ela havia conseguido, de alguma maneira, se comunicar com a parte do monstro que ainda era Felix, que sua voz tinha despertado algo lá dentro dele. Mas seria impossível argumentar com a loucura nos olhos do Dr. Cocteau.

– Vá para o inferno – disse ela, com ódio. – Não é algo que eu possa ensinar a você. Para outra pessoa, talvez, mas você nunca vai aprender.

Molly não entendia de fato como o Pentajulum funcionava, mas ele não sabia disso, e ela queria muito fazê-lo sofrer.

O Dr. Cocteau soltou um grito furioso e esticou o braço na direção dela, sua mão enorme se fechou em torno do pescoço de Molly. Ela lutou, arranhando o braço dele, e ele a ergueu do chão. Mais uma vez, ela não conseguia respirar. Ele a girou e a jogou contra a parede do prédio.

– Me diz! – ele gritou, saliva voando de sua boca, nenhum traço de sanidade restava.

Atrás dele, para além da escada da saída de incêndio, algo enorme e liso emergiu na superfície do rio. O couro grosso e verde-escuro da gigantesca enguia parecia serpentear na correnteza, como se estivesse vivo, e Molly demorou um segundo para entender que não estava. Ela deu um tapa no braço do Dr. Cocteau, apontando para a enguia, tentando chamar sua atenção.

Então, ela escapuliu das mãos dele e caiu, dolorosamente, de joelhos na grade da saída de incêndio. Enquanto ela se esforçava para se levantar, o Dr. Cocteau enfim notou a enguia gigante e se virou para olhar para o enorme cadáver, que boiava e perturbava a água do rio, sendo arrastado corrente abaixo para longe deles.

– Não – disse o Dr. Cocteau, sua voz falhando. Ele balançou a cabeça, os olhos arregalados de incredulidade e loucura, como se seu sonho tivesse

acabado de morrer. – Como ele pode estar vivo?

Tossindo, com as mãos em seu pescoço dolorido, Molly congelou ao ouvir aquelas palavras, e então se lançou para a frente, contra a grade, e olhou com espanto para o homem de pedra que se segurava no corpo da enguia gigante.

– Joe – ela sussurrou.

Dr. Cocteau olhava, boquiaberto. Algo dentro dele havia se partido.

Joe saiu do rio e rastejou pelo cadáver da enorme enguia, mas apenas quando o golem olhou para eles com seu rosto esculpido e quebradiço, ela percebeu que ele sabia que eles estavam lá, observando-o.



Seus olhos tinham um brilho inumano na escuridão. Mesmo sendo de pedra, pareciam quase reluzir. A cena fez Molly recuar de repente, sem deixar de encarar Joe. Mas ela reconhecia aqueles olhos, mesmo à distância. Toda a pele dele tinha sido rasgada, deixando expostas a pedra nua e a terra compactada. Entretanto, de alguma maneira, aquela criatura ainda era Joe. Ainda era o amigo dela. Ela se lembrou das histórias que ele havia contado a ela sobre seus sonhos de uma vida vivida séculos atrás, quando tinha sido um homem de pedra, e percebeu que ele não tinha mudado tanto. O que ela via agora, se arrastando pela enguia morta, ainda era apenas o Joe.

Talvez não “apenas” Joe, ela pensou. Isso sugeria que ele era alguém comum ou insignificante, quem sabe fraco, e nada poderia estar mais longe da verdade. Ela se perguntou por um momento se realmente era possível que ele fosse o homem de pedra matador de bruxas que sonhara ser, e então percebeu o quanto o pensamento era tolo. A realidade estava se desintegrando ao seu redor, e ela ainda pensava em termos de possível e impossível.

O Dr. Cocteau se inclinou sobre o corrimão, que se moveu com o peso e se soltou um pouco, mas continuou preso à ancoragem.

– Morra, seu desgraçado! – Cocteau gritou para Joe, sua voz se misturando aos gritos da criatura-Felix, ao som do rio e aos ruídos da cidade que desmoronava. – Não é possível que você ainda esteja aqui! Não era esse o plano!

Como se obedecesse àquele comando, Joe alcançou a parte do cadáver da enguia mais próxima dos dois e escorregou para dentro do rio, afundando e sumindo de vista. Molly sentiu o peito apertar quando se apoiou contra o corrimão novamente, seu olhar procurando algum sinal de Joe na água. O Dr. Cocteau se virou para ela.

– Aquela coisa é uma abominação – disse o louco, seus olhos brilhando. – Se eu soubesse que Simon Church tinha um golem durante todo esse tempo, teria tentado matá-lo com mais afinco.

Molly franziu a testa. “Golem”. Não conhecia a palavra, mas agora ela a associava à coisa em que Joe tinha se transformado.

O Dr. Cocteau também vigiava a água, o Pentajulum apertado contra seu peito. Molly olhou para o objeto, aborrecida. Por um momento, aquilo parecia nem estar lá e depois pareceu estar metade enterrado no peito de Cocteau. Agora, Molly o via quase totalmente sólido, da mesma maneira que estava quando ela e Joe o encontraram dentro do cadáver de Andrew Golnik no tronco da árvore maligna em Brooklyn Heights.

Outro tremor veio, mais forte que o anterior. Molly deixou escapar um grito e se agarrou à escada de incêndio. Dr. Cocteau quase tombou no rio, e acabou caindo de joelhos para evitar despencar por cima do corrimão. O prédio balançou, e Molly olhou ao redor, vendo o pó de argamassa e os fragmentos de tijolo e vidro que caíam como chuva.

Ela olhou para Uptown e viu uma torre alta, um edifício que parecia ser feito inteiramente de cristal, começar a desmoronar. Sua metade superior se quebrou e caiu, fora do campo de visão de Molly, deixando um toco irregular de prédio para trás. Ela se perguntou quantas pessoas teriam morrido só naquele momento e quantas outras vidas tinham sido arruinadas. Enquanto olhava aterrorizada, uma torre negra e reluzente de escritórios começou a implodir, ruir sobre si mesma e se partir. Nuvens de poeira e escombros se

levantaram ao norte, e ela viu línguas de fogo se elevarem em direção aos céus. Ela se perguntou o quanto de Uptown havia desabado, o quanto teria afundado. Quantas pessoas teriam de aprender a sobreviver em escombros como as pessoas do Baixo Manhattan vinham fazendo havia meio século?

A cada momento que passava, a Cidade Submersa expandia suas fronteiras.

Ainda de joelhos, o Dr. Cocteau deu um grito de frustração. Ele ergueu o Pentajulum, como se estivesse prestes a atirá-lo ao céu.

– Você veio atrás de seu filho! – gritou Cocteau. – Ele é meu irmão. Eu o ajudei a abraçar sua verdadeira natureza. Eu mereço um lugar ao seu lado! Eu mereço ver o seu mundo com meus próprios olhos. É a ele que eu pertenço, e esta é a minha chave!

Ele sacudiu o Pentajulum.

– Leve-o de volta para o lugar dele e me leve junto! Mas, antes, mate-o!

Molly se encolheu quando o Dr. Cocteau apontou para o sul, percebendo o que o levaria para além das fronteiras da sanidade. Ela se inclinou em cima do corrimão e ficou de queixo caído ao ver Joe – ou “o golem” – se segurando na quina do edifício. Ele deu um soco no tijolo, enfiou os dedos na parede, com a mão firme, e então repetiu o processo. Tijolo a tijolo, ele foi se arrastando para a borda de uma janela quebrada e usou sua moldura como apoio.

– Ele quer tirar isso de você! – Cocteau deu grito estridente para o céu rasgado e devastado, sua realidade tremulando, e para o deus ancião ondulante que se pendurava nas nuvens. – Ele quer ficar com o Pentajulum para ele!

Mas o velho deus não parecia ouvir.



A criatura-Felix, por outro lado, havia cessado seu lamento melancólico novamente. Cem metros à frente, nas águas revoltas do cruzamento inundado, ele tinha se virado para eles e os observava com seus inúmeros olhos.

Enfiando os dedos de pedra nos tijolos e na argamassa, cavando suas próprias fendas para subir, Joe criava seu caminho ao longo da borda rumo à escada de incêndio. O Dr. Cocteau pareceu enfim entender que ninguém tinha escutado as suas palavras e se virou para correr pelos degraus até o andar seguinte, seus sapatos ressoando na grade de metal. Mas, após cinco passos, ele percebeu seu erro e parou, saltando de volta para o patamar. Com um som agudo, a extremidade da escada de incêndio se desprende da parede de tijolos, liberando o corrimão. A base continuava no lugar, embora a escada agora se inclinasse na direção da água.

Cocteau tentou alcançar Molly, e ela pôde ver o desespero nos olhos dele. Mas ele só tinha uma mão livre, e ela tinha as duas. Ela acertou o braço dele e o atacou, golpeando-o tão forte e tão rapidamente que ele teve de se defender para não se arriscar a perder o Pentajulum. Ele gritou com ela, praguejando um monte de imundícies, mas ela o ignorou, unhando os braços e o rosto dele, esmurrando pescoço, rosto e peito, até que ele finalmente revidou, golpeando-a com tanta força que ela bateu no corrimão, ficando sem ar.

Quando desabou na grade, a respiração ofegante e o coração disparado de medo e fúria, ela sentiu a escada de incêndio se inclinar mais para a frente com um barulho estridente de metal. Molly olhou para o alto e viu Joe de pé acima do Dr. Cocteau, que caíra de joelhos. A água escorria de seu corpo de pedra, pingando de rachaduras e arestas. Seus olhos estavam acesos de raiva e sabedoria quando estendeu a mão para pegar o Pentajulum.

O Dr. Cocteau caiu para trás nos degraus de metal e tentou recuar, se segurando, todas as suas ambições cósmicas esquecidas frente ao mais tangível de todos os seus obstáculos.

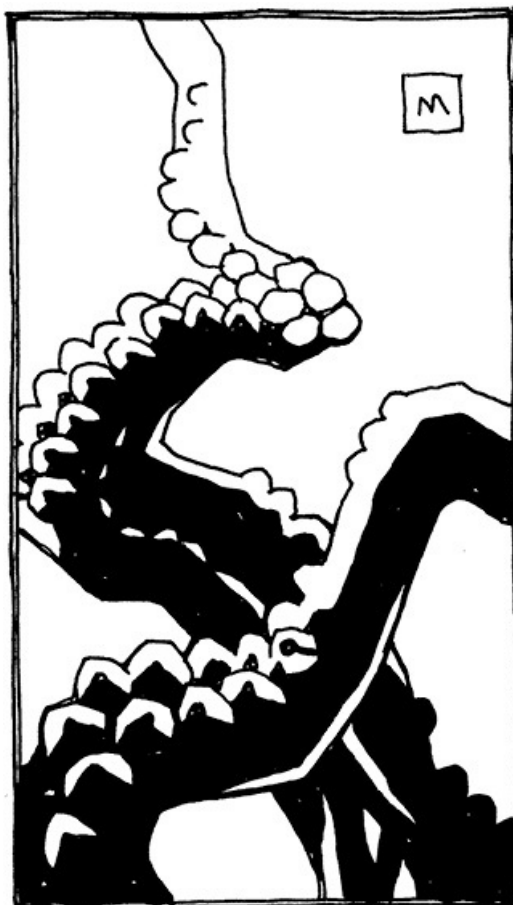
– Não! – gritou Cocteau. – Ele é meu! Ele foi feito para...

Joe arrancou o Pentajulum das mãos dele com uma rápida torção. A cidade parou de sacudir por um momento, e, com Felix quieto, Molly pôde ouvir os dedos de Cocteau se quebrando mesmo com o som da correnteza tão próximo. O louco gritou de dor e

segurou sua mão de dedos quebrados junto ao peito.

Afastando-se dele, Joe levantou o Pentajulum. Uma onda de silêncio pareceu tomar conta da cidade, e Molly teve certeza de que não apenas a criatura-Felix, mas também a presença anciã pendurada lá em cima tinham parado para ver o que o golem faria. O Pentajulum brilhava com intensidade, suas cores infinitas lançavam reflexos resplandecentes sobre os tijolos, a escada de incêndio e a espuma branca da água agitada.

Joe o esmagou em sua mão. O Pentajulum escureceu enquanto se desintegrava, como se não fosse mais do que uma casca de ovo.



A cidade inteira balançou com violência, em um sacolejo intenso embora momentâneo que jogou Molly contra o corrimão. Metade da base da saída de incêndio se desprendeu do edifício e balançou, se retorcendo para baixo, arrastada pelo próprio peso. Molly gritou quando começou a cair, mas Joe estava lá, como estivera desde o momento em que se conheceram. Ele a pegou pelo pulso com uma das mãos enquanto se pendurou no andar seguinte da escada de incêndio com a outra.

Edifícios caíram. O que restava da igreja do outro lado do rio se desintegrou na água. Outra torre de escritórios mais distante simplesmente cedeu, quebrando como madeira tombada em cima de uma estrutura menor ao lado dela. Molly fechou os olhos e sentiu ser erguida. Tentou não imaginar a devastação por toda Nova York, tanto na Cidade Submersa original quanto nos bairros recém-inundados de Uptown, onde outros edifícios elegantes e hotéis reluzentes estavam vindo abaixo.

– Suba – disse Joe. Uma palavra, somente uma.

Molly abriu os olhos, esforçando-se para não pensar em quantas vidas tinham sido perdidas naquele dia. Ela colocou os braços em volta do pescoço

de Joe como se o abraçasse, a pedra e a terra do corpo dele ásperas contra sua pele, e então o escalou como se ele fosse apenas mais um edifício da grande cidade que ela passara a vida escalando.

Quando conseguiu se segurar no patamar seguinte da saída de incêndio, ela deu um impulso para cima, sobre o corrimão. Joe a seguiu, subindo com uma força que homem nenhum poderia ter. Somente depois que ele parou ao seu lado foi que ela notou o gemido suave que vinha das escadas abaixo e viu o Dr. Cocteau ainda segurando sua mão estraçalhada. Ele balançava a cabeça, se lamentando e resmungando.

O mundo começou a tremer novamente.

– Segure-se! – Molly gritou, agarrando o braço de Joe.

Então o tremor parou, tão rápido quanto tinha começado, e ela ficou lá, agarrando-se a ele, sem nenhuma vontade de soltar. Joe nem parecia notar. Seu olhar estava distante, e Molly levou um instante para perceber que ele não estava perdido em alguma estranha catatonia, e sim olhando para o cruzamento onde se uniam as correntezas das ruas laterais.

– Meu Deus... – ela sussurrou.

– Não – Joe respondeu baixinho. Uma palavra. Mas ela entendeu sua intenção. O que estava acontecendo naquele cruzamento não tinha nada a ver com qualquer deus que ela já tivesse conhecido.

A criatura-Felix tinha começado a se erguer do rio, seus tentáculos dançavam rumo ao céu enquanto a parte inferior de seu corpo ondulava na água. Flutuando, ele começou a emergir completamente da água e, dessa vez, quando gritou, a dor e a tristeza não estavam mais presentes em seu lamento. Para Molly, o que restou naquele som parecia uma música de saudade de casa.

O deus antigo se esticou para baixo em busca do filho, sua forma mudando continuamente, nunca sólida ou bem definida para olhos humanos. Ele baixou seus longos tentáculos ondulantes, como se estivesse se infiltrando de uma dimensão na outra. Quanto mais baixo ele chegava, mais sólidos ficavam seus tentáculos, até que eles começaram a rondar os de sua prole, uns acariciando os outros, como trombas de elefantes, gentis e amorosos.

O Dr. Cocteau correu pelas escadas dando um grito que Molly pensou ter deixado sua garganta em pedaços. Ainda segurando a mão destruída, ele correu para o andar onde ela e Joe estavam. Mas ele mal parecia notar que estavam lá – passou direto por eles, chegando a esbarrar em Joe enquanto corria pela escada de incêndio e chegava ao próximo lance.

– Por favor! – gritou o Dr. Cocteau, lágrimas correndo pelo rosto e se misturando à barba branca imunda. – Por favor, não me abandone!

Molly olhou para o velho deus e seu descendente. Para ela, eles já pareciam existir em outra realidade. A criatura-Felix se ergueu, enrolando-se nas vinhas de afeto do pai. Lâminas irregulares de luz se espalharam pelo céu, mas não se ouviu nenhum trovão. Independentemente da natureza da tempestade que se formava acima da cidade, ela não pertencia a esta dimensão.

– Leve-me com você! – gritou o Dr. Cocteau. – Eu fiz tudo isso! Eu dediquei a minha vida a isso! Você não pode simplesmente me deixar aqui! Olhe para mim, seu desgraçado! Eu sou seu irmão! Sei que você pode me ver!

Ele alcançou o topo da escada de incêndio e se pendurou pela metade sobre o corrimão, uma mão erguida de modo patético para o céu, preso no corpo humano no qual havia nascido e que se tornara sua âncora.

– Não me abandone! – disse, num derradeiro grito de gelar o sangue que arruinou sua voz. Depois disso, ele só conseguiu abrir e fechar a boca em uma triste pantomima.

Molly observou fascinada quando o antigo deus e seu filho começaram a subir juntos, mas eles não estavam subindo para o espaço. As fendas na realidade tinham começado a se fechar, e ambas as criaturas começaram a se



diluir e borrar, como se estivessem ao mesmo tempo desaparecendo e escorregando por um dreno para a vasta dimensão desconhecida à qual pertenciam.

Ela viu o Dr. Cocteau cair sobre o corrimão. Ele disse mais alguma coisa, e ela pensou ter entendido as palavras apenas lendo os lábios dele: *Eles são tão lindos...*

Um tentáculo solitário da criatura-Felix flutuou como se fosse uma brisa errante. A princípio, parecia o simples resultado de sua oscilação. Mas, de repente, em um instante, ele se esticou e ficou reto, aproximando-se tão rapidamente que só quando o Dr. Cocteau começou a rir é que Molly olhou para cima e viu que o tentáculo estava se enroscando em volta do lunático.

Ela se segurou firme em Joe, cujo rosto de pedra continuava impassível enquanto eles assistiam ao Dr. Cocteau ser erguido no ar com uma expressão de extrema felicidade. O tentáculo se enroscou ao redor dele, puxando-o de um jeito suave mas rápido para o céu, e, em questão de segundos, Molly mal podia distingui-lo entre as formas pulsantes e desbotadas do antigo deus e seu filho.

Eles resvalaram para fora do mundo ainda mais rapidamente, suas silhuetas correndo como mercúrio, drenadas de volta para o espaço adimensional. A cidade ficou quieta e imóvel outra vez, exceto pelo som do rio, e o grito do Dr. Cocteau ecoou pelos destroços inundados como o urro lancinante de alguma grande ave de rapina.

Quando a fenda entre as dimensões foi fechada e a criatura que havia sido Felix Orlov desapareceu desta realidade para sempre, o Dr. Cocteau foi partido em dois pedaços. Metade de seu cadáver foi puxado pela cortina dimensional que se fechava, enquanto a outra metade caía no rio no mesmo cruzamento onde a criatura-Felix havia chorado sua miséria solitária.

Molly levou a mão à boca e viu com horror a parte superior do corpo do Dr. Cocteau passar flutuando na água, a pele branca e o cabelo brilhando sob a luz da lua e das estrelas que passavam por entre as nuvens remanescentes. Por um instante, ela viu o rosto dele e o sorriso arrebatador em seus lábios, e precisou se virar. Ela se agarrou a Joe, mas, em vez de calor humano, teve de se contentar com o escasso conforto do abraço duro e pétreo do golem.

Capítulo vinte e quatro

Enquanto Molly se segurava em Joe, ela ouviu os sons distantes da cidade que começava a perceber que o pior havia passado. Com um ronco e um rugido, um motor de popa ganhou vida. Centenas de barcos estariam navegando os canais e as vias aquáticas do Baixo Manhattan em poucos minutos, algumas pessoas tentando escapar da ruína e outras tentando resgatar seus amigos e vizinhos. Mesmo ladrões e Ratos D'Água ajudavam uns aos outros em momentos como esses.

Ela se perguntou quantas pessoas haviam morrido, quantos prédios tinham caído e quantos outros foram danificados de modo menos evidente. Molly conhecia vizinhanças inteiras de cabeça, cada escada de corda e cada ponte improvisada, mas agora ela teria de passar com muita cautela por cada estrutura que tinha permanecido de pé, teria de dar seus passos com muito cuidado. Todo mundo precisaria fazer isso.

E o que dizer de Uptown? Os moradores do Baixo Manhattan, a Cidade Submersa original, se virariam, como sempre tinham feito. Mas as pessoas de Uptown viveram durante gerações em uma bolha, uma aura de perfeição e privilégio imaginários. O que fariam agora que os edifícios tinham caído e seu sonho utópico tinha se estilhaçado? Molly imaginou que auxílio chegaria até eles prontamente, das comunidades ao redor, lugares do outro lado das pontes que a esta altura estariam também destruídos. As pessoas deviam estar em estado de choque, completamente confusas, se perguntando por que uma catástrofe daquelas havia se abatido sobre eles e como eles poderiam seguir em frente.

A maioria dos moradores de Uptown tinha passado a vida fingindo que o Baixo Manhattan era uma concha vazia, como uma velha casa assombrada, um lugar a ser ignorado, exceto pelas crianças e pelos supersticiosos. Mas Molly tinha a sensação de que agora eles prestariam atenção. Se queriam se recuperar e se reconstruir, se queriam sobreviver na Cidade Submersa,

teriam de olhar para o sul. Pedir ajuda significaria reconhecer todos os anos que tinham passado sem que jamais a oferecessem. Molly se perguntou se Manhattan permaneceria uma cidade dividida, ou se, no fim das contas, todo aquele horror uniria Uptown e Downtown novamente. Juntas no desespero e na esperança.

A muitos quarteirões de distância, alguém começou a gritar. Ela supôs que outros gritos deviam ter ecoado antes desse, mas, com a sinfonia de caos ao seu redor, ela não os tinha escutado. Esse em especial cortou o céu noturno de forma tão clara quanto o barulho de um sino, alto e frenético. A voz pertencia a uma mulher e silenciou após alguns segundos. Molly podia imaginá-la. Uma esposa, mãe ou amante chorando de luto pela perda do marido, filho ou amigo querido. Mas seu grito não resultava apenas da morte, mas também da brutal intromissão das mudanças, de saber que nada seria igual novamente.



Molly estremeceu com o pensamento, a respiração embolada em seu peito. Ela pressionou a bochecha contra a pedra áspera do corpo de Joe, sentiu suas lágrimas grudarem em sua pele onde seu rosto o tocava. Um pequeno barco a vapor, com tubos que assobiavam como chaleiras, passou a menos de dez metros deles, subindo o rio em relativo silêncio. O apito suave foi abafado por um barulho de engrenagens que rangiam e engasgavam, e um escaler passou rapidamente por eles, seu exaustor expelindo fumaça negra. O ar foi tomado de repente pelo fedor de óleo queimado, e o cheiro a fez se lembrar de Simon Church.

Molly se afastou de Joe, embora eles permanecessem em um semiabraço. Sob a luz da lua, quando ele inclinava a cabeça em determinado ângulo, até lembrava o jeito como era antes, e ela podia imaginá-lo ainda humano. Mas seus contornos eram muito retos, e, nas sombras do prédio, as cicatrizes e fissuras em seus traços de pedra refletiam a luz, mostrando quem ele era de verdade.

Ela procurou pelos olhos dele, e encontrou uma pequena faísca de reconhecimento no meio da confusão que lá existia. Ele parecia conhecê-la, e então inclinou a cabeça, como se tivesse perdido a memória de alguma forma.

– Você me chamou de Joe – disse ele, sua voz como um estrondo rangente.

– É o seu nome – ela explicou, tentando apertar a mão no braço dele para enfatizar. Mas ele não pareceu notar. Sua pele era de pedra fria. Ela duvidava de que ele pudesse sentir seu toque.

– É? – ele perguntou, concentrado.

Molly assentiu.

– Joe – ela repetiu, olhando nos olhos dele, tentando reforçar o nome de alguma forma.

– Obrigado – disse ele. – Tentarei não esquecer.

Joe estreitou os olhos – feitos de pedra, mas ainda assim humanos, com talvez um toque de luz vindo de dentro – e a estudou uma última vez com atenção, como se ela fosse um quebra-cabeça que ele sabia ser capaz de resolver. Então, deu um passo para trás e se virou, caminhando sem pressa para o corrimão da escada de incêndio. Ele agarrou a parte de baixo da grade de ferro acima dele e deu um impulso, de modo a ficar de pé no corrimão, prestes a saltar.

– Espera! – Molly gritou, uma rajada de pânico a percorreu. Ela não tinha ideia de para onde iria ou do que deveria fazer. – Aonde você vai?

Joe franziu a testa, como se aquela fosse a pergunta mais boba que já havia escutado.

– Caçar bruxas.

Ele pulou para o outro lado da escada de incêndio e mergulhou no rio, respingos de água subiram alto ao redor dele. Mas o rio fluiu, a correnteza formou um turbilhão, e em um instante não havia mais sinal de Joe. A água se fechou depois dele, como se ele nunca tivesse estado lá.

Estarrecida e perdida, Molly olhou para a água que corria lá embaixo. Depois piscou e olhou para cima, analisando a paisagem modificada da Cidade Submersa e se perguntando para onde iria. Sem Felix, ela não tinha uma casa de verdade. Se o teatro não tivesse sido muito danificado, ainda poderia viver lá, mas não sentiria como se pertencesse ao lugar.

Ela olhou rio abaixo, observando o fluxo de água rumo ao Atlântico, e viu que, mais do que tudo, o que ela queria era ir com Joe. Algo tinha acontecido com a mente dele junto com as mudanças em seu corpo. Suas memórias estavam bagunçadas. Mesmo que não fosse o Joe que ela havia conhecido, ele ainda precisaria de alguém, de um amigo. Talvez agora mais do que nunca.

Um amigo, ela pensou. Então praguejou baixinho, compreendendo para onde tinha de ir.

A escada de incêndio abaixo dela estava muito danificada para a descida, mas não tinha problema. Ela passaria por cima dos telhados ou por dentro das construções, começando a mapear o novo desenho da Cidade Submersa. Escalou os degraus de metal, suas botas tilintando sobre as grades de ferro. Não importava quanto tempo ia levar, ela encontraria um caminho até seu destino. Pelo menos isso ela devia a Joe.



O fantasma do Sr. Church estava esperando por ela quando Molly entrou no escritório dele. Por trabalhar e viver com um médium, ela já tinha visto fantasmas antes, mas nada como aquilo. O espectro pairava sobre os ossos empoeirados, que eram tudo o que restava do cadáver, a cabeça pendurada em sinal de um arrependimento tão forte que preenchia a sala. Com apenas a luz da lua e das estrelas para iluminar a escuridão do escritório, o espírito tinha a substância da névoa matinal, pronto para se desfazer a qualquer momento. Após seu primeiro vislumbre do fantasma de Church, Molly se moveu de um lado para o outro, tentando observá-lo

melhor, mas ele pareceu ficar ainda menos sólido. Ele não possuía a parte inferior do corpo. Onde suas mãos pendiam, seus dedos sumiam como se perdidos em uma nuvem.

O espectro não parecia o Sr. Church que ela havia conhecido. Seus traços faciais ainda eram severos, porém muito mais jovens, e a silhueta assombrada não mostrava nenhum sinal de que fora modificada. O espírito de Church o apresentava em sua melhor forma, antes de precisar de magia e máquinas para prolongar sua vida. Molly ficou menos chocada em tomar conhecimento de sua morte do que tinha ficado ao saber de sua longa vida.

Um arrepio percorreu suas costas, dedos gelados deslizando em seu pescoço. Ela deu um passo para trás, querendo ir embora. Ela tinha ido até lá contar ao Sr. Church o que acontecera a Joe, mas não havia restado ninguém além do fantasma para ela conversar, e ela não estava muito a fim de falar com os mortos. Aquele era o talento de Felix, não o dela.

– Sim – disse o fantasma, sua voz soando como um sussurro em seus ouvidos, uma brisa suave balançando seu cabelo. Ela parecia vir de todos os lugares da sala e, ao mesmo tempo, de lugar nenhum. – Você deve ir.

Molly concordou. O medo percorreu seu corpo e ela deu outro passo para trás. Ela podia ouvir o pesar na voz do fantasma, mas estava com medo de ficar mais um segundo naquela sala. De início, quando viu o fantasma, sentiu apenas tristeza. Mas agora o medo a havia dominado, e ela não se importava mais em deixar Joe ou o Sr. Church para trás.

Então, o fantasma olhou para Molly e ela foi atraída pela intensidade da tristeza nos olhos dele.

– Eu sei agora que fui egoísta – o fantasma sussurrou. Lágrimas fantasmagóricas tocaram as bordas de seus olhos sem fundo. – Eu vivi por tanto tempo e dei adeus a tantos amigos e conhecidos que tinha decidido não ter mais nenhum parceiro. Eu tinha me resignado a ter uma vida solitária, mas comecei a ficar cansado disso. Não só de viver essa vida solitária, mas simplesmente de viver.

Molly o olhava com o coração na boca. Seu corpo queria correr, mas seu coração não permitiria. Ela tinha de ouvir o restante. O fantasma se aproximou, seus olhos implorando por compreensão.

– Quando o golem veio à vida, eu pensei que aquilo era um tipo de recompensa para nós dois. O universo tinha me dado um irmão ou um filho, agradecido por toda a minha luta contra o sofrimento do mundo. E o golem Joe, assim como Pinóquio, tinha se tornado uma pessoa real, com a oportunidade de aprender o que significava ser um humano. Ele esperou centenas de anos, de pé em uma caixa, mas agora poderia viver e morrer como um homem.

Molly estava no meio da poeira e dos livros e dos estranhos artefatos que o Sr. Church tinha adquirido durante sua longa vida, e não conseguia deixar de pensar que Joe tinha sido uma daquelas coisas. O pensamento a perturbou profundamente.

– Mas ele morreu de verdade – ela disse. – Em Brooklyn Heights, no cemitério. Deram tantos tiros nele... ele tem de ter morrido ali.

Mais uma vez, o fantasma de Church baixou a cabeça, mas agora ela via vergonha em sua postura, o arrependimento que pesava tão fortemente sobre ele.

– Eu não tive escolha a não ser trazê-lo de volta. Alguém tinha de impedir o Dr. Cocteau.

Molly encarou o fantasma de Church, arrepios percorreram sua pele. Quando entendeu o significado daquelas palavras, ela ergueu uma das mãos, por um instante com receio de que fosse passar mal.

– Você... fez aquilo com ele de propósito? – ela perguntou. – Você está me dizendo que Deus, ou talvez o universo, deu a ele a oportunidade de ser humano e você tirou isso dele?

O fantasma de Church ergueu seu olhar gelado e a encarou.

– Se não fosse por isso, você estaria morta. E, se o Dr. Cocteau tivesse aprendido a usar o Pentajulum, a própria realidade estaria em perigo. Se eu perguntasse a Joe, ele teria sacrificado de bom grado sua humanidade por tantas outras vidas.

– Cocteau não ia aprender *nunca* a usar o Pentajulum – Molly protestou.

– Ele era... era o meu melhor amigo, Molly. Se existisse alguma outra forma...

Molly bufou, fechando os olhos por um momento enquanto a tristeza se abatia ainda mais pesada sobre ela.

– E agora? – disse ela, olhando o fantasma. – Você ainda está aqui. Este é você agora? Você vai continuar aqui como puder, se agarrando ao mundo até ele parar de girar?

– De jeito nenhum – o fantasma sussurrou. A voz dele continuava a parecer uma respiração muito fraca nos ouvidos dela, e agora tinha diminuído ainda mais. O arrependimento de Church era tranquilo e, ainda assim, avassalador. – Minha alma vai embora deste mundo agora, e você será a única pessoa viva a saber a verdadeira história de Joe Golem. Ele está lá fora, vagando. Você precisa encontrá-lo, Molly, e lembrá-lo de quem ele realmente é.

– Ele sabe quem é – disse Molly.

– Ele se lembra do que foi um dia. Você precisa ajudá-lo a se lembrar de quem ele pode ser.

– Eu? – perguntou Molly, incrédula, balançando a cabeça. – E como diabos eu farei isso?

O fantasma de Church olhou para a pele ressecada de seus próprios restos mortais.

– Você precisa ajudá-lo a recuperar sua humanidade, para que um dia ele possa realmente morrer, enfim, como um homem.

Centenas de pensamentos encheram a cabeça de Molly, centenas de motivos pelos quais ela provavelmente não poderia fazer o que Church estava pedindo. Mas, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, o fantasma desapareceu do mundo, deixando Molly McHugh viva mas sozinha na Cidade Submersa.

Lá fora, a água tinha se acalmado, como se Nova York estivesse prendendo a respiração. Mas a correnteza logo se fortaleceria novamente, e o rio se agitaria em direção ao mar. A maré havia virado e estava indo embora.

